

J. A. REDMERSKI

AUTORA DE ENTRE O AGORA E O NUNCA

NA COMPANHIA DE ASSASSINOS **LIVRO 1**

A MORTE  
DE *Sarai*



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

J . A . R E D M E R S K I

NA COMPANHIA DE ASSASSINOS LIVRO 1

A MORTE  
DE *Sarai*

*Tradução*  
Michele Vartuli



Copyright © 2013 by J. A. Redmerski

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA OBJETIVA LTDA.

Rua Cosme Velho, 103

Rio de Janeiro – RJ – CEP: 22241-090

Tel.: (21) 2199-7824 – Fax: (21) 2199-7825

www.objetiva.com.br

Título original

*Killing Sarai*

Capa

Adaptação de Marianne Lépine sobre layout original

Imagem de capa

Foto © Michelle Monique Photography

Modelo: Nicole Whittaker

Revisão

Ana Grillo

Carolina Rodrigues

Sheila Louzada

Coordenação de e-book

Marcelo Xavier

Conversão para e-book

Freitas Bastos

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

R251m

Redmerski, J. A.

A morte de Sarai [recurso eletrônico] /J. A. Redmerski ; tradução Michele Vartuli. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Objetiva, 2015.

recurso digital

Tradução de: *Killing Sarai*

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

261p. ISBN 978-85-8105-265-6 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Vartuli, Michele. II. Título.

14-18411 CDD: 813 CDU: 821.111(73)-3



# SUMÁRIO

Capa

Folha de rosto

Créditos

Capítulo um

Sarai

Capítulo dois

Sarai

Capítulo três

Sarai

Capítulo quatro

Sarai

Capítulo cinco

Sarai

Capítulo seis

Sarai

Capítulo sete

Sarai

Capítulo oito

Victor

Capítulo nove

Sarai

Capítulo dez

Victor

Capítulo onze

Sarai

Capítulo doze

Sarai

Capítulo treze

Sarai  
Capítulo catorze  
Victor  
Sarai  
Capítulo quinze  
Sarai  
Capítulo dezesseis  
Sarai  
Capítulo dezessete  
Victor  
Sarai  
Capítulo dezoito  
Sarai  
Capítulo dezenove  
Sarai  
Victor  
Capítulo vinte  
Sarai  
Capítulo vinte e um  
Sarai  
Capítulo vinte e dois  
Victor  
Capítulo vinte e três  
Sarai  
Capítulo vinte e quatro  
Victor  
Capítulo vinte e cinco  
Sarai  
Capítulo vinte e seis  
Victor  
Capítulo vinte e sete  
Sarai  
Capítulo vinte e oito  
Victor  
Capítulo vinte e nove  
Sarai

Capítulo trinta

Victor

Sarai

Capítulo trinta e um

Sarai

Capítulo trinta e dois

Sarai

Capítulo trinta e três

Victor

Sarai

Capítulo trinta e quatro

Sarai

Capítulo trinta e cinco

Sarai

Victor

Capítulo trinta e seis

Sarai

Capítulo trinta e sete

Victor

Capítulo trinta e oito

Sarai

Capítulo trinta e nove

Sarai

Victor

Sarai

Capítulo quarenta

Victor

Sarai

Capítulo quarenta e um

Sarai

Capítulo quarenta e dois

Sarai

## CAPÍTULO UM

*Sarai*

*Em algum lugar do México*

Já faz nove anos desde que vi um americano aqui pela última vez. Nove anos. Eu estava começando a achar que Javier havia matado todos.

— Quem é ele? — pergunta minha única amiga, Lydia, ficando mais à vista. — Como você sabe que ele é americano?

Levo o dedo indicador aos lábios e Lydia cochicha mais baixo, sabendo tão bem quanto eu que Javier — ou aquela irmã medonha dele — vai ouvir e nos punir por bisbilhotar. Sempre paranoicos. Sempre pensando o pior. Sempre tratando tudo com cautela e armas, e têm motivos para isso. Esse é o estilo de uma vida cheia de drogas, assassinato e escravidão.

Olho pela fresta da porta, observando o homem branco, alto e magro que parece ter nascido incapaz de sorrir.

— Sei lá — murmuro. — Só sei que ele é.

Lydia estreita os olhos como se isso pudesse ajudá-la a ouvir melhor. Sinto o calor de seu hálito aquecendo a pele do meu pescoço quando ela aperta o corpo no meu. Observamos o homem da penumbra do quatinho que dividimos desde que a trouxeram para cá, há um ano. Uma porta. Uma janela. Uma cama. Quatro paredes imundas e uma estante com uns poucos livros em inglês,

que já reli mais vezes do que posso contar. Mas não estamos trancadas, nunca estivemos. Javier sabe que, se tentarmos escapar, não chegaremos longe. Nem sei em que parte do México estou. Mas sei que, seja onde for, não seria fácil, para uma garota como eu, voltar para os Estados Unidos sozinha. Assim que eu sair por aquela porta e seguir por aquela estrada escura e poeirenta, terei escolhido o suicídio como caminho.

O americano, que usa um sobretudo preto e comprido por cima de roupas pretas, está sentado na cadeira da sala de estar, com as costas eretas e o olhar experiente captando cada movimento no ambiente. Mas ninguém além de mim parece perceber isso. Algo me diz que, embora Lydia e eu estejamos completamente escondidas no nosso quarto, em um corredor escuro que mal nos permite enxergar a sala de estar, aquele homem *sabe* que estamos espiando. Ele sabe tudo o que está acontecendo ao redor: um dos homens de Javier de pé no umbral do corredor em frente, com a arma escondida e a postos. Os seis homens à espera do lado de fora. Os outros dois logo atrás dele, com rifles grudados às mãos. Esses dois não tiram os olhos das costas do americano, mas acho que ele, mesmo sem olhá-los, os vê melhor do que os homens o veem. E há também as presenças mais óbvias na sala: Javier, um perigoso chefe do tráfico mexicano, sentado bem em frente ao americano. Sorrindo, confiante e completamente sem medo. E a irmã de Javier, em seu vestido vulgar de sempre, tão curto que nem precisa se curvar para que todos na sala vejam que ela está sem calcinha. Ela quer o americano. Quer qualquer um de quem possa abusar sexualmente, mas esse homem... Há mais obsessão nos olhos dela quando o encara. E o americano também sabe disso.

— Eu só concordei em me encontrar com você — diz o americano, em espanhol fluente — porque me garantiram que você não me faria perder meu tempo. — Ele olha para a irmã de Javier rapidamente. Ela passa a língua pelos lábios. Ele não se altera. — Só

faço negócios com você. Livre-se da piranha, ou não temos o que conversar. — Sua expressão imóvel nunca vacila.

A irmã de Javier, Izel, parece ter levado um tapa na cara. Ela abre a boca para falar, mas Javier a silencia apenas com o olhar e faz um movimento rápido de cabeça, exigindo que ela se retire. Ela obedece, mas, como de costume, não sem uma enxurrada de palavrões que a seguem porta afora.

Javier dá um sorrisinho para o americano e leva uma caneca de café aos lábios. Depois de tomar um gole, diz:

— Minha oferta é de 3 milhões, americano. — Ele descansa a caneca na mesa entre eles e se recosta displicentemente na cadeira, com as pernas cruzadas. — Pelo que sei, seu preço é de 2 milhões? — Javier empina o queixo, procurando no americano um sinal de reconhecimento por sua oferta generosa.

O americano não dá sinal nenhum.

— Ainda não sei como você consegue entender tão fácil o que eles dizem — murmura Lydia.

Quero pedir que ela fique em silêncio para ouvir tudo o que Javier e o americano dizem, mas não peço.

— Depois de anos vivendo no meio de gente que só fala espanhol, você aprende — digo, mas sem tirar os olhos deles. — Com o tempo, você também vai ficar fluente como eu.

Sinto o corpo de Lydia ficar tenso. Ela quer voltar para casa tanto quanto eu queria quando fui trazida para cá, com 14 anos. Mas ela sabe, tão bem quanto eu sabia, que talvez fique aqui para sempre, e o peso dessa realidade é o que acaba por fazê-la se calar de novo.

— O único motivo de um homem como você — começa o americano — oferecer *mais* do que o preço normal seria para garantir algum controle sobre mim. — Ele solta um pequeno suspiro aborrecido e se recosta na cadeira, tirando as mãos dos joelhos. — Ou isso, ou você está desesperado, o que me leva a crer que meu alvo, aquele que você quer que eu mate, me pagaria mais para matar *você*.

O sorriso confiante de Javier desaparece. Ele engole em seco e endireita as costas, pouco à vontade, mas tenta conservar um pouco de autoconfiança na situação. Até onde ele sabe, o americano pode estar aqui, agora, exatamente para fazer isso.

— Meus motivos não importam — diz Javier.

Ele toma mais um gole de café para disfarçar seu desconforto.

— Tem razão — responde o americano, muito calmamente. — Só o que importa aqui é você mandar Guillermo, lá atrás, baixar a arma que está apontando para mim, e, se ele não fizer isso em três segundos, vai morrer.

Javier e um dos homens em pé atrás do americano trocam olhares. Mas três segundos passam rápido demais, e eu ouço um tiro quase silencioso estalar, e um *pop!* quando um esguicho de sangue atinge o outro homem ao lado dele. “Guillermo” cai ao chão, morto. Ninguém, nem mesmo eu, entende como o americano deu aquele tiro. Ele sequer se mexeu. O homem ao lado do morto fica imóvel, seus olhos negros arregalados por baixo do cabelo preto e oleoso. Javier aperta os lábios e engole em seco de novo, tendo cada vez mais dificuldade para disfarçar seu desconforto a cada segundo inquietante que passa. Ele tem muitos homens contra o americano, mas é óbvio que não quer vê-lo morto. Não agora. Ele ergue a mão para mandar que os outros baixem as armas.

O americano tira a mão de dentro do sobretudo e apoia a arma na perna, para que todos vejam. Seu dedo continua no gatilho. Javier lança um olhar nervoso para a arma.

Lydia está afundando as unhas em minhas costelas. Cuidadosamente, eu afasto suas mãos e sinto seu corpo relaxar quando ela percebe o que está fazendo. Sua respiração é ofegante. Eu passo o braço por seu ombro e a puxo para meu peito. Ela não está acostumada a ver gente morrendo. Ainda não. Mas um dia vai se acostumar. Coloco a mão em sua cabeça e beijo seus cabelos para acalmá-la.

Javier acena com dois dedos.

— Limpe essa sujeira — diz para o outro homem atrás do americano. Ele parece mais do que satisfeito em obedecer, querendo evitar um fim como o do colega. Todos os olhares na sala estão no americano. Não que não estivessem antes, mas agora estão mais óbvios, muito mais atentos.

— Já provou o que queria — diz Javier.

— Eu não estava tentando provar nada — corrige o americano.

Javier faz um gesto com a cabeça, concordando.

— Três milhões de dólares americanos — diz Javier. — Aceita a oferta?

É óbvio que o americano fez mais do que obrigar Javier a baixar a bola. O traficante pode não estar correndo de medo nem se encolhendo em um canto, mas está claro que foi posto no seu lugar. E não é fácil fazer isso. Eu me preocupo com o que Javier possa fazer em retaliação, quando surgir uma oportunidade. Isso só me preocupa porque preciso desse americano para sair daqui.

— O que eles estão dizendo? — pergunta Lydia, frustrada por ainda estar longe de decifrar qualquer coisa que é falada neste lugar.

Não respondo, mas aperto seu ombro, para indicar que preciso que ela pare de falar.

— Três e meio é meu preço — diz o americano.

Javier fica surpreso, e acho que percebo suas narinas se alargando. Ele não está acostumado a ficar por baixo.

— Mas você disse...

— O preço aumentou — diz o americano, apoiando as costas na cadeira de novo e batendo de leve com o cabo da arma na calça preta. Ele não dá mais nenhuma explicação, nem precisa. Javier já parece aceitar.

Javier balança a cabeça.

— *Sí. Sí.* Três milhões e meio. Você pode fazer o serviço em uma semana?

O americano fica de pé, seu longo sobretudo preto deslizando pelo corpo. Ele é alto e intimidado com seu cabelo castanho curto

raspado na nuca e um pouco mais comprido e espetado em cima.

Eu afasto Lydia e fecho a porta com cuidado.

— O que você está fazendo? — pergunta ela enquanto corro para o velho gaveteiro onde estão todas as nossas roupas.

— A gente vai embora — digo, enfiando tudo o que posso em uma fronha. — Calce seus sapatos.

— *Quê?*

— Lydia, a gente não tem tempo para discutir. Calce os sapatos. A gente pode sair daqui com o americano.

Eu encho a fronha até a metade e vou ajudá-la, já que ela demora a entender exatamente o que está acontecendo. Então a puxo pelo braço e a faço se sentar na cama.

— Eu ajudo — digo, me ajoelhando na frente dela e começando a enfiar seus pés descalços nos sapatos.

Mas ela me faz parar.

— Não... Sarai, e-eu não posso ir.

Eu solto um longo suspiro. Não temos tempo para isso, mas preciso arranjar tempo para convencê-la de que *precisa* ir embora comigo. Eu a olho nos olhos.

— A gente vai ficar bem. A gente pode sair daqui. Lydia, ele é o primeiro americano que vejo em anos. É nossa única chance.

— Ele é um assassino.

— Você está *cercada* de assassinos. Agora venha!

— Não! Estou com medo!

Eu fico de pé bruscamente e cubro sua boca com a mão.

— Shhh! Lydia, por favor, me escute...

Ela cobre meus dedos com os seus e afasta minha mão de sua boca.

Lágrimas correm de seus olhos, e ela balança a cabeça rapidamente.

— Eu não vou. Vamos ser pegos e Javier vai bater na gente. Ou pior, Izel vai torturar e matar a gente. Vou ficar aqui.

Sei que não vou conseguir fazê-la mudar de ideia. Ela está com aquele olhar. Aquele que mostra que ela foi domada e que provavelmente continuará assim para sempre. Eu ponho as mãos em seus ombros e olho para ela.

— Entre debaixo das cobertas e finja que está dormindo — digo.  
— Fique assim até alguém vir aqui e achar você. Se descobrirem que você sabia que eu ia fugir e não contou para ninguém, vão matar você.

Lydia balança a cabeça com um movimento brusco e nervoso.

— Eu vou voltar para buscar você. — Eu a sacudo pelos ombros, esperando que acredite em mim. — Prometo. A primeira coisa que vou fazer quando passar a fronteira vai ser procurar a polícia.

— Mas como você vai me achar? — Lágrimas embargam sua voz.

— Não sei — admito. — Mas o americano vai saber. Ele vai me ajudar.

Não há esperança em seu olhar. Ela não acredita nem por um segundo que meu plano maluco vai funcionar. Eu provavelmente também não teria acreditado nove anos atrás, mas o desespero nos leva a fazer loucuras. O rosto de Lydia fica tenso e ela enxuga as lágrimas. É como se soubesse que esta é a última vez que vai me ver.

Beijo com força sua testa.

— Eu *vou* voltar para buscar você.

Ela balança a cabeça devagar e eu atravesso o quarto minúsculo com a fronha jogada por cima do ombro.

— Entre debaixo das cobertas — sussurro para ela ao abrir a janela.

Enquanto Lydia se esconde debaixo do cobertor, saio pela janela para o ar morno de outubro. Eu me agacho atrás da casa, contorno pela lateral e passo pelo buraco na cerca do lado sul da fortaleza. Javier tem capangas por toda parte, mas eu sempre os achei bem tapados e deficientes no quesito evitar-fugas-da-fortaleza, porque raramente alguém tenta fugir. Na maior parte do tempo, os vigias

ficam em rodinhas, conversando, fumando e fazendo gestos obscenos para as outras garotas aprisionadas aqui. O que está na porta do arsenal é o mesmo que tentou me estuprar há seis semanas. Javier só não o matou porque eles são irmãos.

Mas, irmão ou não, agora ele é um homem castrado.

Ziguezagueando entre pequenas construções, eu me aproximo da floresta e paro nas sombras projetadas pela casa ali perto. Eu me endireito, apoio as costas na parede e dou a volta cuidadosamente até a frente, onde a cerca de arame farpado de 3,5 metros de altura começa, no portão principal. Forasteiros sempre precisam parar o carro do lado de fora e são acompanhados a pé para dentro da fortaleza.

Com o americano, não teriam permitido nada diferente. Tenho certeza disso. Espero estar certa.

Um grande feixe de luz do poste cobre o espaço a partir de onde estou até a área do portão, que é aonde preciso chegar. Há um vigia ali, mas é mais novo e acho que dou conta dele. Tive muito tempo para planejar tudo isso. Minha adolescência inteira. Roubei uma arma do quarto de Izel, ano passado, e a mantive escondida desde então sob uma tábuia do assoalho no quarto onde durmo com Lydia. Assim que vi o americano entrar na casa, levantei a tábuia, peguei a arma e a enfiei na parte de trás do short. Eu sabia que iria precisar dela hoje à noite.

Inspiro fundo e corro pelo espaço aberto iluminado, torcendo para que ninguém me veja. Corro a passos duros, rápidos, com a fronha batendo em minhas costas. Aperto tanto a arma que os ossos dos dedos doem. Consigo chegar à cerca e dou um suspiro de alívio quando encontro outra sombra para me esconder. Vultos se movem a distância, saindo da casa de onde acabo de vir. Sinto enjoo e poderia até vomitar se não soubesse que tenho coisas mais importantes para fazer, e rápido. Meu coração bate descontrolado. Avisto o vigia à minha frente, perto do portão, encostado a uma árvore. A brasa de um cigarro ilumina seu rosto acobreado e

escurece quando ele afasta o filtro dos lábios. A silhueta de seu rifle dá a impressão de que sua arma está jogada por cima do ombro. Por sorte, não está em punho. Ando rapidamente ao longo da cerca, tentando ficar escondida na sombra das árvores do outro lado. Meus chinelos gastos se movem na areia macia sem fazer nenhum ruído. O vigia está tão perto que sinto o fedor de seu corpo e vejo o brilho oleoso de seu cabelo imundo.

Eu me esgueiro para mais perto, torcendo para que meu movimento não chame sua atenção. Estou bem atrás dele agora, quase me mijando de medo. Minhas pernas tremem e minha garganta se fechou a tal ponto que quase não consigo respirar. Com cuidado, e o mais silenciosamente possível, levanto a arma e bato com a coronha na cabeça dele com toda a força. Um *whack!* barulhento e um *crunch!* reviram meu estômago. Ele desaba, inconsciente, e o cigarro aceso cai na areia, perto de seus joelhos. Pego a arma dele, precisando praticamente arrancá-la de seu braço por causa do peso do corpo, e depois corro pelo portão entreaberto para fora da fortaleza.

Como eu esperava, só há um veículo estacionado: um carro esporte preto, provavelmente o objeto mais destoante nesta área em um raio de quilômetros. É um carro urbano e caro, com rodas reluzentes e personalidade.

Só falta um obstáculo. Mas, ao ver o carro, minha esperança de que o americano tenha deixado as portas destrancadas diminui. Certamente ele não faria isso em um lugar como este. Coloco a mão na maçaneta da porta traseira do lado do passageiro e prendo a respiração. A porta se abre. Não tenho tempo para ficar aliviada, pois ouço vozes vindo do portão e vejo de relance um vulto se aproximando. Eu rastejo para o assoalho do carro e bato a porta depressa, antes que as pessoas estejam perto o suficiente para ouvi-la se fechando.

*Ai, não... a luz interna.*

Cerro os dentes vendo a luz se apagando acima de mim, tão devagar que é uma tortura, até que finalmente ela some e me deixa na escuridão. Depois de enfiar a fronha debaixo do banco do motorista, tento esconder o rifle roubado atrás do banco, entre o assento e a porta. Isso me deixa tempo suficiente para deitar meu corpo pequeno, colando-o o máximo possível ao assoalho. Abraço meus joelhos, que estão apertados contra o peito, e curvo as costas, mantendo essa posição desconfortável.

As vozes desaparecem e só o que resta é o som de um par de pernas se aproximando do carro. O porta-malas se abre e segundos depois se fecha de novo.

Prendo a respiração quando a porta do motorista se abre e a luz interna se acende outra vez. O americano fecha a porta atrás de si e sinto o carro balançar quando ele se ajeita no banco do motorista. Um. Dois. Três. Quatro. Cinco. Seis. Finalmente, a luz se apaga. Ouço a chave sendo enfiada na ignição e o motor ganhando vida.

Por que não estamos andando? Por que estamos parados aqui? Talvez ele esteja lendo algo.

E então ele diz em voz alta, em espanhol:

— Loção de manteiga de cacau. Hálito quente. Suor.

Meu cérebro leva um momento para registrar o significado de suas estranhas palavras e perceber que ele está falando comigo, na verdade.

Eu me levanto rápido de trás do banco e engatilho a arma, apertando o cano contra a nuca dele.

— Dirija — digo em inglês, as mãos tremendo, segurando a arma no lugar. Nunca matei ninguém e nem quero, mas não vou voltar para aquela fortaleza.

O americano levanta as mãos devagar. O brilho de seu grosso relógio de ouro me chama a atenção, mas não deixo que me distraia. Sem mais uma palavra, ele coloca uma das mãos no volante e a outra na marcha, pondo o carro em modo de partida.

— Você é americana — diz ele calmamente, mas detecto um traço ínfimo de interesse em sua voz.

— Sim, sou americana, agora dirija, por favor.

Ainda apontando a arma para sua cabeça, eu me sento no banco de trás e a afasto de seu alcance. Eu o pego me olhando pelo retrovisor, mas o interior do carro está muito escuro, apenas com luzes fracas no painel, então só consigo ver seus olhos por um breve momento quando eles passam por mim.

Finalmente, o carro começa a andar e ele põe as mãos no volante. Ele está calmo e cauteloso, mas tenho a sensação de que não está nem um pouco preocupado comigo ou com o que eu sou capaz de fazer. Isso me dá medo. Acho que eu preferiria que ele implorasse por sua vida, gaguejasse súplicas, promettesse o mundo. Mas ele parece tão perigoso e desinteressado quanto parecia dentro da casa, quando meteu uma bala na cabeça daquele capanga que chamou tão displicentemente de Guillermo.

## CAPÍTULO DOIS

### *Sarai*

Estamos andando há 28 minutos. Olho para o relógio do painel, os números azuis luminosos que já começam a queimar meu subconsciente. O americano não disse uma palavra. Nem umzinha. Sei que isso não tem nada a ver com medo. Sou eu que estou com a arma, mas sou a única de nós dois que está com medo. E não entendo por que ele não fala. Talvez, se ele apenas ligasse o rádio... *alguma coisa...* porque o silêncio está me matando. Estou tentando ficar de olho nele e ao mesmo tempo descobrir onde estamos. Mas até agora os únicos marcos que vi são árvores e uma ou outra casa de alvenaria ou um prédio em ruínas — tudo parece igual à fortaleza.

Com 32 minutos, percebo que em algum momento baixei a arma. Meu dedo ainda está no gatilho e estou pronta para usá-la, se precisar, mas fui idiota em pensar que poderia segurá-la apontada para ele por mais do que alguns minutos.

Não sei o que vou fazer quando me cansar. Por sorte, a adrenalina está me mantendo bem acordada, por enquanto.

— Qual o seu nome? — pergunto para ele, na tentativa de quebrar seu silêncio.

Preciso fazer com que ele confie em mim e *queira* me ajudar.

— Meu nome é indiferente.

— Por quê?

Ele não responde.

Engulo um nó na garganta, mas outro se forma no lugar.

— Meu nome é Sarai.

Ainda nenhuma resposta.

É um pouco como uma tortura, o modo como ele me ignora. Começo a achar que é exatamente isso que ele está fazendo: me torturando com o silêncio.

— Preciso que você me ajude — digo. — Sou prisioneira de Javier desde os 14 anos.

— E você acha que vou ajudar porque também sou americano — diz ele, simplesmente.

Hesito antes de responder:

— E-eu... bem, por que você *não* me ajudaria?

— Não é minha função interferir.

— Então qual é a sua função? — pergunto, com um toque de revolta. — Matar pessoas a sangue-frio?

— Sim.

Um arrepio percorre minhas costas.

Sem saber o que dizer em resposta a algo assim, ou mesmo se devo responder, decido que é melhor mudar de assunto.

— Você pode só me deixar do outro lado da fronteira? — pergunto, ficando mais desesperada. — Eu... — Baixo o olhar, envergonhada. — Eu faço o que você quiser. Mas por favor, *por favor*, me ajude só a cruzar a fronteira.

Sinto as lágrimas tentando brotar dos meus olhos, mas não quero que ele me veja chorar. Não sei por que, mas não posso permitir isso. E sei que ele entende o que significa fazer o que ele quiser. Eu me odeio por oferecer meu corpo para ele, mas, como já falei sobre o desespero...

— Se você está se referindo à fronteira com os Estados Unidos — diz ele, e por alguma razão sua voz me surpreende —, então precisa saber que fica mais longe do que pretendo levar você no meu carro.

Desencosto do banco um pouquinho.

— B-bem, até onde vai me levar?

Eu vejo seus olhos escuros no retrovisor de novo. Eles encontram os meus, e isso também envia um calafrio pelas minhas costas.

Ele não responde.

— Por que você não quer me *ajudar*? — pergunto, finalmente aceitando o fato de que tudo o que eu disser será inútil. E como ele continua sem responder, digo com exasperação: — Então pare o carro e me deixe descer. Vou fazer o resto do caminho a pé.

Acho que os olhos dele sorriram um pouco para mim no espelho. Sim, tenho certeza de que foi isso que vi. Ele sabe tão bem quanto eu que é melhor ser arrastada de volta para a fortaleza do que sair do carro e ficar sozinha.

— Você vai precisar de mais do que as seis balas que tem nessa arma.

— Então me dê mais balas — digo, ficando com mais raiva. — E esta não é a única arma que eu tenho.

Isso parece ter despertado seu interesse, ainda que pouco.

— Eu peguei o rifle do vigia quando bati na cabeça dele e passei pela cerca.

Ele assente uma vez, tão sutilmente que, se eu tivesse piscado naquele momento, não teria visto.

— É um bom começo — diz ele, e então volta a olhar para a estrada de terra por um momento e vira à esquerda no final. — Mas o que vai fazer quando acabar a munição? Porque vai acabar.

Eu o odeio.

— Vou correr.

— E eles vão pegar você.

— E eu vou esfaqueá-los.

De repente, o americano sai devagar da estrada e para o carro.

Não, não, não! Não era para acontecer assim. Eu esperava que ele continuasse dirigindo, pensando que, se me deixasse aqui sozinha desse jeito, o que acontecesse comigo pesaria em sua consciência. Mas acho que ele nem tem consciência, na verdade.

Seus olhos negros me fitam calmamente pelo retrovisor, sem um pingão de compaixão ou preocupação. Sinto vontade de dar um tiro na nuca dele, só por princípio. Ele apenas me encara com aquele olharzinho de o-que-você-está-esperando?, e eu não cedo. Olho com cautela para a porta, depois para ele, para minha arma e para ele de novo.

— Você pode me usar como moeda de troca — digo, porque é só o que me resta.

Suas sobrancelhas mal se mexem, mas já me basta ter chamado sua atenção.

— Sou a favorita de Javier — continuo. — Sou... diferente... das outras garotas.

— O que a faz pensar que preciso de uma moeda de troca? — pergunta ele.

— Bem, Javier pagou o total dos 3,5 milhões?

— Não é assim que funciona — diz ele.

— Não, mas eu sei como Javier funciona, e, se ele não pagou o total antes de você partir, não vai pagar nunca.

— Você vai descer?

Eu suspiro, olho pela janela de novo, levanto a arma outra vez e digo:

— Você vai me levar até a fronteira.

O americano passa a língua pelos lábios secos, e então o carro começa a se mover de novo. A esta altura, estou improvisando tudo. Todas as partes planejadas da minha fuga terminaram quando entrei no carro dele.

Quando o americano falou da fronteira dos Estados Unidos, me pareceu que estou mais perto das fronteiras de outros países do que da americana, e isso me apavora. Se eu estiver mais perto da Guatemala ou de Belize do que dos Estados Unidos, então duvido muito que vá sair disso viva. Eu olhei os mapas. Fiquei naquele quarto, muitas vezes, correndo a ponta do dedo pelas estradinhas entre Zamora e San Luis Potosí e entre Los Mochis e Ciudad Juárez.

Mas sempre bloqueei por completo da minha mente a possibilidade de estar mais ao sul, porque nunca quis aceitar que poderia estar tão longe de casa.

Casa. Essa é, realmente, uma palavra muito artificial. Eu não tenho casa nos Estados Unidos. Acho que nunca tive. Mas mesmo assim, foi lá que nasci e fui criada, embora minha mãe pouco tenha feito para me criar, na verdade. Mas eu quero ir para casa porque vai ser sempre melhor do que o lugar em que estive nos últimos nove anos da minha vida.

Posiciono minhas costas coladas parte na porta e parte no banco, para olhar diretamente o americano. Ainda não sei por quanto tempo vou conseguir continuar com isso. E ele tem noção disso.

Talvez eu devesse simplesmente atirar nele e ficar com o carro. Por outro lado, pouco vai adiantar quando eu estiver dirigindo sem rumo neste país estrangeiro onde não vi nada além de violência, estupro, assassinato e tudo o mais que se possa imaginar. E Javier é um homem muito poderoso. Muito rico. A fortaleza é uma pocilga e engana. Ele poderia ser como os chefões do tráfico que eu via quando tinha o luxo da TV americana, aqueles com casas ricas e imaculadas, com piscinas e dez banheiros, mas pelo visto Javier prefere disfarçar. Não sei no que ele gasta sua fortuna, mas não é com imóveis.

Já faz mais de uma hora. Estou ficando cansada. Sinto o ardor no fundo dos meus olhos se espalhando pela borda das minhas pálpebras. Não sei quem penso que estou enganando. Vou ter que dormir em algum momento, e, assim que pegar no sono, vou acordar de volta na fortaleza, amarrada à cadeira do quarto de Javier, ou talvez nem acorde mais.

Preciso continuar falando para me ajudar a ficar acordada.

— Você não pode me dizer seu nome? — tento mais uma vez. — Olha, eu sei que não vou sair deste país viva. Nem do seu carro, aliás. Sei que minha tentativa de fuga foi desperdiçada assim que

pus o pé para fora daquele portão. Então o mínimo que você pode fazer é falar comigo. Pense nisso como minha última refeição.

— Infelizmente, não sou muito bom como ombro amigo.

— Então você é bom em quê? — pergunto. — Além de matar gente, é claro.

Noto que sua mandíbula se move um pouco, mas ele não me olha pelo retrovisor há algum tempo.

— Dirigir — responde ele.

*Bem, isso não está adiantando nada.*

Eu quero chorar de frustração.

Mais quinze minutos de silêncio se passam e eu noto que os arredores começam a parecer familiares demais. Estamos andando em círculos desde que partimos. Por uma fração de segundo, penso em dizer algo a respeito, mas decido que talvez seja melhor não deixar que ele perceba que notei.

Ergo um pouco o corpo do banco, aponto a arma para ele e digo:

— Vire à esquerda aqui.

E faço isso por mais vinte minutos, obrigando-o a ir aonde eu mando, mesmo sem fazer ideia de aonde seja. E ele aceita esse jogo sem se estressar, sem me dar a mínima impressão de estar preocupado ou com medo por ter uma arma apontada para suas costas. Quanto mais continuamos com isso, mais eu começo a perceber que, embora eu esteja com a arma, ele tem toda a situação mais sob controle do que eu achei que tinha.

*No que foi que eu me meti?*

Outros longos minutos se passam e eu perco a noção do tempo. Estou muito cansada. Minhas pálpebras estão ficando mais pesadas. Eu desencosto a cabeça do banco e aperto o botão para baixar o vidro. O ar quente noturno invade o carro, jogando meu cabelo castanho no rosto. Faço força para arregalar os olhos e fico em uma posição mais desconfortável para me ajudar a me manter acordada, mas logo percebo que nada disso está funcionando.

O americano observa cada movimento pelo retrovisor. Eu o noto de vez em quando.

— Por que você é a favorita dele? — pergunta ele, e isso me atordo.

Eu estava convencida de que ele estava esperando todo esse tempo para que eu pegasse no sono; se tivesse esperado mais alguns minutos, é provável que isso acontecesse. E agora ele está *conversando* comigo? Estou completamente confusa, mas vou aceitar.

— Não fui comprada — respondo.

Ele enfim me fez uma pergunta direta que poderia levar a uma conversa e talvez motivá-lo a me ajudar, mas ironicamente o assunto torna difícil tirar vantagem da oportunidade. É difícil falar disso, embora tenha partido de mim.

Espero por um longo momento antes de prosseguir:

— Fui trazida para cá há muito tempo... pela minha mãe. Javier viu algo em mim que não via nas outras garotas. Eu chamo de obsessão doentia, ele chama de amor.

— Entendo — diz ele, e, embora suas palavras sejam poucas, percebo que carregam mais peso do que parece.

— Sou de Tucson — digo. — Só quero voltar para lá. Eu pago. Se você não... *me...* quer... dou um jeito de pagar em dinheiro. Tenho palavra. Não ia tentar me esconder de você. Daria um jeito de pagar minha dívida.

— Se um chefe do tráfico acha que está apaixonado por você — diz ele, casualmente —, não é de mim que você precisa se esconder.

— Então você sabe que eu estou correndo muito perigo — respondo.

— Sei, mas mesmo assim, não é problema meu.

— *Você é humano?* — A cada vez que ele fala, eu o odeio mais. — Que espécie de homem não ia querer ajudar uma garota indefesa a escapar de uma vida de escravidão e violência, ainda mais depois que ela fugiu do cativeiro e está pedindo diretamente a ajuda dele?

Ele não responde. Por que isso não me surpreende?

Eu suspiro e me recosto no banco de novo. Meu dedo está com cãibra, de ficar tanto tempo encostado no metal do gatilho. Baixando mais a arma atrás do banco para que ele não veja, troco de mãos tempo suficiente para dobrar e esticar um pouco os dedos, depois forço cada um deles com o polegar para desentrevá-los. A gente não se dá conta do quanto uma arma é pesada até que precisa empunhá-la sem descanso por um bom tempo.

— Não estou mentindo para você — digo. — Sobre Javier e o seu dinheiro.

Flagro seus olhos me encarando pelo retrovisor de novo.

— Tive muito tempo para ver o modo como ele faz negócios — continuo, empunhando a arma na mão direita de novo, sob protestos dos meus dedos doloridos. — Ele prefere matar a pagar.

Seus olhos são azul-esverdeados. Posso vê-los mais claramente agora que estamos atravessando a iluminação pública de uma cidadezinha. E bota "inha" nisso, porque em menos de um minuto somos engolidos de novo pela escuridão da rodovia desolada, sem nada à vista além da paisagem desértica e estrelada.

E então eu simplesmente começo a falar; minha última tentativa desesperada de me manter acordada. Não me importa mais se ele vai fazer algum acréscimo ao meu monólogo; só preciso continuar consciente.

— Acho que se você tivesse uma filha ou uma irmã, ia se importar um pouco mais. Eu tinha uma vida antes de minha mãe me trazer para cá. Não era grande coisa, mas era uma vida mesmo assim. A gente morava em um trailer minúsculo, infestado de baratas e com paredes tão finas que era como dormir no chão no deserto, no inverno. Minha mãe era viciada em heroína. Crack. Metadona. Todo bagulho que você imaginar, ela adorava todos. Mas eu não. Eu queria terminar o ensino médio, arrumar uma bolsa em qualquer faculdade que me aceitasse e cuidar da minha vida. Mas aí fui

trazida para cá e tudo isso mudou. Javier dormiu com a minha mãe por uns tempos, mas ele estava sempre de olho em mim...

Acho que cochilei por um segundo.

Abro os olhos de supetão e inspiro fundo, encostando a cabeça perto do vidro aberto, deixando o ar bater no rosto.

Quando dou por mim, sinto uma dor aguda na têmpora e tudo fica preto.

## CAPÍTULO TRÊS

### *Sarai*

O som de água pingando me acorda. Abro os olhos devagar, ofuscada pela luz que entra por alguma janela próxima. Consigo ver que estou em um quarto. Minha visão está embaçada e minha cabeça dói como se tivesse batido em uma parede de tijolos ontem à noite. O lado esquerdo do meu rosto está inchado.

Tento me levantar, mas algo está amarrado em meus pulsos e tornozelos. Quando meus olhos gradualmente ganham foco, vejo que estou deitada em uma cama, em um quarto sujo, com papel de parede bege e móveis empoeirados que não combinam. O aparelho de TV parece o da fortaleza: antigo e provavelmente só pega um canal, que tenho certeza de que é aquele que passa as novelas mexicanas dramáticas. Na minha linha de visão direta estão as grossas cortinas verdes na janela, e, encostada nelas, uma mesinha quadrada com uma só cadeira. Um sobretudo preto longo está pendurado nas costas da cadeira.

Percebendo o que deve ter acontecido e finalmente recuperando meus instintos, forço meu corpo a deitar de costas para ver o restante do quarto. Para que eu possa achar o americano que sei que me trouxe para cá, onde quer que ele esteja.

*Ele me amarrou. Ah, não... ele me amarrou.*

Quando eu o vejo sentado em uma cadeira do outro lado da cama, isso me sobressalta; solto um gritinho e caio da cama, com as

mãos e pernas amarradas tão apertadas que não posso fazer nada para amortecer o impacto. Bato com força no chão, e a dor parte do meu quadril e atravessa minhas costas.

— *Aii!* — gemo alto. Logo estou tentando afrouxar o tecido que amarra meus pulsos, me retorcendo no chão.

O americano se aproxima de mim, como um fantasma saído do nada.

— Por que você me amarrou?

Estou tremendo muito, espero que ele não note. Não quero que saiba o quanto realmente estou com medo.

Ele se curva sobre mim, me pega do chão e me deita na cama de novo. Tento espernear e socá-lo até que me dou conta da idiotice que é isso, porque só o que vou conseguir é cair de novo no chão. Sem responder, ele volta para o outro lado, onde estava sentado, e enfia a mão em uma bacia de água no criado-mudo. Ele torce a água de um pano e o aproxima do meu rosto, mas eu tento me afastar dele. Isso não o perturba. Aliás, nada parece perturbá-lo. Sei que não vou a lugar nenhum no momento, por isso fico deitada ali bem quieta, olhando-o diretamente nos olhos, mesmo que ele não retribua meu olhar.

Quero que ele me veja, que veja a raiva em meu rosto, mas ele não se dá ao trabalho de olhar.

— Você me deu um *soco*? — Não consigo acreditar, mas, pensando bem, consigo.

— Sim. — Ele aperta o pano úmido no meu olho esquerdo e no osso da têmpora.

— Então você é um assassino e espanca mulheres.

Seus olhos escuros finalmente encontram os meus, e sua mão para, como se minha acusação não lhe tivesse caído bem.

Ele desvia o olhar e continua fazendo compressas em meu rosto.

— Eu não bato em mulher — diz ele —, a menos que ela tenha uma arma apontada para minha cabeça.

Eu não respondo a isso. Seu argumento é razoável, se é que pode ser chamado de argumento.

— Meu olho está roxo?

— Não — diz ele, afastando o pano úmido. — Não bati tão forte. Só está um pouco inchado.

Eu o olho como se ele fosse louco.

— Não? Mas me bateu forte o suficiente para me deixar desmaiada a noite toda?

Ele se levanta da cama, assomando sobre mim, e vai até seu casaco, pendurado nas costas da cadeira. Enfia a mão em um dos bolsos e pega um frasco de comprimidos.

— Você acordou logo depois — diz ele, abrindo a tampa do frasco. — Precisei dopar você.

Eu pisco, atordoada.

Ele põe um pequeno comprimido branco na palma da mão e o aproxima de mim. Eu ainda o estou olhando como se ele fosse louco, talvez até mais que isso.

— Você me *dopou*? O que é isso?

Quero dar uma bofetada nele. Se minhas mãos não estivessem amarradas, eu faria isso.

— Um comprimido para dormir — diz ele, encostando-o em meus lábios. — É inofensivo. Eu mesmo tomo. Você, por outro lado, só precisa de metade, agora já sei.

Cuspo o comprimido no lençol amarelado.

— Acho que já dormi o suficiente.

— Como quiser. — Ele coloca o frasco no bolso do casaco e se dirige para a porta.

— Aonde você vai?

Ele para perto da janela e fecha a cortina, mas fica ali perto, olhando por uma fresta do tecido grosso. Enquanto ele está de costas, tento silenciosamente livrar meus pulsos.

— A lugar nenhum, no momento — diz ele, e então se vira de novo, e eu paro de lutar com as amarras na hora, para que ele não

perceba.

— Ok... bom, então o que a gente está fazendo aqui, e por que estou amarrada?

Ele me encara.

— Estamos esperando os homens que Javier mandou para pegarem você.

Acabo de engolir em seco. Lágrimas brotam instantaneamente nos cantos dos meus olhos. Eu começo a me debater, tentando com todas as forças livrar mãos e pernas, mas em vão. Ele me amarrou melhor do que amarravam os porcos na fortaleza.

— Por favor! Não pode deixar que eles me levem! Eu imploro...

— Isso não depende de mim — diz ele, voltando a olhar pela janela. — Por isso ofereci o comprimido. Achei que você ia preferir estar inconsciente quando eles chegassem.

Acho que vou vomitar. Meu coração está acelerado demais, minhas entranhas enrijecendo, e sinto que não consigo respirar. Eu forço meu corpo a ficar sentado, jogo as pernas para fora da cama e tento me levantar.

— Senta aí — diz ele, virando-se para me olhar de novo.

As lágrimas correm dos meus olhos e eu ergo as mãos amarradas para ele.

— *Por favor...* — Engasgo com as lágrimas, meu peito tremendo e se agitando com a respiração rápida e irregular. — Não me deixe voltar com eles!

— Eu vou perguntar mais uma vez — diz ele, virando-se completamente em minha direção. — Você quer estar acordada quando isso acontecer?

— Eu não quero que *aconteça*! — grito.

Levanto os braços e tento soltar o tecido das amarras dos pulsos com os dentes. O americano me ignora e se aproxima de uma espécie de maleta comprida, preta e fina que está no chão, encostada na parede oposta. Carregando-a pela alça, ele a põe na

beira da cama perto de mim e abre os trincos para erguer a tampa, me impedindo de ver o que há dentro dela.

Um brilho forte de luz solar refletida bate na cortina, e o som de um carro freando lá fora embrulha ainda mais meu estômago. Eu fico imóvel na beirada da cama, com os dentes ainda cerrados no tecido, os olhos arregalados e cheios de medo. Olho da porta para o americano no fim da cama, parafusando uma coisa comprida de metal no cano de uma arma preta e reluzente. E então, em uma velocidade incrível, mas tão casual quanto um passeio matutino, ele fecha a maleta e a enfia debaixo da cama, escondendo-a.

Ele se aproxima de mim.

Tento chutá-lo de novo, mas meus tornozelos amarrados me impedem de fazer qualquer coisa além de quase cair da cama.

— Não! Me deixe em paz! Por favor, não faça isso!

Com a mão livre, ele me agarra pelo cotovelo e me coloca com força de pé, com a arma na outra mão apontada para o chão, e então me leva desajeitadamente pelo quartinho até um banheiro minúsculo.

Alguém bate na porta, mas o americano não dá atenção. Ele me arrasta para o banheiro e praticamente me joga na banheira nojenta. Acho que minha cabeça vai bater na borda, mas ele me segura pelas amarras nos pulsos e termina de me baixar com segurança.

— Fique aí abaixada. Não levante a cabeça e não se mexa.

— Quê? — Eu pisco, confusa. Estou com tanto medo que sinto que vou perder o controle da bexiga a qualquer momento.

— Você entendeu? — pergunta ele, curvado acima de mim. A seriedade em seus olhos é palpável.

Eu hesito, porque não, não entendi, mas então faço que sim com a cabeça, em movimentos bruscos e rápidos.

Ele enfia a mão na parte de trás da calça e tira uma faca. Meus olhos ficam arregalados no momento em que a lâmina afiada se aproxima de mim. Quando penso que ele vai me esfaquear, mesmo

não sabendo por que faria tudo isso só para me matar depois, ele solta as amarras dos meus tornozelos.

— Fique abaixada — exige ele uma última vez.

E assim, do nada, ele sai do banheiro e fecha a porta.

Paralisada pelo choque, levo um momento para pôr a cabeça no lugar. Olho para meus pés soltos e me pergunto por que ele fez isso. Por que manter minhas mãos amarradas, mas me permitir o uso das pernas de novo? Para que eu possa fugir? Não importa. Preciso soltar as mãos também. Mordo os nós apertados mais uma vez, forçando-os furiosamente, mas conseguindo apenas ficar frustrada. Mal levanto a cabeça da banheira para ver melhor o cômodo, procurando qualquer coisa que possa servir de faca ou tesoura. Nada. Só uma banheira vazia, do tipo de plástico industrial, com manchas de tinta, óleo e sujeira, e uma privada nojenta sem tampa.

A porta do quarto se abre e ouço vozes lá dentro.

— Onde ela está?

*Ah, não... é a voz de Izel!*

Meu coração acelera tanto que fico zozona quando o sangue me sobe rapidamente à cabeça. Eu mordo o tecido com ainda mais força, torcendo os nós que não se desfazem com os dentes até sentir dor.

— Javier quer saber por que você mesmo não foi levá-la — diz Izel em seu tom sedutor e sarcástico, sua marca registrada.

Há mais vozes masculinas falando em espanhol entre si enquanto Izel fala apenas com o americano. As vozes estão abafadas. Não consigo entender o que dizem.

— Sente-se — diz o americano, com calma.

— A gente não está aqui de visita — recusa Izel. — Me entregue Sarai, ou... — Posso imaginá-la andando até o americano como a cobra rastejante que ela é. — Ou a gente pode ficar um pouco a sós antes. Eu ia gostar.

Sua voz para de repente e seu tom sedutor desaparece em um instante.

— Tudo bem! Tudo bem! Seu putto do caralho. Prefere atirar em mim do que me comer?

— Sim, prefiro — responde o americano.

— Traga a garota para cá — exige Izel, com a voz carregada de desprezo.

— Sente-se primeiro — diz o americano.

De repente, ouço armas se engatilhando e instintivamente afundo o corpo na banheira o máximo que posso. Começo a entender por que ele me forçou a entrar aqui.

— Nós somos cinco e você é um só — diz Izel venenosamente.

Então um tiro ecoa e eu me enrijeço no plástico duro. Mais tiros. Balas salpicam as paredes; duas atravessam os tijolos e cruzam o banheiro onde estou encolhida. Ouço vidro se partindo e o que parecem corpos tropeçando para fora do quarto e se afastando. Mais tiros são disparados e Izel grita palavrões por cima do caos. As paredes tremem ao meu redor, derrubando grossas camadas de pó da lâmpada pendurada no teto manchado pela umidade. Ouço um *crec* alto, e depois o som da janela grande do quarto se partindo, como se alguém ou alguma coisa acabasse de ser jogada para fora.

Tudo fica em silêncio. Só o que ouço agora é meu coração batendo rápido, violentamente. Estou tão apavorada que não consigo nem mais chorar, e meu corpo parou de tremer. Estou paralisada pelo medo.

O cheiro pungente da fumaça das armas paira no ar.

O americano está morto? Só consigo pensar nisso. Talvez estejam todos mortos e eu consiga sair daqui viva.

Estou quase saindo da banheira, mas então ouço Izel.

— Vai se foder. Não vou contar nada!

Há um breve momento de silêncio, e então ouço o americano dizendo calmamente:

— Você já me contou quase tudo que preciso saber.

— Como assim?

— Se Javier me quisesse vivo para matar Guzmán, seus homens jamais teriam atirado em mim.

— Ele *queria* que você matasse Guzmán.

— Então seus homens são burros.

Izel não responde, mas posso imaginar a expressão dela: amarga e maléfica ao mesmo tempo.

Silenciosamente, saio da banheira, tomando cuidado para não fazer nenhum movimento abrupto, e estendo a mão até a maçaneta. A porta se abre assim que meus dedos a tocam, como se não estivesse bem fechada antes, embora eu soubesse que estava. Deve ter aberto quando alguém caiu nela durante a luta.

Abro só uma frestinha. O espelho acima da pia do outro lado da porta está visível. Agora só restam três cacos dele, quase caindo da parede.

Consigo ver as costas do americano na imagem refletida.

— Seguinte — diz ele. — Haverá um novo acordo, agora.

— Não é você quem dita as regras — diz Izel, cuspiendo as palavras.

— Acho que sou — rebate ele. — Primeiro, você me diz quais eram os planos de Javier quando me levou para a fortaleza.

— Não vou dizer porra nenhuma!

Um tiro abafado faz um som rápido de *ftup*, e em seguida Izel grita de dor.

— Você *atirou* em mim, caralho!

O americano se move e sai do reflexo no espelho, permitindo que eu veja de relance Izel sentada na cadeira perto da parede. Seu rosto brilha de suor e o sangue escorre do ferimento a bala na coxa. Ela tenta estancar o fluxo com as mãos. Seu rosto bronzeado está contorcido de agonia e raiva. Ela cospe no chão, desafiadoramente.

— Só um ferimento superficial — diz o americano.

Encosto mais na porta. Vejo um par de mãos abertas perto dos pés de Izel: um dos homens que o americano acaba de matar. Engulo em seco e tento acalmar a respiração. A porta se move

quando encosto o corpo nela, e inspiro rapidamente. Izel vira a cabeça para o lado e olha para o espelho. Ela sabe que estou escondida aqui. Tento me afastar da porta e voltar para a escuridão do banheiro, mas ela me vê. Um sorriso se espalha por seu rosto.

— Saia daí, Sarai — diz ela, com voz harmoniosa. — Javier está com saudade.

Eu não me mexo. Talvez, se eu ficar parada, ela pense que apenas se confundiu com um reflexo da luz.

Ela tira os olhos de mim, como se o americano tivesse feito alguma coisa para chamar sua atenção de novo.

— Javier quer Guzmán morto — diz Izel. — Ele não teria contratado você e deixado ir embora com todo aquele dinheiro se não quisesse. — Ela abre um sorriso desdenhoso, balança a cabeça para o americano e acrescenta: — Você é um idiota.

Ouçõ a cama ranger como se ele tivesse se sentado na ponta, de frente para Izel. Enquanto ela está distraída, me afasto da porta, mas de forma a ver melhor o quarto pelo espelho. Vejo outro corpo caído na parede oposta a Izel.

— E se eu matar Guzmán — diz o americano —, não terei problemas em receber a outra metade do dinheiro. — É uma afirmação, mas ao mesmo tempo uma pergunta.

Izel sorri.

— É claro que não. — Ela inclina a cabeça para o lado. — Ela já físgou você.

Nenhuma resposta. Sei que Izel está falando de mim.

— A garota não foi comprada nem vendida, só para você saber — acrescenta ela.

— Eu não perguntei.

— Nem precisava.

Izel olha para o espelho de novo, sem mexer a cabeça.

— Vai dar uma de herói? — diz ela, com a voz carregada de sarcasmo.

— Longe disso — diz o americano. — Vou usá-la como moeda de troca.

Engulo em seco.

*Devia ter ficado de boca fechada...*

— Isso não vai pegar bem com Javier. Ela não fazia parte do trato. Se você ficar com a garota, Javier não vai gostar.

Uma mecha de cabelo preto cai em seu rosto. Ela estende a mão como se fosse ajeitar o cabelo, mas para no meio do movimento e abaixa o braço. A raiva ajuda a esconder um pouco o medo em sua expressão. Ela sabe que ele vai estourar seus miolos.

— A garota fica comigo até eu matar Guzmán, e então vamos fazer a troca: ela pelo resto do dinheiro.

— E se Javier estiver pouco se fodendo para ela?

— Se fosse assim, você não estaria aqui agora.

## CAPÍTULO QUATRO

### *Sarai*

Izel ergue o queixo em desafio, a pele em volta de seus olhos escuros pontilhada por pingos minúsculos de sangue.

— Você está cometendo um erro — diz ela, com voz derrotada. — Se o que quer é uma garota, Javier lhe dá uma. Mas não *essa*. Você só vai transformá-lo em um inimigo fazendo isso.

Conheço muito bem essa preocupação na voz dela. Quando Javier está descontente, tende a pôr a culpa em Izel. Se ela não voltar para a fortaleza comigo, ele vai moê-la de pancada. Por mais que eu a odeie por tudo o que fez comigo, às vezes não consigo deixar de sentir pena também.

— Sua oferta ofende minha inteligência — diz o americano. — É ela que eu quero *porque* é ela que ele mais valoriza. Se Javier não tem nenhuma má intenção, não precisa se preocupar com nada. — Izel olha de relance para a porta do banheiro enquanto ele fala. — Vou ficar com a garota até matar Guzmán. Javier me paga o resto do dinheiro. Eu devolvo a garota. Todos têm o que querem.

Quero sair correndo do banheiro e tentar chegar a um dos carros lá fora, mas sei que não vou conseguir. Estou com a palma das mãos suada e ardendo. Cortei a mão esquerda em algum lugar, em algum momento. Não lembro quando aconteceu.

Izel o xinga em espanhol, apoia as palmas das mãos no assento da cadeira e faz menção de se levantar.

O americano, muito casualmente, ergue a arma e ela fica imóvel, com raiva e resistência no rosto.

— Junte as mãos atrás da cadeira — diz o americano.

— Vai se foder.

*Ftup!* O corpo de Izel cai para o lado, quase derrubando a cadeira junto.

— Filho da *puta!* — grita ela, pondo a mão no novo ferimento a bala na outra coxa, igual ao primeiro.

O americano nem se mexe, sua expressão e postura sempre casuais e controladas.

— Junte as mãos atrás da cadeira — diz ele mais uma vez, exatamente com a mesma calma de antes.

Dessa vez Izel obedece. Relutante e desafiadora como sempre, mas obedece.

— Saia do banheiro — ouço o americano dizer.

Eu não quero sair. Encosto em silêncio na parede, pondo as mãos amarradas no peito, os dedos cruzados nervosamente. Fungo para engolir as lágrimas, o gosto salgado descendo até o fundo da minha garganta. O que devo fazer? Se eu ficar parada aqui assim, só vou prolongar o inevitável. Não há outra saída deste banheiro, a não ser por *aquela* porta.

Finalmente, eu faço o que ele manda.

Tentando abrir completamente a porta, preciso empurrá-la com força com o ombro por causa do corpo estendido no chão do outro lado. Tento não olhar quando passo por cima do braço esquerdo do homem, contorcido de forma estranha atrás dele, mas olhá-lo de relance já basta para revirar meu estômago. Especialmente quando vejo os olhos. São sempre os olhos, sem vida, vazios e baços, que me dão vontade de vomitar. Respiro fundo e salto por cima dele. Izel sorri para mim, menos afetada pelos dois ferimentos a bala do que imagino que qualquer outra pessoa ficaria. Sua respiração é ofegante, e ela se esforça para manter a compostura, querendo me provocar.

— Venha cá — diz o americano, e eu obedeco.

Ele tira a faca do bolso de novo e olha rapidamente para meus pulsos. Presumindo — e esperando — que seja isso que ele quer, estendo as mãos trêmulas para ele. Ele passa a lâmina por baixo do tecido e me solta.

— Você contou para ele que é uma puta? — pergunta Izel.

Engulo o que me resta de saliva na boca. Não sou uma puta, mas ela sempre conseguiu, de alguma forma, me envergonhar com suas acusações. Finjo prestar mais atenção nos meus pulsos, agora que não estão mais amarrados.

Izel se vira para o americano, as mãos ainda unidas às costas. Ela diz, com um sorriso desdenhoso:

— Se você está com pena dela, não sinta. Essa putinha é tratada melhor do que todo mundo, melhor até do que eu, que sou irmã dele. Javier pode tê-la sempre que quiser. E não precisa nem forçá-la.

Sinto meus dedos afundando nas palmas das minhas mãos, mas a vergonha mascara a raiva. O que ela disse é verdade só em parte, mas agora não é um bom momento para me defender. Nada que eu diga vai importar. Não para o americano, e certamente não para ela. Só me importa o que o americano pensa porque preciso que ele me ajude. Se ele achar que sou uma prostituta, com certeza ficará menos inclinado a ajudar, depois. Isso se eu conseguir convencê-lo a me ajudar, o que não é garantido.

Demonstrando absolutamente nenhum interesse pela tentativa óbvia de Izel de pôr em dúvida meu caráter, o americano aponta para sua mochila, na mesa perto da janela, e me diz:

— No zíper esquerdo, bolso interno, você vai achar uma corda.

Atravesso o quarto com cautela, o coração batendo forte contra as costelas enquanto caminho entre os dois, os pelos nos meus braços e na nuca de pé ao passar. Eu meio que esperava que Izel aproveitasse a oportunidade para me agarrar, mas fico aliviada quando ela não ousa se mexer. Passo por mais corpos e escombros

espalhados pelo pequeno cômodo; desta vez estou com medo demais das duas pessoas ainda vivas no quarto para me dar ao luxo de notar os olhos mortos que me encaram do chão. Sinto o cheiro de sangue. Ao menos estou convencida de que esse fedor levemente metálico é de sangue. Há muito ao redor. A cortina da janela quebrada voa para dentro quando uma lufada de vento quente sopra. Eu enfio a mão na mochila preta do americano e remexo o conteúdo, procurando a corda. Estou nervosa demais para olhar dentro da mochila. Não há como saber o que ele carrega nessa coisa.

Com o rolo de corda na mão, me pergunto rapidamente por que ele não usou essa amarra mais resistente em mim, em vez das tiras de pano do lençol. Eu me viro e olho apenas para o americano, esperando o que ele vai me mandar fazer a seguir, tentando evitar ao máximo trocar olhares com Izel. Ela não precisa fazer muita coisa para me intimidar.

O americano acena na direção de Izel.

— Amarre as mãos dela na cadeira pelos pulsos — instrui ele.

Meu coração dá um salto. Ainda estou fazendo o melhor que posso para não olhá-la, mas minha tentativa vai por água abaixo com as palavras dele, olhar para ela é exatamente o que faço. Ela com certeza vai me agarrar se eu chegar muito perto.

O choque em meu olhar comunica ao americano tudo o que as palavras que não consigo pronunciar não dizem.

Ele aponta a arma em sua mão discretamente para Izel, com o pulso ainda apoiado na perna.

— Ela não vai encostar em você — diz ele, olhando apenas para mim. — Se ela piscar de um jeito que eu ache ameaçador, vou matá-la, e ela sabe disso.

Olhando de canto de olho, vejo as narinas de Izel se dilatando e sua boca se contorcendo de raiva.

O americano acena na direção dela de novo, indicando que devo começar.

Remexendo a corda entre os dedos, passo por cima dos cadáveres de novo e vou até Izel, achando impossível não olhar para ela à medida que me aproximo. Seu sorriso fica mais largo. Minhas mãos estão tremendo tão visivelmente que ela nota; vira os olhos castanhos para elas sem mover a cabeça.

— Você conseguiu mesmo, desta vez — provoca ela. — Como passou pela cerca? Lydia ajudou?

Estou quase atrás dela quando ela diz o nome de Lydia e fico imóvel na hora. Izel nota minha reação e entende exatamente o que significa: preocupação. E ela tira proveito disso.

Um sorriso ainda mais sádico curva os cantos de seus lábios.

— Ah, entendi — diz ela. — Então ela ajudou *mesmo*. — Ela estala a língua. — Infelizmente para a pobre Lydia, ela vai ser punida. Mas você já sabia disso, não sabia, Sarai?

— Lydia não teve *nada* a ver com isso! — grito em espanhol, como se ainda estivesse na fortaleza.

Sei que ela está tentando me abalar, mas também sei que o que ela disse, sobre Lydia ser castigada, é verdade, e já estou me arrependendo da minha reação. Porque era exatamente o que ela queria ver. A situação toda acaba de mudar da pior maneira possível. Não envolve mais só a mim. Eu deveria ter imaginado isso antes de sair por aquela janela. Javier e Izel sabiam o quanto Lydia e eu ficamos amigas no curto espaço de tempo desde que ela chegou.

Grande parte de mim quer desistir e voltar, mas agora, com o americano controlando a situação, isso não é mais possível.

— Pare de falar e amarre as mãos dela nas costas — ordena o americano, atrás de mim.

— Tudo bem. Vai fundo. Faça o que quiser com ela — digo para Izel, dando a volta na cadeira. — Eu fugi. Ela não. É triste, mas não posso fazer nada. Não vou voltar para aquele lugar, nem por ela. — Espero que ela acredite em mim, que não me importo com o que vai acontecer com Lydia; assim talvez não a usem contra mim.

— Mandei parar de falar.

A estranha frustração no tom de voz do americano, embora controlada, basta para que nós duas prestemos atenção nele. Izel e eu olhamos para ele ao mesmo tempo.

Faço exatamente o que ele manda, temendo que ele também atire na minha perna, me agacho atrás de Izel e começo a amarrar seus pulsos. O americano a observa, aparentemente sem piscar, esperando que ela resista e lhe dê mais motivos para atirar. Amarro bem seus pulsos, com três voltas da corda semielástica, dando um nó a cada volta. Quando a corda belisca sua pele, Izel vira a cabeça para o lado, tentando me ver, os dentes rangendo de raiva.

— Cuidado aí — diz ela rispidamente, e seu longo cabelo negro cai em um lado de seu rosto. Dou o último nó mais apertado ainda, só porque posso. Se cara feia matasse, eu já teria morrido dez vezes.

— Agora afaste-se dela — ordena o americano.

Ele se levanta da cama e tira sua maleta alongada de debaixo dela.

Eu me afasto, e quando ele faz um aceno com a cabeça, continuo a seguir suas instruções e vou para perto dele. Ele pega meu pulso com uma das mãos, a maleta com a outra e me leva até a porta. Só me solta tempo suficiente para pegar sua mochila de cima da mesa e jogá-la no ombro.

Ele deixa seu longo casaco preto. Certamente o viu, mas tenho a sensação de que o está deixando pendurado nas costas da cadeira de propósito.

— Vou matar você se me deixar aqui assim — rosna Izel através dos dentes cerrados, mas sua ameaça está carregada de desespero. Ela começa a se contorcer na cadeira, tentando soltar as mãos. — Não me deixe assim! Como vou contar para Javier o que você quer, presa neste quarto?

A luz do sol enche o quarto quando o americano abre a porta com dois dedos da mão que está segurando a maleta.

— Você vai acabar se soltando — diz ele, passando pela porta comigo ao lado. — Informe Javier de que vou manter contato, e que não perca nem jogue fora o número de celular para o qual liguei da última vez.

Ele fecha a porta com os mesmos dois dedos. Ouço a voz raivosa de Izel gritando palavrões para nós lá de dentro enquanto vamos embora.

O americano me leva até a porta do lado do passageiro e a fecha depois que entro no carro. O porta-malas se abre e ele esconde a maleta e a mochila preta lá dentro.

Ouço quatro tiros abafados fora do carro quando ele fura dois pneus de cada uma das picapes estacionadas na frente.

Ele fecha a porta do motorista e olha para mim.

— Coloque o cinto de segurança — diz, desviando o olhar e virando a chave na ignição.

O carro ganha vida enquanto afivelo rapidamente meu cinto de segurança.

— Você atira em mulher — digo baixinho.

Ele dá ré no pátio de terra diante do hotel de beira de estrada, que na verdade parece mais um barraco de cinco cômodos.

O americano pisa no freio e olha para mim de novo.

— Ferimentos superficiais — diz ele, engatando a primeira marcha. — Ela vai sobreviver. E aquilo nem é bem uma mulher. — Ele sai do estacionamento, o carro preto e brilhante deixando uma nuvem de poeira atrás de nós.

Ele está certo quanto a isso. Izel é uma mulher, mas não merece ser tratada como tal, e a culpa é dela mesma.

Enquanto corremos pela estrada poeirenta, nos afastando do hotel, o americano pega um pequeno celular preto de um compartimento do painel. Passando o dedo pela tela, ativa o viva-voz, e de repente a voz de Izel enche o carro. Fico confusa de início, mas logo entendo que, se eu estiver certa, havia mesmo um motivo para ele deixar seu casaco no quarto.

Ouço a voz de Izel saindo do pequeno alto-falante:

— *Ele já foi embora! Levante e me desamarre! Anda!*

Um barulho abafa sua voz, seguido de outros ruídos estranhos, impossíveis de identificar.

— *Me solte dessas cordas!*

Um dos homens sobreviveu?

Encaro o americano, e seus olhos continuam na estrada à frente, mas seus ouvidos estão bem abertos para as vozes vindo de sua mão. Ele sabia. Sabia o tempo todo que um dos homens deitados no chão estava se fingindo de morto. Estremeço ao pensar que passei por cima do corpo dele, ou ao lado, tão perto que ele poderia ter me agarrado pelo tornozelo e me derrubado.

Mais ruídos e estalos saem do viva-voz. Ouço Izel pedindo que o homem lhe dê um celular, e segundos depois ela está falando com Javier:

— *Sí, Javier. Ele a levou. Matou os outros. Não.*

Ela fica quieta quando Javier, sei disso sem precisar ouvi-lo, a ameaça do outro lado da linha.

— *Sí — diz ela gravemente, como que se obrigando a concordar, embora isso exija todas as suas forças.*

Então ouço o estrondo de um tiro e logo depois um *thump!*, e só posso presumir que ela matou o homem que a ajudou, provavelmente de raiva pelo que Javier disse.

Tudo fica em silêncio agora. Talvez Izel tenha saído do quarto. Vários segundos se passam e nada, só ouço a leve estática do próprio celular. O americano, embora não seja famoso pelas expressões faciais, parece decepcionado. Ele desliga o telefone,

baixa o vidro do seu lado e o joga na estrada. Então dá meia-volta bruscamente e segue no sentido oposto.

— Pelo jeito você não ouviu o que queria — digo cautelosamente.

Ele tira a mão direita do volante e a apoia na perna.

— Não — responde.

— Você ainda duvida do que eu falei — digo.

Com a visão periférica, percebo que ele virou um pouco a cabeça para me olhar. Não me sinto à vontade o suficiente com ele para retribuir seu olhar quando ele me instiga a isso. Nunca vou me sentir.

Mas ele não responde.

Um minuto depois, digo:

— Não sou uma prostituta. Ela só estava tentando atingir você, caso sinta alguma pena de mim.

Talvez eu esteja insultando sua inteligência, como Izel fez em certo momento, mas é minha maneira de me defender da acusação dela. Quero que ele saiba. E não quero que pense isso de mim.

Continuo, finalmente olhando para ele, agora que se virou para a estrada de novo.

— Mas você nunca sentiu pena nenhuma de mim.

Mais uma vez, minha tentativa de puxar conversa com ele parece passar despercebida, e eu desisto e encosto a cabeça na janela do carro.

— Sei que você não é uma prostituta — diz ele.

## CAPÍTULO CINCO

### *Sarai*

Foram raras as ocasiões em que vi qualquer outra parte do México durante o dia, fora a fortaleza. Javier não gostava muito de turismo, nem mesmo de sair de carro nas manhãs de domingo. Passei boa parte da vida presa atrás daquelas cercas, e só saía quando Lydia e eu éramos realocadas com as outras garotas, antes que perigosos chefões do tráfico fossem visitar Javier. Era o modo de Javier de nos manter “a salvo” caso algum acordo desse errado. Mas sempre viajávamos à noite, por isso, apesar da situação em que me encontro agora, fico levemente admirada ao ver pela janela do carro a luminosa paisagem mexicana passando.

Estamos rodando há duas horas.

— Estou com fome — digo.

Alguns segundos de silêncio se passam antes que ele responda:

— Não tenho nada aqui no carro.

— Bom, a gente não pode parar em algum lugar?

— Não.

Se eu conseguisse ao menos fazê-lo parar de responder às minhas perguntas desse jeito, ficaria quase satisfeita.

— Se você tem medo de que eu tente fugir — digo, me virando de lado para vê-lo melhor —, vá a um drive-thru. Não como nada desde ontem de manhã. Por favor...

— Não tem nenhum drive-thru por aqui.

— E onde é *aqui*, afinal? — De repente, minha fome fica em segundo lugar. — Pelo menos me conte onde passei os últimos nove anos da minha vida.

Vi uma placa de trânsito há vários minutos, mas não reconheci o nome de qualquer coisa que tivesse visto nos mapas que olhei muitas e muitas vezes, a maioria de um livro escolar americano de 1997.

— Estamos agora 8 quilômetros ao sul de Nacozari de García.

Suspiro, frustrada comigo mesma por não fazer ideia de que lugar seja esse também.

— Você está a menos de duas horas da fronteira americana — diz ele, e isso me deixa atordoada.

Eu me viro completamente no banco, com as costas contra a porta do carro.

— Mas você disse que eu estava... você fez parecer que eu estava a *dias* da fronteira.

— Não. Eu só informei que a distância era maior do que eu pretendia percorrer com você como companhia.

Cruzo os braços furiosamente. Nem imagino de onde tiro coragem para ficar com raiva de alguém como ele e dar alguma indicação disso, ainda por cima. Lembrando rapidamente onde estou e com quem estou, assumo minha expressão tímida de novo.

— É para lá que você vai? — pergunto. — O homem que você deve matar para Javier está nos Estados Unidos?

— Sim.

Silêncio.

Eu caio no choro. As lágrimas vêm do nada, queimando meus olhos e nariz. Mas não estou chorando porque estou muito perto de casa, estou chorando porque a personalidade estranha e indiferente dele e suas respostas monossilábicas são o suficiente para que eu queira, figurativamente, me matar. Soluço na palma das mãos, pondo para fora meu medo e minha frustração com o americano, com tudo mais que trago em mim: o alívio por ter finalmente fugido,

o medo de ser mandada de volta para lá, a preocupação pela surra que Izel vai dar em Lydia, o simples fato de eu estar em uma situação muito longe de ser fácil de resolver, meu estômago vazio, minha garganta seca, os dois dias sem banho, o fato de que posso morrer a qualquer momento. A única coisa boa que me ocorre é que ainda estou de fato viva e não tão longe de casa quanto pensava.

Sinto o carro virar à direita quando ele pega outra estrada.

Olho para ele, fungando para engolir o resto das lágrimas. Enxugo as bochechas com as mãos. Ele não diz nada, não tenta me consolar nem faz perguntas. Não parece se importar, e eu também não me importo muito com o fato. Não esperava mesmo isso dele.

Mais ou menos meia hora depois, paramos na frente de uma velha loja de conveniência à beira da estrada. Só há uma picape parada ali, um Ford branco com as portas enferrujadas.

— Se quiser comida — diz o americano, desligando o motor —, entre e coma.

Fico surpresa por termos parado, e para que eu possa comer. Ele vai até meu lado do carro e abre a porta, provavelmente para ficar junto de mim o tempo todo, e não por cavalheirismo. Fica de pé ali, esperando pacientemente que eu saia. Eu saio, por fim, depois de enfiar os pés descalços nos meus chinelos de dedo, que esperam no assoalho do carro.

O lugar não pode ser chamado de lanchonete de beira de estrada; acho que precisaria de algumas mesas a mais para isso, mas tem um lugar para sentar e comer, em um canto escuro perto da única porta. Peço um sanduíche: é de frango daqueles congelados, para esquentar no micro-ondas; o americano, nada além de café preto. Nós dois parecemos perdidos aqui. Ambos, é óbvio, sem nenhum gene hispânico, em um lugar que claramente não é uma cidade turística, ele usando uma calça social preta cara e sapatos pretos, que já devem ter sido lustrosos mas que agora estão cobertos por uma fina camada de poeira. Sei que devo estar

cheirando muito mal. Nem lembro quando foi a última vez que usei desodorante.

Engulo metade do sanduíche e tomo quase toda a garrafa de água. Apreendi há muito tempo a jamais tomar água por aqui. A não ser que venha de uma garrafa lacrada, provavelmente me fará passar mal.

O americano toma seu café aos poucos, lendo algum tipo de jornal local. Se eu não soubesse a verdade, poderíamos quase passar por um casal atípico tomando café da manhã em qualquer cidadezinha americana. Atípico porque eu só tenho 23 anos, e o americano é mais velho do que eu. Trinta e tantos anos, talvez. Se eu não soubesse o que ele era e apenas o visse sentado aqui um dia, como ele está agora, com os pés no chão e os cotovelos em mangas de camisa social apoiados na mesa, eu o acharia atraente, para alguém mais velho. Ele é alinhado, embora tenha uma sombra de barba desenhada no rosto. Tem maçãs do rosto salientes e olhos verde-azulados penetrantes que parecem conter tudo sem revelar nada. E é bem alto, magro e assustador. Acho notável como ele me apavora mais do que Javier jamais apavorou, mesmo sem precisar dizer uma palavra. Ao mesmo tempo, sinto que estou melhor com o americano do que jamais estive com alguém como Javier.

Ao menos por enquanto. Isso vai mudar, tenho certeza, quando ele tentar me devolver para Javier.

Mas eu morro antes de permitir que isso aconteça.

— Você pretende me dizer seu nome? — pergunto.

Ele ergue os olhos do jornal sem mexer a cabeça.

Sinto imediatamente que ele não quer me contar e se envolver tanto com sua "refém", mas por fim resolve me agradar:

— Victor.

Fico tão surpresa por ele ter me contado que levo um segundo para pensar no que dizer a seguir.

Tomo um gole d'água.

— De onde você é? — pergunto.

Vale a tentativa.

— Por que não termina de comer? — sugere ele, voltando a ler o jornal.

— Você sabe meu nome. Sabe de onde sou. Por que não me distrai um pouco, *Victor*? — Meu tom amargo de voz não foi acidental.

Imagino que, se ele fosse me matar, eu já estaria morta, então não tenho tanto medo dele quanto minha consciência diz que eu deveria ter.

Ele suspira, entediado, e balança um pouco a cabeça.

— Nasci em Boston — diz ele. — Tenho uma irmã. Um ano mais nova que eu. Minha mãe está em algum lugar de Budapeste. Meu pai está morto. Ele foi o primeiro que eu matei.

O pouquinho de bravura que eu havia reunido se esvai pelos poros na hora. Olho cuidadosamente para ambos os lados, procurando o homem atrás do balcão que nos vendeu a comida. Ele está do outro lado da loja, varrendo o chão, sem prestar um pingão de atenção em nós.

Olho de novo para... *Victor*, engolindo nervosamente o que me resta de saliva na boca.

— Você matou seu pai? — Tenho que acreditar que foi por algum motivo óbvio: o pai batia na mãe dele, alguma coisa desse tipo.

Ele assente.

— Por quê? Quantos anos você tinha?

— Acho que você já sabe o suficiente a meu respeito — diz ele, tomando um gole de café, segurando delicadamente o copinho branco de isopor com seus dedos longos e bem cuidados. — Você pediu para saber mais sobre mim e eu contei. Foi um favor. Não um convite para fazer mais perguntas.

Eu me pergunto por que ele me contou uma coisa dessas, para começar. Talvez só esteja tentando me dominar pelo medo, para que eu pare de falar de uma vez.

Eu me levanto da mesinha. Ele ergue os olhos do jornal de novo.

— Preciso usar o banheiro — informo.

Deixando o jornal na mesa ao lado do café, ele fica de pé para me acompanhar. Ele me segura delicadamente pelo pulso e eu encolho o braço, fazendo que não com a cabeça.

— Posso ir sozinha — insisto.

— Sim, mas eu vou com você.

Cruzo os braços e pisco, surpresa.

— Você não está falando sério. Não vou usar o banheiro com você ali.

— Então não vai usar.

Minha boca se abre e eu inspiro rápido. Meus olhos vão e vêm entre ele e a porta atrás, que espero que seja de um banheiro — não há nenhuma placa clara indicando nada. Percebo seu aborrecimento comigo transparecer um pouco em seu rosto; eu me sinto como se tivesse interrompido seu ritual noturno de tomar um copo de vinho ouvindo música clássica.

Não levo muito tempo para entender, na verdade.

— Duvido que vá ser como nos filmes — digo. — Eu fugindo pela janela depois que você toma a decisão infantil de me deixar usar o banheiro sozinha. — Tento não bancar a espertinha; só estou salientando o óbvio. Espero que ele entenda isso.

— É pegar ou largar — diz ele. — Se você não for agora, vai ter que segurar por um bom tempo.

Mordo a bochecha por dentro.

— Tudo bem — aceito, cedendo, e começo a andar à sua frente.

Ele me segue até o banheiro. Há apenas uma privada, que parece nunca ter sido lavada nas décadas desde que está ali. Quatro paredes sujas com tinta descascando e uma marca de queimado perto da janela minúscula, através da qual duvido que eu conseguiria me espremer se tivesse a chance de tentar. O cômodo é tão pequeno que, estendendo a mão, eu poderia tocar Victor, parado na porta de costas para mim, com as mãos unidas na frente do corpo. Fico apenas um pouco constrangida — infelizmente, fazer xixi

diante de um maníaco também não é algo novo para mim —, abaixo o short e a calcinha e me sento. Quando termino, preciso esperar até parar de pingar. Papel higiênico é realmente um luxo que os americanos passaram a achar corriqueiro.

Enquanto me visto, noto de trás que os ombros de Victor ficam tensos. E então ouço vozes, como se alguém tivesse entrado na loja.

Victor enfia a mão na parte de trás da calça, por baixo da camisa, puxando uma arma, seu forte dedo indicador já no gatilho.

— O que foi? — pergunto, amedrontada; minhas mãos já estão tremendo.

Victor abre uma fresta da porta e olha para fora, pondo a mão livre para trás, como que me pedindo para ficar quieta.

Então ele se vira para mim rapidamente e sussurra:

— Fique aí.

E antes que eu possa questioná-lo ou protestar, desaparece porta afora, e mais uma vez estou escondida dentro de um banheiro. Só que este não tem uma banheira para ajudar a me proteger de balas perdidas, e eu não acho isso nada reconfortante.

Apesar do medo, não consigo deixar de tentar ver o que está acontecendo, por isso vou até a porta, abro uma fresta, como Victor fez, e encosto o corpo nela, espiando. Meu hálito quente e irregular preenche o pequeno espaço entre a porta e meu rosto. Mal consigo enxergar o balcão onde o dono da loja está encostado, com a vassoura ainda nas mãos envelhecidas e gorduchas. Mas não consigo ver o rosto dele. Nem Victor. Vários longos segundos cheios de ansiedade se passam, e ainda nenhum tiro. Interpreto isso como um bom sinal. Noto uma silhueta passando pela minha linha de visão, mas não é Victor. Então outro homem aparece.

Ouço vozes falando em espanhol, embora não sejam totalmente claras para mim aqui atrás da porta. Algo sobre uma peça de carro, e alguns segundos depois o dono da loja diz que tem a peça, mas que vai precisar pegar nos fundos. Ainda não vejo sinal de Victor. Será que ele me largou aqui? Pensar nisso, estranhamente, me deixa

com mais medo ainda, e eu abro a porta só mais um pouco, tentando ver melhor. De início, meu pânico injustificado de ser deixada sozinha aqui me faz questionar minha sanidade, mas depois percebo mais uma vez que, apesar de Victor ser um assassino e de eu estar sendo usada como moeda de troca em um perigoso jogo de pague-ou-morra, ainda sou uma garota sozinha nas partes mais perigosas de um país que não é o meu.

Gostando ou não, Victor é minha única proteção até eu cruzar aquela fronteira, e vou ficar com ele o tempo que puder, apesar de precisar desesperadamente fugir *dele* também.

## CAPÍTULO SEIS

### *Sarai*

Finalmente, vejo de relance o rosto dos dois homens e fico aliviada ao perceber que eles não são nada familiares. Começo a acreditar que só estão de passagem. Estou me sentindo meio claustrofóbica, então assumo o risco de abrir a porta toda. Respiro fundo para me recompor, e saio do banheiro tão casualmente quanto qualquer cliente que acaba de voltar do toalete.

Victor está novamente sentado à mesa, lendo o jornal como antes, quando chego ao canto.

Ele me olha o bastante para que só eu note que não está contente.

— Você está pronto? — pergunto, em inglês. — Eu estou, com certeza. Aquele banheiro é *nojento* — acrescento, fingindo asco das instalações sanitárias, com o ar de uma garota americana arrogante.

Espero ser suficientemente convincente.

Victor fica de pé e pega minha mão desta vez, em vez do meu pulso, entrelaçando os dedos nos meus. O gesto, de início, me surpreende. Mas logo percebo que ele só está embarcando na farsa.

Os dois clientes e o dono da loja me encaram, e de certa forma sinto que minha imitação de turista está atraindo mais do que desviando a atenção. E talvez seja porque turistas nunca vêm para estas bandas.

Victor aperta minha mão em reprovação.

Segundos depois, em um movimento aparentemente rápido demais para que eu acompanhe, cada um dos clientes leva um único tiro na cabeça e cai morto diante de mim. Cambaleio para o peito de Victor, tapando os ouvidos em uma reação atrasada ao som abafado dos tiros. Victor solta minha mão e me segura pela cintura, me pegando com um braço, com a arma na outra mão.

Ouço uma porta bater na lateral da loja e levanto a cabeça, ainda colada a Victor, usando seu corpo como apoio, para ver o dono da loja, pela janela sem vidro, correndo sabe-se lá para onde. Victor me empurra para o lado e se afasta para apontar a arma através da janela. Um único tiro derruba o homem antes que ele saia do alcance, seu corpo desabando no chão e levantando poeira, que depois é levada pelo vento.

Abro caminho pela loja, passando por cima dos dois corpos, me reaproximando de Victor, com o coração batendo descompassadamente.

— *Por que você fez isso?!*

Ele segura meu pulso de novo e me arrasta com ele até os corpos. Tento me desvencilhar, mas ele é forte demais.

— Eles eram inofensivos — argumento, exasperada, sentindo as lágrimas ardendo no fundo da minha garganta de novo. — E o dono... o que... por que matá-lo?!

Paramos perto de um dos corpos e Victor solta meu pulso para se ajoelhar ao lado dele. Enfiando a mão no bolso de trás da calça jeans do morto, ele tira um maço de notas mexicanas. Depois de procurar em meio às notas e não achar nada importante, ele joga o dinheiro nas costas do morto e mexe em seus outros bolsos, encontrando uma arma escondida sob o cinto. Mas não há nada de extraordinário nisso. Ele faz o mesmo com o outro homem, ainda sem encontrar nada interessante além de um molho de chaves que ele decide guardar no bolso.

— O que está procurando?

— Você devia ter ficado no banheiro, como eu mandei.

Fico surpresa com seu tom de acusação; é bem atípico, para ele, demonstrar tanta emoção, mesmo não sendo muita.

— Não eram homens de Javier — protesto. — Morei lá tempo suficiente para me lembrar de cada um deles.

Victor fica de pé, parecendo ainda mais alto do que antes, mas sei que é só o medo que sinto dele que engana meus olhos.

— Você se lembra daqueles que *viu* — diz ele. — Mas é muito boba se acha que ele só tem aqueles homens.

Eu suspiro.

— Mas eles só estavam perguntando de peças de carro. Vai ver que o carro deles deu problema. Ouvi a conversa.

— Você ouviu um código — me corrige ele. — Ele perguntou para o dono sobre uma peça que não é dessa picape. — Ele olha pela janela da loja, onde há outra picape estacionada. — Quando o dono da loja disse que tinha a peça, estava confirmando que você estava aqui.

Continuo a fingir, me sentindo boba, tentando me recuperar do meu momento de estupidez.

— Então por que eles não fizeram nada?

Ele balança a cabeça de leve.

— Estavam seguindo a gente — diz ele. — Ou iam tentar nos segurar aqui tempo suficiente para chamar mais homens. Agora venha. A gente precisa ir embora.

Quando não o sigo rápido o suficiente, ele pega minha mão e me leva para fora da loja, e vamos direto para a picape mais nova, que não é também nada além de uma lata-velha, mas mais nova do que o Ford enferrujado que devia pertencer ao dono.

Victor abre a porta do lado do passageiro.

— Entre — ordena ele.

Confusa, apenas olho para ele, mas, quando dou por mim, ele está me erguendo do chão e me obrigando a entrar na cabine. Não ousa resistir nem desperdiçar o pouco tempo que sei que nos resta; depois, espero enquanto ele pega as armas e malas de seu carro e

deixa tudo entre nós, no assento. Ele bate a pesada porta depois de entrar pelo outro lado.

— O que a gente está fazendo, exatamente?

Victor encontra a chave certa para dar a partida na primeira tentativa, e a picape ganha vida, rugindo e cuspidando. Pega a alavanca próxima ao volante, engata a marcha e quase bate no toldo precário de madeira da frente da loja ao dar a volta e sair em alta velocidade.

— O carro chama muita atenção — diz ele. — Eu precisava ter me livrado dele antes, mas encontrar um carro que não quebre depois de 30 quilômetros por essas bandas é uma loteria.

— Eu me perguntei mesmo por que você usava um carro tão bacana por aqui — digo.

— Porque eu ainda não era um alvo.

— Mas agora você é, por minha causa.

Olho pelo retrovisor lateral, vendo a poeira rodopiando caoticamente no rastro da picape. Passamos rápido pela paisagem nua, a picape sacolejando sobre buracos até que chegamos a uma rodovia asfaltada.

— Victor? — digo, e ele olha para mim como se chamá-lo pelo nome tivesse tocado em algum nervo enigmático.

Decido não dizer o que pretendia, porque já disse antes e não fez diferença nenhuma.

Desvio o olhar e sinto que ele também não olha mais para mim.

— Deixa pra lá — digo.

*Continue seguindo o novo plano, Sarai,* digo a mim mesma, e me sinto ridícula ao temer por uma fração de segundo que ele também possa ouvir meus pensamentos.

Vou esperar até passarmos a fronteira, e então farei o que for preciso para fugir dele, mesmo que isso signifique ter que matá-lo.

Duas horas depois, cruzamos a fronteira e entramos no Arizona sem nenhum problema com a guarda. Victor falou com um inspetor da patrulha da fronteira, que claramente viu que tínhamos uma maleta de aspecto suspeito e duas mochilas no meio do banco da frente. Eles trocaram palavras em espanhol, embora fossem poucas e não fizessem muito sentido para mim, o que me levou a crer que, assim como os homens da loja de conveniência, estivessem falando em código.

Nem a maleta nem as mochilas ou a picape foram revistadas. Não me importa saber por quê. Não faz diferença nenhuma para mim se Victor tem contatos de algum tipo com a patrulha de fronteira que lhe permitem passagem facilitada para dentro e para fora dos Estados Unidos. Isso ficou óbvio. Mas não me importa. Só o que me importa é meu próximo passo.

Preciso de todas as minhas forças para esconder meu alívio e ansiedade em saber que, depois de nove anos, finalmente estou em solo americano de novo. Quero abrir a porta da picape agora mesmo, a 80 quilômetros por hora na estrada, e pular, rolando toda ralada e ensanguentada pela paisagem desértica para a minha liberdade. Mas não posso. Preciso esperar um pouco mais, ao menos até pararmos em algum lugar onde eu tenha como me esconder. Uma cidade, talvez. Um postinho de gasolina solitário no meio do nada não serve. Se eu tivesse a sorte de conseguir fugir, só poderia ir para a planície nua, que se estende em todas as direções até onde a vista alcança.

Não quero acabar como o dono da loja, com a cara no chão e uma bala nas costas.

Finalmente, vejo um aglomerado de luzes e prédios no horizonte, minúsculos em comparação com a cordilheira de montanhas ao fundo. Logo paramos em um estacionamento atrás de um hotel de cinco andares em Douglas, Arizona.

Saio da picape e fecho a porta enquanto Victor pega suas malas do banco da frente. Corro os olhos pela área, procurando a melhor

direção para onde fugir, que tenha lugares para me esconder quando ele vier atrás de mim, e vejo que a única alternativa é atravessar a rua, onde há mais prédios.

Olho disfarçadamente para Victor e uso o segundo que ele leva pegando as malas para correr para a rua. Driblo o tráfego leve e, evitando facilmente os carros, chego ao outro lado, passando a toda velocidade por um prédio pequeno com janelas em arco. Meus chinelos estalam sob meus pés enquanto corro. Quase tropeço quando meus pés pisam com força no concreto e a borracha gasta se dobra embaixo deles. Mas recupero o equilíbrio a tempo e aperto o passo, olhando para trás somente para ver se Victor está vindo atrás de mim. Eu o vejo correndo em meio a um pequeno grupo de pessoas, e minhas pernas aceleram ao máximo, tentando me levar para o mais longe possível dele. Já quase sem fôlego, forço meu corpo a seguir em frente, correndo ao lado de uma fila de carros estacionados e por trás de mais prédios. Vejo uma mulher com a bolsa no ombro andando na minha frente.

— Senhora! Me ajude, por favor!

Ela me olha enquanto me aproximo, seu cabelo louro caindo nos ombros.

— Por favor, a senhora precisa me ajudar! Chame a...

Victor aparece à minha direita, depois de ter dado a volta no prédio mais próximo, em vez de continuar diretamente atrás de mim. Ele continua perto do prédio, escondido. Só eu posso vê-lo. Percebo de relance a arma em sua mão, ao lado do corpo, encostada na perna.

— O que aconteceu? Você está bem? — pergunta a mulher, segurando com firmeza a bolsa debaixo do braço, provavelmente para evitar que eu a roube.

Meus olhos correm entre os dois, de lá para cá, e em certo momento a mulher vira a cabeça para a esquerda, tentando ver o que estou olhando, mas Victor continua escondido nas sombras.

Sei por que ele não está se mexendo. Sei por que a arma está na mão dele, e não escondida na parte de trás da calça. Se a mulher vai viver ou morrer, é uma escolha totalmente minha.

— Moça? — pergunta ela de novo, parecendo preocupada, mas desconfiada de mim ao mesmo tempo. — Devo chamar a polícia?

Tento recuperar o fôlego, com a mão no peito, mas percebo que não é mais a corrida que me deixa ofegante. Pensar em Victor atirando nesta mulher por minha causa...

Ela enfia a mão na bolsa e puxa um celular.

Victor ergue a arma apenas um pouco.

— Não! — grito, e a mulher fica imóvel, com o celular em sua mão cheia de anéis.

Eu gesticulo para ela, agitada.

— Desculpe, achei que a senhora fosse outra pessoa.

Ela não parece convencida. Estreita os olhos para mim.

Finjo uma risadinha.

— Sério, desculpe mesmo. Meus amigos e eu, a gente estava... deixa pra lá. Preciso ir.

Eu me viro e começo a correr um pouco na direção de onde vim, deixando-a parada ali, perplexa.

Minutos depois, estou parada ao lado da picape, de braços cruzados, esperando. Mais duas pessoas passam, uma delas até acena e sorri para mim, porém, mais uma vez, não posso pedir ajuda. Não quero correr o risco.

Victor se aproxima tão casualmente como se estivesse voltando de uma caminhada matinal. Ele abre a porta do lado do motorista de novo e pega as bolsas. De costas para ele, sinto seus olhos fixos em mim do outro lado da picape.

— Você é um canalha assassino — digo devagar, apertando meu braço nervosamente.

— Vamos entrar — diz ele, mas depois acrescenta, como se tivesse acabado de se lembrar: — E se você fugir de novo ou tentar

qualquer coisa, garanto que vou mandar dizer que aquela sua amiga... Lydia, não é?... a ajudou *mesmo* a fugir.

A porta da picape se fecha com estrondo enquanto fico ali, paralisada.

Eu o sigo voluntariamente para dentro do hotel.

O saguão é um grande espaço decorado com claraboias e lindos quadros. Um vitral fosco se estende por muitos metros pelo mezanino no alto da escadaria de mármore. O enorme teto é sustentado por altas colunas também de mármore. Por dentro, este prédio parece não combinar com a cidadezinha poeirenta ao redor. Victor me leva escada acima, depois de fazer o check-in, e meu interesse pelo ambiente diminui com sua voz:

— Pode tomar banho se quiser.

Ele deixa uma bolsa no chão entre as camas, a outra na mesa perto da janela que dá para a cidade. A maleta lustrosa, que presumo que contenha as armas, ele deixa no pé da cama de casal mais próxima da porta.

Ele levanta ambos os braços e abre bem as cortinas da janela. Está escurecendo lá fora. Vejo o brilho fraco das poucas lâmpadas da iluminação pública.

— Victor — digo, mas ele me interrompe:

— Prefiro que não me chame pelo meu nome.

— Por que não? É o seu nome. Como é que vou chamar você? — Fico surpresa toda vez que o desafio, por pouco que seja. Porque, por dentro, estou completamente apavorada com o que ele pode fazer comigo.

— Não importa — diz ele, sentando-se à mesa e abrindo o zíper da bolsa. — Vá tomar banho.

— Olha — começo, dando a volta nas camas e me aproximando dele —, eu estou com medo. Você me mata de medo. Não vou fingir que não estou. Estou apavorada com o que está acontecendo comigo...

— Você tem uma maneira estranha de demonstrar isso — diz ele, não se dando ao trabalho de me olhar. Ele tira da bolsa algum aparelho digital, menor do que um laptop. — Eu diria que está anestesiada com o trauma, então a situação não afeta você como deveria.

Ele deixa o aparelho na mesa e a bolsa no chão, perto dos pés. Acho que o aparelho é um dos tais tablets.

Engulo em seco, erguendo o queixo.

— Talvez esteja. De certa forma. Mas o que isso tem a ver com chamar você pelo nome? — Ele tem razão em sua acusação, mas o que eu passei não é da conta dele. A menos que ele pretenda me ajudar, e já deixamos claro que isso é só um sonho meu. — E por que você se importa?

— Eu não disse que me importava.

— Então não se meta — digo rispidamente.

O simples fato de ele nem olhar para mim metade das vezes que fala comigo me dá raiva. E quanto mais ele faz isso, quanto mais age como se nem valesse a pena me olhar nos olhos, mais isso me enfurece. E quando eu fico com raiva, choro. Sempre fui assim, desde que me conheço por gente. E odeio isso. Nunca grito, xingo, quebro coisas ou bato em alguém. Eu choro. Toda maldita vez.

Quando as lágrimas começam a encher meus olhos, viro de costas para ele e marcho rapidamente para o banheiro. Mas paro e me viro para encará-lo mais uma vez, com as unhas cravadas nas palmas das mãos, ao lado do corpo.

— Vai pro inferno! — é tudo que consigo dizer, minha patética tentativa de explodir com palavras em vez de lágrimas.

## CAPÍTULO SETE

### *Sarai*

Parece que passou uma eternidade desde a última vez que tomei uma ducha quente assim. Eu tomava chuveiradas ocasionalmente na fortaleza — era a única que tinha esse luxo —, mas nunca assim. Lá era sempre com água morna, no máximo, mas nunca tão quente a ponto de arrancar minha pele. Eu nem abro a água fria, inicialmente, me dando ao luxo de curtir o calor, até que fica quente demais e sou obrigada a abrir. Quero ficar debaixo do chuveiro para sempre, sem pensar no que me espera do outro lado daquela porta, mas a realidade de tudo acaba ganhando, e é só nisso que penso. Eu me sento no chão do box e ergo os joelhos para o peito, abraçando-os fracamente e deixando a água correr pelo corpo.

Penso muito em Lydia, me perguntando se ela está bem ou se Izel bateu nela bem mais do que de costume, só por minha causa. Sei que sim. E, embora eu não pudesse ter feito nada para impedir, prometi algo a Lydia que pretendo totalmente cumprir. Não vou deixar que se repita para sempre.

Mas se eles descobrirem que ela sabia que eu ia fugir...

Depois do que parece uma hora, a água quente começa a esfriar e eu saio, enrolando o cabelo em uma toalha que encontro dobrada sobre o reservatório da descarga. Eu queria ter roupas limpas, uma calcinha pelo menos — deixei minha fronha de roupas no carro de Victor quando o abandonamos. Visto meu short de ginástica imundo

sobre a calcinha e a camiseta azul sobre os seios nus. Javier me proibia de usar sutiã.

Quando saio do banheiro, Victor ainda está sentado no mesmo lugar de antes. Mas a maleta não está mais no pé da cama.

Quando me aproximo da cama onde estava a maleta e começo a me sentar, Victor levanta a cabeça e me olha nos olhos. Ele não diz uma palavra, mas sinto que algo nele está diferente. Por um momento fico desconcertada com sua expressão estranha, mas aquele seu olhar silencioso, que de certa forma duvido que ele saiba que consigo perceber, desperta completamente meu interesse. Parece quase... trágico.

— Fale da sua mãe — diz ele.

Victor vira a poltrona de frente para mim, me dando sua atenção total, apoiando os braços na lateral da poltrona, deixando os dedos casualmente para fora das extremidades. Ele arregaçou as mangas da camisa branca quase abaixo dos cotovelos.

Completamente surpresa com sua pergunta, eu apenas o encaro com um olhar vazio.

— Por quê? — pergunto apenas, sem saber o que ele pretende fazer com a informação.

Eu me sento no pé da cama, esfregando a toalha no cabelo com as duas mãos para enxugá-lo. Mas é tudo uma farsa; cada fibra da minha consciência está concentrada em Victor e em cada movimento seu.

Ele não explica. E, temendo que ele decida mudar de ideia e volte a se lixar para mim, pergunto, antes que seja tarde demais:

— O que quer saber?

Esfrego a última parte de cabelo com a toalha e a jogo no chão.

Ele vira a cabeça suavemente para o lado e cruza os dedos das mãos à sua frente, os cotovelos ainda apoiados nos braços da poltrona.

— Como ela conheceu Javier?

Penso nisso por um momento.

— Não sei — respondo. — Isto é, sei que teve a ver com drogas e sexo. Como todos os outros homens que ela levou para casa. Eu não conversava muito com minha mãe.

Ele inclina a cabeça para o outro lado, pensativo. O que está esperando? Eu o avalio por um momento, tentando fazer alguma ideia do que causou seu interesse pela minha mãe, e finalmente decido contar a ele tudo o que posso. Talvez porque há muito tempo precise que alguém me ouça. Lydia e as outras garotas estavam traumatizadas demais por seus sequestros e experiências na fortaleza para servirem de confidentes. E a vida delas era muito mais caótica do que a minha, muito mais... injusta. Eu jamais conseguiria falar com as outras garotas dos meus problemas insignificantes enquanto *elas* eram espancadas, estupradas e torturadas mental e emocionalmente.

Eu estava no paraíso, em comparação a elas.

Afasto esse pensamento e volto a olhar para Victor.

— A primeira vez que vi Javier, já sabia que ele era diferente dos outros homens que minha mãe levava para casa. Mais poderoso, de certa forma. Ele andava com um ar imponente. Destemido. Confiante. Os outros homens, e foram muitos, eram uns cafajestes. Nem conseguiam esperar sair da nossa sala de estar minúscula e de perto de mim para começarem a apalpar minha mãe. Eram nojentos, patéticos.

— E Javier não era? — pergunta ele.

Balanço a cabeça, olhando para a parede, agora.

— Era nojento pelo que era e pelo modo como usava minha mãe, sim, mas era profissional demais para ser patético.

— Profissional? — Ele me olha com uma leve curiosidade.

— Sim — confirmo, assentindo. — Como falei, ele era poderoso. Embora eu não soubesse disso na época, não soubesse o que ele era, sabia que era diferente. Parei de me preocupar com minha mãe e com as situações em que ela se metia quando eu tinha 12 anos. Já estava acostumada com tudo, àquela altura. Ela sempre conseguia

voltar para casa. Apesar de chapada e às vezes espancada, nunca chamou a polícia, nem parecia ter medo de nada, então acho que comecei a acreditar na segurança dela tanto quanto ela acreditava. — Olho para a parede de novo, com as mãos pressionadas na beirada da cama, uma de cada lado, meu corpo afundando entre os ombros. — Mas, quando vi Javier, voltei a temer por ela. E a temer por *mim*.

Olho nos olhos de Victor.

— Assim que ele me viu, percebi que minha vida tinha acabado. Não sabia como nem por quê, naquele momento, mas percebi e pronto. O modo como ele me olhava. Eu sabia...

Meu olhar baixa para o chão acarpetado.

— Por que você está me perguntando essas coisas, afinal? — Eu me viro para ele de novo. — Por que tanto interesse, de repente?

Eu o vejo olhar para o tablet na mesa à sua frente. Também olho para o tablet por uma fração de segundo, imaginando todos os segredos que contém. Victor se levanta da mesa e meus olhos o seguem enquanto ele se aproxima de mim.

— Vire de costas — manda ele, de pé diante de mim.

Viro a cabeça o suficiente para ver seu rosto; ele está perto demais, invadindo meu espaço, e isso é assustador.

— Quê? — pergunto, confusa e com uma péssima sensação.

Ele se curva, enfia a mão na bolsa entre as camas e pega outra corda como a que usei para amarrar Izel à cadeira.

— Vire de costas — repete ele.

Balanço a cabeça freneticamente.

— Não — digo, e começo a recuar em cima da cama.

Ele me agarra pela cintura e me vira de barriga para baixo.

— Preciso dormir um pouco — diz ele, apertando o joelho, ainda que cuidadosamente, no meio das minhas costas. — Você vai ter que se conformar. Sinto muito.

— Não me amarre! Por favor! — Tento me desvencilhar, mas ele me segura por um pulso com a mão livre e o prende às minhas

costas. Eu luto, esperneio e me agito, mas ele é forte demais, e eu pareço uma corça sob a pata de um leão. — Você sente muito?! Então não faça isso! Por favor, Victor!

Seu aperto ao redor dos meus pulsos, agora os dois amarrados às costas, fica mais violento, e não posso deixar de crer que isso tem tudo a ver com o fato de eu tê-lo chamado pelo nome, e não com minha relutância. Com um lado do rosto pressionado contra o colchão, sinto a corda se enrolando em meus pulsos, e então ele a amarra com vários nós firmes. Depois de se certificar de que não vou conseguir soltar as mãos, ele se levanta da cama e pega meus tornozelos. Eu encolho uma das pernas e consigo acertar um pontapé em cheio na barriga dele, mas isso não o abala. Ele apenas me olha, agarra minha perna no ar na segunda tentativa e amarra meus tornozelos com uma das mãos.

Lágrimas escorrem dos meus olhos. Mas eu paro de resistir.

Ele me vira cuidadosamente de lado, de frente para a parede, com as costas voltadas para a cama onde sei que ele vai dormir. A ideia dele atrás de mim desse jeito a noite toda, sem que eu possa vê-lo, me deixa uma pilha de nervos.

A lâmpada entre as camas se apaga, deixando o quarto imerso na penumbra. Ainda está cedo, o sol acaba de se pôr, mas estou tão exausta que parecem duas da manhã.

Choro baixinho no travesseiro por algum tempo. Pensando em minha mãe e em todas as coisas que Victor me obrigou a lembrar. E penso em Lydia e na sra. Gregory, que morava a dois trailers do nosso; as duas são tudo o que realmente tive de família na vida. E quando a posição desconfortável dos meus braços fica dolorosa demais, viro desajeitadamente o corpo para o outro lado. Olho através da escuridão e vejo Victor na outra cama, deitado de lado, de costas para mim. Ele ainda está vestido dos pés a cabeça. Noto que ao menos tirou os sapatos, mas seus pés estão vestidos em finas meias sociais pretas. Eu me pergunto se ele ainda está acordado.

— Victor?

— Durma — diz ele, sem mover um músculo.

— Quando você me levar de volta para Javier, vai me dar uma arma, pelo menos?

O silêncio preenche o espaço entre nós.

— Vai? — pergunto de novo, quebrando esse silêncio. — Isso vai me dar uma chance de lutar. Eu mesma vou matar Javier, ou vou morrer sabendo que tentei.

O ombro de Victor sobe e desce devagar, como se ele tivesse acabado de inspirar profundamente.

— Vou pensar. Agora durma.

## CAPÍTULO OITO

### *Victor*

Sou acordado às 3h42 da manhã, encarando o cano da minha 9mm.

— Qual é a senha? — exige a garota.

Ela mantém uma distância respeitável. Impressionante.

— A senha — repete ela em tom duro, apontando com a cabeça para a mesa onde está meu iPad.

Eu não me mexo. Ela pode ter coragem, mas está agitada mesmo assim, e seria muito azar se atirasse em mim por acidente.

— F maiúsculo, seis, oito, k minúsculo, três, zero, zero, cinco, l maiúsculo, p maiúsculo, w minúsculo, seis. — Eu poderia facilmente tomar a arma antes que ela atirasse, no ângulo em que ela está, mas não estou pronto para fazer isso. Ainda não.

Ela tenta lembrar cada caractere exatamente como eu disse. Sem que ela precise perguntar, repito a sequência, e até esse gesto parece deixá-la confusa.

Com cuidado, levanto as costas da cama e ela aperta mais a arma. Se por acaso puxasse o gatilho, só acertaria minha bochecha. A bala talvez atravessasse minha mandíbula. Eu ficaria desfigurado, mas sobreviveria.

— Você não vai querer ver o que tem aí — digo.

— Você admite, então — diz ela nervosamente. — Alguma coisa aconteceu. Você descobriu enquanto eu estava no chuveiro.

Estou de pé, agora. Ela ainda não atirou em mim. Não vai atirar, a menos que eu tente ir atrás dela. Mas não estou mais tão impressionado. No lugar dela, eu já teria metido uma bala no meu crânio.

Confirmo com a cabeça. Só estou um pouco surpreso por ela ter descoberto tudo isso. Eu não deveria ter perguntado sobre a mãe dela. Essa garota é esperta, ainda que compassiva e humana demais para sair viva disso sozinha.

Segurando a arma na mão direita e ainda de olho em mim, ela dá três passos e meio para trás e pega o iPad, correndo os olhos entre mim e ele, um segundo cada, o bastante para digitar a senha. Depois de um minuto inteiro de frustração, sem encontrar nada, a garota aponta a arma para o iPad e se afasta da mesa perto da parede.

— Ache *você* — ordena ela. — Seja o que for.

Suas mãos, ambas empunhando a arma agora, estão tremendo.

— Vou dizer pela última vez, você não vai querer ver.

— Me *mostre!*

Ela está chorando, agora. Lágrimas escorrem por seu rosto. Noto que seu lábio treme do lado direito. Ela deve estar sentindo náuseas, com os nervos em frangalhos. Olho para as cordas com as quais a amarrei, jogadas no chão. Não foram cortadas. Ela tem mãos pequenas, pulsos finos. É uma mestra da arte da fuga, para ter se libertado daqueles nós. Olho para o relógio entre as camas. Mas ela levou tempo demais para conseguir, pelo que vejo.

— *Anda!*

Seus olhos estão vermelhos e brilhando, úmidos.

Eu viro o iPad sobre a mesa na minha direção. Com um dedo, abro meu e-mail particular e a pasta onde arqueei a mensagem com anexo que recebi ontem à noite, do meu contato:

— *O que foi que você fez? — perguntou Fleischer na noite anterior, na videochamada ao vivo. — A garota não fazia parte do*

*acordo. — Seu sotaque alemão sempre transbordava muito em seu inglês.*

*— A filha de Guzmán estava lá — respondi. — Eu a vi na fortaleza, antes de entrar na casa. — Olhei uma vez para o banheiro, onde a garota ainda estava no chuveiro, depois de 15 minutos. — Javier Ruiz tem instalações impressionantes.*

*— Tem certeza de que viu a mesma garota?*

*Fiquei ofendido com a falta de confiança de Fleischer em mim, ao ver que depois de anos trabalhando juntos, sem nunca ter errado meus prognósticos, ele ainda duvidava das minhas opiniões.*

*— Era a mesma garota — confirmei, em tom neutro. — Peguei metade do dinheiro que Javier aceitou pagar e fui embora, como me mandaram.*

*— E como você acabou ficando com a outra garota?*

*— Ela fugiu da fortaleza e se escondeu no meu carro.*

*— E você não sabia que ela estava lá? — Ele parecia surpreso.*

*— Sim, sabia — confirmei.*

*— Então explique por que...*

*— Lembre-se, Fleischer, você não é meu empregador. Seria prudente não falar comigo como se fosse.*

*Fleischer engoliu seu orgulho e ergueu o queixo, para parecer mais confiante em seu momento de inferioridade.*

*— O que Javier ofereceu pelo assassinato de Guzmán?*

*— Nem uma fração do que Guzmán ofereceu para matar Javier e Izel, e pela volta de sua filha em segurança. — E acrescentei: — Eu poderia ter cumprido o contrato enquanto estava lá.*

*— Sim — disse Fleischer. — Mas isso não fazia parte do plano, assim como manter a fugitiva com você também não faz.*

*— A garota vai ser útil.*

*— Até agora, ela provou ser o contrário disso — disse Fleischer, recobrando a confiança que arranquei dele antes. — Tudo mudou. O plano. O contrato. Suas ordens.*

*— Quais são minhas novas ordens? — perguntei.*

— Vonnegut não deu nenhuma nova ordem ainda — disse ele. — Está aguardando meu contato. Suas novas ordens vão depender da informação que eu receber de você agora.

Fleischer e eu nos entreolhamos nesse momento, ambos pensando a mesma coisa: você é meu irmão e eu não farei nada para trair você, independentemente da nossa profissão ou das ordens que um de nós receba um dia.

Ninguém além de nós dois sabe que temos o mesmo pai. Mas com o passar dos anos, desde que fomos recrutados pela Ordem quando éramos apenas meninos, fomos nos distanciando. Muitas vezes é fácil esquecer que temos o mesmo sangue, especialmente para Niklas Fleischer, que viveu à minha sombra na Ordem por tantos anos.

Eu apenas assenti, sabendo que Niklas relataria ao nosso empregador, Vonnegut, o que eu precisava que ele relatasse.

Para conservar o relacionamento com meu irmão, eu lhe ofereci informações que ele não me pediu:

— A garota vai ser útil, Niklas — repeti, chamando-o pelo primeiro nome em sinal de trégua. — Parece que ela significa mais para Javier do que ele quer que a gente saiba.

Niklas acenou com a cabeça em resposta, entendendo minha intenção.

— Você pretende trocar a garota pela filha de Guzmán — declarou ele.

— Se for preciso, sim — falei. — Informe a Vonnegut que tenho tudo sob controle, mas que aguardarei as ordens que ele quiser dar.

— Vou informar — concordou Niklas.

Apertei o play, então, para assistir ao vídeo que Javier mandou para Vonnegut, que Fleischer, como meu contato, recebeu a ordem de passar para mim.

É como pensei: Javier está com a amiga da garota, Lydia, em uma posição comprometedor. Ele quer que a garota veja isso, para que ela saiba que se não se entregar ou me convencer a levá-la de

*volta, Lydia vai morrer. Percebi, então, ao ver a cena no vídeo diante de mim, que esse chefão do tráfico mexicano era bem mais brutal do que a Ordem supunha.*

*Ouvi o chuveiro sendo fechado e passei o dedo pela tela para interromper o vídeo, desligando o iPad em seguida.*

*A garota vai ficar arrasada. Se descobrir isso, vai ficar instável. Mas também posso usar isso a meu favor.*

Com o vídeo gravado agora sendo exibido na tela, giro o iPad sobre a mesa na direção da garota. Ela o olha somente por segundos, com a arma tremendo na mão, e então volta a me olhar, com medo de que eu tente algo. Mas ao ver sua amiga, Lydia, ela dirige toda a atenção ao vídeo, baixando a guarda. Eu não tiro vantagem disso. Enfio as mãos nos bolsos da calça e fico ali, observando a garota arregalar os olhos ao ver o vídeo.

Javier anda ao redor de Lydia, que está amarrada a uma cadeira, com uma bandana vermelha enfiada na boca. Lágrimas e suor encharcam seu rosto. Seu olho esquerdo está inchado e ferido. Um fio de sangue sai de uma de suas narinas.

— Para você, Sarai — diz Javier para a câmera enquanto Izel fica perto de Lydia, com o cabelo dela preso em seu punho. — Quero você de volta aqui em 36 horas. — A garota cobre os lábios trêmulos com a mão livre; a arma não é apontada diretamente para mim há vários longos segundos. — Ou ela vai morrer, e vai ser culpa sua.

Izel ergue o braço e dá um soco no rosto já inchado e ferido de Lydia. O corpo de Lydia cai para trás e mais lágrimas saem de seus olhos. O sangue esguicha de seu lábio inferior.

A garota deixa a arma no chão e empurra o iPad, derrubando-o da mesa, e então desaba de joelhos no chão, soluçando com o rosto nas mãos.

Eu me sento no pé da cama, deixando a arma no chão e a garota sozinha em seu momento de desespero.

## CAPÍTULO NOVE

### *Sarai*

Não consigo enxergar direito. Através das lágrimas ardentes, da visão borrada, da raiva, do ódio e da mágoa que está pondo meu sistema nervoso em curto. Meu corpo, de alguma forma, conseguiu encontrar o chão. Estou deitada com o rosto no carpete.

*Lydia não... qualquer um, menos ela. Ela é inocente e frágil. Não vai suportar. Não como eu...*

Levo tempo demais para perceber que não sou mais eu que estou segurando a arma, que não estou mais no controle. Um momento de fraqueza, traumatizada pelo sofrimento da minha amiga, tirou esse privilégio de mim. E eu mereço. Mereço qualquer punição que o destino ache apropriado me infligir, porque eu fugi e Lydia não. Eu deveria ter usado o telefone que ficava a 1,5 metro de mim, no criado-mudo entre as camas, para chamar a polícia. Eu deveria tê-los chamado antes de acordá-lo, mas estava empenhada demais em saber que informações Victor possuía que eu não. Ainda esperava que ele me ajudasse, ao menos me dizendo a localização da fortaleza, para que eu tivesse algo para contar às autoridades.

Eu deveria ter atirado nele quando pude.

Com o canto do olho, vejo as meias sociais pretas de Victor imóveis no chão. Virando a cabeça para trás só um pouco, meus olhos correm da barra de sua calça até a cintura. Seus antebraços estão apoiados nas pernas, com as palmas das mãos segurando de

leve os joelhos. Ele está sentado com as costas bem retas e o olhar fixo à frente.

Finalmente, sua cabeça se mexe quando ele se vira para me olhar.

— Eu sinto muito — diz ele, absolutamente sem emoção nas palavras, mas de alguma forma detecto um rastro ínfimo de sentimento escondido por trás de seus olhos.

— Você precisa me levar de volta — digo, ficando de pé. — Não pode deixar que ela morra. — Minha voz está tremendo.

Victor se senta à mesa de novo e começa a remexer em sua bolsa. Não me importa saber o que ele está fazendo, ou o que planeja fazer daqui em diante. Só consigo pensar em Lydia e no que vi naquele vídeo; aquela imagem vai ficar tatuada em minha mente para sempre. Parte de mim quer culpar Victor por tudo isto, simplesmente por ele ser o que é, quando poderia ter se tornado humano só o tempo suficiente para me ajudar a tirá-la dali. Mas volto a me culpar porque, na verdade, em nenhum momento pedi a Victor que me ajudasse a libertá-la. Ele se recusou a *me* ajudar, por isso eu sabia que ele não voltaria lá por *ela*.

É tudo culpa minha. Eu poderia ter feito as coisas de outra forma, planejado minha fuga de outra maneira. Poderia ter obrigado Lydia a sair por aquela janela comigo, naquela noite.

Parece que há muitas coisas que eu poderia e deveria ter feito. Nunca imaginei que eu seria a garota idiota do filme de terror que entra correndo na casa mal-assombrada ou tropeça nos próprios pés fugindo pela floresta às escuras. Acho que, no geral, todos achamos ridícula a idiotice dos outros, até que nós mesmos somos forçados a viver experiências traumáticas.

O sol do início da manhã começa lentamente a inundar o quarto. O único movimento que fiz a noite toda foi me virar para o outro lado no chão, para ficar de olho em Victor. Não tenho medo dele. Não mais. Mas não podia deixar de saber onde ele estava, mesmo assim.

Minhas costas doem e meu rosto está formigando com a marca do carpete puído impressa na minha pele.

Victor se senta na cadeira perto da mesa, agora calçado, como se estivesse esperando em silêncio que amanhecesse.

Levanto meu corpo dolorido do chão e fico de pé.

— Não me importa mais o que você vai fazer comigo — digo. — Mas por favor, me leve de volta para Javier. Não tenho muito tempo.

O rosto de Victor revela curiosidade.

— Você não vai voltar para a fortaleza.

Eu pisco, atordoada com suas palavras.

— Quê? Não... — Balanço a cabeça, protestando. — Não, você *precisa* me levar de volta! Você viu o vídeo! Eles vão matá-la!

Ele se levanta da cadeira, alisa as mangas de sua camisa social branca, agora bem enfiada dentro da calça e com os punhos abotoados em volta dos pulsos fortes.

— O plano mudou — diz ele com voz calma.

Praticamente me joga em cima dele, parando a centímetros de seu corpo, de olhos arregalados, ferozes e incrédulos.

— Não, Victor! — Ele hesita. — Eu preciso voltar! Será que você não entende?! A gente... *eu* preciso ajudá-la! Eu quero que Izel morra! Quero que *Javier* morra pelo que fez!

— Ele vai morrer — diz Victor.

Ele se vira para o lado e fecha o zíper da bolsa.

Avanço os últimos centímetros do espaço entre nós e o empurro com as mãos.

— Eu vou voltar, com ou sem você! — Ele me pega pelos pulsos, segurando-os com firmeza. — *Por favor...* — O pedido sai com cada gota de desespero que há em mim.

Ele examina meu rosto, tão de perto que sinto o ar quente que sai de suas narinas.

— Apenas tenha paciência — diz ele, e eu me calo de surpresa.

Ele solta meus pulsos quando sente que começo a recuar e me afastar.

— Paciência? — Não acredito no que ele está me dizendo. — A gente não tem tempo para ter paciência! Como pode dizer isso?

Ele se curva, enfia as mãos sob o colchão perto da janela e o levanta de lado, revelando um espaço oco por baixo, rodeado pelo estrado de madeira que sustenta a cama. Ele pega as bolsas, escondendo-as lá dentro, e depois a maleta, devolvendo em seguida o colchão ao lugar.

— Estou esperando um contato — diz ele.

— Um contato de quem?

Ele suspira, aborrecido com as perguntas.

— De Javier.

— Por quê?

Eu não sei o que dizer, nem no que acreditar, só sei que minha mente está zozona com tudo o que está acontecendo e não consigo acompanhar.

Victor vai até a porta e se vira para me olhar.

— Venha — diz ele, fazendo um movimento com a cabeça para que eu o siga.

— O quê, você não vai amarrar minhas mãos, nem me arrastar para o corredor pelo pulso? E se eu fugir?

— Você não vai fugir.

— Você acha que não? — retruco.

Ele assente uma vez.

— Não, não vai, porque só eu sei como voltar para onde está Javier.

Eu fico parada ali.

Victor coloca a mão na maçaneta prateada e abre a porta.

— Você vem ou vai ficar aqui?

Olho para ele, sem expressão.

Talvez ele me ajude, no fim das contas. Talvez, depois de ver o que Izel e Javier estão fazendo com Lydia, Victor tenha lembrado como é sentir remorso, se é que um dia ele soube como é.

— Aonde a gente vai? — pergunto, sabendo que não é longe, se ele está deixando as malas.

— Tomar café da manhã.

## CAPÍTULO DEZ

### *Victor*

Mais de duas horas se passaram e não houve nenhum contato. Nada de Niklas nem de Vonnegut. Nada de Javier nem de Guzmán. A garota está muito agitada. Tomamos o café da manhã no hotel, mas ela mal comeu, só remexeu a omelete com o garfo. Pode ser por causa da preocupação com a amiga, mas acho bem-vinda sua repentina incapacidade de fazer perguntas sem parar e de tentar conversar comigo.

Eu me pergunto por que ela ainda não tentou entrar em contato com ninguém de sua família. Acho difícil acreditar que, apesar da grave situação da amiga, ela não se interesse em ligar para uma irmã, avó ou tia. Que não tenha usado a única oportunidade que teve, ontem à noite, enquanto eu dormia.

Isso me deixa duas teorias: ela se importa mais com a vida de sua amiga ou não tem nenhum parente. Talvez sejam as duas coisas. Estou quase certo de que é isso.

Sinto meu celular vibrando na perna e me levanto da mesa no saguão, puxando-o do bolso.

A garota instantaneamente presta atenção em mim.

O codinome do meu irmão aparece na tela.

— Quem é? — pergunta a garota, levantando-se comigo.

Passo o dedo na tela para atender, mas encosto o celular no peito. Mando a garota voltar a se sentar com um gesto.

— Quero que você fique aí. Vou sair para atender esta ligação. Confio que você estará aí quando eu voltar — digo. Sei que ela não vai a lugar nenhum.

Claramente, tudo o que ela quer é me seguir para fora e ouvir cada palavra que eu disser, mas respira fundo, cruza os braços e se senta de novo.

— Está bem. — Ela cerra os dentes por trás dos lábios levemente apertados.

Eu saio pela porta da frente e encosto o celular no ouvido.

— Vou pôr Javier nesta ligação — diz Niklas. — Está preparado?

— Sim — respondo, e espero enquanto Niklas faz a transferência.

A voz de Javier ferve com uma raiva mal-controlada quando surge:

— Você vai morrer pelo que fez — diz ele em inglês. — Sarai devia ter sido trazida de volta para mim assim que você a encontrou!

— O que está feito, está feito — respondo. — Diga logo o motivo do seu contato.

Eu o ouço respirar fundo na teleconferência. Niklas escuta em silêncio.

Finalmente, Javier se controla.

— Ainda quero que você mate Guzmán pelo preço que combinamos, mas lhe dou mais 1 milhão de dólares americanos para matar Sarai.

*Matá-la?* Eu não esperava que esse contato com Javier me surpreendesse. Isso é realmente muito interessante.

— Por que você quer que ela morra? — pergunto.

— Isso não importa — diz ele. — Os motivos nunca importam nesse ramo. Você devia saber disso.

Eu sei, é a primeira vez que pergunto a um cliente por que ele quer ver um alvo morto.

— Tenho uma proposta melhor para você — anuncio. — Você traz a amiga da garota, Lydia, e a outra garota que está na fortaleza. Você vai receber uma foto imediatamente após esta ligação, aí em

Green Valley, Arizona, em 24 horas. Eu troco *esta* garota por aquelas duas, depois mato Guzmán e lhe devolvo as garotas quando receber o resto do pagamento.

Não preciso ouvir nenhum comentário de Niklas para saber que ele discorda completamente disso, mas ele continua em silêncio.

— Você está falando da filha de Guzmán — indaga Javier, já sabendo a resposta. — Acertei?

— Sim — respondo. — Se já não ficou óbvio, Guzmán pagou para que eu a levasse de volta.

Javier ri.

— E eu achando esse tempo todo que ele queria *me* matar! — Ele se recupera de sua constatação bem-humorada. — Você é bom *mesmo* — diz ele. — Admito isso. Vai matar dois coelhos com uma só cajadada. Mostra a filha para o Guzmán, pega o pagamento para levá-la de volta, depois mata o desgraçado e recebe meu pagamento pela morte dele. — Ele ri de novo.

Permaneço calmo e frio.

— Estamos de acordo ou não?

— Então você abre mão da proposta para matar Sarai? — pergunta ele.

— No momento — começo —, ela é minha única moeda de troca. Depois que eu fizer o que você me pagou para fazer e levá-la de volta, você faz o que quiser com ela. Não é da minha conta.

Niklas encerra a chamada depois de chegarmos ao novo acordo. Ele me liga depois de ver que Javier também desligou.

— Victor, você não pode fazer isso — argumenta Niklas. — Está fazendo acordos sem...

— Quais as novas ordens de Vonnegut? — pergunto.

Olho pela janela e vejo a garota ainda sentada no saguão do hotel, ansiosa.

— Ele ainda não deu ordem nenhuma — diz Niklas. — Você não tem permissão para fechar acordos assim, só para cumpri-los.

— Então diga para Vonnegut que eu só estava tentando manter minha vantagem — explico. — Se Javier perceber que não tenho autoridade para oferecer e concordar com novas condições, vai achar que pode fazer mais exigências. Não quero ser desrespeitoso, mas Vonnegut precisa confiar em mim nisso. Ele sempre confiou nas minhas decisões. Não tem nenhum motivo para parar de confiar agora.

Niklas se mantém em silêncio. Acredito que ele se ressentido desse fato, de que a Ordem confia em mim, mas nunca lhe deu o mesmo benefício.

— Muito bem — concorda Niklas. — Vou falar com Vonnegut. Mas, Victor, você está ficando fora de controle. — Ele faz uma pausa, como que para decidir se deve continuar ou não. — Desde a missão em Budapeste, ano passado. Notei a diferença em você. Acredito que a Ordem não tenha notado, mas é só uma questão de tempo.

— Niklas — digo cuidadosamente a ele, como meu irmão, e não meu contato —, agradeço sua discrição. Agora pode fazer algo por mim?

— Quando foi que eu recusei?

~ ~ ~

Eu deixo Niklas, enfio o celular no bolso e volto para encontrar a garota.

Ela anda de um lado para outro, e quando me vê, para, descruza os braços e os abaixa, com um grande ponto de interrogação no rosto.

— Venha comigo — digo, segurando-a pelo cotovelo.

— Aonde a gente vai? — Ela anda ao meu lado sem questionar nem argumentar.

— Para Green Valley.

— Mas por quê, Victor? O que está acontecendo?

Eu a olho por um momento e puxo seu braço quando viramos no alto da escada.

— Eu vou contar logo — digo —, mas antes tem umas coisas que  *você precisa me contar.*

Andamos pelo corredor e ficamos parados diante da porta do nosso quarto enquanto remexo meu bolso procurando a chave magnética.

A garota parece confusa.

— Precisa me contar por que Javier Ruiz quer que você morra.

O choque cobre sua expressão como um véu.

## CAPÍTULO ONZE

### *Sarai*

Victor vai rápido, mas casualmente, levantar o colchão e o estrado. Segurando-os com um braço, ele pega as bolsas, uma por uma, colocando-as ao lado.

— Não entendo — digo, cruzando os braços e esfregando-os com as mãos, para baixo e para cima, como se o ar estivesse gelado. — Ele disse que ia me *matar*?

Victor abre o zíper da bolsa na mesa e remexe o conteúdo.

— Não, ele me ofereceu 1 milhão para matar você *para* ele.

Eu pisco, atordoada, e fico parada ali, sem acreditar, com mais calafrios percorrendo todo o corpo.

Victor fica na minha frente e coloca as mãos nos meus ombros. Ele me empurra delicadamente para baixo na beirada da cama, onde me sento, obediente. Então se senta em uma das cadeiras ao redor da mesa, virando-a completamente para poder me encarar.

— Por que Javier iria querer sua morte a ponto de pagar tão alto assim?

Distraidamente, ergo os olhos para encará-lo, ainda um pouco perdida em pensamentos.

— E-eu não sei — gaguejo.

— Sabe, sim — insiste ele. — Talvez não diretamente, mas algo me diz que lá no fundo uma parte sua faz alguma ideia. Pense.

Desvio o olhar, tentando lembrar o tempo que passei na fortaleza, buscando o que poderia ser a resposta. Vários longos segundos se passam e não encontro nada. Victor se ergue da cadeira o bastante para arrastá-la para mais perto de mim. Isso volta a chamar minha atenção.

— Preciso que você me conte tudo — diz Victor, com uma veemência gentil. — Fale do seu relacionamento com Javier. Você disse que ele acha que está apaixonado por você.

Faço que sim com a cabeça, devagar e brevemente.

— Sim. Uma vez, ele me disse que estava apaixonado por mim, mas eu sei que não é verdade. Ele é louco. Possessivo. Mas ele me protegia das coisas que as outras garotas sofriam.

Não gosto de pensar nessas coisas, muito menos de falar abertamente delas. Fico envergonhada e me odeio pelo que elas tiveram que suportar.

— Ele protegia você? — pergunta Victor, precisando de mais informações.

— Sim. Eu era proibida para os homens de Javier. E Izel, bom, Javier quase a matou uma vez quando ela me deu um tapa na cara. Depois disso, ela não tinha permissão para me tocar. E eu tinha luxos que as outras garotas não tinham, também. Chuveiro quente, comida boa, e eu podia visitar lugares fora da fortaleza. Até voei em um avião pequeno com ele algumas vezes. Javier raramente me perdia de vista. Izel me detestava por isso, acusando Javier de “amolecer”, ficar de quatro por uma “garota americana idiota”.

Uma fagulha de curiosidade passa pelos traços de Victor.

— Para que tipo de lugares você era levada?

Dou de ombros e enfio as mãos entre as coxas, com os dedos curvados nervosamente uns sobre os outros.

— Às vezes — começo —, Javier me levava com ele para a casa de outros ricos, com piscinas azuis brilhantes em formato de ferradura e outras coisas estranhas. Javier dizia que era só para se enturmar, mas eu sabia que a gente estava lá para negociar drogas.

E garotas. Às vezes a gente voltava com mais uma. Ele usava um terno bacana e sapatos pretos lustrosos, como os seus. — Olho rapidamente para os sapatos de Victor. — Ele não parecia o vagabundo que você viu aquele dia, vivendo em uma pocilga. Ele é rico, apesar do que você viu.

— Isso eu concluí.

— E, claro — continuo —, ele também me fazia usar vestidos chiques.

Baixo os olhos, envergonhada, sobretudo porque às vezes eu gostava de me vestir e de ser tratada como uma princesa. Era sempre assim que eu pensava naquilo: uma princesa, por mais perturbadoras que as circunstâncias fossem.

— Eu me sentia um troféu em exibição.

— Você era exatamente isso — diz ele, e eu o olho de novo, silenciosamente magoada por suas palavras. — Lembra alguma coisa dos homens que vocês visitavam?

— Sim — digo, assentindo. — Mas acho que eram casas de veraneio ou algo assim.

— Por quê?

— Porque eles falavam que só iam ficar no México algumas semanas, ou que iam voltar para a Califórnia, ou Nevada ou Flórida, lugares assim.

— Eles eram americanos?

— Alguns eram, tenho certeza — afirmo. — Não falavam com sotaque, ao menos não com sotaque estrangeiro. Definitivamente não eram mexicanos, isso eu garanto.

Podiam ser americanos, mas eu sabia que não me ajudariam como eu esperava que Victor ajudasse. Eram tão perversos quanto Javier. Dois deles até tentaram me comprar. Não, nenhum deles jamais me ajudaria a fugir, por isso considero Victor o primeiro americano que vi em nove anos. Aqueles homens perderam esse privilégio por associação.

— Lembra o nome de algum deles?

Agora Victor parece mais ansioso do que jamais o vi, mas mesmo assim ele consegue manter um semblante sem emoções, quase indefectível.

Penso um pouco, tentando lembrar, mas em vão.

— Não — respondo, frustrada comigo mesma —, agora não, mas eu ouvia os nomes deles, às vezes, quando um era apresentado ao outro. — Eu paro e digo com mais emoção: — Victor, o que foi?

Seus olhos azuis e perigosos estão cravados nos meus.

— Na fortaleza, ou em qualquer lugar onde Javier pudesse vigiar e controlar você, você não era uma ameaça para ele. Mas agora que você fugiu, é uma ameaça maior do que qualquer outra, porque sabe demais. É óbvio que Izel estava certa em considerá-lo tolo pelo que sentia por você; ele provavelmente nunca previu que você iria embora. Você estar viva e livre é uma ameaça a toda a operação dele, e a todos nela envolvidos.

Penso por um momento, deixando minha mente absorver a verdade óbvia das palavras de Victor. Posso não saber onde eu era mantida no México, e mesmo agora não seria capaz de dizer às autoridades americanas onde Lydia e as outras garotas estão presas, mas sei nomes; ainda escondidos no fundo da minha memória, porém sei. E lembro rostos e conversas que, embora casuais, continham muitos fragmentos de informação que, suponho, nas mãos das pessoas certas, poderiam incriminá-los como traficantes de drogas e de mulheres.

— Larsaw, ou talvez Larsen — digo de repente, quando o nome surge na ponta da minha língua. — Gerald Larsen. Lembro que ele foi o primeiro americano para quem fui “exibida” quando Javier me levou para a primeira casa. Ele tinha cabelo branco. Era gordinho. Mas eu nunca era diretamente apresentada a ninguém. Era proibida de falar. Descobri os nomes ouvindo as próprias conversas deles.

Victor parece profundamente absorto e balança a cabeça de repente.

— John Gerald *Lansen* é o presidente da Balfour Enterprises e fundador de uma ONG famosa que combate a violência contra a mulher nos Estados Unidos. — Ele me olha nos olhos. — As informações que você possui, por mais insignificantes que pareçam, podem derrubar muita gente importante. Imagino que, se a notícia de que você fugiu se espalhar e certo alguém, uma irmã vingativa, talvez — diz ele, referindo-se, eu sei, a Izel —, decidir contar para as pessoas certas, mais gente além de Guzmán pagará para matar Javier, e ele sabe disso.

Essa ideia me atinge como um choque elétrico; salto da cama e tento correr até a porta. Victor me pega no meio do movimento, me segurando pela cintura. Eu me viro de frente para ele e dou socos cegamente. Consigo atingi-lo, mas não sei onde, porque meus socos são desajeitados e tão caóticos que meus olhos não conseguem acompanhar o movimento.

Minhas costas batem no chão e eu olho para cima, com meu cabelo ruivo selvagemmente espalhado pelo rosto, e vejo Victor me segurando, montado na minha cintura.

— Me solta! Me solta, merda! — Eu esperneio sob o peso dele, incapaz de mexer muito as pernas, as mãos presas ao chão acima da minha cabeça, contidas pelas dele. — Ele vai me matar! Alguém me ajude!

Ele consegue segurar meus dois pulsos com uma das mãos e aperta a outra na minha boca para abafar meus gritos. Lágrimas escorrem dos meus olhos. Eu imploro sem parar, com a voz quase completamente abafada pelo peso de sua mão.

— Eu não vou matar você — diz ele calmamente. — Se essa fosse minha intenção, você já estaria morta.

Ele espera que meu corpo tenso relaxe um pouco, e sinto sua mão afrouxar, mas quase imperceptivelmente.

— Vai ficar quieta?

Faço que sim com a cabeça, porque ainda não posso falar com a mão dele na minha boca.

Finalmente, depois de um longo momento, Victor afasta a mão devagar.

— Por que você *não vai* me matar? — pergunto, com a voz ainda trêmula e embargada pelas lágrimas. — Continua me usando como moeda de troca?

— De certa forma, sim — responde ele.

Quero gritar de novo enquanto posso, mas as palavras dele me detêm:

— E eu não mato inocentes.

O silêncio preenche o pequeno espaço entre nós.

— *Ninguém* é inocente — digo com rispidez, surpreendendo até a mim mesma. — Eu muito menos. Por anos deixei aquele assassino nojento me violar, e nunca disse não. Fiquei olhando em silêncio enquanto ele e seus homens e aquela vaca da irmã dele espancavam, estupravam e vendiam garotas que tinham virado minhas amigas. Eu não fiz *nada*. Nunca gritei, lutei ou protestei por nenhuma delas. Nenhuma. — Ouço minha voz aumentando com a raiva, mas não me importo. Cerro os punhos no peito, olhando nos olhos dele, ainda sentado em mim. — Eu fingia que nada me incomodava, que as mãos de Carmen sendo esmagadas a golpes de martelo não me abalaram! Nem pisquei quando Marisol foi forçada a fazer um aborto com um médico açougueiro que a deixou sangrar até a morte na mesa de operação! Não derramei uma só lágrima quando a garota ruiva e sardenta foi morta bem na minha frente porque o homem que veio comprá-la não gostou do que viu! — Ergo os punhos para socar as pernas dele de raiva, mas ele agarra meus pulsos e segura firme. — Eu *não sou inocente!* — rujo.

Sinto suas mãos esmagando meus pulsos, mas minha cabeça está atordoada demais pela emoção para dar importância.

As coisas que admiti me assombram há muito tempo. Estavam enterradas em minha alma, queimando meu âmago, me deixando frígida e me transformando em alguém completamente diferente de quem eu deveria ser.

Deixo a cabeça cair para o lado, sentindo a dor da derrota. Não consigo mais olhar para ele. Não por raiva, ódio ou vingança, mas por vergonha. Não consigo olhar um assassino nos olhos porque não só não sou melhor do que ele; é possível que eu seja *pior*.

— Você é muito forte — diz ele, saindo de cima de mim. — Tem um forte instinto de sobrevivência. É a única coisa que diferencia você daquelas outras garotas. Como elas, você também era mantida lá contra a vontade. Também era obrigada a fazer coisas contra a vontade. Você sofreu abusos físicos e emocionais. Não deveria se culpar pela fraqueza delas.

Ele vai até a mesa.

Eu me levanto do chão, cambaleante, e apenas olho para ele, tentando entender suas palavras. Ou talvez a culpa que alimentei durante tanto tempo não me deixe acreditar nelas.

Ele olha para mim.

— Você fez a coisa certa — acrescenta.

Balanço a cabeça.

— Não, não fiz. Eu deveria ter feito alguma coisa para ajudá-las.

Victor joga as bolsas no ombro e pega a maleta com a outra mão.

— Você fez — diz ele, de pé na minha frente, agora. — Você manteve a cabeça no lugar. Esperou sua oportunidade. Fingiu a ponto de ser aceita e ganhar a confiança deles. Está arriscando a vida, agora, para voltar e ajudar aquela garota.

Ele passa por mim e vai até a porta, virando-se para me olhar ao chegar.

— Você é inocente — diz ele. — E é por isso que ainda está viva.

Então ele abre a porta, e, hesitante, eu o sigo.

## CAPÍTULO DOZE

### *Sarai*

Chegamos a Green Valley quase três horas depois. Ambos ficamos em silêncio a maior parte da viagem. Eu tinha muito em que pensar, muitas questões não resolvidas para compreender, o que nem cheguei perto de fazer em tão pouco tempo. E vou demorar muito até parar de me sentir culpada, se é que um dia vou conseguir. Não importa que as coisas que Victor disse façam sentido; ainda me sinto a pessoa mais egoísta do mundo pelo que fiz. Provavelmente vou me sentir assim para sempre.

E perguntei a Victor por que estávamos indo para Green Valley. Ele já tinha dito que iria me contar o que estava acontecendo, mas na hora foi vago. Disse que precisava fazer uma troca perto de Green Valley, mas não quis entrar em detalhes. Acho que todo aquele falatório no hotel em Douglas estourou seu limite de palavras para conversa. Porque ele voltou rapidamente a ser como era, o assassino quieto, reservado e intimidador com o qual, por motivos que eu desconhecia, me sentia quase completamente segura.

Paramos em um estacionamento no fim de uma estrada ladeada por casas de veraneio. Já estive aqui antes, uma vez, com minha melhor amiga, quando a irmã mais velha dela foi nos pegar na escola no seu carro novo. Nós nos perdemos e ela deu meia-volta neste lugar. Isso foi semanas antes de minha mãe me obrigar a ir para o México com ela e Javier. Este lugar familiar me faz lembrar

que estou muito perto de casa. Estou tão perto que poderia ir para lá a pé. Levaria várias horas, mas eu conseguiria.

Mas para onde eu iria?

Victor desliga o motor da picape. Eu olho pelo para-brisa e vejo uma faixa de árvores e mato separando o estacionamento da rodovia interestadual. Um carro chispa a cada poucos segundos. Mas o estacionamento está vazio, exceto por outro carro solitário a distância, estacionado ao lado de uma caçamba de lixo. Já do outro lado do estacionamento, depois de um muro baixo de concreto, há muitos carros estacionados em volta de um shopping center.

Eu me pergunto por que ele escolheu um lugar público, ainda que quieto e abandonado no momento, para fazer o que veio fazer aqui, seja lá o que for. Porque Javier não se importa com o público, nem com o risco de um espectador inocente ficar no meio do fogo cruzado.

— Fique na picape — manda Victor, antes de fechar a pesada porta de metal.

Ele dá a volta por trás enquanto uma reluzente van preta entra no estacionamento, vindo de trás das casas. Meu coração imediatamente começa a bater forte. Eu me encolho no banco, mas vou para o lado do motorista, para poder ver melhor pela janela. Quero ver, mas não quero ser vista.

Victor vai ao encontro da van, a uns 15 metros de onde estou, e o veículo para no meio da estrada. Vejo um homem. Parece um homem branco, o que me deixa confusa. Victor assente, e então vejo seus lábios se mexendo. Estico o braço e abro o vidro, girando a manivela antiquada. Ela emperra de início, mas depois uma fresta se abre e eu consigo baixar alguns centímetros. Mas eles estão longe demais para eu ouvir o que dizem.

Victor começa a voltar para a picape, e a van o segue. Engulo em seco e me vejo praticamente deitada no assoalho agora, com o alto da cabeça encostado no volante duro. A porta do lado do motorista

se abre, me expondo em minha posição constrangedora. O outro homem está ao lado de Victor, os dois olhando para mim.

O desconhecido, que eu noto que se parece um pouco com Victor, alto, de cabelo castanho, olhos azuis e maçãs do rosto angulosas, me faz um aceno de cabeça, como se fosse seu jeito de cumprimentar. Inútil dizer que estou apavorada e insegura demais para retribuir a cortesia.

O homem, embora continue me olhando como se eu fosse algum espécime peculiar que merece ser estudado, diz algo para Victor em outra língua. Não é espanhol. Victor responde no mesmo idioma, que começo a achar que provavelmente é alemão. O homem finalmente olha para Victor.

— Este é Niklas — diz Victor. — Você vai no carro dele e vocês vão me seguir para outro lugar perto daqui.

Instantaneamente, sinto minha cabeça balançando em negativa.

Victor estende a mão para mim, mas eu a rejeito. Em vez disso, começo a me levantar do assoalho e ir para o outro lado da picape. Sinto a mão de Victor se fechando ao redor da minha coxa.

— Ele não vai machucar você — diz Victor. — Esta picape não é segura para você, caso Javier ou seus homens abram fogo contra nós.

Olho pelo vidro de trás para a van, presumindo que ela seja blindada. Não me dou ao trabalho de perguntar; simplesmente não quero ficar a sós com esse homem, em um veículo mais seguro ou não.

— Essa aí não coopera muito — diz o homem chamado Niklas, em inglês. Ele com certeza tem sotaque, diferente de Victor, que parece ter fluência em todos os idiomas que conhece.

— Sarai. — Victor diz meu nome e isso me imobiliza; ele nunca me chamou pelo nome antes. — Estou pedindo para você cooperar.

Eu encaro os olhos sérios de Victor e mantenho o olhar neles por um momento, deixando minha mente se desanuviar da reação inesperada que o fato de ele dizer meu nome provocou. Meu corpo

relaxa, e então, logo depois, os dedos de Victor soltam minha coxa. Olho de um para outro devagar, ainda hesitante, mas agora mais disposta.

— Você vai me dizer o que vai acontecer? — pergunto, olhando para os dois, mas Victor sabe que a pergunta foi para ele.

Niklas mantém seus frios olhos azuis cravados em mim, mas aparentemente mais por ser de natureza observadora do que possessiva.

— Vamos nos encontrar com Javier perto daqui, em um lugar mais isolado. Lá, sua amiga vai ser entregue para nós.

Uma sensação sombria de incerteza surge de repente no fundo do meu estômago.

Eu estreito os olhos para Victor.

— Fácil assim? — pergunto, cética. — Não, Javier não vai entregá-la e pronto. Ele vai... — Volto a recuar para a porta do lado do passageiro, minha mão já na maçaneta, para o caso de eu precisar fugir. — ... De jeito nenhum ele vai fazer isso. Você vai trocá-la por mim, não vai? — Eu levanto a voz. — Não *vai*?!

— Sim — diz Victor.

Niklas continua quieto, calmo e sempre muito observador. Está começando a me dar nos nervos.

Mas então eu me controlo e desvio o olhar dos dois. Olho através do para-brisa para a paisagem e os carros do outro lado da mureta de concreto, mas não vejo realmente nada daquilo. Tudo o que vejo em minha mente é o rosto de Lydia, como a vi pela última vez naquele vídeo: machucada, ensanguentada, debulhada em lágrimas e apavorada. Sei que é isso que precisa ser feito. Uma troca: eu por Lydia. Isso é algo que eu sei que Javier aceitaria, agora mais do que nunca.

Mas ele quer que eu morra...

Minhas mãos agarram o couro rasgado do assento debaixo de mim, afundando os dedos no enchimento exposto. Meu corpo todo treme de pavor. Mas então eu empurro resolutamente esse medo

para o fundo da minha mente. Talvez ele não me mate quando me tiver de volta. Posso continuar a fingir que quero estar com ele. Posso até fingir que Victor me raptou. Eu sei que consigo enrolar Javier. Sei que consigo! Fiz isso por anos! Fiz com que ele confiasse em mim, a ponto de achar que me amava. Posso fazer isso de novo.

O bastante para ter minha primeira oportunidade de matá-lo.

Sim, é exatamente o que vou fazer. Porque a esta altura, só duas coisas me importam: proteger Lydia e matar Javier. Sei que quando fizer isso vou assinar minha própria sentença de morte. Izel ou um dos homens de Javier vão me alcançar antes que eu me afaste um quilômetro da fortaleza e vão me abater a tiros, como Victor fez com aquele dono de loja no México.

Mas pelo menos Javier estará morto.

E eu não tenho medo da morte.

Abro a porta da picape e encontro Niklas ao lado, esperando por mim. Eu estava tão perdida em pensamentos que nem vi quando ele deu a volta no veículo.

Fecho a porta e olho por cima do capô para Victor, que está do outro lado. Nunca consegui ler de verdade seu rosto, porque suas emoções, se é que ele tem alguma, parecem impenetráveis, mas agora detecto o traço mais tênue de algo incomum em seus olhos. Poderia ser remorso? Não, talvez seja indecisão ou... Não, não pode ser isso.

— Eu topo — anuncio, sem desviar os olhos de Victor. — Se você puder levar Lydia embora em segurança, eu topo.

Victor assente. Depois vai até a porta aberta da picape, e eu o seguro.

— Mas, Victor, por favor, leve Lydia para casa. Eu imploro. Leve-a para casa. Ela mora em El Paso, Texas. Com os avós. Por favor.

Victor não assente nem dá uma resposta verbal dessa vez, mas eu sei, só por seu olhar, que ele fará isso. Não sei ao certo por que acredito nisso, mas acredito.

Depois de passar suas bolsas para a van, ele entra na picape, e o rugido da partida do motor ecoa segundos depois.

— Venha — diz Niklas, me levando pelo braço, seus dedos me apertando com um pouco mais de força do que Victor jamais usou.

Ele me leva para o banco de trás, abrindo a porta e ficando bem atrás de mim, como se estivesse vigiando para que eu entrasse e não tentasse fugir. Quando entro, o cheiro de couro novo e de purificador de ar preenche meus sentidos. Barras de metal separam o banco de trás do da frente, como a que os policiais têm em viaturas. Eu já me sinto presa. Ouço um estalo quando Niklas trava todas as portas depois de entrar. Olho para a esquerda e a direita e verifico que as portas de trás não têm pinos para destravar. *Estou* realmente presa ali dentro.

Pegamos a Interstate 19, seguindo de perto Victor na velha picape surrada.

— Você virou uma tremenda pedra no sapato — diz Niklas do banco do motorista.

Eu o olho nos olhos pelo retrovisor.

Não gosto muito dele. Não que eu devesse gostar, considerando a situação, mas pelo menos com Victor, apesar de ele ser um assassino, eu tinha uma sensação de segurança. Até na fortaleza, quando eu e Lydia o vimos pela fresta da porta, senti que podia confiar nele, que ele me ajudaria. Meu instinto estava completamente errado, admito, mas ele nunca me machucou. Independentemente do que ele é ou do que já fez e das complicações que lhe causei, nunca me maltratou.

Niklas, por outro lado, sinto que é um pouco mais intolerante.

Tento manter os olhos na estrada à frente, mas é difícil não cruzar olhares com ele pelo espelho de vez em quando. Porque ele está sempre olhando.

Engulo em seco e digo:

— Eu não queria causar problemas para você e para Victor. — Seus olhos se estreitam de repente no espelho, e eu noto

imediatamente. — Mas não entendo por que é tão absurdamente *inconveniente* me ajudar, para vocês. — Tento disfarçar a amargura do comentário, mas não consigo fazer isso muito bem.

— *Victor* — diz Niklas com gelo na voz, o que me impressiona da pior maneira —, visto que vocês já se chamam pelo nome, deveria ter arrastado você de volta para Javier Ruiz assim que a encontrou.

Eu odeio esse cara.

Cerro os dentes e respiro fundo.

— Mas ele não fez isso — digo rispidamente. — E isso mostra que ele é mais humano do que você parece ser.

Minhas palavras ácidas não o abalam como eu esperava. Em vez disso, ele faz a coisa que eu menos esperava: sorri.

— Ah, já entendi o que você acha que está acontecendo — diz ele, com aquele sotaque alemão evidente. — Você acha que de alguma forma o enfeitiçou com seus inocentes encantos femininos. Só para você saber, não é nada disso. Victor, tudo o que ele faz, faz pelo bem da nossa Ordem. Se ele acha melhor não libertar nem entregar você, isso não tem nada a ver com seu bem-estar.

Não quero acreditar nele, embora uma pequena parte de mim acredite, mas me recuso a dar a Niklas a satisfação de saber que conseguiu me perturbar.

Ergo o queixo e desvio o olhar, focando-o na picape que Victor está guiando à nossa frente. Logo viramos à direita e pegamos uma estrada de terra poeirenta que começa na Interstate. A estrada serpenteia entre várias áreas de arbustos baixos e árvores jovens, mas na maior parte do trajeto não há nada senão poeira e um solo estéril sem fim por toda a volta. Há algumas casas encarapitadas ao longe, no alto de colinas nuas, mas tenho a sensação de que ninguém viaja por aquelas terras há muito tempo, nem seus proprietários nem pessoa alguma, na verdade.

A frente da van se ergue acima da terra quando começamos a subir uma colina. Quando o chão volta a ficar plano no topo e a poeira começa a baixar, vejo quatro picapes velhas, bem parecidas

com a que Victor está guiando, estacionadas no meio do nada, à nossa espera.

## CAPÍTULO TREZE

### *Sarai*

Oito homens estão fora das picapes, com rifles no ombro, todos homens de Javier. Eu me agarro ao couro do banco debaixo de mim, achando-o mais duro de penetrar com os dedos do que o banco esfarrapado da velha picape. Paramos a uns 30 metros deles.

Mas não vejo Javier. Nem Izel.

Começo a entrar em pânico quando de início também não vejo Lydia, mas então a avisto dentro do Ford cor creme. Pelo menos tenho certeza de que é Lydia. Pressiono o rosto nas barras de metal o mais que posso, tentando ver melhor, mas isso não ajuda muito.

Niklas vira a cabeça para me olhar.

— Sente direito e fique escondida — exige ele.

Faço o que ele diz, não porque ele mandou, mas porque deve ser melhor mesmo.

A porta da picape se fecha com estrondo. Victor vai para a frente dela, na direção dos homens. Olho todos eles um por um, me perguntando qual foi enviado para falar por Javier, já que ele não está aqui, mas então vejo o cabelo preto de Izel passando pela janela da picape verde quando ela sai.

— Já é a segunda vez que Javier é covarde demais para vir pessoalmente — digo em voz alta, não necessariamente para Niklas.

— Ele sabe, a esta altura, que Victor pode matá-lo sem muito esforço — diz Niklas, olhando pela janela. — Eu diria que isso é

esperteza da parte dele.

Izel tenta se aproximar de Victor com seu costumeiro andar sensual, mas está claramente sentindo dor nas feridas que ele fez em suas pernas e tropeça ao passar pelo capô enferrujado. Um dos homens se aproxima rapidamente para ajudá-la, mas ela lhe dá um tapão no rosto e grita xingamentos, mandando-o se afastar. Ela odeia piedade. Acho que ela odeia tudo, inclusive a si mesma.

Palavras são trocadas entre Izel e Victor. Não consigo ouvir o que estão dizendo, mas, pela linguagem corporal, sei que é o de sempre: Izel tentando assustá-lo com ameaças sobre Javier e sobre como ele fez um inimigo muito perigoso — a mesma conversa inicial que eles tiveram no hotel naquele dia. E, como antes, Victor não se abala, o que só inflama mais a expressão dela.

Tento ouvir o que estão dizendo mesmo sabendo que não vou conseguir, mas tento sobretudo ver Lydia.

Contrariando a exigência de Niklas, eu me aproximo das barras de novo, tentando vê-la de relance pela janela. Tenho certeza de que é ela sentada do lado do passageiro. Mas acho que tem alguém sentado ao seu lado.

Izel levanta a mão para os homens da picape atrás dela, e um deles dá a volta para abrir a porta. Ele agarra aquela que eu acho que é Lydia e a arrasta para fora.

— É ela! — digo, empolgada, aliviada.

Niklas se vira bruscamente para trás.

— *Sente* aí, eu falei — grunhe ele, com os dentes à mostra. — Não estrague tudo mais do que você já estragou.

Fico imóvel ao ouvir isso e volto para o banco de novo, mas só até ele se dar por satisfeito e se virar para a frente.

Lydia parece péssima, mas pelo menos está em condições de andar. Pelo menos está viva. Está usando as mesmas roupas sujas que usava quando a vi naquele vídeo. As manchas de sangue em sua boca e seu nariz são evidentes na frente da sua camiseta fina, mesmo a essa distância. Suas mãos estão amarradas pelos pulsos à

sua frente. Seu cabelo ruivo claro está desgrenhado, imundo e empapado. Ela está chorando, olhando desesperadamente para nós na van, e só posso imaginar que esteja se perguntando se estou ou não aqui. Quero correr até ela, para que saiba que estou bem e que ela finalmente irá para casa, mas desejar isso, eu sei, é tudo o que *posso* fazer.

O homem que a puxou para fora da picape sacode seu braço, empurrando-a rudemente para o lado, abrindo caminho.

Victor diz algo a Izel, que sorri com malícia. Então olha por cima do ombro nu e balança dois dedos, mandando o homem que acabou de estapear fazer alguma coisa. Ele reage rapidamente, dando a volta até a porta aberta da picape de onde tiraram Lydia, trazendo a outra silhueta que vi que estava sentada ao lado dela.

— Meu Deus — digo, mais para mim mesma. — Aquela é Cordelia. Por que trouxeram *essa* garota?

Olho para Niklas procurando uma resposta, mas ele não oferece nenhuma.

Cordelia e Lydia estão de pé lado a lado agora, ambas trêmulas e com os rostos manchados por lágrimas, ambas incapazes de parar de olhar para a van.

Victor acena com dois dedos para nós.

Niklas se vira.

— Você está pronta?

Engulo em seco.

— Sim.

Niklas abre a porta do seu lado, e, quando ele sai, as travas ocultas da van estalam de novo. Ele abre a porta de trás e estende a mão para mim. Com relutância, eu a aceito.

— Sarai! — Ouço a voz de Lydia no ar ao sair da van.

Levanto a cabeça ao contornar a porta aberta e vejo o homem que a segura pelo cotovelo empurrá-la para o chão poeirento, de joelhos. O outro homem faz o mesmo com Cordelia, só porque pode.

Começo a percorrer devagar a curta distância até Victor, minhas pernas tremendo mais a cada passo. Sinto os olhos de Izel em mim, frios e predadores, mas não a olho. Eu me recuso a lhe dar essa satisfação. Em vez disso, olho apenas para Victor, e, embora ele esteja me olhando nos olhos, sei que nem um pinga de sua atenção vigilante foi desviado daqueles que estão ao seu redor.

Então ele desvia o olhar, levantando a mão para mim, e instintivamente eu paro.

— Mande um dos seus homens trazer as garotas — instrui Victor para Izel.

Ela abre um sorriso sarcástico, as narinas dilatadas, o que a faz parecer ainda mais detestável. Então, com um movimento de cabeça, ela ordena que o homem ao lado de Lydia faça exatamente isso. Ele empurra para as costas o rifle pendurado no ombro e estende as mãos, segurando Lydia e Cordelia em cada uma, erguendo-as de pé.

Victor olha para mim de novo. Ele estende a mão, e, enquanto me aproximo, sinto seu olhar aparentemente sem emoções penetrar o meu. Há algo em seus olhos, algo discreto e misterioso, e sinto que ele está tentando falar comigo pelo olhar. Eu coloco a mão na dele e seus dedos se fecham ao redor dela, de início suavemente.

Algo não parece certo, assim como a expressão furtiva que vi nos olhos dele há alguns segundos.

Quando o homem se aproxima, a mão de Victor aperta a minha. Vejo apenas os olhos de Lydia agora, cheios de medo, esperança e alívio ao se aproximar. E quando eles estão ao alcance de Victor, em um movimento rápido, imperceptível, sou empurrada para o chão e vejo Victor se mover muito velozmente, segurando a cabeça do homem e quebrando seu pescoço. Lydia e Cordelia caem de joelhos, e quando dou por mim, Victor está com o rifle semiautomático do homem, despejando uma saraivada de balas contra Izel e os outros.

Lydia e Cordelia tentam se agarrar a mim enquanto o som dos tiros ecoa com estrondo em todas as direções, mas eu empurro as

duas para baixo e aperto seus rostos no chão com as mãos.

— Fiquem deitadas! — grito, a poeira entrando na boca. — Atrás de mim! Venham! — Rastejo o mais rápido que posso pelo chão na direção da van, como um soldado avançando em meio ao fogo inimigo.

Mais tiros são disparados, dois ou três atingem a areia perto de nós, um deles ricocheteando na porta aberta da van. E, embora a van esteja a menos de 5 metros, sinto que está longe demais e que não vamos conseguir chegar lá. Uma bala bate no chão meio metro à frente do meu rosto, me fazendo parar e ficar imóvel. Já perdi Victor de vista, mas vejo Niklas saindo da van com uma arma em cada mão, disparando muitos tiros, um após o outro.

— Depressa! — grito por cima do caos, virando a cabeça para ver se Lydia e Cordelia continuam me seguindo, colando o corpo ainda mais no chão.

Lydia grita, e vejo de relance sangue na areia perto do pé dela. Cordelia, apavorada, passa rapidamente por mim, forçando o corpo a avançar na areia, mesmo com os pulsos atados. Mas Lydia está imóvel e eu me viro para ajudá-la. Se eu tiver que arrastá-la pelo chão sozinha no meio de uma chuva de balas, é o que vou fazer.

— Meu pé! — grita Lydia para mim.

— Não pare, Lydia! Força! Você precisa se mexer!

Finalmente a alcanço e cubro a cabeça dela com os dois braços quando outra bala passa zunindo, quase nos acertando. Ela afunda o rosto no meu braço. Soluços agitam seu corpo.

Os tiros param, mas o estranho silêncio é quase tão apavorante quanto o barulho. Pelo que parece uma eternidade, tenho medo de erguer a cabeça, e quando a poeira começa a baixar, só vejo dois corpos de pé entre os mortos.

Victor e Niklas.

Soluços de alívio total sacodem meu corpo, fazendo meu peito se apertar várias vezes, até que sinto vontade de vomitar. Nem percebo que consegui me sentar, com os calcanhares descalços afundados na

areia. Em algum momento, perdi meus chinelos. Lydia se joga em mim e eu a abraço tão forte que sinto meus dedos marcando suas costas. Ela faria o mesmo se não estivesse de mãos atadas.

— Sarai! Sarai! — grita Lydia, com a boca no meu ombro. Ela só consegue dizer meu nome.

— Eu sei, Lydia! Desculpe ter ido embora sem você. Estou tão arrependida! — Meu nariz arde de tanto chorar.

Lydia se afasta e me olha, balançando a cabeça.

— Não, não, você tentou — diz ela enquanto mexo furiosamente nos nós da corda, até enfim soltar seus pulsos. — Ficar foi decisão minha. Mas olhe, olhe, Sarai, você cumpriu sua promessa. Prometeu voltar para me buscar.

Eu a abraço de novo e ficamos ali sentadas assim, no chão, sem dar a mínima para os mortos que jazem perto. Só nos separamos quando vejo Niklas se aproximar.

Olho rapidamente para trás, para a van, e fico aliviada ao ver que Cordelia também escapou a salvo. Ela está encolhida no banco de trás, com as pernas contra o peito, se balançando, em estado de choque.

Eu me viro para Lydia, seguro seu rosto machucado e sujo, afastando seu cabelo longo e ruivo da boca e das bochechas com o polegar. Aperto os lábios contra sua testa.

— A gente vai levar você para casa — digo, e um sorriso terno e trêmulo desponta em meu rosto.

Ela sorri de volta para mim.

Um único tiro ecoa, rasgando o espaço aberto. O sorriso de Lydia desaparece enquanto olho nos olhos dela.

Aquele silêncio estranho e ameaçador está de volta, nos imergindo em sua infinita crueldade. Sinto que o tempo passa mais devagar, que de alguma forma o mundo ao meu redor seguiu em frente e me deixou ali para sofrer esse momento. Somos só eu e Lydia, nos olhando nos olhos. Os meus, sem querer acreditar. Os

dela, perdendo o brilho de uma forma que faz calafrios percorrerem meu corpo.

São sempre os olhos...

Encaro aqueles olhos sem fundo, até que sua vida se esvai completamente e a cabeça dela cai para trás, como uma mola quebrada.

Mais um tiro ecoa. Embora eu veja a bala atravessando o crânio de Izel, e Victor baixando lentamente a arma, sinto que na verdade nunca tirei os olhos de Lydia, cujo corpo pende precariamente das minhas mãos.

E então, em um redemoinho de cor, movimento e som, o mundo me alcança de novo e eu grito para qualquer parte dele que esteja ouvindo, puxando o corpo sem vida de Lydia para meu peito, me balançando para a frente e para trás com ela nos braços. Os dela, flácidos, oscilam. Sinto seu sangue quente e espesso empapar o tecido da camiseta e escorrer pelas minhas mãos em suas costas.

Choro com o rosto afundado no cabelo dela, até que sinto seu corpo ser arrancado de mim.

— Não! — grito para quem quer que seja. — Saia de perto de mim! Deixe a gente em paz! — Minha voz falha e treme sob o peso de uma emoção que eu nunca soube que possuía.

— Precisamos ir embora — diz a voz de Victor de algum lugar acima de mim. — Não podemos mais ficar aqui.

— Não! — protesto, levantando a mão e tentando empurrá-lo.

— *Agora*, Victor — diz Niklas de trás. — Não temos tempo para isso.

Victor me pega pela cintura, me levanta com facilidade e me joga, de barriga para baixo, sobre o ombro. Eu esperneio, grito e esmurro suas costas enquanto ele me carrega para a van e para longe do corpo de Lydia.

— A gente não pode *deixá-la* aqui!

— É preciso.

Ele me coloca no banco de trás com Cordelia.

— Victor! Você não pode fazer isso! Por favor, não deixe Lydia aqui assim!

Há remorso em seu olhar. Eu o vejo; embora esteja escondido por trás do mistério sempre presente em seu rosto, vejo-o tão claramente quanto qualquer coisa.

Ele fecha a porta e as travas estalam de novo. Eu fico em silêncio absoluto no caminho para seja lá aonde eles estiverem nos levando.

## CAPÍTULO CATORZE

### *Victor*

Niklas nunca soube quando ficar de boca fechada. Ele não tem disciplina, e por causa disso nossa Ordem sempre gostou mais de mim.

Estávamos juntos quando fomos recrutados, com 7 e 9 anos, mas também estavam conosco dois meninos da vizinhança que eram bons amigos nossos. Estávamos jogando bola no campinho atrás do pátio da escola, como fazíamos todo sábado à tarde, quando os homens chegaram. Niklas e eu não sabíamos que éramos irmãos, na época. Mas éramos grandes amigos. Inseparáveis como irmãos devem ser. Portanto, talvez, lá no fundo uma parte de nós já soubesse.

Apenas quatro anos mais tarde, depois que minha mãe foi morta em uma missão, descobrimos a verdade. A mãe de Niklas nos contou em segredo.

E foi mantido em segredo desde então.

— O que você fez, Victor? O que estava pensando? Onde é que você está com a cabeça?

Niklas aperta o volante até ficar com os nós dos dedos brancos. Ele se vira para me olhar a curtos intervalos, esperando que eu lhe dê uma resposta que não tenho.

Silenciosamente, engulo a dor que queima meu quadril.

Olho para Niklas.

— Você precisa dizer para Vonnegut que eles atiraram primeiro — digo, e vejo a relutância turvar suas feições na mesma hora. — Diga a ele que eu não tive escolha.

— Victor. — Ele balança a cabeça e depois bate no volante com a palma da mão. — O que aconteceu com você? — Ele cerra os dentes, contendo o tipo de coisas que gostaria de dizer, mas que sabe ser melhor engolir.

Ele bate no volante de novo.

— Sempre fiz tudo o que você pediu. Nenhuma vez me recusei. Raramente o questiono. Mas isso é porque confio em você, como devo confiar. — Ele inspira bruscamente e noto que seus olhos vagam até o espelho retrovisor. E então ele volta a me olhar. — Mas isso é diferente. Você está arriscando tudo: seu lugar na Ordem, seu relacionamento com Vonnegut, sua vida, *minha* vida. — Ele corta o ar entre nós com a mão. — Tudo por essa garota.

— Não estou fazendo nada disso.

— Então o que é? — retruca ele. — Se não foi por ela, foi por quê? Explique, Victor!

Ele muda de faixa na estrada para ultrapassar um carro lento.

— E por que você disse seu nome para ela? Você ficou instável. Eles eliminam os instáveis, Victor, você *sabe* disso.

Niklas se força a olhar de novo para a estrada, depois de pôr sal na própria ferida. A mãe dele era "instável".

— Não vou deixar que nada aconteça com você por minha causa — digo. — Se você sente que deve dizer a verdade a Vonnegut, eu vou entender. Não vou julgar você por isso.

Ele balança a cabeça, desanimado.

— Não. Como sempre fiz, vou dizer a ele o que você precisa que eu diga.

Ele faz uma pausa e segura o volante com as duas mãos, passando uma palma nas costuras do couro, como que para evitar esmurrar outra coisa.

— Espero que um dia você me diga a verdade — acrescenta ele, sem olhar para mim. — Sobre o que está acontecendo com você. Sobre o que realmente aconteceu em Budapeste. E se aquilo tem algo a ver com o que você está fazendo agora.

— Não há nada para contar — digo.

— Porra! Eu não sou Vonnegut!

— Não, você é Niklas, a única pessoa no mundo em quem confio.

— Eu aponto para a frente. — Deixe a gente ali. Vou precisar arranjar outro carro.

Apesar de não querer nada mais do que gritar comigo o dia todo até que eu lhe dê uma resposta satisfatória, Niklas desiste de vez do assunto. Disciplina. Algo que ele nunca vai ter.

Passamos pelo portão de uma concessionária de automóveis.

— Vá para a lateral — digo. — Espere por mim ali.

Sem fazer objeções, Niklas faz o que eu mando e estaciona na lateral do prédio, perto do veículo de outro cliente.

Antes de sair, olho uma vez para a garota, Sarai. Ela está imóvel e perdida. Seus olhos estão abertos, mas seja para o que for que ela esteja olhando, sei que não está realmente vendo. Quero que ela me olhe, só por um momento. Mas ela não olha e eu me afasto.

## *Sarai*

Sinto que eu deveria estar como Cordelia, sentada ao meu lado, completamente acordada mas inconsciente disso. Sei que ela vai precisar de meses de terapia para superar o que enfrentou. Sei porque passei pela mesma coisa depois de ver minha mãe morrer.

O único aspecto no qual sou um pouco como a pobre Cordelia é que não consigo encontrar vontade para falar. Fico apenas sentada, deixando o tempo passar, sem tomar consciência dele, imune a seus esforços para me causar desconforto. Quinze minutos poderiam ser duas horas, e eu sinceramente não veria diferença.

Ao contrário de Cordelia, tenho consciência de tudo o que acontece a meu redor. Só não me importo.

Algum tempo depois, Victor sai do prédio e abre a porta da van pelo lado onde estou. Ele só me olha por um momento, como se esperasse alguma coisa; acho que espera que eu saia.

Olho para ele, deixando a cabeça cair para o lado no banco.

— Você não precisava tê-la deixado lá.

— Precisava, sim — diz ele, me dando a mão. — Ela vai ser encontrada logo, se é que já não foi. Você tem minha palavra.

Eu seguro a mão de Victor, mas olho para Cordelia antes de sair.

— E ela?

Victor olha para Niklas, no banco do motorista.

— Nada de paradas longas no caminho — instrui ele. — Encontre Guzmán no lugar que combinamos. O dinheiro pela filha dele. Informe-o do rumo dos acontecimentos e que não pudemos controlar a ausência de Javier, mas que o serviço vai ser feito.

— Como quiser, Victor — concorda Niklas secamente, suas palavras tingidas de amargura e decepção.

Victor me puxa pela mão e eu saio da van.

Quando vamos nos afastar, Niklas nos detém:

— Aonde vocês vão? — pergunta ele, com parte do corpo para fora da janela e o braço apoiado na porta.

— Por enquanto — diz Victor —, para Tucson. Espere meu contato quanto ao resto.

Niklas vai embora.

Enquanto Victor anda ao meu lado na direção de um carro cinza-escuro, novo e reluzente, fico para trás por um momento.

— Por que a gente está indo para Tucson?

Ele para imediatamente e se vira para me olhar.

— Vou levar você para casa.

## CAPÍTULO QUINZE

### *Sarai*

Quando vejo minha “casa” no horizonte, vários minutos depois, isso não me afeta do modo como sempre sonhei que afetaria. Nem levanto a cabeça do vidro do lado do passageiro para olhar enquanto passamos. Porque sei que não há nada ali para mim.

Em vez de admirar a cidade, olho o asfalto negro passando rapidamente enquanto rodamos sobre ele.

— Onde você mora? — pergunta Victor.

Finalmente ergo a cabeça e me viro para olhá-lo.

— Por que você está fazendo isso?

Victor suspira e volta a olhar para a estrada.

— Porque acho que você já viu o suficiente.

Ele para no estacionamento de uma loja de conveniência à beira da estrada. Está começando a escurecer.

— Precisa me dizer para onde devo levar você — diz ele, e eu detecto o traço mais tênue de desconforto em seu rosto. — Seu pai?

— instiga ele, quando não respondo.

Distraidamente, balanço a cabeça.

— Meu pai pode ser qualquer um dos cem homens de Tucson. Eu nunca o conheci.

— Uma avó? Uma tia? Um primo distante? Aonde você quer ir?

Eu, bem literalmente, não tenho família. Como não conheço meu pai, não conheço ninguém da minha família pelo lado dele. Nunca

tive irmão ou irmã; minha mãe fez laqueadura depois que nasci. Meus dois avós morreram quando eu era adolescente. Minha tia, Jill, mora em algum lugar da França porque tinha dinheiro para se mudar para lá e cortou relações com minha mãe quando eu tinha 13 anos. E, por consequência, cortou relações comigo, me acusando de ser igual a minha mãe, embora eu fosse tão diferente dela quanto a noite é do dia.

Sem querer dar a Victor qualquer motivo para crer que ele me deve mais alguma coisa, menciono a única pessoa que me vem à mente, para que ele possa me deixar lá e me entregar a qualquer espécie de vida que eu possa ter.

— A sra. Gregory — murmuro, perdida na lembrança da última vez que a vi. — Ela mora a uns dez minutos daqui.

Flagro os olhos de Victor fixos em mim do banco ao lado, e nossos olhares se cruzam por um momento. O que ele está esperando? Parece estar estudando meu rosto, mas não sei por quê.

Desvio o olhar e aponto na direção que ele deve seguir.

Victor começa a dirigir e vamos para o estacionamento de trailers onde eu morava.

Está exatamente do jeito que era quando eu parti, com brinquedos quebrados espalhados nos quintais, carros velhos caindo aos pedaços estacionados em vários lugares, grama crescendo ao redor dos pneus murchos. Aparelhos de ar-condicionado fazem um barulhão no ar do fim de tarde, e cães latem, presos a correntes curtas enroladas em árvores. Quando passamos pelo pequeno trailer azul no qual passei a maior parte da minha vida, mal olho para ele. Mas me pergunto, só por um momento, quem mora ali agora, e se já conseguiram se livrar das baratas que o infestavam incessantemente, coisa que minha mãe nunca conseguiu.

— Aqui — digo baixinho, apontando para o que espero ainda ser o trailer da sra. Gregory, dois depois daquele.

Mas, ao ver o Bronco vermelho-vivo estacionado na frente, começo a achar que não é mais. Depois de nove anos, eu não

esperava que fosse.

Vou sair do carro, mas Victor me segura.

— Tome — diz ele, enfiando a mão no bolso interno do paletó.

Ele puxa um maço grosso de notas de 100 e me entrega. Corro os olhos dele para o dinheiro, hesitando apenas porque é muito inesperado.

— Sei que é dinheiro sujo — diz ele, aproximando mais o maço de mim —, mas quero que você aceite e faça o que precisar com ele.

Balanço a cabeça em agradecimento e pego o maço de notas.

— Obrigada.

Começo a ir embora, mas paro e digo:

— E Javier? Se está disposto a pagar tanto para me ver morta, ele vai mandar outra pessoa me procurar se você não me matar.

— Ele estará morto antes que isso aconteça.

— Você vai matá-lo? — pergunto, mas depois acrescento: — Isto é, não por minha causa, é claro, mas para aquele outro homem? — Quero que ele diga que é por minha causa, sim, mas sei que não é esse o motivo.

— Você vai viver em segurança, agora — diz ele simplesmente.

Ficamos um momento em silêncio e então saio do carro, fechando delicadamente a porta atrás de mim. E vejo Victor ir embora, as lanternas do carro sumindo nas sombras ao fim da rua. Então ele some. Desse jeito.

*O que foi isso?*

Duvido que um dia eu consiga entender os últimos nove anos da minha vida, e menos ainda os últimos dias. Parada ali, na entrada de um lugar familiar e ainda assim tão estranho para mim, percebo que não consigo me sentir eu mesma. Ao menos não a pessoa que eu era, ou a pessoa que eu deveria ser se essa oportunidade não tivesse sido tirada de mim por Javier. Pela minha mãe.

Levei uma vida de isolamento e escravidão, prisioneira de um traficante mexicano que, embora me tratasse com um tipo estranho de gentileza, me maltratava de outras formas. Passei a maior parte

da minha juventude dormindo com um homem que eu não amava e com quem não queria dormir. E Javier é o único homem com quem já estive sexualmente. Vi estupros, sequestros e todas as formas possíveis de maus-tratos. E vi mortes. Muitas mortes. Minha única amiga morreu nos meus braços há apenas algumas horas. Vi a vida deixar seu corpo enquanto ela olhava para mim.

Depois de tudo isso, ao rever casualmente essas lembranças, como se estivesse olhando as cartas que tenho na mão em um jogo, nada está me afetando como deveria, como afetaria uma garota normal. E eu sei por quê. Apenas detesto admitir para mim mesma: com o passar dos anos, me acostumei com isso. Era assim que minha vida era. Minha mente se conformou e se adaptou da melhor maneira que podia.

Mas agora aqui estou, de volta à minha cidade, Tucson, livre para fazer o que quiser. Posso andar algumas quadras até a lojinha onde ia todo dia depois da aula e comprar um refrigerante e um pacote de Doritos. Se eu quiser, posso ir para minha antiga escola primária, no fim da rua, e brincar nos balanços, ou me deitar no gramado ao redor do prédio e olhar as estrelas até pegar no sono. Posso roubar aquela bicicleta no quintal do trailer número 12 e pedalar até a casa da minha velha amiga, a 30 quilômetros daqui. Mas o trailer atrás de mim no final do calçamento de concreto também serve. E está aqui perto. Estou levando mais tempo do que previa para ir até a porta e descobrir se a única pessoa conhecida que sei que pode me ajudar ainda mora ali.

Posso fazer o que eu quiser; no entanto, acho infinitamente difícil decidir por onde começar. Ou até mesmo se devo começar.

Acho que agora sei como é quando uma pessoa passou metade da vida na prisão e é solta no mundo de novo. Ela não sabe o que fazer consigo mesma, não sabe como voltar a se inserir na sociedade. Fica o tempo todo olhando por cima do ombro. Não consegue acordar mais tarde do que cinco da manhã, nem acreditar que pode escolher o que comer e quando comer. Violência,

escuridão e confinamento fazem parte dela a tal ponto que metade do seu ser nunca aprende nenhuma outra forma de viver.

Não quero que seja assim. Mas no momento, parada aqui, olhando para a luz brilhante sobre a porta e deixando que forme manchas em meu campo de visão, sinto que é assim que vai ser para sempre, quer eu deseje isso ou não.

Uma sombra passa pela janela da frente.

Enfio o maço de notas no bolso de trás do meu short, puxo meu top por cima e respiro fundo.

Vou até os degraus de madeira e bato de leve na porta.

— Quem é? — pergunta uma voz masculina do outro lado.

Tenho certeza absoluta, agora, de que ela já foi embora há muito tempo deste lugar.

— É... Sarai. Eu morava lá no trailer 15.

A corrente da porta faz ruídos, e então a passagem se abre. Um homem baixinho e gorducho me espia.

— Em que posso ajudar?

Ele está sem camisa, e sua barriga redonda cobre o elástico da bermuda de ginástica que vai até o joelho. O cheiro de pipoca me alcança.

— A sra. Gregory ainda mora aqui? — Fico sem jeito de perguntar, porque já sei que ela não mora mais.

O homem balança a cabeça.

— Sinto muito, mas já moro aqui há dois anos — diz ele. — E nunca ouvi falar dessa sra. Gregory.

— Certo, obrigada.

Dou as costas para ele e desço os degraus.

— Você está bem? — pergunta o homem.

Eu o olho por um momento.

— Sim, ótima. Obrigada por perguntar.

Ele assente e fecha a porta enquanto vou embora; o som da corrente sendo encaixada no lugar é breve.

Meus pés descalços se movem sem dor pela estrada de areia e pedra do estacionamento de trailers. A iluminação pública de postes altos começa a diminuir e eu mergulho na escuridão quando chego ao fim da rua e saio do terreno. Um carro passa por mim e fico tensa instantaneamente, achando que pode ser Javier que veio me matar. Mas o veículo segue em frente e me deixa apenas com o coração descompassado e pensamentos paranoicos. Pelo menos sei que Izel está morta. Lembro seu último momento, deitada de barriga na areia com aquela arma na mão. Não tive um sobressalto nem me encolhi ao ver a bala de Victor atravessar seu crânio, nem quando o corpo dela desabou de cara no chão, como um bebê caindo no sono sobre o bolo de aniversário. Não, só senti a satisfação da vingança. Fiquei feliz por vê-la morrer. Porque ela merecia.

Só queria ter sido eu a matá-la, pelo que fez com Lydia.

Passando ao lado de uma dúzia de caixas de correio, vejo a placa de "Pare" à frente, onde lembro que, se eu for para a esquerda, chegarei à escola primária. Decido nesse momento que é para lá que eu vou, pois não tenho outro lugar para ir. E depois de muitos longos minutos de caminhada, chego lá, feliz ao ver que nada no playground mudou, pelo menos. A mesma velha gangorra enferrujada de que me lembro fica perto do balanço, com um dos lados erguido no ar. Três brinquedos de mola, um golfinho, um leão e uma morsa estão perfilados dentro de um mar cercado de cascalho. Abro caminho pela grama seca e me sento no mesmo balanço que sempre procurava quando começava o recreio. E felizmente a sensação também é a mesma. O modo como seguro as correntes acima da cabeça, como o banco de plástico encaixa direitinho nas minhas coxas. Mas estou bem mais alta agora do que era então, por isso minhas pernas se dobram desajeitadamente embaixo de mim. Afundo os dedos dos pés nas pedras frias e vejo a luzinha branca de um avião cruzar o céu distante, sem fazer nenhum som.

E o único rosto que vejo em meus pensamentos é o de Victor. Ele me ajudou, afinal, mesmo depois que eu aceitei que jamais teria sua ajuda. Penso na conversa que ele teve com Niklas na van e isso, para mim, só levanta mais perguntas sobre Victor. Eu me pergunto por que ele atirou primeiro, por que simplesmente não seguiu o plano original de me entregar, me trocar por Lydia e, aparentemente, Cordelia, que eu nem fazia ideia de que estava incluída nisso. Talvez ele soubesse que Izel teria me matado de qualquer maneira e depois tentaria matar Victor e pegar Lydia e Cordelia de volta. É bem plausível que Javier tenha mandado Izel seguir o plano, fazer a troca e então, assim que tivesse oportunidade, começar a atirar em nós. Não sei; a coisa poderia ter acontecido de muitas maneiras. E Victor poderia ter vários motivos para fazer o que fez.

Só tenho certeza de que estou viva graças a Victor. Estou em casa, em Tucson, graças a Victor. Estou livre de uma vida que não escolhi graças a Victor.

Assassino de aluguel frio ou não, ele salvou minha vida.

Enfio a mão no bolso de trás e pego o dinheiro. Corro os dedos rapidamente pelas bordas, deixando as cédulas caírem velozmente uma sobre a outra, fazendo um leve vento em meu rosto. Deve ter no mínimo uns 5 mil dólares. Começo a contar as notas, mas paro depois de contar um quarto delas, me dando por satisfeita de que é muito dinheiro. O bastante para pagar um lugar para passar a noite, para poder tomar um banho e descansar. Resolvo fazer exatamente isso, aliviada por ter preparado uma primeira parte sólida de um plano muito longo. Mas então me dou conta de que não tenho nem carteira de habilitação. Não tenho absolutamente nenhuma identificação que prove que eu sou eu ou qualquer um. Seria muita sorte minha encontrar um hotel que me alugue um quarto sem pedir algum documento, por mais que eu tente suborná-los. E preciso gastar esse dinheiro com sabedoria, fazer o que puder para que dure. Porque é tudo que tenho.

No fundo, sei que poderia simplesmente procurar a polícia, contar minha história, e eles me ajudariam. Mas me sinto tão oprimida por coisas simples que poderiam ser resolvidas com algum trabalho, eu sei, que me sinto completamente derrotada por tudo.

Suspiro, infeliz, afundando a cabeça entre os ombros caídos, e aperto um pouco mais os dedos dos pés nas pedras, movendo-os em círculo.

E então, pela primeira vez no que parece uma eternidade, caio em um choro de autopiedade. Não de raiva, angústia ou frustração. Choro por mim mesma. Soluços sacodem meu corpo. Deixo o dinheiro cair no chão perto dos meus pés descalços, agarro as correntes do balanço e ponho tudo para fora.

Quando termino, minutos depois, levanto a cabeça e enxugo as lágrimas do rosto.

Um par de faróis surge na rua do outro lado do prédio da escola, e eu olho o carro até que ele para na rua a uns 15 metros de mim.

É Victor.

## CAPÍTULO DEZESSEIS

### *Sarai*

Não me levanto de imediato. Apenas olho por sobre a grama para o carro, sabendo o que quero fazer mas tendo dificuldade para concluir se é o que *devo* fazer. Mas então, finalmente, fico de pé, cedendo ao desejo, recolho o dinheiro do chão e vou na direção do carro.

O vidro desce segundos antes que eu chegue.

— Quem era a sra. Gregory? — pergunta Victor, com as mãos apoiadas casualmente no volante.

Abro a porta e entro no carro; nenhum de nós dois precisa questionar ou explicar por que ele está aqui. Ambos já sabemos. Quase completamente.

Fecho a porta.

— Ela era mais mãe, para mim, do que minha mãe de verdade.

Uma brisa leve passa pela janela aberta e balança meu cabelo.

Victor fica em silêncio, me olhando, me deixando reviver aqueles momentos. Meus olhos estão fixos à frente, examinando a escuridão através do para-brisa imaculado.

— Eu passava a maior parte do tempo com ela — continuo, agora vendo apenas o rosto da sra. Gregory em minha mente. — Ela me convidava para jantar e a gente assistia a *CSI* juntas. Ela adorava fazer Chex Mix em casa. — Olho para o lado, rindo um pouco. — Era uma velha maldosa. Não comigo, é claro, mas falou um monte para

minha mãe várias vezes. E uma vez, um dos namorados da minha mãe apareceu na casa dela me procurando... — Mais uma vez olho para o lado rapidamente e digo: — Era um dos babacas que achavam que, por estarem dormindo com minha mãe, podiam mandar em mim. Bom, ele bateu com força na porta da sra. Gregory, chamando meu nome. Foi tão engraçado! — Eu rio de novo, apoiando a cabeça no encosto. — Ela abriu a porta com uma espingarda na mão. Não estava carregada, mas nem precisava. Parecia que o cara tinha levado um chute no saco. Nunca mais foi lá me procurar.

Sinto o sorriso desaparecer dos meus lábios quando outras lembranças surgem.

— Ela ficou bem doente, uma vez — digo, com voz distante. — Precisava fazer uma cirurgia em uma artéria, sei lá, mas lembro que fiquei com muito medo de que ela morresse. Mas ela aguentou. — Minha cabeça cai para o lado, ainda apoiada no encosto, e eu olho bem nos olhos de Victor. — Mas vou me lembrar dela para sempre, principalmente porque ela me ensinou a tocar piano. Por cinco anos, desde que eu tinha 8, quando a gente se conheceu, até quando comecei a andar mais com minha melhor amiga, parecia que a sra. Gregory me ensinava quase todo dia. Eu ia para lá depois da aula, às vezes se esquecia de fazer o dever de casa, e tocava até meus dedos doerem. — Baixo os olhos para o painel, com remorso. — Queria nunca ter conhecido Bailey. Até hoje me sinto culpada por ter trocado a sra. Gregory pela minha amiga.

Não posso mais falar disso. Balanço a cabeça e respiro fundo, me erguendo do banco. E então estendo o dinheiro para ele, querendo que o pegue.

— Fique com ele — diz Victor, pondo o carro em modo de partida. — Você vai precisar.

Eu o deixo entre meu banco e o painel.

— Sabe, você está correndo o risco de virar um membro confiável da sociedade — brinco.

Vejo os olhos dele se moverem na minha direção sem que ele vire a cabeça.

— Talvez — diz ele, pegando a rodovia. — Mas quero que fique claro que, se isso for verdade, vou precisar amarrar você de novo. — Ele olha para mim, e, embora seus lábios não estejam sorrindo, vejo que seus olhos estão.

Eu me viro para a janela do meu lado porque, ao contrário de Victor, não tenho absolutamente nenhum controle sobre o sorriso em meu rosto, e não posso correr o risco de que ele o veja.

~~~~~

Paramos em um hotel assim que saímos de Tucson, e, em vez de fugir, desta vez o ajudo a carregar as bagagens para nosso quarto, no terceiro andar. Nosso quarto. Duas palavras que, dias atrás, eu jamais teria imaginado usar tão casualmente. Perguntei se eu poderia ficar em um quarto separado, mas ele insistiu para que eu ficasse por perto enquanto estivesse com ele. Nem precisei perguntar por quê. Estando em fuga com alguém como ele, imagino que seja melhor assim, mas sinto que há algo mais nisso que ele não está me contando. Sou desviada desses pensamentos quando vejo o sangue na barra da camisa de Victor, quando ele a puxa de dentro da calça.

— Você está *sangrando*? — Vou até ele, tentando ver melhor aquele lado de seu corpo.

— Sim, mas vou ficar bem.

— Mas por que... você levou um *tiro*?

Ele abre todos os botões da camisa, expondo seus músculos peitorais e abdominais bem-definidos, mas eu só noto mais sangue.

Agora entendo por que ele estava com tanta pressa de chegar ao quarto e por que parecia estranhamente desconfortável desde antes de nos separarmos de Niklas e Cordelia.

— Vá até a recepção e peça um frasco de água oxigenada, gaze e álcool. Eles devem ter uma caixa de primeiros socorros.

Meus olhos correm dos dele para o sangue enquanto tento localizar o ferimento. Ele termina de tirar a camisa e a joga no chão.

Finalmente eu noto seu físico.

— Sarai?

Levanto a cabeça para olhá-lo.

— Está bem, eu já volto.

Saio apressada, não correndo, mas apertando o passo, para não atrair atenção demais. Meu Deus, me sinto uma fugitiva.

A atendente leva vários longos minutos para encontrar tudo o que pedi, depois de deixar a recepção e procurar na despensa. Porque ela só tinha um minúsculo kit de primeiros socorros com alguns curativos e pomada antibiótica perto de sua mesa.

— Desculpe, não achei água oxigenada, mas leve uma garrafa inteira de álcool. — A garota me entrega a garrafa e uma caixa fechada de gaze em rolo por cima do balcão. — O que aconteceu? Está tudo bem?

Agradeço e pego as coisas do balcão.

— Sim, está tudo bem. Meu, hã, namorado cortou a mão com o canivete. — Balanço a cabeça e reviro os olhos dramaticamente. — Ele estava tentando abrir uma daquelas embalagens de plástico à prova de seres humanos. Eu falei para ele descer e pedir uma tesoura, mas ele insistiu que “dava conta”. — Reviro os olhos de novo para melhorar um pouco o efeito.

A garota dá uma risadinha.

— Parece o *meu* namorado.

Rio com ela, agradeço de novo e volto para o elevador, com toda a pressa do mundo para me afastar.

Victor está com a calça abaixada de um lado do corpo quando volto. Ele está de pé diante do espelho, se torcendo desajeitadamente para ver o ferimento, que agora noto bem. Há um pequeno buraco na região mais carnuda, logo acima do osso da

bacia. Não parece estar sangrando muito mais, embora sua camisa esteja bastante empapada, o que prova que já saiu mais sangue do que deveria.

Vou até lá e deixo as coisas no balcão da TV, na frente do espelho.

— A bala ainda está aí dentro? — pergunto, olhando o ferimento com mais atenção.

— Sim — diz ele, pegando o álcool —, mas não entrou muito.

Tirando a tampa, Victor derrama um pouco de álcool na ferida. Ele faz uma careta e fecha os olhos por um momento, até que o ardor passe.

— Deixou a bala aí esse tempo todo? — pergunto, sem conseguir pensar em um motivo aceitável para isso. — Por que não fez isso antes? Ou foi para um hospital?

Então me dou conta de que ele não cuidou do ferimento depois de me deixar, que esperou até...

— Victor? — chamo ao perceber.

Ele vai até sua bolsa, que está na mesa perto da janela, e enfia a mão dentro.

— Sim? — Ele mal me olha, mais ocupado com o canivete que acaba de pegar da bolsa.

No último segundo, decido não revelar minhas conclusões em voz alta. Porque provavelmente estou muito enganada e não quero parecer boba de acreditar em algo tão absurdo.

— Deixa pra lá — digo. — Precisa de ajuda?

Ele pondera a oferta.

— Não, eu consigo. Já fiz isso antes.

Talvez a mentira que contei para a recepcionista tenha um fundo de verdade, no fim das contas. Abro um sorrisinho ao pensar nisso e então atravesso o quarto até Victor, com o álcool e a gaze nas mãos.

— Você não está conseguindo nem *ver* a ferida direito — argumento. — Eu posso ajudar. Só me diga o que fazer. Não sou *completamente* inútil.

Mais uma vez, seu rosto parece levemente contemplativo, e então, para minha surpresa, ele tira a calça e fica quase nu na minha frente, usando apenas uma cueca boxer preta e justa que define cada curva e volume másculo de seu abdômen inferior até o alto das coxas. É natural que eu o admire um pouco, especialmente por ele estar tão em forma, mas não deixo que isso me distraia. Aquela bala merece toda a minha atenção, e trato de dá-la.

Ele esquenta a lâmina do canivete com um isqueiro, por algum tempo, e o estende para mim. Nunca fiz nada parecido com isso e fico um pouco horrorizada só de pensar, mas tento não deixar o medo transparecer em meu rosto. Seguro o canivete pelo cabo e espero que ele me instrua.

— Como eu falei, não entrou muito. É só puxá-la para fora com a ponta da lâmina.

Faço uma careta para a imagem que suas palavras criam em minha mente.

— Mas e se eu cortar você?

— Não vai ser pior do que o estrago que a bala já fez. Agora anda — diz ele, puxando o elástico da cueca mais para baixo até o osso do quadril para me dar melhor acesso.

Disfarçadamente, olho de relance a curva rígida do músculo de sua pélvis e depois começo a trabalhar.

Hesitando, aproximo o canivete de sua pele e olho para ele, torcendo para que mude de ideia e resolva fazer sozinho.

Porque realmente acho que não consigo.

— Anda — apressa ele. — Não vai doer mais do que já está doendo.

Eu me ajoelho para ficar com os olhos na altura do ferimento e sinto meu rosto em brasas quando noto o contorno de sua masculinidade através da cueca justa. Mas mesmo assim não deixo sua genética obviamente privilegiada me distrair da tarefa em questão.

Com cuidado, enfio a ponta da lâmina na ferida, meu rosto se contraindo e se retorcendo em uma careta horrível. Nervosa de início, demoro muito para enfiá-la mais, até que ele se cansa de esperar.

— É como puxar o curativo de um machucado, Sarai — diz ele, irritado. — Acabe com isso de uma vez. Quanto mais você demora, pior é.

Mordo o lábio inferior, aperto os dedos da outra mão na parte de trás de sua coxa rija para ter mais apoio na área e enfio o canivete mais fundo. Sinto seus músculos se contraindo sob minha mão, mas estou nervosa demais para olhar para cima e ver a dor que sei que está aparecendo em seu rosto.

— Por que você voltou para mim? — pergunto, em parte para não pensar no que estou fazendo, mas também por querer mesmo saber.

— Eu não fui embora — diz ele, e levanto a cabeça para olhá-lo nos olhos. Ele desvia o olhar e acrescenta: — Achei que você estava sendo seguida. Eu planejava ficar e esperar até que Javier ou quem ele tivesse enviado aparecesse onde você estava.

Surpresa com a confissão dele, tiro o canivete de dentro de sua carne e inclino mais a cabeça para encará-lo.

— Você estava me usando como *isca*?

Não sei se a dor que sinto de repente é porque ele pôs minha vida em risco para pegar Javier ou porque não se importa tanto com meu bem-estar quanto eu havia começado a pensar.

Victor suspira baixinho, embora ainda irritado, mas parece que mais pelo que eu disse do que pela demora para puxar a droga do curativo.

— Não — diz ele. — Logo depois que saí da estrada principal, vi outro carro passando. Um Cadillac novinho em folha. Preto, caro. Achei que não combinava com este bairro.

Eu me sinto boba antes mesmo que ele termine de explicar.

— Por isso dei meia-volta, parei na estrada e fiquei vigiando, só para ter certeza.

Eu me lembro do carro agora, o único que passou por mim, que me deixou imensamente nervosa.

Volto a trabalhar para encontrar a bala, tentando ao máximo ser cuidadosa.

— Desculpe — digo.

— Por quê?

Finalmente, vejo a bala no meio do sangue e a extraio com a ponta da lâmina.

— Por acusar você.

A bala cai no chão e uma golfada de sangue sai do ferimento.

— Pegue a gaze — diz ele calmamente, apontando para o rolo na mesa.

Faço o que ele manda enquanto ele derrama mais álcool no ferimento ensanguentado, cerrando os dentes ainda mais do que antes.

Pego a gaze da mesa e abro a embalagem, desenrolando o rolo todo, que mal é o suficiente para dar duas voltas na cintura dele, muito menos o número necessário para ajudar a estancar o sangue.

— Não precisa suturar ou alguma coisa assim? — pergunto.

— Não no momento — diz ele. — Não tenho nada para fazer a sutura. Você vai ter que encher de gaze.

— Mas isso não vai...

— Vai resolver — garante ele, indicando com a cabeça a gaze que estou segurando.

— Acho que Izel se vingou daqueles tiros que você deu nela — digo ao me ajoelhar de novo na altura do ferimento.

— Acho que sim — diz ele. — Use o dedo para enfiar a gaze. Pode apertar com força.

Sem nem pensar no sangue empapando minhas mãos, começo a preencher o buraco com a gaze até que não entra mais nada. Mas vejo agora que realmente não é muito fundo, uns 2 centímetros, no máximo, e parece mesmo pior do que é.

Depois de cortar a sobra da gaze, ele puxa a cueca para cima, logo abaixo da cintura.

— Vou tomar banho — diz ele, indo para o banheiro. — Não abra a porta para ninguém. E fique longe da janela. Obrigado pela ajuda.

— Claro. Às ordens — digo secamente.

Gostaria que ele fosse um pouco mais falante. Vou ter que dar um jeito nisso.

Ele entra no banheiro, e segundos depois ouço a água correndo.

Eu me jogo na cama e ligo a TV, procurando o noticiário local. Quando encontro, não consigo fazer nada além de olhar fixamente a mulher de cabelo preto diante do lugar onde “dez corpos foram encontrados mortos a tiros hoje de manhã”, e o resto do que ela diz desaparece no fundo da minha mente. Dói pensar em Lydia, na maneira horrível como ela morreu. Dói saber que não pude ajudá-la como prometi, e que seus avós logo vão saber de sua morte e ficar arrasados.

A única coisa boa que tiro da matéria é saber que o corpo de Lydia foi encontrado, que não foi abandonado ali para apodrecer e virar pó sem nunca ter sido identificado.

## CAPÍTULO DEZESSETE

### *Victor*

A garota está dormindo quando saio do chuveiro. Apago as luzes do quarto e verifico duas vezes se a porta está trancada antes de parar ao lado da cama dela. Ela está encolhida em posição fetal, com um travesseiro apertado contra o peito. Está imunda e precisando de um banho também, mas estava exausta por tudo o que aconteceu.

Observo o modo como seu cabelo longo e ruivo, embora desgrenhado, emoldura os contornos de seu rosto. Parece em paz deitada ali, inocente. Apesar da exaustão, depois de tudo o que passou, acho interessante que ainda consiga dormir.

Vou precisar arranjar logo umas roupas e sapatos novos para ela.

Com cuidado, cubro seu corpo com a colcha e a deixo em seu sono profundo, me sentando à mesa do outro lado do quarto.

Estou infringindo minhas próprias regras mantendo-a por perto assim. Eu sei que deveria tê-la deixado no estacionamento de trailers e esperado que Javier fosse buscá-la — pois certamente seria um dos primeiros lugares onde ele procuraria —, o que tornaria mais fácil eliminá-la. Mas sinto que estou em dívida com ela, que devo mantê-la viva. Ao menos por enquanto. Ao menos até que Javier Ruiz esteja morto. Ela já viu demais, já sentiu demais. Demonstra todos os sinais de ter perdido a capacidade de reagir de forma adequada ao medo e ao perigo. Está insensível ao perigo, e isso por si só é uma sentença de morte.

Quando isso acabar, vou deixá-la por conta própria de novo. Talvez encontre seu caminho, embora as chances sejam ínfimas. Mas é um risco que preciso correr. Ela não pode ficar comigo muito mais tempo; a vida que eu levo só vai acabar por matá-la.

Faço contato com Niklas através de um link de vídeo ao vivo no meu iPad, usando apenas um dos fones de ouvido, para poder controlar o volume da minha voz ao falar com ele.

— Ela ainda está com você? — pergunta Niklas, incrédulo.

Eu não esperava nada menos, vindo dele.

— Vou me livrar dela depois de eliminar Javier Ruiz — digo. — Por enquanto, preciso dela por perto. Não vou conseguir procurar Javier se ele estiver em movimento, procurando por *ela*.

— Então vai usá-la como isca? — Ele parece mais disposto a aceitar essa possibilidade.

Olho de relance para Sarai para me certificar de que ela não está acordada.

— Sim — respondo, voltando a olhar para ele, mas sinto na hora que estou enganando meu irmão e, por sua vez, meu empregador.

Sou conhecido por assumir o controle das coisas e infringir o protocolo para ter sucesso em uma missão. Com o tempo, minhas decisões baseadas puramente em instintos passaram a ser aceitas e respeitadas por Vonnegut. Porque eu nunca me enganei. Mas infringir o protocolo enganando descaradamente a Ordem é um território novo para mim.

E ainda não entendo completamente por que estou fazendo isso.

— Ótimo — diz Niklas. — Vamos ao que interessa. O último paradeiro conhecido de Ruiz foi perto de Nogales. Ele teve problemas para cruzar a fronteira pelo Arizona, mas finalmente recebeu permissão quando seus agentes infiltrados na polícia de fronteira chegaram para liberá-lo. Acreditamos que ele esteja a caminho de Tucson, se é que já não chegou.

Logo depois, Niklas acrescenta:

— Qual é seu próximo passo? Vonnegut praticamente passou as rédeas desta missão para você. Só o que ele pede são relatórios. E como você pode entender, tenho certeza, ele acha que está demorando demais para terminar. Javier deveria ter sido eliminado ontem, e você já deveria estar em um avião a caminho de sua próxima missão, a esta altura.

— Sei disso — explico. — Mais 48 horas, no máximo, é só disso que preciso.

Niklas aceita, assentindo em resposta.

— Vou levar a garota comigo para Houston de manhã — continuo.  
— Informe o Abrigo Doze da minha chegada.

— Por que o Doze? — Niklas me olha desconfiado. — Você sempre prefere o Abrigo Nove. Doze não é o seu... *tipo*, digamos.

— Não estou indo lá para isso — respondo.

Ele acredita, mas sinto que não necessariamente concorda.

Algo está diferente em meu irmão, como meu contato e meu irmão, e pretendo descobrir o que é.

— Por que ir para Houston, afinal? — pergunta ele, parecendo totalmente irritado com minhas decisões. — Você podia esperar que ele fosse atrás de você e acabar com essa história. Por que, Victor, você está prolongando isso? — A raiva e a frustração aumentam em sua voz.

— Estou levando a garota para lá para mantê-la a salvo — digo, e há mais dúvida do que o suficiente em seu rosto para demonstrar que ele está louco da vida com meu raciocínio. Assim, para o bem de nosso relacionamento, eu acrescento: — Niklas, isto é só temporário, garanto. Você precisa confiar em mim.

— Muito bem — concorda Niklas, controlando sua desconfiança.  
— Vou avisar o Abrigo Doze da sua chegada. Ela estará à sua espera.

E então a conexão em vídeo se desfaz.

Passo o dedo por vários pontos da tela, entrando no sistema operacional do tablet. Digito uma longa série de comandos,

apagando do aparelho qualquer evidência de mensagens e depois causando uma falha no sistema. Passo silenciosamente por Sarai e levo o iPad para o banheiro, apagando minhas impressões digitais de cada centímetro quadrado dele, usando o que restou do álcool de antes. Em seguida, mergulho o aparelho no reservatório da descarga.

Eu me deito na cama ao lado da janela, de costas, olhando para o teto escuro.

— Ele não gosta muito de mim, não é?

Fico silenciosamente espantado ao perceber que ela fingiu que estava dormindo sem que eu percebesse.

Ela *estava* fingindo? Ou estou ficando desconcentrado demais por causa dela?

— Não, não gosta — respondo, sem olhar para ela.

— Mas  *você*  gosta?

A pergunta me desarma.

Ela se levanta da cama e viro a cabeça para olhá-la se aproximar. Sem saber o que fazer, incapaz de interpretá-la porque estou confuso com suas ações, não falo nada. Ela se deita ao meu lado. Seus joelhos estão encolhidos e unidos, as mãos escondidas entre eles, e ela olha para mim.

— Você deveria voltar para sua cama — digo.

— Eu só quero dormir aqui. Não é o que você pensa. Só estou com medo.

— Você não tem medo de nada — digo, voltando a olhar para o teto.

— Engano seu — rebate ela. — Eu tenho medo de *tudo*. Do que o amanhã vai trazer e de não estar viva para ver. Tenho medo que Javier ou qualquer um entre por aquela porta e me mate enquanto durmo. Tenho medo de nunca levar uma vida normal. Nem sei mais como é ser normal.

— Há uma grande diferença entre medo e incerteza, Sarai. Você não tem medo de nada, mas está incerta sobre tudo.

— Como pode acreditar nisso? — Ela parece genuinamente confusa pela interpretação que faço.

Olho para ela e respondo:

— Porque você não procurou a polícia. Porque não fez nenhum esforço para entrar em contato com nenhum conhecido e teve dezenas de chances para isso. Porque você entrou de novo no carro. Comigo. Um assassino. Porque sabe que eu a mataria sem pensar duas vezes e não sentiria remorso, e mesmo assim está deitada ao meu lado. Aqui nesta cama. Sozinha e por vontade própria.

Estendo a mão, pego a arma do chão ao lado da cama e antes que ela perceba o que está acontecendo, o cano está pressionado sob seu queixo, forçando sua cabeça para trás. Pressiono meu corpo ao dela, nossos ombros se tocando, o peso da minha mão segurando a arma contra o peito dela. Meus olhos estudam os dela, a interrogação e a surpresa neles, ainda que tênue. Olho para sua boca, seus lábios macios e inocentes levemente apertados.

Eu me aproximo e sussurro no canto de sua boca:

— Porque você não está tremendo, Sarai. — E então, lentamente, afasto a arma, sem nunca desviar meu olhar do dela. — Não sou Javier — digo. — Você está enganada se acredita que pode me manipular como o manipulava.

Ela parece ofendida; embora isso seja quase imperceptível em seus olhos, eu vejo. É exatamente a reação que eu queria. De que eu *precisava* para saber que minha acusação é falsa.

Sem discutir, ela desvia o olhar e se vira para o outro lado. Não se levanta e não volta para sua cama.

E eu não a obrigo.

— Eu não estava com Javier porque queria — diz ela, de costas. — Não tenho nenhum motivo para manipular você.

Um minuto de silêncio se passa; somente pés se arrastando pelo corredor acarpetado lá fora o perturbam.

— Fico feliz por você ter voltado — diz ela, com ternura. — E, Victor... preciso lhe dizer, eu menti os últimos nove anos da minha

vida. Tudo o que falei, fiz e expressei era mentira. Gosto de pensar que agora já domino essa arte. — Ela faz uma pausa, e eu não preciso me perguntar por muito tempo aonde ela quer chegar com isso. — Notei que toda vez que você fala com aquele homem, Niklas, sobre mim, está mentindo para ele. — Ela vira a cabeça para trás para me olhar. — Obrigada por me ajudar.

E então ela se vira de novo e não me diz mais nada pelo resto da noite.

## *Sarai*

Pela manhã, acordo enrolada no lençol, no meio da cama de Victor.

Queria saber se ele dormiu aqui.

— Vamos — diz ele, de algum lugar atrás de mim. — Temos duas horas antes do horário do nosso voo, e você precisa de roupas novas.

Eu me viro e o vejo de pé no quarto, completamente vestido, em seu terno e sua camisa branca ensanguentada, esperando por mim.

Olho para a camisa enfiada na calça, vendo uma mancha de sangue.

— Não sou só eu que preciso de roupas novas.

Vou até ele e estendo a mão para levantar sua camisa, mas ele fecha um botão do paletó e esconde a evidente mancha vermelha no tecido branco.

— Como está se sentindo? — pergunto, só um pouco magoada por ele me ter negado a oportunidade de examinar seu ferimento.

— Ótimo.

— Mas você precisa pelo menos trocar aquela gaze.

— Eu sei — diz ele despreocupadamente. — Vou cuidar disso quando chegarmos a Houston.

Vamos até uma loja de departamentos próxima, onde ele estaciona e sai do carro. Fico sentada, supondo que ele não me obrigará a entrar descalça e do jeito que estou.

Antes que ele feche a porta, digo:

— Acho que preciso lhe dizer meu tamanho.

Ele fecha a porta sem me deixar terminar e dá a volta até meu lado, abrindo a porta e esperando por mim.

— Você veste 40 — diz ele, me surpreendendo. — Agora saia do carro. Não pode ficar aqui fora sozinha.

— Também não posso entrar lá. — Aponto para meus pés descalços, que agora estão com as solas pretas de andar sem sapatos desde ontem. — Eu estou descalça. Não atendem gente sem camisa e sem sapatos.

Parecendo aborrecido comigo, Victor me pega pela mão e me puxa para fora do carro.

Eu mal protesto.

Só ficamos na loja uns 15 minutos antes de voltarmos para fora, eu com uma calça de ginástica cinza, uma camiseta branca lisa e tênis de corrida. Ele também me deixa pegar uma embalagem de meias brancas soquete e meia dúzia de calcinhas brancas de algodão. O tempo todo eu tinha a sensação de estar esquecendo alguma coisa, mas foi só quando já estávamos de volta ao carro que lembrei: deveria ter comprado um sutiã. Tem tanto tempo que não tenho um que realmente esqueci que faz diferença.

Eu esperava chegar a um aeroporto normal e pegar um voo comercial, mas em vez disso vamos para um lugar em Green Valley e embarcamos em um jato particular. Percebo que isso faz sentido, já que naturalmente ele não passaria pela segurança de nenhum aeroporto com uma mala cheia de armas, uma bolsa com um monte de dinheiro e outra cheia até a boca de objetos suspeitos.

No avião minúsculo, Victor me presenteia com minha própria carteira de habilitação falsa; parece tão autêntica que facilmente passaria pelas que são expedidas pelo Departamento de Trânsito. Penso em onde ele conseguiu aquilo, mas não pergunto, concluindo que hoje mais cedo, antes de partirmos, ele deve ter descido até a recepção do hotel para pegar uma "encomenda".

Hoje sou Izabel Seyfried, 20 anos, de San Antonio, Texas.

E a fotografia, nem sei ao certo como ele tirou, mas com certeza sou eu, e tão recente que estou vestindo o mesmo top imundo de quando fugi da fortaleza. O fundo original da foto foi removido e substituído pelo monótono fundo azul do Departamento de Trânsito, então também não faço nem ideia de onde eu estava quando ele tirou a foto. Não sei, mas tenho uma carteira de habilitação, e para mim isso basta.

— O lugar aonde estamos indo — diz Victor — é seguro, mas a mulher que mora lá não pode saber seu nome verdadeiro. Ninguém pode saber, daqui por diante. Vou chamar você de Izabel e você precisa reagir a esse nome com a mesma naturalidade que reagiria ao seu.

— Tudo bem — concordo. — Quem é essa mulher?

— Ela é uma espécie de... associada. Mais como um contato, na verdade.

— Mas se ela é uma de vocês, por que vai mentir para ela? — pergunto, confusa.

Ele toma um gole d'água e deixa o copo na mesinha que sai da parede do avião, sob a janela de formato elíptico.

— É só uma precaução — diz ele, voltando a apoiar a cabeça no encosto. — Quando uma pessoa é procurada por muita gente rica, praticamente qualquer um pode ser influenciado.

Levanto as costas do assento.

— Espere aí, o que está dizendo? Você acha que todo mundo sabe que eu fugi de Javier?

— Não recebi nenhuma confirmação disso, mas é melhor estarmos preparados.

Como se eu já não estivesse tensa o suficiente...

## CAPÍTULO DEZOITO

### *Sarai*

Nosso voo pousa em Houston pouco depois do meio-dia e há um carro azul comum — parece o que minha mãe dirigia — nos esperando lá fora. Victor pega as três bolsas e as coloca no porta-malas. Concluo que a mulher que está dirigindo deve ser o contato. Mas ela parece tão comum quanto seu carro. Eu esperava mais sofisticação, como Victor, com seu terno preto e seus sapatos caros, mas na verdade ela se parece mais comigo.

— Não vejo você há anos — diz a mulher, depois que Victor se acomoda no banco da frente. Eu me sento atrás dele.

— É, faz um tempo, sim — responde Victor.

Quando a mulher sorri para ele, rugas profundas se formam em volta dos cantos de sua boca. Ela é loura, e sua idade aparece principalmente no cabelo, a julgar pela quantidade de fios grisalhos. E ela é bem mais velha que Victor, uns dez anos, no mínimo. Mas é muito bonita e asseada, e fico constrangida ao me comparar com ela, no meu atual estado.

Nós nos afastamos do edifício perto da pista de pouso particular e vamos para a rodovia.

— Eu me pergunto o que foi que lhe trouxe para minha vizinhança — acrescenta ela. Então se vira e me olha rapidamente. — E quem você trouxe junto? Que menina linda. Tenho a sensação de que ela não é...

— Não, não é — interrompe Victor.

*Eu não sou o quê, exatamente?*

Então ele começa a falar com ela em francês.

*Espanhol, alemão, francês? Quantos idiomas esse cara fala?*

Odeio não entender o que eles estão dizendo, mas sei que estão falando de mim. A mulher me olha pelo retrovisor algumas vezes, com um sorrisinho sagaz curvando os cantos dos lábios. Mas até em uma língua que não entendo, percebo que ele não está sendo completamente sincero com ela. Ou talvez não perceba. Talvez seja só porque sei, bem no fundo, que não tenho nada com que me preocupar com relação a Victor.

Esse fato me surpreende mais a cada dia.

— Prazer em conhecê-la, Izabel — diz ela.

Sorrio discretamente para ela, e decido que, como não faço ideia do que Victor acaba de lhe contar a meu respeito, é melhor não falar muito, para não entrar em contradição com ele.

Muitos minutos depois, paramos na entrada de uma casinha humilde situada perto de outras casas similares. Dois meninos passam voando de bicicleta quando saímos do carro. Do outro lado da rua, um homem está lavando seu carro. A mulher que nos acompanha levanta a mão e acena para ele, que acena de volta. É um bairro bem típico, como aqueles onde todos os meus amigos da escola moravam quando eu era mais nova, e que eram mais respeitados pelas garotas populares do que um estacionamento de trailers.

A mulher abre o porta-malas apertando um botão no interior do carro e eu vou para perto de Victor enquanto ele pega as malas. Mas não tenho a oportunidade de lhe perguntar discretamente o que ele falou, porque ela se junta a nós segundos depois.

— Vão ter que me desculpar pela bagunça — diz ela, mexendo nas chaves; está com uma bolsa pendurada no outro ombro. — Eu fiz faxina, mas se eu tivesse alguns dias a mais para me preparar, teria contratado um serviço profissional de limpeza. — Ela nos

convida a segui-la com um gesto. — Podem entrar. Quanto mais tempo ficarmos aqui fora, mais minha pobre Pepper vai destruir as persianas.

Ouçõ o latido abafado de uma cachorrinha pelo vidro de uma janela lateral quando chegamos à porta sob o toldo que serve de garagem. As persianas se agitam por baixo da cortina. Há outro carro estacionado sob o toldo, mas é velho e parece que está parado ali há vários anos. Quando ela abre a porta, o cheiro de comida, comida *deliciosa*, instantaneamente faz meu estômago roncar e doer.

— O almoço está pronto — avisa a mulher, nos levando para a cozinha. Ela deixa a bolsa no balcão; sua barulhenta cadelinha da raça lulu-da-pomerânia já está nos rondando, decidindo que perna deve cheirar mais: a minha ou a de Victor. — Podem se sentar — diz ela, indicando a mesa da cozinha.

Sem que ela precise dizer duas vezes, eu me sento na cadeira mais próxima, onde um prato vazio me espera.

Victor se senta ao meu lado.

A mulher se aproxima saltitando, com uma vasilha de cerâmica repleta de purê de batata em uma das mãos e um prato cheio de frango frito na outra, colocando tudo diante de nós. Depois ela traz uma tigela pequena de milho e uma cesta com pãezinhos.

Desconfortável de me servir primeiro, espero para ver se Victor vai pegar alguma coisa antes.

— O que querem beber? — pergunta a mulher. — Tenho refrigerante, chá, leite e limonada.

— Água está ótimo — diz Victor, e então olha para mim, indicando casualmente a comida com a cabeça, me autorizando a começar a encher meu prato. — Da torneira — acrescenta ele no último instante.

Eu me sirvo do frango primeiro, pondo um pedaço no meu prato com o pegador.

— Também quero água — digo, olhando para ela enquanto coloco uma coxa de frango no prato. — Obrigada.

Ela sorri com ternura e dá a volta no balcão para ir até a geladeira e começar a preparar nossos copos, dando uma bronca na cadelinha, que sai marchando da cozinha e se afasta de nós.

Quando ela volta com os copos, Victor e eu já pusemos toda a comida que queremos nos pratos.

Ela deixa os copos na nossa frente.

Agradeço de novo e, já me sentindo mais à vontade para “começar primeiro”, pego a colher para comer, mas Victor me impede, pondo dois dedos no meu pulso e baixando minha mão de volta à mesa. Meu rosto fica vermelho e eu baixo o olhar, torcendo para que a mulher não ache que tenho os piores modos do mundo à mesa. Imagino que ela seja do tipo religioso, que precisamos dar as mãos ao redor da mesa constrangidamente enquanto ela fala com Jesus e lhe diz como estamos gratos por esta comida, pelos soldados, aquela coisa toda.

— Ah, Victor — diz ela em tom brincalhão —, você só pode estar brincando.

Ele não diz nada.

Olho para ele à minha direita, franzindo o cenho. Talvez seja *ele* que esteja querendo rezar.

*Claro que não...*

A mulher suspira e revira os olhos um pouco ao tirar o prato da minha frente.

Agora estou completamente confusa. Pouso as mãos no colo sob a mesa, porque não sei ao certo o que fazer com elas.

Eu me viro para Victor, momentaneamente perdida nas profundezas misteriosas dos olhos dele sob a luz brilhante da luminária acima do meio da mesa. Engulo em seco, nervosa, e volto à realidade quando ouço a voz da mulher de novo:

— Ele não confia em ninguém — me diz ela enquanto pega um pouco do purê do meu prato e enfia na boca. Ela aponta a colher

para mim e continua, com a boca cheia: — Nunca confiou. Mas é de se esperar. — Ela engole. — E totalmente compreensível, considerando seu ramo de trabalho e tudo o mais.

Seus olhos vão para os de Victor, e de repente ela muda de assunto como se ele tivesse lhe lançado algum olhar secreto de aviso antes de eu me virar para olhá-lo também.

— De qualquer forma — continua ela, agora dando uma mordida no meu frango —, vocês dois podem ficar aqui pelo tempo que precisarem. O quarto de hóspedes fica no fim do corredor.

Ela come um pouco do meu milho e do meu pãozinho, tomando por fim um pouco de chá para a comida descer. Em seguida, me devolve o prato. Eu hesito em pegá-lo, passando os dedos na borda e me sentindo mal de comer alguma coisa onde ela acaba de enfiar sua colher duas vezes.

Victor empurra seu prato para ela, que faz o mesmo com a comida dele.

Fico preocupada com o fato de que, na casa de um de seus contatos, ele ache necessário que ela experimente a comida primeiro como prova de que não está envenenada. Por um momento penso na nossa água, mas entendo que deve ter sido por isso que ele pediu da torneira. Ele estava observando cada gesto que a mulher fazia o tempo todo enquanto eu estava metaforicamente babando pela minha primeira refeição caseira desde a época em que eu frequentava a casa da sra. Gregory.

Victor assente para mim, avisando que já posso comer. E não penso mais na troca de germes e mando tudo para dentro.

A mulher, cujo nome descubro que é "Samantha", é quem mais fala pelos trinta minutos seguintes enquanto comemos. De vez em quando Victor faz um comentário aqui e ali, mas acho que a disposição dele para conversar com ela é até menor do que era comigo ou com Niklas. Mas ela não parece se importar. Aliás, aceita isso melhor do que eu aceitaria. Se os dois estivessem em um encontro agora, já estaria óbvio para todos no restaurante que ele

não está nem um pouco a fim dela e que ela está completamente alheia a esse fato. Mas isto não é um encontro, e tenho a sensação de que sou a única presente alheia ao que está acontecendo.

Minha teoria é confirmada quando, depois do almoço, as coisas entre os dois começam a... mudar.

— Vocês vão dividir a cama? — pergunta ela da porta do quarto de hóspedes.

Só tem uma cama no quarto. É algo que estou me perguntando desde que cheguei.

— Se não — continua ela, olhando para Victor de um jeito que talvez não esperasse que eu notasse —, posso fazer a cama para um de vocês dois no sofá.

— Não vai ser necessário — responde Victor, e não sei por que, mas meu coração pula no peito. — Eu não vou dormir.

Então meu coração volta ao normal. Normal chato, sem palpitação.

Samantha parece contente.

E por algum motivo, instantaneamente sinto... ciúme.

Tento me familiarizar com essa emoção insensata e absurda que acaba de se infiltrar em minha cabeça e me obrigo a repeli-la. Começo a olhar objetos ao acaso no quarto: a colcha cor creme sem graça que cobre a cama de casal, o conjunto de cômoda e gaveteiro em paredes opostas, o grande baú de carvalho no pé da cama com um cavalo entalhado na lateral, a janela com cortinas brancas igualmente sem graça, onde um colar de contas de alguma espécie está pendurado em uma das pontas do trilho.

— Tudo bem, então — diz ela, parada na porta, com as mãos cruzadas diante de si. — Fiquem à vontade. E, Victor... — ela olha para um ponto abaixo de sua cintura — quando estiver pronto para suturar isso, sabe onde me encontrar.

— Irei em breve — diz Victor, e então ela sorri educadamente para nós dois e sai para o corredor, nos deixando a sós no quarto.

— Por que mesmo a gente está aqui?

Victor abre a maleta de armas na cama e tira duas pistolas pretas reluzentes. Ele enfia uma sob o colchão e deixa a outra em uma mesinha no canto do quarto. Então abre o armário, pegando um terno novo depois de afastar vários outros pendurados em cabides. Primeiro a calça, depois uma camisa de mangas compridas e, finalmente, um paletó combinando.

— Você vai ficar aqui — diz ele — até eu matar Javier. Esta noite vou voltar para Tucson, ou para onde quer que Javier tenha sido visto pela última vez, e então vou achá-lo e matá-lo.

— Mas por que Houston? — pergunto, me sentando na beirada da cama. — Não tinha um... “abrigo” no Arizona, em um lugar mais perto? Sabe, talvez você devesse ter me usado como isca, no fim das contas. Eu poderia ajudar. É provável que quem está me procurando vá primeiro onde eu morava, perto de pessoas que eu conhecia. — Faço uma pausa, pensando comigo mesma em como estou feliz que a sra. Gregory não more mais ali.

— Tem razão — diz ele. — E é por isso que provavelmente vou voltar direto para Tucson. Já vi onde você morava, e onde a mulher com a qual você passava a maior parte do tempo morava. Quando levei você lá, ontem à noite, você já me ajudou me mostrando exatamente onde Javier pode ser encontrado. Não há necessidade de arriscar mais sua vida ficando lá.

— Então você *tinha* outras intenções quando me levou para casa — digo, me sentindo muito pequena agora. — Você só queria ver o lugar.

Victor balança a cabeça e fecha a primeira gaveta da cômoda. Ele se vira para me olhar, e algo pouco familiar está evidente em seus olhos azul-esverdeados.

Um longo suspiro sai de suas narinas.

— Levei você para lá porque era o que você queria — diz ele, indo para a porta com todas as roupas cuidadosamente dobradas no braço.

— Mesmo sabendo que eles voltariam lá para me procurar?

Ele para na porta, de costas para mim, com os dedos na maçaneta, pronto para abri-la. Sua cabeça se levanta um pouco e seus ombros afundam.

Instantaneamente, sinto que o ofendi.

— Vou usar o chuveiro no quarto de Samantha — diz ele, e isso me incomoda. — É melhor você se lavar e vestir suas roupas novas.

E então ele sai, me deixando completamente sozinha ali.

## CAPÍTULO DEZENOVE

### *Sarai*

Em vez de tomar uma ducha, fico de molho em um banho de banheira quente e demorado. Meus músculos estão doendo horrores, e logo depois de entrar na água comecei a sentir os pequenos arranhões e cortes por todo o corpo, que não havia notado antes. Fico surpresa de ter escapado sem nenhum ferimento a bala.

Quando saio da banheira, me sinto mais limpa do que nunca, agora que tenho roupas novas para vestir e pude me depilar. Victor me disse, na loja de departamentos, que eu podia pegar o que quisesse e que o preço não importava, bastava que eu fosse rápida. Escolhi a roupa mais fora de moda e informal que encontrei. Porque não ligo para moda e, sinceramente, nem lembro quando foi a última vez que algo assim me importou.

Depois de me vestir, prendo o cabelo úmido em um rabo de cavalo e remexo nas coisas que estão na pia do banheiro. Desodorante, pasta e escova de dentes, vários potes de hidratante e outros cremes sortidos estão arrumadinhos na frente do espelho. Tudo é novo, e não há como saber há quanto tempo está ali, esperando que uma hóspede como eu aparecesse e usasse. E uso mesmo, começando pelo desodorante, um luxo que raramente existia na fortaleza. Javier, a maior parte do tempo, se empenhava para que eu tivesse artigos de primeira necessidade e coisas legais,

mas deixava que Izel cuidasse das compras, e como ela me desprezava imensamente, fazia questão de se esforçar para comprar os produtos mais baratos e imprestáveis que encontrava. Quando o assunto era desodorante, o melhor que já recebi foi uma marca estranha de roll-on que deixava pontos vermelhos e inflamados nas minhas axilas.

Escovo os dentes e até uso fio dental pela primeira vez em anos, e então me vejo na frente do espelho, com o olhar vazio. Eu não me vejo, na verdade, mas penso em Victor e no que ele estará fazendo no quarto de Samantha. Imagens explícitas de Victor comendo Samantha surgem em minha mente, e isso me perturba mais do que quero admitir.

Não posso me sentir realmente atraída por um homem como ele, posso? Um homem que matou sabe-se lá quanta gente. Não importa que eu me sinta a salvo com ele, ou que confie nele; a verdade é que ele é o que é, e eu seria idiota se achasse que ele não me mataria se considerasse isso de alguma forma necessário.

Mas eu me *sinto* atraída por ele. *Tenho* sentimentos estranhos e pouco familiares por ele.

E *odeio* isso!

Balanço a cabeça, com raiva de mim mesma, finalmente notando meu reflexo. A região em volta do meu olho direito está amarelada por um hematoma. Meus lábios estão ressecados e rachados. Há um pequeno corte em cima do osso da minha sobancelha esquerda. Pareço cansada e... usada.

Somente o som de algo caindo no chão em outro quarto, no fim do corredor, me desperta do meu autodesprezo.

Primeiro abro uma fresta da porta do banheiro para espiar o corredor. Ouço a voz de Samantha, mas não consigo entender o que ela está dizendo. Finalmente, saio do banheiro, ando em silêncio pelo corredor até o quarto dela, na ponta dos pés sobre o carpete, o mais cuidadosamente possível. A porta está fechada, por isso encosto o ouvido na madeira e tento escutar, mas, assim que faço

isso, a porta se abre um pouco, rangendo, e meu coração afunda até o estômago. Fecho os olhos com força e prendo a respiração até perceber que não fui flagrada.

Eu não deveria fazer isso, penso, mas não consigo evitar.

Olho dentro do cômodo pouco iluminado. Um aparelho de TV está ligado, mas está muito baixo ou sem som, seu brilho fornecendo a maior parte da iluminação do quarto. Vejo a camisa ensanguentada de Victor e o resto de seu terno jogados em um cesto de roupa suja encostado na parede, perto do banheiro. Aquela porta também está entreaberta.

Abrindo a porta do quarto um pouco mais, só o bastante para me espremer e passar, entro no quarto de Samantha. E cada passo que dou faz com que eu me sinta mais transgressora e mal-educada. Mas eu preciso saber. Porque a ideia de os dois juntos está me torturando. Talvez mais tarde eu tente entender o motivo. No momento, só quero saber.

Atravesso o quarto e vou até a porta do banheiro, onde espero do lado de fora, o coração pulando no peito, temendo ser flagrada bisbilhotando. Quando alguns segundos se passam e Samantha fala de novo, me sinto segura o suficiente para espiar e ver melhor, só torcendo para que a penumbra do quarto me ajude a não ser vista.

## *Victor*

Estou de pé com as mãos apoiadas na pia, uma toalha enrolada na cintura, logo depois de tomar banho. Olho o espelho em cima da pia, virando o queixo para um lado e depois para o outro, me perguntando se deveria fazer a barba, mas decidindo não fazer. Samantha está sentada na tampa da privada, com agulha e linha cirúrgica em uma das mãos, pronta para me costurar.

— Você vai tirar essa toalha? — pergunta ela. — Não posso fazer isso com esse negócio por cima. E não tem nada aí que eu já não tenha visto.

Começo a tirar a toalha quando ela diz isso, mas então percebo um som, como de alguém inspirando rapidamente, tão fraco que fico surpreso por tê-lo ouvido. Olho pelo espelho para atrás de mim, para a porta, e não vejo nada, mas sei que Sarai está do outro lado.

— Victor? — apressa Samantha, irritando-se com minha reação demorada.

— Não — respondo finalmente, me virando para deixar o lado onde está o ferimento de frente para ela. Posiciono a toalha estrategicamente no meu quadril para que ela tenha acesso, prendendo-a com firmeza do outro lado para que fique no lugar.

— Já que insiste — diz Samantha, começando imediatamente a trabalhar.

Sinto a agulha entrar uma vez e cerro os dentes por um momento, até a dor diminuir.

— Você nunca me disse por que parou de vir para cá — diz Samantha.

— Foi melhor assim.

— Besteira. Foi alguma coisa que eu fiz, ou disse, ou talvez alguma coisa que *não* fiz. Eu só queria saber. Sem ressentimentos. Sem constrangimento. Só responda à pergunta que está me infernizando há dez anos. Eu mereço isso.

Depois da segunda passagem da agulha através da pele, não sinto mais dor.

— Eu a respeitava — explico. — Não achava certo continuar usando. você.

— Querido, você sabe que não era assim. — Ela olha para cima e sorri brevemente para mim. — Eu não me importava; caramba, eu gostava.

— Mas *eu* me importava.

Samantha enfia a agulha de novo, sempre com cuidado. Então balança a cabeça.

— Eu queria saber como você faz esse trabalho, com a consciência que tem. Acho que você é a única pessoa que tem uma consciência capaz de fazer isso.

— Bem, não foi nada que você tenha feito ou deixado de fazer — digo, evitando completamente responder ao comentário. — Portanto, espero ter respondido o suficiente para satisfazê-la.

— Para de ser tão técnico comigo, Victor. Você sabe que eu odeio isso.

Samantha se levanta da privada e pega o iodo, derramando um pouco em um pano. Ela pressiona o pano em volta e no ferimento suturado.

— Ouvi dizer que você começou a ficar no Abrigo Nove, em Dallas, quando vinha para estes lados — continua ela, e posso prever aonde quer chegar com o assunto. — É porque ela é mais nova do que eu? Quer dizer, entendo perfeitamente. Eu *estou* ficando mais velha, admito.

É exatamente o que previ que ela iria dizer.

Suspiro e me apoio na pia, cruzando os braços. Ela tira um pedaço grande de gaze de um pacote para prepará-lo.

Eu a encaro, esperando dizer o que quero sem colocá-la contra mim. Não vou deixar Sarai a sós com ela se ela acha que a troquei pelo Abrigo Nove por um motivo absurdo como sua idade. Samantha é uma assassina. E uma mulher que se sente rejeitada e que também é assassina é uma combinação fatal.

— Escolhi a Nove porque ela é uma piranha e se orgulha disso — digo, falando a verdade como precisa ser dita para que ela entenda. — Eu não conseguia usar você como ela me deixa usá-la. Porque você era, e ainda é, minha amiga. Espero que entenda.

Ela ri baixinho.

— Você não tem amigos, Victor.

Seu olhar passa por mim quando ela coloca a gaze no ferimento e aperta duas tiras de esparadrapo nas bordas. Então ela se levanta e me olha com pensativos olhos verdes. Sinto nos olhos dela a mesma coisa que sempre sentia quando vinha para cá, quando dormia com ela. Que ela podia se apaixonar por mim se eu deixasse chegar a esse ponto. Samantha começou a se envolver demais, e eu não podia deixar que isso acontecesse. Sempre foi boa comigo. Era diferente das outras, que eram mais parecidas comigo e só estavam interessadas em sexo. Porque qualquer coisa além disso não só é imprudente, perigosa e idiota, mas também completamente inaceitável.

— Quem acha que está enganando, Victor? — pergunta ela, com um sorriso brincalhão mas inofensivo.

Cubro completamente meu quadril com a toalha, prendendo-a na cintura.

— Como assim? — pergunto, olhando-a com curiosidade.

Samantha começa a recolher os retalhos de gaze do balcão, jogando água da pia para lavar o sangue e o iodo.

— Aquela garota no fim do corredor — diz ela. — Izabel. Claro que ambos sabemos que esse não é o verdadeiro nome dela, mas,

de qualquer forma, que diabos você está fazendo com ela?

Ela joga um punhado de lenços de papel ensanguentados no cestinho de lixo ao lado da privada.

— Já falei — digo. — Só a estou usando até eliminar meu alvo. Depois disso, ela estará por conta própria.

Eu nunca conseguiria enganar Samantha completamente, mas o que me surpreende mais no momento é que ela parece saber o que está acontecendo comigo até melhor do que eu mesmo. E não gosto dessa ideia.

Olho para a porta do banheiro, a poucos metros, me perguntando se Sarai continua escondida ali, ouvindo tudo o que dizemos. Eu sei que ela está. Posso sentir. Mas Samantha precisa parar. Agora. Porque não posso permitir que ela encha a cabeça de Sarai com coisas que podem confundi-la. A garota já está confusa o suficiente.

— Preciso me vestir — digo, na esperança de evitar que ela prossiga com o assunto. Estendo a mão para pegar a cueca limpa pendurada ali perto, mas Samantha se coloca na minha frente.

Ela cruza os braços, e o sorriso que exibia antes foi substituído por determinação.

— Você não pode fazer isso. Sabe que não.

Passo o braço em volta dela e pego a cueca, deixando a toalha cair no chão e vestindo-a.

— Victor — insiste ela —, você não pode ser o herói. Nem para ela, nem para mais ninguém. Você *sabe*. O que está fazendo, o que está *sentindo*, só vai levar você à morte.

Tiro os polegares do elástico, deixando-o estalar na minha pele, e faço Samantha se calar com um olhar duro.

— Você está muito enganada, Sam — digo, os olhos fixos nela. — Você acha que sinto algo por ela porque estava acostumada a achar que eu sentia algo por *você*. — No mesmo instante, me arrependo do que disse.

Samantha me olha com frieza, afundando agressivamente os dedos nos próprios braços.

— O que você está dizendo? Isso é o que você pensa que eu... — Ela não consegue mais me olhar e desvia os olhos para o chuveiro. Porque ela sabe que tenho razão. Eu não deveria ter dito isso, mas ela não pode negar a verdade.

Finalmente, ela me olha de novo, com mágoa e confissão no rosto.

— Tem razão — diz ela. — Sempre pensei em você assim. Interpretei errado o que acontecia entre nós e enxerguei algo que não existia.

Fico em silêncio para que ela possa terminar, mas parece que ela já acabou.

— Lamento de verdade por tudo o que fiz a você — digo, com total sinceridade.

Ela balança a cabeça loura e grisalha.

— Não, Victor, você fez tudo certo. Viu que eu estava começando a ter sentimentos por você antes que eu mesma percebesse, e fez a coisa certa.

Seguro seus cotovelos e ela relaxa um pouco.

— Espero que...

Quando ela descruza os braços, minhas mãos caem.

— Victor — diz ela, erguendo as mãos entre nós —, por favor, não se desculpe por não sentir por mim a mesma coisa que eu sentia por você. Isso não é algo que se pode controlar, eu sei. E espero que acredite quando digo que você pode confiar em mim *sempre*. Você é a única pessoa da Ordem em quem confio e que posso realmente chamar de... meu amigo.

— Pensei que você tivesse dito que eu não tenho amigos. — Sorrio fracamente.

Relaxando um braço no peito, ela bate no meu ombro com o outro.

— Tudo bem, talvez você só tenha a mim — diz ela, também sorrindo. Mas então fica séria de novo. — E como sou sua única amiga, você precisa confiar em mim, me *ouvir* quando digo que o

que está fazendo com essa garota vai acabar com você exilado, morto, ou as duas coisas.

Começo a abotoar a camisa.

Eu esperava que ela esquecesse por completo o assunto, especialmente para o caso de Sarai ainda estar escutando no quarto, embora eu tenha a estranha sensação de que ela não está mais, e isso me acalma um pouco.

— Não estou fazendo nada além de mantê-la a salvo até que tudo isto acabe — insisto. — Ela merece uma chance de ter uma vida normal, depois de tudo o que passou, e eu decidi, em algum momento, que tentaria dar isso a ela.

Visto minha calça preta, enfiando a camisa na cintura. Samantha tira minha gravata do cabideiro na parede e a passa por trás do meu pescoço.

Ela suspira.

— Está bem — diz, se rendendo —, mas me diga uma coisa, e seja sincero com  *você mesmo*  antes de responder... — Ela hesita, os dedos parados ao redor da gravata. Eu balanço a cabeça. — Desde que vocês estão juntos, você se convenceu de que ela vai ser diferente do que você se tornou anos depois de ter sido levado pela Ordem?

Sua pergunta me causa um espanto silencioso. Eu realmente não a esperava.

— Até eu percebo isso, Victor, e só passei uma tarde com ela, portanto sei que você também percebe.

Agora sei a que ela se refere, mas ainda estou chocado demais pela revelação para comentá-la. Samantha nota isso, minha necessidade de ouvir dos lábios de outra pessoa o que já sei ser verdade. Inconscientemente, preciso dessa confirmação.

— Eu sei que você não pode me dizer nada sobre de onde ela veio, de quem está fugindo ou quanto tempo ficou com as pessoas das quais está fugindo, mas, a julgar pelo que vejo nela agora, posso afirmar duas coisas. — Ela endireita minha gravata já

amarrada e baixa uma das mãos enquanto me mostra dois dedos com a outra. — Primeira — começa ela, abaixando um dedo —, ela já está tão anestesiada para o que é normal que talvez nunca consiga levar uma vida normal. Ela sabia que eu estava provando a comida dela porque você queria ter certeza de que não estava *envenenada*, mas isso não a abalou. Ela se sentou à mesa conosco, devorando aquele almoço como se fôssemos uma simples família de três pessoas fazendo o lanche da tarde em um bairro residencial.

Ela recosta no balcão, cruzando os braços.

— E segunda — continua ela —, para ela ter ficado desse jeito, eu sei que deve ter sido uma prisioneira, escrava sexual ou sabe Deus o quê por vários anos, não menos do que cinco. E se ela é tão jovem, quantos anos tem, 23, 24? — Samantha gesticula um pouco com a mão à sua frente. — Significa que ela devia ser muito novinha quando foi capturada. *Como você*. E nós dois sabemos que quanto mais nova a pessoa, mais fácil é transformá-la no que alguém quiser que ela seja. Assim como você.

Cada palavra que Samantha diz é verdade, e eu sei disso. Sei disso melhor do que ninguém.

Visto o colete por cima da camisa e da gravata e fecho os quatro botões.

— Ela está no meio-termo — digo. — Pode ir para qualquer um dos lados, e as chances são iguais nos dois. E ela é bem forte. E inteligente. — Por fim, eu visto o paletó. — Só estou dando a ela sua primeira e única chance. A direção que vai seguir a partir daí é decisão *dela*. E eu não vou estar presente para ver. Ela estará sozinha.

Samantha inclina a cabeça. É provável que não acredite completamente em mim, mas seu estoque de avisos se esgotou, enfim.

Ela se aproxima com o mesmo sorriso doce e sedutor que sempre usava minutos antes que eu a possuísse, no passado. Para bem na minha frente e seus dedos deslizam pelo tecido do meu paletó.

Apoia as mãos nos lados do meu pescoço, roçando de leve minha pele.

— Um último beijo — diz ela, me olhando nos olhos —, pelos velhos tempos. Só quero me sentir jovem de novo, como sempre me sentia quando você vinha me visitar.

Levanto as mãos e seguro seu rosto, beijando sua testa lentamente primeiro.

— Você ser mais velha do que eu nunca importou, Sam. Você continua tão sexy hoje, para mim, quanto era dez anos atrás. — E então encosto os lábios nos dela, passando a ponta da língua suavemente por seu lábio inferior e depois em sua boca.

## CAPÍTULO VINTE

### *Sarai*

Eles estão no banheiro há um tempão. Mas não é da minha conta o que fazem. Saí do quarto pouco antes que Samantha começasse a suturar Victor, determinada a ser mais sensata e esquecer o assunto. Sinto que deveria ter ficado pelo menos para saber sobre o que conversaram, já que tenho certeza de que em parte era sobre mim, e tenho o direito de saber, mas era intromissão demais. E admito que não queria vê-los juntos.

Apesar de sentir algum ciúme de Victor, o que percebo que é natural, dada a situação extraordinária na qual fui jogada com ele, sei que ele jamais se interessaria por alguém como eu, nem por qualquer uma, na verdade.

Exceto Samantha e outras como ela, imagino.

Apesar da diferença de idade, sei que eles já tiveram um relacionamento íntimo. Eu a ouvi dizer isso pouco antes de sair do quarto e gosto de pensar que sou esperta o suficiente para deduzir o resto da situação sozinha, sabendo o pouco que sei. Qualquer que tenha sido o relacionamento dos dois no passado, sinto que, embora ela seja atraente e obviamente uma mulher boa e inteligente, provavelmente não eram essas qualidades que o traziam aqui. E também não era só o sexo. Era porque Samantha sabia desde o começo que nunca seria nada além de sexo.

Não sou especialista, mas é nisso que acredito, no fundo. Samantha é *como* ele, talvez não exatamente no papel que desempenha no mundo secreto de crime, perigo e morte dos dois, mas ela sabe que ele é disciplinado e frio demais para se envolver.

Victor, provavelmente, jamais poderia confiar em alguém “de fora”. E se eu me comparar com os dois, sou a personificação desse fora.

Olho para a janela com cortina no quarto de hóspedes onde Victor me deixou mais cedo. Está escuro como breu, embora ainda não sejam nem nove da noite. Eu me deito no meu lado da cama, com um braço dobrado debaixo do travesseiro. Meus pés estão gelados, mas não quero me levantar e abrir o pacote de meias que Victor comprou para mim, por isso junto os pés e os enfio debaixo do cobertor.

Victor entra no quarto. Ele deixa a porta aberta para que entre um pouco de luz do corredor, em vez de acionar o interruptor. Acho que pensou inicialmente que eu estava dormindo.

Está sofisticado dos pés à cabeça, mais do que jamais o vi, e não consigo deixar de admirar sua beleza perigosa do outro lado do quarto. Sua silhueta alta atravessa a faixa de luz da porta e mergulha na sombra quando se aproxima da cama onde estou deitada.

— Você está indo embora, não está?

— Sim — diz ele, se sentando ao meu lado, com as costas retas e as mãos apoiadas nas pernas.

— Você vai voltar?

Ele leva um momento para responder. Mantém os olhos na janela à sua frente.

— Acho que é melhor que eu não volte — diz ele.

Meu coração falha. Engulo em seco.

— Quando Javier estiver morto, Samantha vai levar você aonde precisar ir, ou então mando Niklas buscá-la.

O fundo da minha garganta está começando a arder, e o alto do meu nariz, bem no meio dos olhos, começa a pinicar.

Seguro as lágrimas.

Não quero que ele vá embora nem por um tempo, muito menos para nunca mais voltar. Quero ficar com ele, embora não saiba por quê.

— Mas e se outros ficarem sabendo? — lembro a ele, na esperança de fazê-lo mudar de ideia sem que ele descubra meus reais motivos. — E John Lansen? E todos os outros homens que vi? Victor, eles podem saber, e talvez Javier não seja o último a vir me procurar. — Na verdade, não me importa se eles vierem. Não é disso que tenho medo. Tenho medo de que Victor saia por aquela porta e eu nunca mais o veja.

Finalmente consigo me sentar, a raiva distorcendo meu semblante, de início, até que eu noto isso e abrando a expressão.

Cruzo as pernas em posição de ioga na cama e seguro o pulso dele, puxando a manga de seu paletó. Eu meio que esperava que ele me repelisse, mas não o faz. Põe a mão nos meus tornozelos cruzados, e esse simples toque, esse único gesto, faz minha garganta se fechar de emoção. Olho para a mão dele, meus dedos tremendo de nervosismo no punho de sua camisa.

*Ele não tirou a mão...*, penso.

Lágrimas enchem meus olhos, mas respiro fundo e logo me seguro.

— Eu sinto muito, Sarai — diz ele, me olhando nos olhos, os seus agitados por conflito e indecisão.

Tenho a sensação de que ele não quer me deixar aqui. Eu *sinto* isso... *sei* disso...

Devagar, ele se levanta da cama. Fico ali sentada, paralisada em um abismo de frustração, raiva e medo. *Medo!* Como ele pode me acusar de não ter medo de nada?! Quero gritar com ele, dizer o quanto está enganado enquanto joga as bolsas no ombro e pega a maleta de armas.

Em vez disso, porém, enxugo as poucas lágrimas que chegaram a cair dos meus olhos e digo baixinho para ele:

— Victor, você estava errado.

Ele vira a cabeça para me olhar.

— Você estava errado quando disse que não sinto medo de nada. Estava muito errado...

Ele mantém o olhar em mim só por um segundo e depois se vira e vai embora, fechando a porta e deixando a escuridão do quarto me engolir de novo.

~ ~ ~

Samantha me deixou sozinha durante a hora e meia seguinte. Acho que ela quis me dar um tempo, porque, quando finalmente entrou no quarto onde estou, minutos atrás, percebi que senti algo por mim, encolhida na cama, olhando para aquela janela. Isso me deixa curiosa sobre o que eles conversaram no banheiro dela mais cedo, me faz lamentar não ter ficado mais tempo para descobrir.

Eu a odiaria por saber mais do que eu, se ela fosse uma pessoa fácil de se odiar.

Mas percebo que gosto demais dela para isso.

— Sabe, Victor faz esse tipo de coisa o tempo todo, Izabel. — Ela me dá um tapinha no quadril com a palma da mão. Está sentada no mesmo lugar, perto de mim, onde Victor se sentou por último. — Ele vai ficar bem. — Ela sorri. — E tenho certeza de que sabe que você é grata pela ajuda.

— O que pode me contar sobre ele? — pergunto.

Ela inspira profundamente, séria, e suas sobrancelhas se erguem, com a expressão de quem ouviu uma pergunta difícil.

— Bem, imagino que você já saiba como ele ganha a vida, então provavelmente pode imaginar que jurei guardar segredo sobre certas coisas, e se eu quebrar esse juramento, posso ficar bem encrencada.

É verdade, mas ela está sorrindo e parece arder de vontade de falar comigo, apesar disso. Pode não ser muita coisa, no fim das contas, mas alguma coisa é melhor do que nada, acho. Eu me sento, coloco as pernas para fora da cama, como ela, e apoio as mãos no meio das pernas.

Samantha sorri para mim com um breve olhar e estende a mão.

— Vamos conversar enquanto tomamos um café.

Ela fica de pé e lhe dou a mão, aceitando a oferta.

— Juro que é totalmente livre de veneno — brinca ela enquanto a sigo para o corredor.

— Acredito em você.

Acredito sobretudo porque, se Victor confiou nela o suficiente para nos deixar a sós, isso me basta.

Eu me sento à mesa da cozinha enquanto ela prepara o café no balcão, onde o pote de pó fica ao lado de um antiquado micro-ondas gigante.

— Imagino que não haja problema em contar a você que ele foi desse jeito praticamente a vida toda. — Ela põe algumas colheres do pó no coador e fecha a tampa da cafeteira. — Mas na verdade eu só sei as coisas que ele me contou. Nada mais do que isso.

— Que tipo de coisas?

Ela põe água na parte de trás da cafeteira enquanto espera que as várias conversas que teve com Victor se materializem em sua mente.

— Bom, sei que ele adora café preto. — Ela sorri. — Adora comida tailandesa e não come atum nem por decreto. Prefere uma boa cerveja em vez de um bom vinho, mas só as melhores cervejas, de preferência alemãs. — Ela se senta à mesa comigo e apoia o rosto na mão, parecendo pensativa. — Na verdade, Victor seria capaz de ir até a Alemanha para não tomar a cerveja daqui. — Ela gesticula para mim, tirando a mão da bochecha. — Ele é um homem muito peculiar.

— Mas e a família dele? — pergunto. — Ele me contou que tinha uma irmã, que matou o pai, e alguma coisa sobre a mãe dele estar em... *Budapeste*, acho?

Samantha balança a cabeça, sorrindo e talvez até achando o que eu disse um pouco divertido. Mas não está zombando de mim.

— Não, docinho — diz ela. — Se foi isso que ele contou, deve ter sido só para fazer você parar de falar. — Bem, quanto a isso ela está certa, eu sei. — Ele jamais contaria nada pessoal demais sobre sua vida para ninguém, muito menos sobre sua família. Nem para mim. Eu nem sei se ele *tem* família.

Eu me mantenho o mais distante possível do assunto do relacionamento dos dois.

— Você precisa saber, Izabel — ela me olha intensamente, para que eu devolva o olhar —, que Victor está arriscando muito... não, ele está arriscando *tudo* ajudando você. E mesmo que ele tenha ido embora hoje e não pretenda voltar, o que ele já fez por você, embora eu não faça ideia do que possa ser, talvez tenha selado o destino dele.

Meu estômago se aperta e eu tenho uma sensação horrível na garganta.

Seu olhar muda suavemente e sinto que ela está lamentando por mim, ou por meus sentimentos, em seu íntimo.

Samantha apoia as costas na cadeira. O café borbulha e pinga na jarra atrás dela.

— Mas como você sabe que é isso que ele está fazendo? — pergunto. — Como sabe que ele está me ajudando e que não sou só uma parte da missão?

— Porque ele jamais teria trazido você aqui — diz ela, quase com compaixão. — E não teria me pedido para não contar a ninguém, nem ao nosso empregador, a *ninguém*, que fez isso.

Ergo os olhos da mesa para encará-la, surpresa pela informação que ela acaba de me dar.

Ela assente para mim, como que para confirmar o que estou pensando, embora eu não tenha falado em voz alta.

— Sim — diz ela. — Além de Niklas, sou a única pessoa em quem ele confia. Talvez não completamente, porque Victor é incapaz disso, mas ele confia em mim. Ele escondeu você aqui e me pediu que eu arrisque a vida mantendo você em segredo, é *assim* que eu sei.

Ela está dizendo a verdade. Não consigo não acreditar, por mais que eu tente. E eu *tento*. Acho que meu inconsciente está procurando algum motivo para não gostar ou desconfiar dela, por causa do ciúme que senti antes.

Mas não encontro nenhum.

E não posso deixar de me perguntar se ela se ressentida de mim por isso, se há alguma amargura residual a meu respeito por Victor ter pedido que ela arriscasse a vida por mim. Mas sinto que não há. De certa forma, isso me deixa envergonhada.

Ela se levanta da mesa e volta para a cafeteira.

Mas então para no meio do caminho e fica imóvel na ponta do balcão, como se estivesse a centímetros de bater em uma parede de vidro. Sua mão direita encosta na borda do balcão, seus dedos se fechando em um punho quando ela vira a cabeça para mim. Seus olhos estão arregalados e alertas, e vê-la assim me mata de medo.

E então eu ouço alguma coisa também, e meu coração começa a bater com fúria dentro do peito, reverberando pelos ossos até meus ouvidos. Sombras cruzam a janela da cozinha; Samantha se agacha e se aproxima rapidamente de mim, me puxando da cadeira. Isso acontece tão rápido que não consigo me abaixar direito, como ela. Quase caio de bunda no chão, mas me apoio no pé direito e me viro, cambaleando, até recuperar o equilíbrio e segui-la pelo corredor.

— Quem é? — sussurro.

Ela segura o meu braço e me puxa à sua frente. A cadelinha, Pepper, corre para a porta dos fundos, latindo furiosamente.

— Fique abaixada e volte para o quarto! — diz ela entre dentes.  
— *Depressa!*

O mais perto do chão possível sem chegar a me sentar, sinto que estou andando como um caranguejo pelo carpete até a porta aberta do quarto. Logo que entro, Samantha me segue e, de joelhos, estende os braços e empurra com as mãos o grande baú de madeira no pé da cama. Enquanto ela o empurra, mais sombras passam pela janela e ouço vozes murmurando lá fora.

E estão falando espanhol.

Eu me viro para Samantha, tirando os olhos da janela bem a tempo de vê-la erguer uma portinha de metal no chão, que estava escondida pelo baú.

— Entre aqui! Depressa! Agora!

Naquele último segundo, que acho que na verdade nem poderia perder, enfio a mão sob o colchão e pego a arma que Victor deixou ali, guardando-a na parte de trás da minha calça. Samantha me apressa com um gesto, e quando estou perto o suficiente, agarra o meu braço e me ajuda, praticamente me jogando dentro do buraco no chão.

A porta de metal se fecha por cima de mim, extinguindo a única luz que eu tinha, que vinha do poste lá fora, através da janela. E então ouço o baú sendo arrastado de volta sobre a porta de metal, e meu coração afunda como uma pedra com a ideia de ficar presa ali embaixo, não importa o que haja lá fora.

Aí está mais uma coisa que me dá medo, Victor: ficar presa em um espaço pequeno.

Ouço os passos de Samantha no chão lá em cima, e então o som da porta do quarto se fechando quando ela sai.

Tudo está estranhamente silencioso: minha respiração pesada, o sangue latejando nos ouvidos; não consigo ouvir nenhuma dessas coisas, embora saiba que deveriam ecoar no espaço minúsculo onde estou escondida. Não consigo enxergar nada, por isso estendo as mãos diante de mim e começo a apalpar o que está em volta. Dolorosamente, descubro três paredes à esquerda, direita e à frente,

mas fico aliviada ao perceber que atrás de mim não há uma quarta parede me confinando. É um corredor estreito.

Não tenho tempo de investigá-lo mais antes de ouvir o primeiro tiro, ainda que com silenciador, como os de Victor, mas sei que desta vez não é Victor.

Pepper não está mais latindo.

Ouçó uma voz. Parece distante, mas ecoa de algum lugar acima de mim. É então que sinto um ventinho em minha testa e levanto a mão para apalpar o teto. Há uma abertura, embora pequena demais para que eu enfie a cabeça, muito menos o resto do corpo, mas é uma abertura, e agora sei que foi por isso que ouvi a voz.

Mais um tiro silencioso, e desta vez, quando ouço a voz que se segue, sei que pertence a Javier.

## CAPÍTULO VINTE E UM

### *Sarai*

— Eu tenho mais quatro balas nesta arma — diz Javier para Samantha em algum lugar da casa. — E vou meter uma em você a cada dois minutos que minha doce Sarai continuar escondida.

Minha mão se move involuntariamente na direção do coração.

— Victor está voltando — diz Samantha em uma voz fraca, aguda.

Fico apavorada só de pensar onde Javier já atirou nela.

— Você está mentindo, puta! Você fede a mentira. Agora me diga onde está Sarai. Porque eu *sei* que ela está aqui.

*Como ele soube que eu estava aqui?*

Então, em espanhol, Javier grita:

— Vasculhem a casa! Todos os quartos. Virem tudo de cabeça para baixo e achem a garota!

Dois segundos depois, o som de móveis sendo revirados, vidro se quebrando e pés marchando pelo chão ecoa pelas paredes.

— Ela *não* está aqui — diz Samantha, como se estivesse forçando as palavras entre os dentes. — Victor passou aqui mais cedo. Com uma garota. Uma garotinha de cabelo preto que ele chama de Izabel. Mas ele a levou embora quando partiu.

*Thwap!*

Mais um tiro se ouve e Samantha grita de dor, mas então seus gritos ficam abafados, e só posso imaginar que é pela mão de Javier. Ou talvez haja mais alguém no quarto. Lágrimas correm pelo meu

rosto quente. O ar está frio, por estar tão perto do chão gelado lá fora, mas minha pressão arterial está tão alta pela tensão nervosa que sinto minha cabeça pegando fogo.

— Eu sei que ela está aqui — diz Javier friamente. — Sei que ela não saiu com ele, porque eu estava vigiando. Agora você tem mais seis minutos. A última bala eu vou meter na sua cabeça.

Então a voz de Javier fica mais alta:

— Ouviu isso, Sarai? — grita ele para mim. — Daqui a seis minutos, você vai matar essa vaca. Do mesmo jeito que matou Lydia. Eu só quero levar você para casa. Nunca machucaria você, sabe disso.

Minhas pernas estão tremendo.

Depois que os barulhos de destruição finalmente cessam, passos de outros pés, dois pares, a julgar pelo ritmo, voltam para o quarto com Javier.

— Vocês dois, para fora — ordena Javier. — Procurem em todo lugar, busquem na vizinhança, mas sem chamar atenção. Andem!

Não posso deixar Samantha lá em cima com ele para morrer.

— Já falei que não tem ninguém aqui! — grita ela.

O barulho que ouço desta vez sei que é a mão de Javier batendo no rosto dela, e depois seu corpo caindo no chão. As vigas do assoalho tremem acima de mim com a força de sua queda.

Viro para trás e começo a andar pela passagem estreita sentindo o caminho com as mãos, esperando que me leve para fora dali. Porque eu não vou deixá-la assim. Javier pode me levar de volta. Pode me matar, se quiser, mas não vou me esconder aqui embaixo como uma covarde e deixar que ela morra por mim.

*Thwap!*

Eu perco o fôlego e meus ossos travam, mas continuo avançando até que chego ao final. Não há nada ali, nada além de mais paredes e a mesma passagem de onde vim. Apalpo o forro acima da minha cabeça, procurando outro alçapão de metal. E realmente há outro. E quando penso que não tenho como levantar aquela tampa o

bastante para sair sem fazer barulho e chamar a atenção de Javier para onde estou, dou uma topada em uma escada móvel de quatro degraus encostada no canto.

Carrego a escada, em vez de arrastá-la pelo chão, para não fazer nenhum barulho desnecessário, e a coloco abaixo do alçapão. Subo até o terceiro degrau e preciso me curvar para não bater com a cabeça no teto. Levanto as mãos, encostando as palmas no alçapão e fechando os olhos para empurrar, esperando que ele não esteja bloqueado por nada, e que dê em algum lugar onde Javier não possa me ver.

O alçapão se abre, rangendo um pouco, o que me faz parar, horrorizada, segurando-o parcialmente aberto acima de mim. Empurro de novo, subo para o quarto degrau e minha cabeça emerge dentro de um closet. Vejo que um colchonete de espuma foi dobrado e colocado em cima da porta do alçapão para escondê-la, e que ela é revestida de um carpete igual ao do chão do closet; eu o sinto com a ponta dos dedos ao terminar de levantar a porta e apoiá-la na parede do fundo do closet.

Saio e abro caminho silenciosamente entre as roupas penduradas em uma barra.

*Thwap!*

— Mais dois minutos, Sarai! — ouço Javier avisar da sala.

Abro a porta do closet e ando mais rapidamente agora, através do quarto de Samantha, pelo corredor e até a sala, onde Javier está esperando por mim; cada osso e músculo do meu corpo está tremendo.

— Ah, aí está ela!

Javier ergue as mãos para o lado, segurando a arma na direita. Ele sorri e parece genuinamente empolgado em me ver. Ele é louco...

Suas mãos caem ao lado do corpo.

— Senti sua falta, Sarai. — Ele inclina a cabeça para um lado para parecer sincero. — Se você estava infeliz, por que não disse? Eu

teria feito tudo o que você quisesse, você sabe.

Não me importa o que ele tem a dizer, só o que me importa é garantir que Samantha esteja bem. Tentando não deixar de vigiar Javier, meu olhar varre cuidadosamente a sala à minha frente, procurando por ela.

Finalmente, vejo seus pés descalços saindo de trás da espreguiçadeira do outro lado da sala, a pele suja de sangue.

— Samantha, você está bem?

Ela não responde, por isso sei que está gravemente ferida.

Eu me viro de novo para Javier, implorando com o olhar.

— Vamos embora. Por favor. Javier, por favor, não faça mais nada com ela.

Ele sorri para mim, parecendo pensativo mas divertido.

Está vestido de preto dos pés à cabeça: camisa preta de mangas compridas, cinto preto, calça preta, sapatos pretos. Coração preto. Ele levanta a arma para mim e manda que eu me aproxime com um gesto.

Ele me chama com o dedo.

— Me deixe ver você.

Eu me aproximo, meus pés descalços pisando nas revistas femininas espalhadas pelo chão. O tique-taque do alto relógio de pêndulo no canto, atrás de mim, é ameaçador.

— Javier, ela vai morrer se a gente não chamar uma ambulância — imploro ao me aproximar. — Vamos ligar para a emergência. Depois a gente pode ir.

Vejo os joelhos dela agora, mas é só o que consigo enxergar, pois o resto do corpo está escondido pela poltrona e pela escuridão.

Javier estende a mão.

— Ele comeu você? — pergunta ele, me puxando para mais perto pelos dedos. — Deixou aquele cara comer você, ou ainda é minha?

— Ele se inclina para a frente e inala o meu cheiro enquanto brinca com uma mecha solta do meu rabo de cavalo.

— Não — digo, ofegante. — Eu vou ser sempre sua.

Ele está usando colônia, o mesmo tipo que sempre usava quando vinha me procurar à noite. E seu cabelo, um pouco comprido na frente, está limpo e penteado, como ele sempre usava quando me produzia e me levava com ele para as casas dos ricos.

— Não minta para mim — diz ele, baixinho, e sinto seu hálito no meu pescoço. — Você não sabe o que fez comigo. Não devia ter ido embora.

Levanto a mão esquerda e fecho os dedos suavemente em sua nuca. Eu me curvo para a frente, a lateral do meu rosto passando pelos botões abertos no alto de sua camisa, até sentir seu peito contra minha face.

— Eu sei, me desculpe. — Beijo de leve sua pele. — Estou muito arrependida de tê-lo deixado assim... — acrescento em espanhol.

Estremeço de prazer e nojo quando ele enfia a mão na minha calça e mete dois dedos em mim. Não importa se ele é louco ou um assassino que pode me matar a qualquer instante, o toque me deixa molhada mesmo assim. É meu corpo me traindo, a natureza humana me traindo, não minha mente nem meu coração. Eu me disciplinei há anos a reagir a ele dessa forma. Um perverso instinto de sobrevivência que não é ensinado nos cursos de defesa pessoal. Javier precisava acreditar que me deixava excitada, senão saberia que tudo em mim era mentira também, e, assim, meu corpo aprendeu a reagir de uma forma que sabia que me manteria viva.

Ele tira os dedos e os leva aos lábios, inalando profundamente, de olhos fechados, como que para degustar o cheiro. Então ele os enfia na boca.

Dou um passo para trás enquanto ele está distraído, para interpor o máximo possível de distância entre nós, ainda que pequena.

— Não sei se ainda quero você — diz ele.

Meu coração se endurece. Se ele não me quer, então sei que vai me matar, especialmente depois de tudo o que fiz, de todos os problemas que causei.

— Javier — digo, tentando disfarçar o nervosismo na voz —, vamos embora. Eu estou pronta para voltar.

Seu lábio superior se contrai e ele balança a cabeça.

— Izel está morta — diz ele, sondando, provavelmente se perguntando se fui eu que a matei. — Sei que você odiava Izel. Não a culpo. Mas ela era minha irmã.

Balanço a cabeça e começo a recuar um pouco mais.

— E-eu não matei Izel — digo. — Eu não sabia.

Javier ri.

Dou mais um passo para trás e dois para a direita, pisando em um pedaço pontudo de plástico de algum objeto, mas ele não fura a pele. Encosto as mãos na parede atrás de mim.

E então a vejo, Samantha, bem mais claramente deste ângulo. Abandono a necessidade desesperada de vigiar cada movimento de Javier enquanto ele se aproxima de mim lentamente, provocativamente, e só vejo Samantha. Ela não está se mexendo. Está sentada, inerte, com as costas na parede. Suas pernas ensanguentadas estão abertas no chão. Seus braços estão imóveis e flácidos dos lados do corpo, os dedos abertos.

Seus olhos. Estão abertos. E estão mortos.

A bile revira meu estômago, minhas mãos começam a endurecer, rijas como metal, nos meus quadris. Estou tremendo de raiva, ódio, culpa e, porra, *medo*.

— Você a *matou* — digo, com os lábios tremendo.

— Matei — admite Javier orgulhosamente. — Com o quinto tiro.

— Mas você disse... — Meus olhos vão e vêm entre ele e o corpo de Samantha. Meu coração parece que vai implodir. — Você disse que se eu não...

Javier levanta a arma para mim, e agora sei por que não usou a última bala nela.

Fico parada, com a mão ainda encostada na parede atrás de mim enquanto a outra, de alguma forma, chegou à barriga, como se pudesse impedir o vômito de sair. Tropeço em mais destroços e

então apoio as costas na parede para não cair. Porque meu corpo ainda está me traindo, minhas pernas estão fracas e instáveis, ameaçando ceder a qualquer momento.

Olho através do pequeno espaço que me separa de Javier. Olho para seus olhos frios, escuros e sem fundo. Não para o cano de sua arma apontada diretamente para mim, mas para seus olhos. Ouço um clique, só um clique, e nós nos entreolhamos sem expressão, ambos confusos pelo que acaba de acontecer. Então se ouve um tiro, e minha cabeça bate na parede. Sinto meu corpo escorregando para baixo, até que estou sentada no chão, como Samantha. Inerte e apagada, como Samantha. O cômodo gira no meu campo de visão como uma espessa névoa cinza.

Fecho os olhos e deixo que a escuridão tome conta de mim.

## CAPÍTULO VINTE E DOIS

### *Victor*

Estou a 40 mil pés de altitude, acima da paisagem do Texas, quando recebo a ligação.

— Victor — diz Niklas ao telefone. — Javier não está em Tucson. Avisaram que ele usou um cartão de crédito conhecido, com um velho nome falso, perto de La Grange, no Texas.

Levanto as costas do assento, tenso.

— Isso fica a menos de duas horas de carro de Houston — comento, mais para mim mesmo. — A que horas ele passou o cartão?

— Às 3h12 da tarde de hoje.

Meu corpo fica rígido.

Desligo o celular e o esmago no punho enquanto vou para a cabine de comando.

— Dê meia-volta — ordeno.

Menos de uma hora depois, estou dirigindo loucamente em meio ao trânsito, sabendo que atraio atenção indesejada. Mas continuo em alta velocidade, ignorando sinais fechados, sem saber como consegui fazer o caminho todo de volta à casa de Samantha sem ter que despistar um ou dois carros de polícia.

Há um carro estacionado na rua entre a casa de Samantha e a vizinha. Não me lembro de tê-lo visto ao partir. Com a arma na mão, fico abaixado ao sair do carro e avançar pela garagem, usando o

carro de Samantha como escudo, só por segurança. O silêncio é incomum. A cadelinha de Samantha normalmente estaria enfiada entre as persianas a esta altura, tentando olhar para fora, depois de ouvir um carro parando.

Ouçõ outro cachorro, maior, latindo no quintal do vizinho da casa em frente e fico agachado, avançando sob o toldo na direção do carro mais velho parado ali.

Uma figura surge da lateral da casa logo depois que cruzo silenciosamente o espaço e chego à parede de tijolos sob o toldo. Seguro o sujeito pela garganta, rápido demais para que ele reaja, e o joga no chão. Sua arma bate no concreto, e no mesmo momento dou um tiro em sua têmpora, antes que ele tenha a chance de recuperá-la.

Outro homem chama um nome, procurando aquele que acabo de matar. Não espero que ele dê a volta na casa. Apareço bem na frente dele, levanto a arma até seu rosto e atiro antes que ele me veja por completo. Seu corpo desaba na grama.

Espero apenas alguns segundos, para o caso de haver mais, e depois corro para dentro da casa pela porta lateral sob o toldo.

A casa foi destruída; a cachorrinha de Samantha está morta a tiros no chão da cozinha. Sinto cheiro de pólvora, sangue, café recém-coado e uma colônia pouco familiar.

O primeiro corpo que vejo é o de Samantha; o segundo, de Javier.

— Sarai? — chamo, quando a vejo sentada contra a parede à esquerda, parcialmente escondida pela escuridão. Tiro minhas luvas pretas, guardo-as no bolso do paletó e vou até ela. — Sarai?

Ela não olha para mim, por isso me agacho à sua frente.

A arma que deixei debaixo do colchão está perto de seu pé. Eu a enfio na parte de trás da minha calça. Seus joelhos estão encolhidos contra o peito, suas mãos apoiadas no chão, palmas para cima.

— Ele está morto — diz ela, suas palavras distantes, como se ainda estivesse tentando absorver a realidade. Ela ergue os olhos

para mim; vejo dor, confusão e desorientação neles. — Eu o matei, Victor.

Estendo os braços e a pego no colo.

— Vou tirar você daqui.

Segurando-a junto ao peito, eu a carrego através de morte e destruição para fora da casa. Ela não fala, mas se agarra a mim como se morresse de medo de que eu fosse derrubá-la. Ou, talvez, medo de que eu a solte intencionalmente.

Eu a coloco com cuidado no banco do passageiro.

Três carros da polícia passam rapidamente, indo para a casa de Samantha, a uma quadra de distância, quando saímos do local, respeitando o limite de velocidade desta vez.

Sarai está em silêncio e imóvel, sem emoção, durante todo o caminho até a pista particular onde o jatinho nos aguarda.

Só há um lugar para onde posso levá-la. Para casa. Para a *minha* casa, no litoral da Nova Inglaterra.

~ ~ ~

Meu motorista nos busca no aeroporto horas depois. Sarai ficou com a cabeça encostada na janela do banco de trás por todo o caminho até minha casa de praia, na encosta de um penhasco. Ela não se mexeu. É a primeira vez, desde que a encontrei no meu carro, no México, que eu gostaria de ouvir seus monólogos tagarelas e suas perguntas inconvenientes. Mas ela não diz nada. E me surpreendo desejando silenciosamente ouvi-la.

O primeiro assassinato é sempre o mais difícil, aquele que você nunca esquece. Mas o primeiro assassinato é também aquele que reduz pela metade as chances de se levar uma vida normal.

Sarai não está mais no meio-termo.

*Eu não deveria tê-la deixado lá...*

Carregando-a através do cascalho da entrada e para dentro da casa, eu a deito no sofá. Há um mês não entro ali, e a casa ainda

cheira a limpeza, como no dia em que parti em uma missão para matar um homem em Columbia. É por causa de missões assim que posso me dar a esses luxos. Mas é uma pena que, por causa do que aconteceu com Sarai, logo tenha que sair daqui também. Achei que talvez pudesse ficar em um só lugar ao menos por um ano, desta vez, mas a vida que levo é assim, um caminho sombrio e isolado, preenchido apenas pela solidão da morte.

Sarai deita de lado, com a cabeça apoiada em uma almofada.

Tiro o paletó e o deixo nas costas da cadeira próxima, depois vou à cozinha pegar água para ela, mas sua voz me faz parar:

— A arma falhou.

De pé na entrada em arco da cozinha, eu me viro para olhá-la para além do chão de mármore e da mobília cara. Vou até ela de novo, lentamente, desabotoando um punho da camisa.

Espero pacientemente que ela prossiga. Ela continua sem me olhar; mantém os olhos fixos à frente, vendo apenas a cena, revivendo-a.

— Se não fosse por isso, eu estaria morta.

Chego mais perto, ainda mantendo distância, como se parte de mim não quisesse interromper seus pensamentos com minha presença. Desabotoo o punho esquerdo e arregaço as mangas.

— Eu travei — diz ela, lembrando. — Pensei que estivesse morta. Fiquei parada ali, esperando a morte. — Ela move a cabeça para trás só o bastante para finalmente me olhar. — Não sei como reagi tão rápido, mas quando a arma dele falhou... aquela expressão no rosto dele... quando dei por mim, a arma que eu tinha enfiado na cintura estava na minha mão e Javier estava no chão. Não hesitei. Foi como se outra pessoa estivesse dentro da minha cabeça, naquele momento. Foi *ela* que puxou a arma. Foi *ela* que puxou o gatilho. Porque só percebi o que aconteceu depois que acabou. — Ela desvia o olhar de novo. — Eu o matei — acrescenta, distante.

— Ele merecia — digo calmamente.

A cabeça dela faz um movimento rápido para me encarar de novo, me fazendo pensar que, quando ela me olhou agora há pouco, não estava me vendo de verdade. É como se minha voz a acordasse.

Ela se levanta do sofá.

Eu a observo com curiosidade, com um olhar de relance. Vejo suas mãos tremendo, como os cantos da boca. Ela fecha os dedos nas palmas das mãos até ficar com os dois punhos cerrados. E então me ataca.

— Você foi embora! Desgraçado! Você foi embora! — grita ela, esmurrando meu peito o mais forte que pode.

Eu deixo. Fico imóvel e deixo que ela continue até não poder mais e seu corpo começar a cair, exausto, a meus pés. Mas eu a seguro antes que ela chegue ao chão, abraçando seu corpo pequeno. Ela soluça no meu peito, engasgando com as lágrimas, agarrando as costuras do meu colete com os dedos trêmulos.

— Você foi embora... — repete ela sem parar, até que as palavras somem em um murmúrio em seus lábios. — *Você foi embora...*

Eu a abraço forte. Constrangido. Porque nunca fiz isso antes. Nunca vi esse tipo de sofrimento e dor estando no papel de quem deve ajudar a remediá-lo. Minha mãe foi a única pessoa que já me abraçou assim, quando eu era menino, e não consigo lembrar qual era a sensação.

Quero beijar o cabelo dela. Mas não faço isso. Quero apertá-la um pouco mais e absorvê-la por completo. Mas não posso. Não tenho coragem.

— Sarai — digo, afastando-a delicadamente para poder olhá-la nos olhos —, preciso que você me conte o que aconteceu. Conte tudo. Samantha ligou para alguém? Ela disse se recebeu alguma ligação estranha?

A expressão de Sarai se distorce, ofendida.

— Você acha que *ela* teve alguma coisa a ver com isso? — Ela me empurra e se afasta. — Ela morreu me *protegendo*! Como pode achar que ela teve alguma coisa a ver com isso?!

Suspiro profundamente.

— Não, não consigo achar que teve. Samantha era de confiança. Mas ela e Niklas são as únicas duas pessoas, além de nós, que sabiam onde você estava. — Dou um passo à frente e coloco as mãos em seus antebraços, em uma tentativa de fazê-la entender, e quando ela não me repele, fico aliviado. — Só pode ter sido um dos dois, e eu só estou tentando descobrir os fatos.

— Então foi Niklas — diz ela com desprezo, furiosa ao pensar nele. Seus olhos estão agitados e semicerrados. — Ele me odeia, Victor. Odeia saber que você está me ajudando. Praticamente falou isso quando eu estava na van com ele. Eu *sei* que foi ele!

Eu me afasto dela, deixando meus braços soltarem-na, e cruzo um braço na barriga, apoiando o outro no primeiro. Esfrego minha barba recente e examino a situação. Sarai está certa. Niklas é a resposta óbvia, e, embora muitas vezes a resposta óbvia não seja a correta, desta vez deve ser. Porque é a única que faz sentido.

Meu irmão me traiu.

## CAPÍTULO VINTE E TRÊS

### *Sarai*

— O que você vai fazer? — pergunto quando Victor pega o paletó da cadeira.

Ele enfia a mão no bolso, pega um celular que nunca o vi usar e digita um número.

— Vou trazer Niklas aqui.

Atordoada, de início só olho para ele. Mas depois começo a entrar em pânico.

Corro até ele, segurando-o pelo cotovelo.

— Não, você não pode deixar que ele saiba onde você está — digo, ofegante. — Por que trazê-lo para cá? O que você vai fazer?

Minha mente desfia possibilidades freneticamente, nenhuma das quais imagino que vá ter um final feliz.

Fico calada quando ele me manda ficar em silêncio com um gesto enquanto Niklas atende do outro lado.

— Javier Ruiz foi eliminado — diz Victor, tão calma e profissionalmente quanto qualquer outra vez em que o vi conversando com Niklas. — Sim — responde ele a uma pergunta que não consigo ouvir, mas tolamente estico um pouco o pescoço, como se isso fosse aumentar o volume de alguma maneira. — A polícia chegou ao local antes que eu saísse do bairro. Não foi um serviço limpo. — Ele ouve Niklas por um momento e continua: — Acho que Samantha os levou para lá. A garota estava viva quando

cheguei, pouco antes de eu matar Javier. Ele tinha atirado nela, mas ela conseguiu me contar que ouviu Samantha ao telefone, falando com alguém logo depois que parti para Tucson. Sim. Não, Samantha está morta. Informe Vonnegut que o Abrigo Doze foi comprometido. Um Limpador precisa ser mandado para lá imediatamente para confiscar os arquivos dela. Sim. Sim. — Ele olha para mim. — Isso não vai ser necessário. A garota morreu com os ferimentos. Eu a deixei lá.

Meu estômago se retorce em nós. Cruzo os braços na barriga.

— Niklas — diz ele, diminuindo um pouco o profissionalismo em sua voz. — Venha para o meu endereço na Nova Inglaterra assim que possível. Vamos acertar o pagamento, e depois... quero lhe contar o que aconteceu em Budapeste.

Inclino a cabeça um pouco para o lado ao ouvir essas últimas palavras. Tudo mais que Victor contou a Niklas, entendo o que foi: uma mentira, uma trama para trazê-lo até aqui. Mas a última parte parecia real, pessoal. O fato de ele ter dito isso na minha frente me parece peculiar. Sei que não tem nada a ver comigo, então por que ele o incluiria logo nessa conversa? É nesse momento que começo a entender que Niklas é algo mais para Victor do que seu contato, mais do que alguém com quem ele trabalha, e que o que aconteceu em Budapeste precisa ser dito porque ele precisa aliviar sua consciência.

É isso que as pessoas fazem quando dizem adeus.

Não sei por que, mas, apesar de Niklas ter tentado me matar, sinto uma dor e uma tristeza por dentro. Porque sei o que Victor vai fazer. Sei que vai matá-lo. No entanto, parece que é a última coisa que ele quer fazer...

Ele deixa o celular na mesa de vidro perto da cadeira e abre os botões do colete.

— Não tenho nenhum outro lugar para ir — digo a ele de novo do sofá. — Sei que fui um fardo e lamento por isso. Samantha me contou que você está arriscando tudo, até a vida, para me ajudar, e

não tenho nada para lhe dar em troca. Além da minha gratidão, e sei que isso não é muito. — Suspiro e acrescento: — E eu sinto muito por Samantha.

Ele joga o colete e depois a gravata nas costas da cadeira, com o paletó.

— Ajudar você foi decisão minha — diz ele, puxando a camisa para fora da calça. — E Samantha era uma boa mulher.

— Ela amava você?

Entrelaço as mãos no colo.

— Não — diz ele, sem olhar para mim. — Queria me amar, mas era incapaz disso.

Franzo o cenho, confusa.

— Incapaz de amar? — pergunto. — Ninguém é incapaz de amar.

— Você não pode se apaixonar por alguém que não está presente — diz ele, com convicção. — Eu parti antes que ela tivesse chance disso.

— *Você* a amava? — Eu prendo a respiração mentalmente.

— Não, não amava. O amor é um empecilho neste ramo. Só leva à morte.

Embora sua resposta deixe um gosto amargo em minha boca, não posso negar que talvez ele esteja certo; embora eu pense em como Victor, ou qualquer um, aliás, pode passar pela vida sem amar alguém. Mas então me dou conta de que eu também jamais amei alguém.

— E eu sei que você não tem para onde ir — acrescenta ele —, mas quando isto acabar e eu souber que você está segura, você precisará ficar por conta própria. Vou ajudar você a se ajustar, a começar bem sua vida. — Ele para e me olha intensamente, procurando meu olhar para ter minha atenção total. — Mas isto vai acabar logo. Você já ficou comigo tempo demais.

Parece que de repente ele está com raiva de mim, ou ao menos com raiva de si mesmo por me ajudar. Talvez tenha a ver com o que

está acontecendo entre ele e Niklas; não tenho como saber, mas desde o telefonema com Niklas, Victor está diferente.

E isso me enche de pavor.

Ele se vira e atravessa um arco de mármore que dá para outra parte de sua mansão. De certa forma, o local lembra os lugares aonde Javier costumava me levar, toda produzida e de braços dados com ele, mas esta casa, embora enorme, pelo que vi, é menor do que as outras. E mais sombria, com pisos escuros de cerejeira, tão reluzentes que consigo me ver refletida neles, e cobertos com tapetes caros, em ricos tons de vermelho, marrom e cinza. Longas cortinas marrons cobrem as imensas janelas que formam toda uma parede, de alto a baixo, e dão para o oceano agitado lá embaixo. Até lá fora, a praia não é um paraíso luminoso à beira-mar com areia branca e céu azul. Aqui ela é cinza, sombria, e as ondas batem com fúria contra as pedras, muitos metros abaixo, apesar de o tempo nem estar ruim.

Durante as horas seguintes, Victor não aparece. Não acho que esteja intencionalmente me ignorando, mas sei que quer ficar sozinho.

Penso muito em Samantha. E Lydia. E Izel. E Javier. Já vi tantas mortes... Matei um homem hoje e, no entanto, a única coisa que me incomoda de verdade é o fato de que já superei. Isto é, quase completamente; ainda não consigo tirar isso da cabeça. Ainda vejo os olhos escuros, quase pretos, de Javier me encarando, com aquela arma emperrada na mão. Ainda tremo — estou tremendo agora — quando penso no momento em que puxei o gatilho, quando seus olhos ficaram nos meus até seu corpo desabar. E nunca vou esquecer o que ele me disse antes de morrer:

— *Eu sabia que você era capaz, Sarai.*

E me odeio por isso, mas... bem, sinto uma tristeza despropositada por causa de Javier. Um vazio. A parte de mim que acabou por aceitá-lo como a única vida que eu tinha, querendo eu

ou não que ele fosse essa vida, sente saudades. Acho que é porque me acostumei com ele, depois de tanto tempo.

— Sarai? — A voz de Victor me arranca de minhas lembranças.

Olho para ele, de pé ao meu lado. Não o ouvi se aproximar, nem notei sua silhueta alta perto do sofá, de tão absorta que estava.

— Niklas vai chegar em vinte minutos — diz ele. — Você vai ter que ficar escondida. Vá para o meu quarto e mantenha a porta fechada. Entendeu?

— Sim.

Odeio perceber essa frieza nele de novo, como quando o conheci. Qualquer sinal de afinidade e abertura que senti crescer em Victor durante o tempo que passamos juntos desapareceu.

— O que você vai fazer?

— O que for preciso.

Ele passa por mim usando uma camiseta preta de mangas compridas e calça preta. É surpreendente vê-lo usando algo tão informal, depois de só vê-lo de terno. Ele fica atraente vestindo qualquer coisa, admito para mim mesma.

Eu o sigo para a parte da casa aonde ele está indo.

— Victor? — chamo de trás, mas ele continua andando. — E-eu podia ajudá-lo. — Não acredito que estou dizendo isso. — Você já... treinou alguém? Sabe, para ser como você?

Victor para no meio do caminho, na entrada de uma sala espaçosa com chão de mármore.

Vejo os ombros dele subindo e caindo. Então ele se vira.

— Não — diz ele —, e nunca vou treinar.

Ele deixa o assunto por isso mesmo e entra na sala, comigo ainda atrás, e assim que entro a beleza do ambiente me deixa sem fôlego. Há quatro estátuas gregas de mulheres em tamanho natural usando túnicas no perímetro da sala redonda, com o teto em redoma. À direita, outra janela panorâmica dá para o oceano agitado, e, diante dela, orgulhosamente à mostra, está o piano mais lindo que já vi.

Tento tirar os olhos do instrumento.

— Mas por que não? — pergunto, me aproximando de Victor por trás. — O que mais eu vou fazer da minha vida? Não posso voltar para o mundo. Não tenho estudo, nem me formei. Não tenho amigos, nem família, nem experiência profissional. Victor, eu não tenho nem uma carteira de habilitação de verdade, nem certidão de nascimento, nem cartão do Seguro social. Não tenho *nenhuma* identidade, não legalmente, pelo menos.

Ele sai da sala do piano, passando por uma porta do outro lado, e continuo a segui-lo de perto.

Agora estamos em uma saleta lateral menor, com uma estante que vai até o teto na parede dos fundos, repleta de livros — a maioria com capas de couro —, e uma escrivaninha de laca preta de aspecto antigo encostada a uma parede. Uma espreguiçadeira de couro ocupa o meio da sala, com uma mesinha e um abajur ao lado.

— Você pode recuperar tudo isso — diz ele, indo até a mesa ao lado da espreguiçadeira. — Vai levar algum tempo, mas você consegue. Quanto aos estudos, pode fazer supletivo e ir para alguma faculdade. — Ele me olha de relance e acrescenta: — Vai ser difícil, mas é sua única opção.

Ele pega uma espécie de caderno da mesa e começa a folhear as páginas de bordas irregulares.

— Mas não é isso que eu quero — digo. — Eu quero... fazer o que você faz. Sei que parece ridículo, mas...

— *É* ridículo — diz ele, fechando o livro em sua mão. — A resposta é não. Vai ser sempre não, por isso não perca seu tempo ou o meu insistindo nisso.

Ele passa por mim de novo.

E o sigo para fora mais uma vez, cruzando a sala do piano e voltando à sala de estar.

Ele faz menção de me deixar sozinha ali novamente, mas eu o seguro.

— Quero ficar com você.

De costas para mim, ele fica parado, quieto e imóvel, como se minha confissão tivesse lhe roubado os movimentos e a voz. Eu não queria dizer isso em voz alta, mas parecia a única coisa que me restava tentar.

Por um longo momento, penso que ele vai responder, mesmo que apenas para me dizer não mais uma vez e me passar um sermão sobre como não sei do que estou falando ou o que estou pedindo. Mas ele não diz nada. E então, finalmente, ele pega o corredor que leva para seu quarto.

Derrotada, eu me sento em uma banquetta na cozinha e fico olhando o monitor do circuito interno de TV preso à parede à minha esquerda; uma tela dividida em quatro para mostrar quatro áreas da propriedade ao mesmo tempo. E cada um dos quadrados muda de câmera a cada poucos segundos, para mostrar mais áreas ainda.

Minutos depois, um carro preto reluzente, muito parecido com aquele no qual me escondi quando Victor saiu da fortaleza, se aproxima do portão.

Victor, provavelmente olhando para a mesma câmera em outro quarto, entra na cozinha.

— Ele chegou — anuncia, e faz um gesto para mim. — Lembre-se do que eu falei: fique quieta e não saia do meu quarto até eu mandar.

Faço que sim com a cabeça, nervosa.

Meu estômago está revirado de novo, meu coração já batendo duas vezes mais forte do que há poucos segundos.

Desço da banquetta e ando rapidamente até o quarto impecável de Victor, onde não me surpreende em nada ver mais uma janela panorâmica. Uma cama king-size descomunal está encostada em outra parede, com lençóis pretos e uma colcha cinza bem arrumada, sem nenhuma prega ou imperfeição. Parece que é assim em todos os ambientes que vi até agora: nenhuma imperfeição, nem sinal da menor desordem.

Victor fecha a porta atrás de mim, e tento me preparar mentalmente para o que está por vir.

## CAPÍTULO VINTE E QUATRO

### *Victor*

Quando Niklas e eu éramos apenas meninos, antes de sermos levados pela Ordem, ele era meu melhor amigo. Brigávamos muito, saíamos na mão, sempre competindo, e, embora nós dois muitas vezes saíssemos das brigas com o nariz sangrando, até um pulso quebrado uma vez, nada poderia fazer com que um se voltasse contra o outro. Saíamos do campo de batalha conversando sobre o que achávamos que nossas mães teriam preparado para o jantar quando voltássemos para casa. E acordávamos e íamos para a aula no dia seguinte com os mesmos olhos roxos.

O olho dele sempre ficava mais roxo, é claro, mas Niklas dizia o mesmo sobre o meu.

Depois que fomos levados pela Ordem, as coisas entre nós começaram a mudar. Vonnegut, embora raramente aparecesse pessoalmente — e isso não mudou até hoje —, dizia que eu parecia promissor. Mas não dizia nada sobre Niklas. E a primeira vez que vi o rosto de Niklas depois que Vonnegut me promoveu — mais jovem do que qualquer outro assassino que ele já promovera — para Agente Pleno, quando eu tinha apenas 17 anos, vi algo que me endureceu contra ele: um coração invejoso.

Eu soube, naquele momento, que um dia poderia ser obrigado a matá-lo.

Niklas é o único parente que me resta. E por mais que eu queira que não precisasse ser assim, que eu estivesse enganado a respeito dele e as coisas voltassem a ser como eram, sei que isso não é totalmente possível. A verdade é que estou de sobreaviso em relação a meu irmão desde o ano passado.

E a culpa disso é do nosso pai.

Acho que eu deveria ter dado ouvidos a ele...

Encontro Niklas na porta de casa. Ele entra, calmo e controlado como sempre é, exceto quando está furioso comigo por eu ter opinião própria e decidir fazer as coisas como acho que devem ser feitas.

Fecho a porta atrás dele.

— Este lugar é bem mais legal do que o último — diz ele, olhando para cima, para o teto escalonado, com as mãos às costas.

Eu me pego estudando discretamente seu semblante, procurando meus traços e os do meu pai. Temos os mesmos olhos, embora os dele sejam mais azuis do que os meus; os meus às vezes parecem mais verdes do que azuis. Seu rosto é mais redondo, o meu é mais magro. Mas acho que o que mais nos diferencia são os sotaques. Nosso pai e a mãe dele eram alemães. Eu nasci na França, filho de uma espiã francesa da Ordem. Meu pai se mudou conosco para a Alemanha quando eu tinha 2 anos e eu só conheci Niklas aos 6. Eu o ajudei a aprender inglês e francês, mas ele não tem o mesmo dom para línguas que eu, por isso nunca perdeu totalmente o sotaque. Mas, apesar das nossas diferenças, ainda vejo uma versão mais jovem de mim quando olho para ele. Especialmente agora, quando tento absorver o fato de que vou matá-lo. Não quero fazer isso. Quero desistir e esquecer o que aconteceu, mas não posso.

Ele sorri para mim.

Temos o mesmo sorriso também. Lembro que nosso pai dizia isso.

— Sim — digo, a respeito da casa —, achei que estava na hora de dormir em um lugar mais sofisticado. Eu esperava poder ficar aqui por um tempo.

— Isso mudou? — pergunta ele, curioso, tirando essa conclusão do meu tom de voz.

— Infelizmente.

Faço um gesto na direção da sala.

— Vamos sentar — digo, e ele me segue. — Temos muito o que conversar.

Ele se senta na poltrona perto da mesa lateral de mármore.

Eu fico de pé.

Sinto que ele está se perguntando por que não me sento também, mas a curiosidade desaparece de seus olhos e é substituída por atenção quando começo a falar:

— Niklas, ano passado, na minha missão em Budapeste, não fui totalmente sincero com você.

Niklas ri baixinho, ajeitando as costas na poltrona. Ele apoia o tornozelo esquerdo no joelho direito e cruza os dedos à sua frente, com os cotovelos nos braços da poltrona.

— Bem, não foi a primeira vez — diz ele, ainda sorrindo, como se esta fosse uma conversa casual entre dois irmãos. — Você nunca foi de contar seus segredos, nem para mim.

— Eu fui ver nosso pai — anuncio.

O sorriso desaparece de seu rosto. Ele vira um pouco o queixo, obviamente confuso com minha confissão.

— Ele mandou me chamar — acrescento.

— Para quê? Por que ele mandaria chamar você, Victor? Depois de tantos anos sem vê-lo nem uma vez, por que ele mandaria chamar você, e não eu?

Não respondo. Acho mais difícil dizer a verdade a ele do que imaginei que seria. Eu sempre soube que seria duro, mas não tanto.

— Victor? — Os olhos de Niklas estão cheios de preocupação e... dor.

Ele se levanta da poltrona.

— Diga de uma vez, irmão, por favor.

Engulo em seco e controlo a respiração.

— Niklas — continuo finalmente —, sua mãe foi eliminada pela Ordem porque foram encontradas provas de que ela estava vendendo informações. Isso você já sabe. — Ele assente. — Mas depois disso, por ela ser sua mãe, a Ordem não podia confiar em você. Até Vonnegut achava que você era instável, que um dia, cedo ou tarde, vingaria a morte de sua mãe e trairia a Ordem.

Ele continua ouvindo, seu rosto cada vez mais carregado de dor e negação. E me mata por dentro ver isso.

— Eu fui até Budapeste me encontrar com ele — digo, e não consigo mais olhar para meu irmão. — Ele falou com Vonnegut e os dois concordaram que você deveria ser eliminado, mesmo que só por precaução, para prevenir o inevitável. Eu fui incumbido de fazer isso.

A cabeça de Niklas vira bruscamente.

Eu o olho nos olhos.

— Vonnegut, é claro — continuo —, não sabia que somos irmãos, e, sendo eu o Número Um dele, pensou que eu podia fazer o serviço, porque somos bem próximos, você é meu contato. Papai quis que fosse eu a matar você porque achava que isso seria o mais honrado, que se era para alguém tirar sua vida, deveria ser eu, por sermos da mesma família, e que ninguém mais deveria ter esse privilégio.

Niklas mal consegue compreender. Mal consegue falar, mas, quando finalmente o faz, parte meu coração tanto quanto sua expressão continua partindo.

— Papai quis que você me *matasse*?

— Sim — digo gentilmente.

Ele começa a andar de um lado para outro e então põe as mãos na cabeça, passando-as pelo cabelo com força. Ele olha para mim com olhos cheios de lágrimas. Nunca vi meu irmão chorar. Nunca. Nem quando éramos crianças, ou quando a mãe dele foi morta.

Cerro os dentes, engolindo minhas próprias lágrimas. Aperto os dentes com tanta força que sinto a pressão no meu crânio. Mas

mantenho a expressão calma, até onde consigo.

— E por que você *não* me matou? — dispara ele. — Por que ainda estou vivo? Diga, Victor. — A primeira de suas lágrimas escorre por um lado da face, e ele instintivamente a enxuga, furioso por ser traído por ela. — Você deveria ter me matado!

— Eu me recusei — digo. — Você foi o único serviço que não consegui fazer, Niklas. Então para papai, só restava uma opção: ele mesmo fazer.

O corpo de Niklas fica rígido, mais magoado por essa verdade do que pela que veio antes. Outra lágrima escapa de seu olho, mas desta vez ele não tem cabeça para pensar em enxugá-la.

— Eu o matei — digo finalmente. — Papai me disse que eu teria que fazer isso, porque seria a única forma de ele não concluir o trabalho. Por isso atirei nele ali mesmo.

Ele não consegue me olhar. Sinto o conflito dentro dele, sua mente e seu coração tentando decidir quais emoções sentir e quais rejeitar: a mágoa pelo que nosso pai fez, ou o amor por seu irmão, porque ambas são demais para sentir ao mesmo tempo.

Continuo:

— Sendo o Número Um de Vonnegut, eu o convenci a poupar sua vida e o fiz acreditar que nosso pai era desequilibrado, paranoico, e que por isso tinha precisado matá-lo. Disse a Vonnegut que você era confiável e que eu queria uma chance de provar isso a ele e ao resto da Ordem. Prometi assumir total responsabilidade por você...

— Total re... — Ele me fuzila com o olhar. — Total *responsabilidade* por mim? O que eu sou, uma criança, porra? Tudo o que fiz desde os 7 anos foi pela Ordem. De nós dois, sou eu que sempre faço o que mandam, que nunca questiono as ordens de Vonnegut, que nunca dei, nem a ele nem a ninguém, motivos para *me* questionar! — Ele cerra os punhos ao lado do corpo. — Eu me esforcei para ser como você, Victor, para ser respeitado e banhado com a mesma glória que Vonnegut derramou sobre você desde

antes de ser promovido a Agente Pleno! Eu não fiz nada para justificar...

— Você mente para Vonnegut por mim há anos, Niklas. Quem garante que não se voltará contra mim no momento certo? Você fingiu ser o soldado confiável de Vonnegut, seu contato esperando ser promovido a Agente Pleno, e o tempo todo mentia para ele sempre que eu pedia.

— Então é isso?! — Ele aponta para cima e depois baixa a mão agressivamente. — Você estava me testando esse tempo todo?! Foi isso que você fez! Não foi?!

— Não — digo. — Jamais usaria você assim, Niklas. Matei nosso pai para salvar sua vida. Por que, então, arriscaria sua vida armando uma cilada para você?

Ele não tem resposta. Apenas me olha, confuso, magoado, furioso e sem saber o que fazer com tudo isso. Ele desaba de novo na poltrona, com as pernas abertas, o tronco inclinado para a frente, a testa apoiada na mão.

— Por que está me contando isso agora? — pergunta ele, voltando a me olhar. — O que o fez decidir que hoje seria o dia em que ia virar minha vida de cabeça para baixo? Você acordou hoje de manhã e pensou: “Hoje vou foder com a cabeça do meu irmão porque não tenho nada melhor para fazer”?

— Senti que devia isso a você — digo. — Você deveria saber a verdade antes de morrer.

Niklas parece levemente atordoado, tentando entender se me ouviu direito.

Ele tira a mão da testa e endireita as costas na poltrona.

— Como assim?

— Niklas — vou direto ao assunto —, sei que você contou para Javier Ruiz onde escondi a garota. Onde *eu* estava com a garota.

Seus olhos se franzem em confusão.

— Do que você está falando?

Dou alguns passos para a direita, com a mão nas costas, para parecer que só a apoiei ali. Minha arma está bem escondida na parte de trás da calça.

— Quando me ligou, quando eu estava voltando para Tucson, você disse que o horário do último paradeiro conhecido de Javier era 15h12. — Eu inclino a cabeça. — Por que levou sete horas para me dar essa informação?

Ele ainda não titubeou. Estou começando a achar sua capacidade de fingir melhor do que eu imaginava.

Ele pensa na pergunta por um momento.

— Liguei assim que fiquei sabendo. Victor, você sabe que nem sempre obtemos esse tipo de informação no momento em que acontece.

— Pode ser — digo. — Mas você e Samantha eram as únicas duas pessoas que sabiam onde eu estava e onde planejava deixar a garota.

Ele aponta para mim, sua expressão distorcida pela incredulidade.

— Mas você me disse que foi Samantha. Você disse que a garota contou que Samantha recebeu uma ligação...

— Menti.

Ele ainda não hesitou.

*Será que está dizendo a verdade?*

Aponto a arma para ele.

Niklas arregala os olhos e estende as mãos na minha direção.

— Victor, eu não traí você. Juro pela minha vida, não contei nada para *ninguém!*

Meu dedo encosta cuidadosamente no gatilho.

— Você é meu irmão! — grita ele. — Sempre fiz o que você pediu, guardei seus segredos, fiz o seu jogo com Vonnegut e com as ordens que ele lhe dava! Eu morreria antes de trair você!

Quando os olhos de Niklas param atrás de mim, sei que Sarai está ali.

— Falei para você não aparecer. — Mantenho os olhos em Niklas.

Ele corre os olhos entre mim e ela, sua expressão transparecendo o choque com a minha traição.

— Você disse que ela morreu.

— Menti sobre isso também.

Aperto o gatilho um pouco mais.

— Então quem está mentindo para quem? Quem está traindo quem?!

Seus olhos correm de um lado para outro.

— Victor! *Não. Fui. Eu!* — ruge ele. Está mais furioso do que apavorado, com o rosto distorcido pela mágoa e a incredulidade, as mãos apertadas em punhos ao lado do corpo. — Não vou implorar pela minha vida. Não vou, irmão. Se você tem que me matar, então me mate e acabe logo com isso, mas saiba que eu *não* traí você!

No último segundo, abaixo a arma e solto a respiração que prendi nos últimos minutos.

Então me sento na poltrona mais próxima e deixo o corpo relaxar.

O silêncio enche a sala. Nunca me senti tão confuso a respeito de alguma coisa.

— Acho que ele está falando a verdade — diz Sarai, baixinho, atrás de mim. Eu a sinto ali, de pé, com as mãos no encosto da minha poltrona. Por um momento, quase levanto a mão para tocá-las.

Finalmente, ergo os olhos para Niklas e digo para Sarai:

— Também acho.

— Como é que ela está viva? — pergunta Niklas, mais preocupado com ela do que com o fato de que decidi não atirar nele.

Ele parece olhar mais para ela, agora, do que para mim. Ainda não sei dizer que tipo de descontentamento ele está sentindo com isto, mas talvez, depois que o choque passar, eu consiga interpretar seu rosto com mais facilidade.

— Samantha também não contou a Javier onde estávamos — digo. — Só disse isso para você vir para cá, porque eu tinha certeza de que tinha sido você. Você era o único que *restava*.

— Samantha morreu tentando me proteger — diz Sarai.

Eu queria que ela parasse de falar e voltasse para o quarto.

— Javier a matou — acrescenta ela, com tristeza na voz.

— E Sarai matou Javier antes que eu chegasse — termino.

Niklas olha para nós dois por muito tempo, talvez ainda tentando encaixar todas as peças em sua cabeça, e provavelmente ainda magoado por eu tê-lo enganado para trazê-lo até aqui.

— Tudo bem — diz ele, cortando o ar à sua frente com a mão. — Não foi Samantha, mas também não fui eu.

Os dedos de Sarai se movem do encosto da cadeira e tocam a parte de trás dos meus ombros, provavelmente de forma involuntária, porque ela está nervosa. Por um momento me pego querendo que seus dedos fiquem ali, mas logo me levanto, antes que meu irmão tenha a impressão errada, se é que já não tem.

— Qual é o motivo de tudo isso? — pergunta Niklas. — Me diga, Victor, o que essa garota tem a ver com você? — Ele começa a andar de um lado para outro de novo, me olhando de vez em quando, com a mente em turbilhão. — Você foi para o México ouvir a oferta de Javier, para ver qual oferta valia mais o contrato, a dele ou a de Guzmán. E então, quando saiu de lá, achou uma clandestina no seu carro que claramente pertencia a Javier Ruiz...

— Eu não pertencço a *ninguém* — diz Sarai asperamente. — E meu nome não é garota, é Sarai.

Levanto a mão e ela para de falar, mas seu olhar duro fica mais sombrio, encarando Niklas. Ela cruza os braços.

Niklas devolve o olhar dela, mas se dirige a mim quando diz:

— Já relatei para Vonnegut as mentiras que você me contou para me atrair aqui. — Ele volta a se sentar na poltrona. — Você sabe tão bem quanto eu que desmentir essa história vai levantar todo tipo de suspeita. Você não pode mantê-la escondida para sempre. Já poderia ter pedido formalmente um novo contato, porque eles vão me substituir simplesmente por causa da nossa “falha de comunicação”, se decidirmos que é isso que vamos dizer a ele. — Ele

balança a cabeça para mim, com um leve sorriso incrédulo nos lábios. — Você fez tudo isso, mentiu para a Ordem, pôs toda a sua missão em risco, destruiu a missão, na verdade, só por causa dessa garota... — Ele sorri, sardônico. — O Abrigo Doze foi comprometido por causa dela.

Niklas olha nos olhos de Sarai, atrás de mim, e, sem que eu precise vê-la, posso sentir o ressentimento que ferve dentro dela.

— Tanta gente morreu por causa dela — diz Niklas. — Samantha. Aquela garota no Arizona. Dizem que ela só tinha 16 anos. Morta por causa de... *Sarai*. — Ele dá um sorrisinho.

Vejo o cabelo longo e avermelhado de Sarai voar quando ela passa por mim. Eu poderia estender o braço e segurá-la, mas Niklas merece qualquer revide que ela consiga dar antes que ele a derrube.

## CAPÍTULO VINTE E CINCO

### *Sarai*

Meu rosto arde com desprezo e lágrimas escorrem de meus olhos como um rio enquanto atravesso a pequena distância até Niklas.

Não me importa que ele pareça surpreso e ao mesmo tempo levemente divertido quando me joga em cima dele, agitando os punhos caoticamente diante de seu rosto.

Em um instante estou deitada no chão, de costas, e Niklas está agachado sobre mim, com a mão em meu pescoço, impedindo que eu respire. Agarro seu pulso com as duas mãos e tento lhe dar pontapés, mas não há como eu me mexer. Ele me olha fixamente e sua mão vai do meu pescoço para minhas bochechas, segurando meu queixo com os dedos como se fossem alicates. Com a outra mão, segura meus pulsos, forçando-os contra meu peito. Ele vira meu queixo para um lado, depois para o outro, e eu sinto o gosto de sua loção pós-barba quando seu dedo indicador aperta o canto dos meus lábios.

— *Saia* de cima de mim! — rujo sob o peso de sua mão.

— Niklas — diz Victor calmamente, de trás. — Deixe-a em paz.

Os olhos azuis de Niklas perfuram os meus e ele me segura naquela posição por mais três segundos desesperadamente longos antes de fazer o que Victor falou.

Tento recuperar o fôlego quando ele me solta, mas acho que prefiro prender a respiração mais um pouco, até que ele se afaste

completamente.

Levanto as costas do chão, mas fico sentada ali. Estou muito magoada, muito ultrajada com as coisas que Niklas disse, mas meu orgulho é o que mais dói.

Porque eu sei que ele tem razão.

Olho para o chão em vez de olhar para os dois. Não quero que vejam a vergonha e o remorso em meu rosto, embora seja evidente para qualquer um como me sinto.

— Niklas — diz Victor, calmamente —, lamento ter envolvido você nisto.

Ergo os olhos na hora. Sinto uma mudança no clima da sala, e, embora não saiba ao certo qual é sua natureza, percebo, pela pausa na voz de Victor, que é algo que pode mudar sua vida.

— Poderíamos formar um plano — continua ele, com atenção total de Niklas. — Vamos deixar que Vonnegut acredite que Sarai está, de fato, morta...

— Ou poderíamos simplesmente matá-la, para que fosse verdade.

Eu me viro para olhar para Niklas, que devolve meu olhar com o mesmo ar superior.

Victor balança a cabeça, opondo-se à sua proposta mordaz, embora totalmente séria.

— Podemos formar um plano juntos — continua Victor, com o mesmo tom firme —, ou então eu faço isso sozinho, e você pode se afastar e não tomar parte.

Niklas arregala os olhos e seu corpo enrijece. Parece estar sem palavras. E eu também. Posso não entender como esse tipo de coisa funciona no ramo deles, mas não preciso realmente saber que o que Victor acaba de propor é algo muito perigoso. É suicídio.

Encontro forças para me levantar do chão.

— Você tem uma escolha — diz Victor. — Siga meu plano de dizer a Vonnegut que ela está morta ou diga a verdade, conte tudo o que aconteceu aqui, para assegurar seu lugar na Ordem. Não vou culpar você por isso. Vou levá-la embora comigo, deixá-la em algum lugar

para que possa seguir com sua vida. E então seguirei com a minha. A escolha é sua, Niklas. Mas não vou matá-la, e se Vonnegut souber que ela está viva, ele vai, e com razão, questionar minha lealdade. E ninguém melhor do que você sabe o que acontece quando nossa lealdade é questionada.

— Eliminado como precaução — digo em voz alta, embora mais para mim mesma, lembrando o que Victor disse momentos antes sobre a ordem para matar Niklas.

Niklas está em choque. Balança a cabeça várias vezes, como se estivesse tentando tirar da mente as palavras perigosas de Victor.

— Logo você, de todos os agentes — consegue dizer Niklas — ...não entendo por que está fazendo isso, por que quer jogar tudo para o alto e viver escondido... — Ele balança a cabeça de novo, incapaz de concluir a frase.

— Não seria a primeira vez que arrisco minha posição e minha vida para seguir minha consciência em vez das minhas ordens.

Niklas respira fundo e desvia o olhar para o teto. Então olha para mim, e compartilhamos um momento suspenso nesta intrincada teia de mentiras, desprezo e ressentimento, um momento no qual, apesar de tudo, nos damos conta de que temos algo em comum: Victor salvou a nós dois, e nisso somos iguais.

Simultaneamente, olhamos para Victor.

Niklas por fim rompe o longo silêncio:

— Como sempre falei, irmão, eu jamais vou trair você.

Victor assente, e vejo o alívio escondido em seus olhos azul-esverdeados. Penso se ele teria matado Niklas ali mesmo, caso o irmão tivesse escolhido outro caminho.

— Eu estou com você — diz Niklas, e me lança um breve olhar. — No que você quiser fazer. Mas antes de fazer qualquer coisa, precisamos descobrir quem contou para Javier aonde você a levou.

Quando os olhos de Niklas pousam em mim novamente, ficam ali, e de repente sinto que ele está me culpando.

Franzo a testa. Cruzo os braços no peito.

— Bom, eu é que não contei, com certeza — disparo. — Não me olhe assim.

Victor fica entre nós e me pega pelo pulso, me levando para a poltrona mais próxima, onde me sento, obediente. Meu estômago está agitado de nervosismo. Olho para os dois, com as mãos segurando os braços da poltrona.

— Não fui eu!

— Eu sei que não foi você — diz Victor. — Mas preciso que você pense agora, Sarai. Em algum momento você falou com alguém, depois que saiu da fortaleza? Qualquer pessoa. Viu alguma coisa que não parecia certa, algo aparentemente insignificante?

Balanço a cabeça, traçando círculos nervosamente nos entalhes na madeira dos braços da poltrona.

— E-eu não sei — digo, sem fôlego, tentando desesperadamente me lembrar de alguma coisa, *qualquer coisa* que ele possa estar procurando.

Mas não consigo.

— Victor, e-eu acho que não.

Ele anda um pouco e olha para Niklas. Então, como se uma nova teoria lhe tivesse dado um tapa na cara, ele se vira de volta para mim.

— Tire a roupa — exige Victor.

Meu coração para de bater.

— Quê?

— Sarai, tire a roupa.

Ele me levanta da poltrona pela mão. Tento me desvencilhar, mas ele me segura mais forte.

— Eu não vou tirar a roupa coisa nenhuma! Por que você está me pedindo...? — Eu o esbofeteio com a outra mão, na face esquerda.

Ele me segura pelo pulso.

— Preciso que você confie em mim. Eu a trouxe até aqui, agora faça o que eu mandei e tire a porra da roupa.

O uso incomum do palavrão me choca o suficiente para me fazer obedecer. Meus olhos vêm e vão entre os dois de novo enquanto cerro os dentes; minha respiração sai curta e ofegante.

— Tudo bem — digo, puxando a mão. — Mas não na frente dele.

Victor me segura pelo pulso e me leva para longe de Niklas, para a porta de seu quarto.

— Você não tem nada que eu queira ver — ouço Niklas dizer antes que Victor feche a porta.

Eu já me sinto nua, parada no meio do quarto espaçoso com vista para o mar de Victor, e ainda nem tirei a roupa. Quero demorar o máximo possível, adiar isso para que talvez ele mude de ideia, ou ao menos me diga o que pretende, mas ele não perde mais tempo. E também não me deixa perder.

— Tire tudo. Agora.

Começo com a camiseta, tirando-a e expondo meus seios nus. Jogo a camiseta no chão, perto dos meus pés. Ele me observa, não com desejo, mas com determinação. Eu me curvo, tiro a calça e fico só de calcinha.

Ele se aproxima.

Eu hesito. A distância entre nós é de uns 50 centímetros, mas parece que são 5. Não quero tirar a calcinha, não porque tenha medo dele, mas porque... fico constrangida por ele me ver assim.

Quando ele se aproxima mais e não exige que eu tire a calcinha, suspiro silenciosamente, aliviada.

— Deite na cama — diz ele, e o suspiro de alívio é sugado de volta para meus pulmões antes que eu possa expeli-lo por completo.

Como não obedeco rápido o suficiente, ele fecha as mãos em meus antebraços e me empurra delicadamente para seu edredom caro.

Engulo um nó na garganta.

Quando começo a erguer os braços até os seios para cobri-los, sinto as mãos quentes de Victor em meu corpo. Fico imóvel, com os olhos arregalados, sem piscar. Ele levanta meus braços acima da

cabeça e começa a apalpar cada centímetro da minha pele, apertando os dedos na parte interna dos meus braços, descendo depois para as costelas, antes de chegar aos seios.

Seu olhar cruza o meu rapidamente.

Talvez ele quisesse apaziguar meu medo com aquele olhar, mas o único efeito é me fazer querer que ele me toque mais.

A culpa por pensar assim me queima por dentro. Mas o toque de suas mãos em meus seios, apertando só uma pequena área por vez entre os dedos, faz algo totalmente diferente.

Imagino sua boca em meu mamilo...

Obrigo essa ideia ridícula a desaparecer e o observo, seus olhos concentrados, e suas mãos, muito habilidosas mas ao mesmo tempo brutas, se moverem por cada centímetro do meu corpo. Discretamente, inspiro o cheiro de sua pele, seu aroma natural, que por algum motivo me faz querer beijá-lo. Ele se afasta de mim, mas ainda não acabou. Vai para minhas coxas em seguida, começando pela esquerda e massageando a carne com os dedos, usando as duas mãos. E depois, a outra coxa.

Quando seus dedos tocam a pele sensível da parte interna das coxas, perto da calcinha, eu gemo.

Ele para. Olha para mim, por sobre meu corpo nu. Só posso imaginar o que ele está pensando, mas desta vez tenho a sensação de que seu olhar não é para apaziguar meu medo, mas para estudar minha reação ao toque de suas mãos bem próximo de minha região mais íntima. Eu me pergunto por que ele sequer olha para o meu rosto, por que não rejeita minha reação óbvia afastando as mãos, como esperei que fizesse. Em vez disso, ele deixa as mãos ali, e sinto a ponta de um de seus dedos alisando minha pele, na virilha, bem no limite da calcinha, em conflito quanto ao que fazer. Ao que ele talvez *queira* fazer.

Ele tira a mão e me vira abruptamente de barriga para baixo.

— O que você está fazendo, exatamente? — pergunto, me adaptando à mudança rápida de situação.

Ele puxa minha calcinha para baixo até o meio da bunda, passando as mãos aqui e ali do mesmo jeito, indo depois para minha cintura.

— Estou procurando uma coisa.

— *O quê?* — pergunto.

Então ele para de repente, fazendo um movimento circular com o polegar em um lugar pouco acima da minha nádega direita, na parte de trás do osso da bacia. Mais ou menos a mesma região de onde tirei a bala dele.

— Um rastreador — diz ele. — Você está com um.

Tento virar a cabeça para trás para vê-lo melhor, mas meu pescoço dói.

O brilho de uma lâmina prateada chama minha atenção. Entro em pânico quando vejo o canivete em sua mão, e começo a me contorcer desajeitadamente. Mas ele me segura, pondo o peso de sua mão no meu cóccix, segurando meu ombro esquerdo com a mão do canivete.

— O que você vai fazer? — grito.

— Preciso tirar isso.

— Victor, não!

Eu me agito com mais violência, tentando me virar de costas para me levantar. De repente ele está completamente deitado em mim, e sua proximidade, o calor de seu hálito na lateral do meu pescoço, me deixa sem fôlego. Meu corpo todo fica rígido debaixo dele e depois começa a relaxar, derretendo quando sua voz dança perto de minha orelha:

— Eu vou tomar cuidado — sussurra ele, e minha pele fica arrepiada da orelha até a base da coluna.

Ele aperta seu corpo no meu por trás, sua ereção óbvia sob o fino tecido de sua calça, que nos separa.

— Prometo — diz ele em meu ouvido. — Mas isso precisa sair. Entendeu? Confia em mim?

Ele aperta seu quadril contra o meu de novo, e sinto que eu me pressiono contra ele involuntariamente. Fecho os olhos quando a sensação de formigamento no meio das minhas pernas sobe pelas minhas costas e chega às pálpebras.

— Sim — murmuro. — Confio em você.

— Ótimo — diz ele, em tom suave, e sai lentamente de cima de mim.

Fico imóvel, pensando muito mais em Victor e no que ele acaba de fazer comigo do que na ameaça mais imediata. Parte de mim nem se importa com o que ele vai fazer, com o fato de que ele está prestes a me cortar com um canivete, que vai doer pra caramba; e que talvez seja só por isso que ele fez o que fez, sabendo, de alguma forma, que podia controlar meu humor, minhas emoções, me dando a esperança de que me tocaria mais do que já tocou. Eu me sinto um brinquedo, e Victor sabe cada botão em mim que precisa apertar, tocar, para que eu faça tudo o que ele quiser, sinta tudo o que ele quiser que eu sinta. E eu não me incomodo. Não sei como ele fez isso, mas não me incomoda nem um pouco.

— Morda o travesseiro se precisar — diz ele.

Pego o travesseiro mais próximo, esmagando-o contra o peito. Fecho os olhos com força.

A lâmina me penetra e eu urro de dor antes de enterrar o rosto no travesseiro, sentindo meu corpo todo endurecer como um bloco de concreto.

Em segundos o dispositivo sai, e Victor está no pé da cama, olhando para algo do tamanho de um grão de arroz em seus dedos ensanguentados.

Com a outra mão, ele pega a toalha que usou para se enxugar depois do banho, que estava no chão perto dali. Ele a entrega para mim.

— Faça pressão no corte para estancar o sangramento — diz ele, e sai do quarto para o banheiro.

Enquanto aperto a toalha no quadril, ouço a água correndo na pia, e depois o som de Victor remexendo em seu armário de remédios. Segurando a toalha no lugar com uma das mãos, me levanto da cama para procurar minha camiseta, soltando a toalha só o tempo suficiente para vesti-la.

Victor sai do banheiro com um frasco laranja de comprimidos na mão, passa por mim e vai até a porta.

## CAPÍTULO VINTE E SEIS

### *Victor*

— Niklas — digo, saindo do quarto —, isto lhe é familiar? — Vou até ele e mostro o frasco de comprimidos com o rastreador dentro.

Ele o pega.

Ouçoo passos suaves atrás de mim quando Sarai sai do meu quarto, mas mantenho a atenção em Niklas.

Ele olha o frasco pela lateral primeiro, mas depois abre a tampa e joga o dispositivo na palma da mão.

Ergue os olhos para mim.

— É o mesmo tipo de dispositivo que eles usam nas garotas em Dubai — diz. Ele olha para Sarai. — Você achou isto nela? — Então o guarda novamente no frasco e fecha a tampa. — Odeio perguntar onde.

Niklas limpa a mão no paletó.

— Se isso é deles — digo —, significa que Javier Ruiz tem uma operação muito maior do que qualquer um de nós sabia. Nunca vi um chefe do tráfico como Ruiz com acesso a esse tipo de tecnologia.

— Eles não ligam para tecnologia — diz Niklas. — Só mexem com drogas, armas e garotas.

— Tinha — corrige Sarai, e eu me viro para olhá-la. — Javier *tinha* uma operação muito maior. Ele está morto, lembra?

— Sim — digo —, mas isso não significa que sua operação também esteja. Significa que será transmitida a quem estava na linha de sucessão, seja quem for.

— E o que isso tem a ver com a gente? — pergunta Sarai.

Quero pedir para que ela vista uma calça para ficar na frente de Niklas, mas me controlo.

— Não existe “a gente” — diz Niklas.

Sarai o fuzila com o olhar e ajeita a toalha ensanguentada na cintura.

— Então o que tem a ver *comigo*? — dispara ela. — Ou com qualquer um de vocês?

— Não tem nada a ver com você — digo. — Não mais. Você era de Javier, e se ele a tivesse vendido ou prometido para outro comprador, você não teria ficado tanto tempo em posse dele. Javier não tinha nenhuma intenção de deixar mais alguém possuir você. Agora que ele está morto, você não tem mais o que temer. — Faço uma pausa. — Quanto ao que tem a ver com a gente... — Paro aí, sabendo muito bem que se eu contar mais do que ela já sabe, só vou colocá-la em maior perigo com a Ordem.

E, a julgar pela expressão de Niklas, já falei demais, na opinião dele.

Ele enfia o frasco de comprimidos no bolso do paletó.

— Vou me desfazer disso — diz ele; então, sem mexer a cabeça, eu o vejo olhar para Sarai por uma fração de segundo. Seu ódio por ela ferve por baixo da fachada calma e disciplinada que ele usa. — Então, qual é seu próximo passo? Vou acobertar você para Vonnegut ou vai virar um renegado?

Sei que resposta ele quer que eu dê, e, por enquanto, é o que decido dizer.

— Avise Vonnegut que estou pronto para minha próxima missão — digo, inventando os detalhes na hora. — E mande pôr esta casa à venda. Vamos partir amanhã de manhã.

Sarai olha para mim com uma expressão confusa. Niklas balança a cabeça e concorda, porque, ao contrário dela, sabe que esta casa foi comprometida pelo rastreador que está em seu bolso. Javier Ruiz pode estar morto, mas o dispositivo continua funcionando, e alguém está e esteve monitorando seu sinal desde que Sarai fugiu da fortaleza. Foi assim que Izel nos encontrou tão rápido naquele hotel no México. Quando entrei em contato com Javier e lhe dei minha localização para ir buscar a garota, Izel chegou meia hora antes do que deveria, considerando nossa distância da fortaleza. Na época, concluí que ela já estava na estrada com seus homens, procurando por nós, e de fato estava. Mas eu não sabia, até agora, que era porque ela já sabia onde estávamos.

Também foi por causa do dispositivo que os dois homens entraram naquela loja fingindo serem clientes e falaram com o proprietário em código. Como matei todos os homens que foram com Izel da primeira vez, presumo que Javier Ruiz quis se garantir, mandando apenas dois na segunda vez. Eles foram enviados apenas para coletar informações e nos seguir até que Javier bolasse um plano melhor.

Depois que cruzei a fronteira com Sarai, ficou mais difícil nos acompanhar. Imagino que ele tenha mandado mais homens nos seguir, possivelmente até preparar uma emboscada em algum momento, mas isso não aconteceu, e acredito que tenha sido porque já estávamos nos Estados Unidos. Para Javier, era difícil até passar pela guarda da fronteira, mesmo com a influência poderosa que tinha sobre alguns agentes americanos corruptos.

— Entrarei em contato assim que receber de Vonnegut suas novas ordens.

Niklas se aproxima de mim.

Ele abandona sua máscara de contato profissional e frio e parece mais o meu irmão, agora.

— Sinto muito pelo que nosso pai fez — digo a ele.

Niklas baixa os olhos por um momento.

— Faço qualquer coisa para proteger você, porque você é meu irmão — diz ele. — Como você fez por mim.

Temos um momento de entendimento silencioso, assentimos e nos separamos.

— Ele me odeia, como eu já disse — diz Sarai, atrás de mim. — Mas é leal a você.

Eu estava olhando pela grande janela do outro lado do cômodo, perdido em pensamentos, ouvindo as ondas baterem nas pedras.

— Sim — digo. — Ele é.

Ela se aproxima e põe a mão no meu pulso.

— Você não tinha como saber — diz ela. — Que não foi ele. Mas isso não importa agora. Acho que você desfez mais do que um mal-entendido com seu irmão.

— Talvez — digo, e me afasto. — Mas não posso me preocupar com isso agora. — Ela me segue de volta a meu quarto. — Precisamos falar de você.

Entro no banheiro e ela fica na porta, com a toalha ainda apertada na cintura.

— Venha cá — chamo.

Ela obedece sem questionar.

Ponho as mãos na cintura dela e a viro para o espelho. Instintivamente, ela apoia as mãos na borda da pia, deixando a toalha ensanguentada cair no chão. Passo os dedos pelo elástico de sua calcinha abaixo, deixando-a na metade de seu traseiro.

— Para onde você gostaria de ir? — pergunto, abrindo o armário à minha direita. — Deixo você instalada onde quiser, mas precisamos fazer isso logo. Espero receber minhas novas ordens amanhã, antes do fim do dia, e não me sobrará muito tempo, depois de levar você aonde quiser ir, até eu precisar partir.

Volto com meu kit médico e o deixo sobre a pia.

Sarai não responde de início, talvez decidindo o lugar, mas meu instinto me diz que não é bem isso.

Vejo seu reflexo no espelho, mas ela não levanta a cabeça para me olhar.

— Mas eu quero ficar com você — diz ela, com cautela. — Já falei para você, não tenho para onde ir, nenhuma identidade...

— E eu já disse a *você* — lembro — que tudo isso pode ser providenciado. Escolha o lugar e tomarei conta do resto. Por enquanto, você tem a carteira de habilitação que eu lhe dei.

Limpo o ferimento com água oxigenada e cubro a área ao redor com iodo. Ela mal faz careta com a dor aguda.

— Não preciso da sua ajuda para me arrumar uma vida que não quero mais — diz ela.

Enfio a agulha e começo a suturá-la. Nem mesmo essa dor, embora levemente óbvia em seu rosto, a impede de dizer o que quer dizer. Eu esperava que sim, mas sua determinação é inabalável no momento.

— Eu sonhava com isso — diz ela, com os olhos no espelho agora, mas tudo que ela vê é o sonho. — Mesmo mal me lembrando até de como o Arizona era, eu me imaginava morando naquele trailer horroroso com um namorado e vizinhos amigos. Um sonho muito inspirador, eu sei — zomba de si mesma. — Mas aquele lugar, depois de um tempo, era tudo que eu lembrava. Daria tudo para poder voltar lá e continuar a vida que foi tirada de mim. Mas por volta do terceiro ano com Javier, parei de sonhar com isso. Desisti de desejar encontrar um jeito de fugir. Pouco a pouco, com o tempo, aprendi a aceitar minha vida como era. Eu odiava tudo no início, é claro. Odiava Javier. Odiava que, mesmo sem ter me estuprado, pelo menos não do jeito que a maioria das pessoas imagina um estupro, ele sabia que no início eu não queria, que só cedi a ele porque estava com medo. E mesmo assim ele fazia sexo comigo, e digo que isso é estupro, sim. Mas eu o odiava, e odiava ter me entregado a um homem que eu não queria.

Vejo a garganta dela se movendo no espelho quando engole a lembrança dolorosa e faz uma pausa antes de continuar, tentando

organizar as ideias.

— Em algum momento — continua ela —, até parei de odiá-lo. E eu sei que parece loucura, e-e-e eu *nunca* o amei — gagueja ela, e sinto que há um conflito no que está dizendo. — Mas parei de odiar...

Ela me olha nos olhos pelo espelho.

— Isso quer dizer que sou doente? Quer dizer... — Ela passa a língua pelos lábios secos. Eu dou o último ponto e limpo a região novamente com álcool, desviando o olhar dela só o suficiente para me assegurar de que estou fazendo certo. — Quer dizer, porque eu parei de odiá-lo, isso quer dizer que tem alguma coisa errada comigo?

Ela quer desesperadamente que eu diga que não.

Ponho a calcinha dela no lugar sobre os pontos e vou lavar as mãos.

— Quer dizer que você é humana — respondo.

Tentando evitar seu desejo de ficar comigo, eu a deixo de pé no banheiro e não ofereço mais nenhuma opinião sobre o assunto.

Mas ela é incansável, e me segue para fora.

Continuo cuidando da minha vida, desejando algumas muito necessárias horas de sono. Tiro a camisa e a calça e apago a luz ao passar pelo interruptor, deixando o quarto mergulhado em uma penumbra azul.

— Victor — diz ela suavemente, de trás. — Por favor, me leve com você. Já falei, posso ajudar. Você pode me ensinar, me treinar para fazer qualquer coisa que você ache que eu faria bem.

— Você não quer mesmo isso, quer? — pergunto, conhecendo-a melhor do que ela conhece a si mesma. Afasto o edredom e os lençóis e deito na cama. — Você só quer que eu não a deixe. Sozinha no mundo. Livre para ser o que e quem você quiser, para tomar suas próprias decisões. Para fazer sexo com os homens que escolher. Para ter uma vida normal. Porque isso é estranho para você. — Faço uma pausa. — Se eu mandasse você matar alguém

pelo bem de uma missão, você não conseguiria. Não consegue matar qualquer ser humano a sangue-frio, sem saber quais são seus crimes, seus parentes, ou mesmo por que ele está sendo morto. Você nunca chegaria a ser como eu. Treinamento nenhum faria de você uma assassina, Sarai. — Eu me deito completamente no travesseiro, puxando o lençol até a cintura. — Agora vá dormir. Vamos partir às seis da manhã, e espero que você já tenha decidido para onde quer ir, até lá.

Ela parece derrotada. Linda, suave e destruída de pé ali diante de mim, parcialmente vestida, à luz do luar que entra pela janela alta. Linda, mas derrotada. Seu olhar de alguma forma gruda em minha alma, e tudo o que quero é que ela se vire e vá embora. Porque sei que se ela não for, se me pressionar mais com esses lábios macios e esses olhos tristes e vulneráveis, vou sucumbir ao momento, e comê-la ou matá-la.

Ela se vira e vai até a porta.

Eu a detenho.

— Sarai — chamo, mas ela não se vira. — Você nunca aceitou sua vida com Javier, ou não estaria... aqui comigo agora. — Eu ia dizer: *Ou não o teria matado*, mas decidi que era melhor não.

Ela não responde nada e fecha a porta ao sair.

Fico deitado, olhando as nuvens espessas que cobrem o céu, e penso nas coisas que contei a ela, nas *mentiras* que contei a ela.

Ela *conseguiria* matar a sangue-frio. Todo o meu ser me diz que ela conseguiria e que *faria*. De certa forma, me dói acreditar nisso, saber que sua inocência foi roubada há tanto tempo, e que, embora ela ainda tenha chances razoáveis de levar uma vida normal, o fato de que escolheria viver a *minha* vida é difícil de engolir.

É difícil principalmente porque quase quero dar isso a ela.

## CAPÍTULO VINTE E SETE

### *Sarai*

Ouço os trovões e a chuva por uma hora, incapaz de pegar no sono. Apesar do tempo, esta casa é bastante silenciosa, bastante espaçosa e vazia. Vazia em quase todos os sentidos da palavra. Fico deitada nos lençóis limpos do quarto de hóspedes, olhando as nuvens escuras rolando no céu através daquela enorme janela. Ouço as ondas arrebatando lá embaixo e vejo o oceano sem fim em um clarão fantasmagórico quando um relâmpago corta o céu turbulento.

Vazia.

Esta casa. Minha alma. A alma de Victor. É a única palavra adequada para como me sinto, como acredito que Victor se sinta, embora ele mais ainda do que eu.

Como alguém pode passar pela vida tão clandestina e friamente, tão desconectado de qualquer um ou qualquer coisa? Quando olho em seus olhos, vejo *algo* ali, ainda que adormecido e completamente instintivo, mas sei que está ali. E é forte. Quero entender aquilo, senti-lo, saboreá-lo com os lábios.

Quando o trovão começa a se perder na distância, a chuva diminui para uma leve garoa. Não consigo mais ouvi-la, mas ainda a vejo escorrer pelo vidro em meandros poéticos. O frio do ar produz calafrios em minhas pernas nuas mesmo debaixo das cobertas, evocando visões de Victor deitado ao meu lado para ajudar a me esquentar.

Decido me levantar.

Eu me sinto boba e imprudente pelo que vou fazer, mas não me importo. Se ele vai se livrar de mim amanhã, que importa no que minha tentativa vai dar?

Meus pés descalços se movem silenciosamente pelo piso de madeira nobre e depois pelo meio da casa. Apoio dedos relutantes na maçaneta da porta do quarto de Victor e paro antes de empurrá-la com cuidado. A porta se abre com um estalo e eu entro. Eu o vejo do outro lado do cômodo espaçoso, deitado de costas, a cabeça virada para um lado, para mim. Seus olhos estão fechados, sua respiração, calma. O lençol cobre apenas seu tronco e suas coxas, deixando o resto de seu corpo nu exposto ao ar frio. Eu me lembro de mais cedo, quando ele estava em cima de mim, me pressionando por trás, e isso causa espasmos em minha barriga em meu quadril.

Eu me aproximo, tentando fazer o mínimo de barulho possível, mas ao mesmo tempo me perguntando para quê fazer silêncio, afinal. Ele vai acabar descobrindo que estou aqui, e, bem, a ideia é meio que essa mesmo.

Chego ao lado de sua cama e o olho por um momento, observando como seu peito musculoso sobe e desce com a respiração silenciosa. Como seus lábios estão fechados, suavemente apertados um contra o outro, o que significa que o que ele está sonhando, se é que está sonhando, é algo pacífico, intocado pela violência que encobre sua vida. Como no meu caso, os pesadelos de suas experiências há muito desapareceram, deixando apenas um senso mórbido de normalidade que os pesadelos não acham mais adequado visitar.

Tiro a camiseta e a joga no chão.

Apoio as mãos e os joelhos na cama, engatinho nela e monto na cintura de Victor.

Em um segundo apenas, meu cabelo está enrolado em sua mão e sua arma está pressionada sob meu queixo, forçando meu pescoço tão para trás que temo quebrá-lo se me mexer.

Eu não digo uma palavra, mas não estou com medo. Não sei ao certo se ele me mataria ou não, mas não sinto medo dele, de uma forma ou de outra.

Ele afunda mais os dedos em meu couro cabeludo, e sinto o cano frio da arma descendo para o meio do meu pescoço. Mais do que isso, sinto seu membro ereto entre minhas pernas, e a presença da arma em qualquer lugar do meu corpo fica em segundo plano.

— Se você vai me abandonar — murmuro, sem conseguir ver seus olhos —, então me deixe ter esta última coisa de você.

Ele puxa minha cabeça ainda mais para trás. A arma está enfiada em minha barriga, agora.

— Nunca fiquei com um homem com quem eu *quisesse* ficar — digo. — Eu *quero* ficar com você. Só uma vez. Quero saber qual é a sensação de ser quem está no controle.

Ele está dividido, sinto isso no calor que emana de sua pele, em seus movimentos tensos e incertos. Em um momento, a arma afunda mais em meu ventre, e sinto que meu cabelo está para ser arrancado por sua mão. Mas então ele cede, afrouxando só um pouco, permitindo um pouco de alívio ao meu pescoço. Posso ver seus olhos agora, me fitando tão mortais quanto sedutores, mesmo sabendo que ele não está fazendo isso de propósito.

— Você não pode ficar aqui — diz ele, também em um murmúrio.

Sinto seus olhos em mim, percorrendo meu corpo, meus seios nus, até lá embaixo, onde minhas coxas nuas envolvem suavemente seu quadril.

— Não me importa, Victor.

Seu olhar volta para meu rosto, onde ele observa a curvatura dos meus lábios.

Então percebo mais alguma coisa lampejar em seus olhos, algo assustador, que nunca vi nele, e fico tensa em seus braços. Ele me observa em silêncio, como se eu fosse algo a ser devastado e depois finalmente... morto. Apesar do medo crescente, ainda quero estar

exatamente onde estou, presa nos braços impiedosos de um assassino.

Sem me soltar, ele ergue as costas da cama, com o braço cuja mão está enrolada dolorosamente em meu cabelo, apertado contra meu ombro. Estou sentada em seu colo, minhas coxas nuas tocando seus quadris, que aquecem minha pele como imaginei. Posso sentir que ele está completamente nu por baixo do fino lençol que nos separa.

— Se quer me matar, então mate.

Seus lábios se aproximam dos meus.

— Mas, se vai fazer isso — digo, ofegante —, antes me deixe ficar com você, por favor...

Meus olhos se fecham por vontade própria. Eu espero pelo que for acontecer; morte ou sexo, ambos são bem-vindos, meu corpo rígido contra o dele, meu coração batendo tão forte que lateja em minha cabeça e na ponta dos dedos. Quando sinto seus lábios roçando os meus, eu derreto.

No entanto, quando sinto o metal frio em minha têmpora, meus olhos se abrem lentamente para olhar nos dele de novo.

— Isto não pode acontecer, Sarai — diz ele.

Aproximo meus lábios dos dele.

— Pode, sim — murmuro em sua boca, antes de cobri-la com a minha.

Minhas coxas se apertam ao redor de sua cintura e me sinto comprimindo sua ereção, tremores indo da minha pélvis até os joelhos. Levanto o corpo e puxo o lençol que está entre nós, me acomodando novamente em seu colo nu, instantaneamente sentindo a grande diferença que o lençol fazia. Eu me esfrego no pau dele, sentindo sua rigidez através do tecido da calcinha, o que me faz tremer.

Mas sinto que ele não quer isso. Ele não me repele, mas está em conflito.

— Por favor, me deixe fazer o que eu quiser com você — digo, olhando em seus olhos lindos.

Ele examina meu rosto, seus dedos tocam de leve minha face, com uma expressão de incerteza, como se esta nossa interação fosse algo completamente novo para ele. Percebo que provavelmente ele nunca esteve com uma mulher que ele não pudesse violar, ferir e dominar. E embora eu ache que também o prefira assim, neste exato momento quero ser eu a tomar todas as decisões.

Não sei ao certo por que quero isso, mas não importa.

Sinto seu corpo ceder ainda mais.

Coloco as mãos em seu peito duro como pedra e o empurro delicadamente sobre a cama, esperando que ele permita.

Ele permite. Ele se deita, deixando as mãos relaxarem em minhas coxas. Nós nos olhamos e nenhuma palavra é dita. Não é necessário. Passo o dedo pelo elástico da calcinha e tiro uma perna de cada vez, sem desviar os olhos dele.

Só senti-lo entre as pernas, pele contra pele, já é arrebatador. Eu me inclino para a frente, querendo-o todo, o calor de seu peito contra o meu, o ardor de seu hálito em meu pescoço. *Tudo*. Eu o beijo intensa e profundamente, sua língua encontrando a minha em uma dança de dominação, seus dedos apertando minha nuca até que ele passa a mão por todo o meu corpo, rumo ao meu quadril. Ele o aperta, pressionando seu quadril contra o meu. Ele quer tanto o controle, mas eu aviso que é meu, empurrando meu quadril contra ele e mantendo-o ali.

Quando ele me devolve o controle, beijo de leve seus lábios e os dois lados de seu maxilar.

Ele observa meu rosto, olhando rapidamente para meus lábios, querendo saboreá-los.

E então eu começo a chorar.

Sempre choro quando estou com raiva.

Estou me tornando outra pessoa, aquela garota perdida aos 14 anos, obrigada a levar uma vida de escravidão, dor e sonhos despedaçados. Imagens do rosto de Javier cruzam aleatoriamente minha cabeça. Sinto que estou em um carrossel e que está girando tão rápido que todos os rostos de Javier vêm e vão antes que eu consiga alcançá-los e pegar um. Não consigo pôr as mãos em apenas *um*, para poder espancá-lo até a morte. E apenas choro mais alto, gritando na noite, e antes que me dê conta do que estou fazendo, Victor se tornou o rosto de Javier que não consigo alcançar de outra forma. Lanço os punhos contra ele, esmurrando-o sem parar no peito e nos braços, e ele não me impede. Porque sei que só ele é capaz de entender por que preciso deste momento tão desesperadamente.

Grito para a noite, deixo tudo sair. Lágrimas chovem de meus olhos.

Eu desabo nele, e ele me envolve em seus braços. Não consigo respirar enquanto soluço em seu pescoço.

## CAPÍTULO VINTE E OITO

*Victor*

Linda, mas derrotada e destruída. Destruída para o resto da vida, e nenhuma dose de mutilação emocional vai lhe devolver totalmente a inocência. A garota é uma bomba-relógio, um perigo para si mesma e muito possivelmente para os outros. Eu não tinha certeza antes, mas agora sei que ela é mais instável do que poderia imaginar. E, por ser tão habilidosa em esconder isso, não só de mim mas também de si mesma, é mais perigosa do que eu. Sou disciplina. Sarai é raiva. Tenho consciência de minhas escolhas em todos os momentos. As escolhas de Sarai têm mais consciência dela e ficam escondidas, esperando para decidir por ela, de acordo com a severidade de seu humor, sem nenhuma intenção de lhe deixar qualquer controle consciente sobre a escolha.

Eu sei o que preciso fazer.

Seguro sua nuca com uma das mãos, com a arma apoiada na cama, ao meu lado, na outra. Sinto suas lágrimas molhando meu ombro, seu corpo agitado por soluços que se fundem a meus músculos. E sua intimidade ainda aperta meu pau cada vez que seu corpo se contrai. Mas eu deixo, apesar da necessidade moral de me afastar.

— Sarai — murmuro perto de sua cabeça —, sinto muito.

Levanto a arma lentamente atrás dela.

Ela inclina a cabeça, encosta o rosto em meu peito e eu paro, esperando, embora não saiba o quê. Seus soluços começam a se acalmar, sua mão esquerda encolhida perto do queixo, onde as pontas de seus dedos pousam levemente na base do meu pescoço.

— Eu tenho uma tia na França — diz ela, baixinho, distante. — A irmã mais velha da minha mãe. Sei que a França é bem longe, mas você não precisa me levar lá, só me ajude a embarcar no avião.

Levanto a arma mais um pouco, apontando o cano para sua nuca, mas sem tocá-la. Não quero que ela sinta medo antes de morrer, e, embora eu saiba que ela não tem medo de nada, a morte é algo que todos tememos na hora final, mesmo que apenas uma pequena parte de nós tenha consciência disso. Não quero que ela tema a morte nem um pouco, e ela não vai temer se não souber que está acontecendo.

— Com que idade você se tornou o que é? — pergunta ela.

Pego desprevenido pela pergunta, e talvez mais ainda pela mudança de clima, eu hesito antes de responder:

— Com 9 anos.

Ela funga e enxuga os olhos com a mão mais próxima da bochecha.

— Você era muito novo — continua ela. — Acho que, de certa forma, assim como eu, você nunca teve chance de levar uma vida que escolhesse. Acho que talvez a gente não seja tão diferente, na verdade. — Ela faz uma pausa. — Embora talvez eu seja mais parecida com seu irmão do que gosto de admitir. Ele tem tanta raiva quanto eu.

Tiro o dedo do gatilho e lentamente, para que ela não perceba, afasto o cano de sua nuca.

— Deve ter sido difícil crescer com Niklas — diz ela.

Deixo a arma na cama ao meu lado e, antes de perceber o que estou fazendo, acaricio sua nuca de novo.

— Sim, foi — respondo. — Considerando as circunstâncias pouco convencionais.

— Em vez de quem é o melhor jogador de beisebol, era qual dos dois era o melhor assassino.

— Não — digo. — Niklas nunca tentou ser melhor do que eu, ele só queria ser igual. Nunca competimos um contra o outro, mas ele compete com todos que já se aproximaram de mim desde que se conhece por gente.

— Todos que se aproximaram de você? — pergunta ela.

Faço que sim com a cabeça e passo delicadamente os dedos por seu cabelo.

— Vonnegut, Samantha, minha mãe, nosso pai — digo, distante, enquanto relembro esses acontecimentos, olhando para o teto escalonado. — E agora, você.

Eu a ouço suspirar, mas ela não levanta a cabeça.

— Como vê, você tem algo que eu não tenho — diz ela cuidadosamente, embora eu tenha a impressão de que está falando mais consigo mesma. — Tem alguém que ama você, que é leal e que é capaz de matar por você. — Ela ergue o corpo de cima do meu e se levanta da cama. Então olha para baixo, para mim. — Você tem muita sorte de ter alguém como ele, Victor.

Ela pega a calcinha do pé da cama e a veste. Depois pega a camiseta do chão e a enfia por cima do cabelo longo e desgrenhado e dos seios.

— Eu sou grata — diz ela, olhando para trás — por tudo o que você fez por mim. Acho que no fim nada disso vai importar, na verdade, salvar ou não minha vida. Mas sempre vou ser grata a você.

Sarai deixa o quarto, mas de certa forma ela me leva junto.

Por algum tempo, não sei quanto, fico olhando para o teto, lembrando como ela estava antes de sair, como me usou para se vingar de Javier. Sei que ela não entrou no meu quarto para isso, a princípio. Ela queria estar comigo. Queria sentir algo que jamais sentiu, mas raiva e vingança não faziam parte de seu plano. Autodestruição não fazia parte de seu plano, e, apesar de usar esse

momento para liberar uma parte do ódio dentro dela, sinto que só serviu para fazê-la perceber o quanto realmente está perturbada.

O som soturno e melodioso do piano se espalha suavemente pela casa, me tirando do meu transe. A sonata para três vezes e recomeça do início, como se ela estivesse tentando lembrar todas as notas. Na quarta tentativa, seus dedos se movem com mais confiança pelas teclas, fluentes, cuidadosos e perfeitos. E logo me vejo de pé ao lado da cama, vestindo a cueca. A sonata continua, tão elegante, linda e angustiante que me atrai para fora do quarto e não consigo resistir. Vou para o corredor a passos silenciosos, seguindo o som. A música fica mais alta, *Sonata ao Luar* na interpretação mais sofrida que já ouvi, preenchendo o enorme espaço vazio ao meu redor.

Fico em silêncio e imóvel na entrada em arco que dá para a sala do piano. E olho para ela como nunca olhei antes. Ela me possui, neste momento.

Fecho os olhos e deixo a música correr pelo meu corpo; calafrios se espalham pela pele como ondulações suaves na superfície da água.

Mas sou acordado desse encanto rápido demais.

A música para quando Sarai se atrapalha com as teclas. Embora decepcionado por ela ter parado tão abruptamente, fico onde estou, torcendo para que continue de onde parou e termine a sonata. Sua figura delicada parece vulnerável, frágil no luar fraco que a envolve vindo da janela, formando um halo ao redor de seu corpo, iluminando as pontas de seu cabelo.

*Por favor, toque, Sarai. Não pense na música, apenas toque.*

Ela recomeça de onde parou, mas depois de algumas notas, desiste. Frustrada consigo mesma, se curva para a frente, as mãos tocando de leve a testa.

Eu me sento ao lado dela na banqueteta.

— Eu ensino — digo, pondo os dedos nas teclas. — Se é isso que você quer.

Ela vira a cabeça para me olhar, e, quando faz isso, sei que está se perguntando se só estou me referindo à música.

Ela assente devagar.

Começo do início e toco a sonata até o ponto em que ela parou. E então ela tenta de novo. E de novo, até que minha orientação a ajuda a retomar o controle das teclas, como quando me atraiu para esta sala. A música me assombra, cada segundo melancólico dela, tanto que meus olhos fechados se enchem de lágrimas, mas só meu coração consegue derramá-las.

A sonata segue até o final desta vez, e o silêncio preenche o espaço ao nosso redor.

— Não quero dormir sozinha — diz ela, baixinho.

E não a obrigo a isso. Sarai adormece aninhada a meu lado, em minha cama. Bem onde quero que ela fique.

## CAPÍTULO VINTE E NOVE

### *Sarai*

Quando acordo na manhã seguinte, o sol brilha através da enorme janela, mesmo com as cortinas fechadas. Estou sozinha na cama, mas sei que não estou sozinha na casa. Foram os passos de Victor no piso fora do quarto, com seus sapatos elegantes, que me acordaram. Meu coração está exausto, mas minha mente e meu corpo parecem renovados. Não consigo lembrar quando foi a última vez que dormi tão profundamente.

Acho que nunca.

Eu me levanto do colchão, me desvencilhando do lençol. Não consigo acreditar no que fiz ontem à noite, mas fiz e acabou, e posso encarar Victor e não sentir vergonha ou então posso me esconder dentro deste quarto pelo resto da vida.

Escolho a alternativa mais realista.

Quando saio do quarto, me pergunto por que não acordamos antes de amanhecer e partimos, como ele planejou.

Ele está sentado sozinho na sala de estar quando paro à porta, completamente vestido com seu melhor terno e as costumeiras bolsas no chão a seus pés, menos a que contém o dinheiro. Há um jornal em sua mão e uma caneca de café puro na mesa perto da poltrona.

— Por que a gente não saiu cedo? — pergunto, entrando na sala.

Ele baixa o jornal e então decide dobrá-lo e deixá-lo na mesa, perto do café.

— Achei que você precisava dormir.

Fico constrangida, fracassando em minha tentativa de não sentir vergonha de minha aventura sexual, mas na verdade duvido que sua resposta tenha qualquer coisa a ver com isso.

— Obrigada — digo.

Olho para ele de novo.

— Pelo jeito, você vai ter que me comprar mais um par de sapatos — comento, apertando os dedos dos pés nus contra o chão frio e duro, com as mãos atrás das costas.

Os sapatos que ele me comprou ficaram na casa de Samantha quando tivemos que sair de lá às pressas. Não tenho tido muita sorte com sapatos ultimamente.

— Isso já foi providenciado — diz ele, cruzando as pernas e alisando o colete.

Olho ao redor, procurando sacolas de lojas de departamentos ou talvez roupas femininas que tenham sido deixadas ali por qualquer motivo.

Uma mulher baixinha, de meia-idade, usando uniforme azul-marinho entra pela porta da frente, carregando uma bolsa espalhafatosa em um braço e várias sacolas gigantes no outro. Um molho de chaves tilinta em sua mão depois que ela fecha a porta com o quadril. Ela consegue jogar as chaves na bolsa, girando o pulso desajeitadamente para alcançá-la.

— Ah, você deve ser Izabel — diz a mulher, com os olhos brilhando. — Eu sou Ophelia. Prazer.

Faço um cumprimento de cabeça e me apresento, embora ela aparentemente já saiba meu nome; bem, o nome que Victor me deu, pelo menos.

Ela deixa a bolsa cair no chão e anda pelo espaço amplo da sala de estar, na minha direção, com as sacolas ainda penduradas no braço, parecendo cortar sua circulação.

— Você acertou o tamanho — diz ela, olhando para Victor, e ela deixa as sacolas no sofá impecavelmente limpo. — E eu tenho uma filha do seu tamanho — diz ela, olhando para mim, agora —, então espero ter escolhido bem. Meleena deu trabalho quando era mais nova, pode ter certeza. — Ela gesticula dramaticamente com as mãos. Seus dedos são cheios de anéis. — Claro que foi culpa minha, por criá-la usando Versace e Valentino, mas ela é a garota mais invejada quando entra em qualquer ambiente, então acho que o sofrimento que ela causou em mim e na minha conta bancária valeram a pena. Venha, me deixe ver você. — Tento disfarçar a expressão constrangida que sei que está no meu rosto enquanto ela puxa um lindo vestidinho floral de uma sacola e o encosta em mim.

Decido olhar para Victor em vez disso, esperando que ele me diga exatamente quem é a mulher e o que ela está fazendo ali.

Seus olhos sorriem para mim.

Não consigo acreditar. *Ele sorriu para mim?*

— Serve perfeitamente — diz Ophelia.

Mas então ela deixa o vestido de lado e começa a tirar outras peças de roupa da mesma sacola. A seguinte está cheia de caixas de presentes, e ela abre cada uma e desembulha um vestido enrolado em papel de seda extravagante e tule, que provavelmente custou mais do que vale. Enquanto segue tagarelando sobre sua filha mimada porém “merecedora”, ela inspeciona cada um dos vestidos, encostando-os em mim como que para imaginar como vou ficar neles. Ou talvez imaginando como “Meleena” ficaria neles.

Essa mulher é bem esquisita.

— Claro que, depois que o pai dela foi embora, precisei arrumar um emprego. — Ophelia balança a cabeça e me olha como se o fato de ela ter um emprego fosse a coisa mais lamentável que já aconteceu. — Então, para sustentar Meleena e seu gosto tão caro, entrei para o ramo. Olhe, experimente este. Hoje o dia está bonito, então você deve usar alguma coisa combinando.

— Que ramo, exatamente? — pergunto.

Eu me viro de costas para eles e tiro a camiseta. Mal olho para o vestido que Ophelia me passa, mais curiosa a respeito dela, na verdade.

Victor bebe seu café e finge ler o jornal. Ou talvez não esteja fingindo. Metade do tempo eu não tenho certeza, com ele.

— Da faxina — responde ela.

Fico um pouco confusa, e ela percebe, tenho certeza.

— Você consegue... comprar Versace e Valentino com salário de faxineira? — pergunto, incrédula. — Sem querer ofender.

— Não ofendeu — diz ela, enfiando o vestido pela minha cabeça. — Mas consigo, sim. Só trabalho para quem pode me pagar. Celebidades, músicos; sabe, gente que tem tanto dinheiro que não sabe o que fazer com ele. Gente rica contrata alguém para fazer as coisas mais sem importância, só porque pode. Eu lucro com a tolice deles. — Ela olha para Victor. — Sem querer ofender.

— Não ofendeu — diz ele, tomando mais um gole de café.

— Ah, entendi — digo enquanto o tecido fresco e fino desliza pela minha pele.

Eu me viro depois de me vestir.

— Sim, acho que este ficou perfeito — diz ela, pondo as mãos na cintura e me olhando de alto a baixo. — Mas você deveria usar um sutiã sem alças, pelo menos.

Ophelia mexe em outra sacola enquanto lança um olhar para Victor.

— Pelo jeito, você acertou o número do sutiã dela também — diz ela, e sinto meu rosto corando de novo.

Acho que ele deve ter uma boa ideia do tamanho, considerando tudo.

— As roupas de baixo foram as únicas que eu tive que parar e comprar enquanto vinha para cá. O resto, roubei do quarto da minha filha. Tem uma bolsa e mais algumas coisas básicas aí também. — Ela põe o sutiã na minha mão. — Aposto que com as

roupas que ela tem naquele quarto e nunca usou já dá para comprar um Bentley.

Visto o sutiã sem alça que Ophelia me deu, depois de arrancar a etiqueta, e ela me ajuda a fechá-lo nas costas, já que tenho dificuldade para fazer isso sozinha. Depois ela fecha o zíper atrás do vestido rendado floral rosa-claro e eu tento me ver nele. É bem curtinho, alguns centímetros acima dos joelhos. E pinica na gola, que é alta. Não estou acostumada a usar coisas assim, ao menos não em todo lugar, exceto por algumas horas em alguma festa, onde eu só precisava ficar quietinha e bonita. Com Victor, pareço passar mais tempo fugindo para salvar minha vida do que ficando quietinha.

A seguir vêm os sapatos.

— E-eu acho que qualquer coisa de salto não é boa ideia — protesto delicadamente quando ela abre a primeira caixa.

De jeito nenhum vou usar esses. São lindos, sim, mas nem morta.

Ophelia olha para Victor de novo. Ele assente para ela, como se dissesse que está tudo bem.

Ela fecha a caixa, decepcionada, e abre outra.

— Não é o que eu escolheria para usar especificamente com esse vestido — diz ela —, mas pelo menos combina.

Ela deixa as sandálias de tiras cor creme no chão, diante de mim, e eu as calço. O sutiã é desconfortável — acho que qualquer sutiã incomodaria, depois de tanto tempo sem usar —, me apertando debaixo dos braços. Tento resistir ao impulso de ajeitá-lo, mas perco a batalha depois de seis segundos. Sei que não devo parecer muito uma dama no momento, puxando o elástico apertado com os braços para cima e fazendo caretas de desconforto. Quando acho que consegui ajeitá-lo, relaxo os braços novamente e fico parada ali, constrangida.

— Você está bonita — diz Victor da poltrona, com o jornal apoiado nas pernas.

*Você também...*

— Obrigada — digo, e desvio o olhar.

Nunca senti tanto medo de olhar nos olhos dele. A humilhação é mais forte do que eu pensava. Quanto mais ele me olha, mais paranoica fico sobre o que está passando pela sua cabeça agora. Não sei o que deu em mim ontem à noite. Entrei no quarto dele com paixão e desejo nos olhos, mas em algum momento, que acho impossível determinar, me transformei em uma masoquista psicótica.

Mas ele *deixou*. E não sei ao certo o que pensar disso. Sei que ele não sentiu nenhum prazer com isso, nem eu esperaria que sentisse, mas, de nós dois, só eu pareço estar constrangida com o fato.

Victor se levanta da poltrona e deixa o jornal na mesa. Ele enfia a mão no bolso direito e tira um rolo de notas.

— Pelas roupas da sua filha — diz ele, pondo o dinheiro na mão de Ophelia. — E aí tem o suficiente para pagar pelo seu tempo também.

Ela enfia o rolo no bolso.

— Então acho que é isso — diz Ophelia. — Se decidir se mudar de novo para estes lados, sabe como me encontrar. Meu preço vai continuar o mesmo para você.

Victor assente.

— Pode deixar — diz.

Ophelia se vira para mim com um grande sorriso nos lábios fechados.

— Mantenha esse cara na linha — diz ela. — E experimente usar salto. Você vai ficar sensacional.

Retribuo o sorriso.

— Vou pensar.

Ela me dá um tapinha no braço ao passar, pegando sua bolsa do chão a caminho da porta.

Muito tempo depois que Ophelia vai embora, continuo olhando para a porta. Não estou pensando nela, mas não tenho coragem de olhar para Victor.

Ele anda até parar na minha frente e segura meus cotovelos. Meus braços estão levemente cruzados na barriga.

— Sarai — diz ele.

Ergo os olhos para encará-lo, e antes que ele possa dizer o que planeja, desato a falar, baixinho:

— Olhe, desculpe por... Victor, eu não estou maluca, nem... bom, me desculpe mesmo.

— Não precisa se desculpar — diz ele.

Eu apenas olho para ele.

— Você toca maravilhosamente bem — continua ele. — Já pensou em tocar como profissional?

Muitos longos segundos se passam antes que eu consiga responder.

— Já considereei subir em um palco em algum lugar — digo, e ele solta meus cotovelos. — Mas não tenho mais nenhum interesse por esse tipo de coisa. Só quero tocar para mim mesma.

Para evitar encontrar o olhar dele de novo, vou até o sofá e começo a organizar as roupas em uma pilha caprichada sobre a almofada.

De costas para ele, continuo:

— Nem imagino o que vou fazer quando chegar à casa da minha tia, mas vou pensar. Vou estudar alguma coisa, e depois, talvez eu comece a... — Não consigo terminar porque não sei o que dizer. Fujo do assunto, mexendo ansiosamente no tecido em minhas mãos: — Pelo menos vou estar bonita quando encontrar com ela. Talvez ela me aceite, agora que estou usando roupas que não vieram da liquidação de alguma loja barata.

— Pode me prometer uma coisa? — pergunta Victor.

Eu me viro para olhá-lo.

— Acho que lhe devo essa — digo. — O quê?

— Que vai tocar para mim de vez em quando, só isso.

— Como assim?

Ele se curva sobre uma estante e pega outra maleta. Então se aproxima de mim e a deixa no sofá, abrindo os dois fechos laterais.

Quando ele a abre, está vazia. Ele aponta rapidamente para minha pilha de roupas.

— Nosso avião parte daqui a uma hora — diz ele. — Daqui em diante, a menos que eu dê ordens contrárias, você é Izabel Seyfried e é muito segura de si. É voluntariosa, tem língua afiada, mas deixa sempre que só eu fale, a não ser quando sente a necessidade de dar sua opinião, seja qual for o assunto, mesmo quando ninguém pedir. Você não tem medo de nada, mas emana um ar de vulnerabilidade que você secretamente sabe, é claro, que motivaria um homem poderoso a querer descobrir como seria domá-la. Você é rica, embora ninguém precise saber de onde vem o seu dinheiro, apenas que tem o suficiente para limpar o rabo com notas de 100 toda vez que caga. E o único homem em qualquer ambiente que pode amansar você sou eu, e é quase certo que precisaremos demonstrar isto ao menos uma vez durante esta missão. Portanto, mantenha isto em mente: seja o que for que eu fizer com você, entre no jogo. E seja o que for que eu mandar você fazer, faça sem questionar, pois pode significar a diferença entre a vida e a morte. Entendeu?

Olho para ele sem expressão.

— Você vai me levar com você? — Há umas cinquenta perguntas rodopiando em minha cabeça, mas essa é a única que consigo pinçar do turbilhão.

Ele se aproxima de mim.

— Sim — responde ele. — Vou levar você comigo em uma missão porque quero que você veja como é. Precisa entender que a vida que levo não é para você. — Ele pega minhas mãos e se senta comigo no sofá, empurrando a maleta para o lado. — Espero que isso a ajude a aceitar melhor uma vida normal; com uma faculdade, um emprego, amigos e namorados.

Ele aperta minhas mãos mais firmemente e eu começo a olhar para além dele, pensando no que ele disse, em seus motivos para

fazer isso. Por um momento me pergunto quem, de nós dois, ele está tentando convencer.

— Sarai, escute com atenção — diz ele. — Se escolher ir comigo, saiba que pode morrer. Vou fazer todo o possível para manter você a salvo, mas isso não é uma garantia. Por mais que você confie em mim, nunca, sob qualquer circunstância, deve confiar totalmente em alguém. No final, você só pode confiar em si mesma. Eu não sou seu herói. Não sou sua alma gêmea que jamais deixará que nada de ruim lhe aconteça. Sempre confie em seus instintos primeiro e em mim, se decidir confiar, por último.

Faço que sim, apreensiva.

— Então, o que vai ser? — pergunta ele. — França ou Los Angeles?

Não preciso pensar a respeito, na verdade, porque sei o que quero, mas finjo pensar, para parecer menos irracional.

— Los Angeles — digo, soltando o ar dos pulmões.

Victor me olha nos olhos por um momento. Há um ar de contemplação e até um pouco de hesitação em seu semblante.

Ele se levanta e alisa o terno.

— Então faça suas malas — diz ele ao se afastar. — Vamos partir em dez minutos.

## CAPÍTULO TRINTA

*Victor*

Torci para que ela escolhesse a França, mas sabia que escolheria ir comigo. Mesmo assim, eu poderia muito bem levá-la para a França e deixá-la com tudo de que ela precisa, e minha consciência ficaria tranquila. Mas já deixei de pensar racionalmente há muito tempo quando o assunto é Sarai. Ela pode muito bem morrer em Los Angeles, mas eu lhe dei uma escolha. Praticamente soletei as potenciais consequências de sua decisão. Não lhe contei tudo, não exatamente, mas há um método em minha loucura. Não posso lhe dar tempo para pensar em suas alternativas, porque neste ramo às vezes uma decisão de vida ou morte tem que ser tomada quando você menos espera. E esse é o tipo de situação que ela precisa experimentar.

Talvez parte de mim torça para que ela não sobreviva à missão, porque então ficarei livre das minhas... limitações com relação a ela. Mas outra parte, a parte com a qual ainda estou lutando, que a trouxe comigo até tão longe...

Essa é outra história.

Se ela sobreviver, vou precisar encarar isso.

Se ela morrer... se ela morrer, vou voltar à minha vida normal e nunca mais me verei em uma situação como esta.

— O nome dele é Arthur Hamburg — digo, deixando um envelope de papel pardo no colo de Sarai, sentada ao meu lado no jato

particular. — Ele é dono da Hamburg & Sthilz, a corretora de imóveis mais bem-sucedida da Costa Oeste. Mas seu negócio mais lucrativo é mais escuso.

Atraída pelo meu silêncio, ela ergue os olhos da foto que tirou do envelope.

— Qual é o outro negócio dele? — pergunta ela, como eu sabia que faria.

— Não importa — digo. — A informação que eu decido dar é tudo de que você precisa.

Ela inclina a cabeça.

— Mas você sabe mais — acusa.

— Sim, sei — admito. — Mas, como sou seu empregador, você nunca me faz perguntas de natureza pessoal sobre nenhum alvo, a menos que não tenha certeza de como vai eliminá-lo. Como ele ganha a vida, quem é a esposa, os filhos, caso ele tenha, seus crimes, se cometeu algum, nada disso importa. Quanto menos você souber sobre a vida pessoal dele, menor o risco de se envolver emocionalmente. Eu lhe dou uma foto, descrevo seus itinerários e hábitos, indico a maneira que prefiro que o assassinato seja feito: espalhafatoso e em público para dar um recado ou discreto e acidental para evitar uma investigação, e você cuida do resto.

Ela pensa a respeito um momento, com a foto de Arthur Hamburg entre os dedos.

— Espere — diz ela —, então você está dizendo que não mata só gente má. Você também mata gente inocente?

Um sorrisinho que, admito, não condiz comigo ergue os cantos da minha boca.

— Ninguém é inocente, Sarai — repito o que ela me disse uma vez. — As crianças, sim, mas todo o resto é tão inocente quanto você ou eu. Pense da seguinte maneira, se vai fazer você se sentir melhor: para que alguém o tenha mandado matar, você deve ter feito algo ou ter se envolvido em algo ilegal ou "mau", como você diz.

— Pensei que você tivesse dito que *eu* era inocente — ela me lembra. — E que por isso não me matou.

— Você era — respondo. — E eu não tinha ordens do meu empregador para matar você. A oferta de Javier foi considerada um serviço particular, não passou antes pelo meu empregador. São os serviços particulares que levam a matar gente inocente. Esposas querendo que a morte do marido pareça acidental para receberem uma herança. Amantes desprezados pagam agentes particulares para matar a namorada por ciúme ou vingança. Eu não aceito serviços assim, e meu empregador nunca me passou nenhum. Minha Ordem lida só com crime, corrupção do governo e várias outras coisas que fazem com que as pessoas más sejam más. E às vezes eliminamos pessoas que podem ser consideradas inocentes, mas que são uma ameaça para um grande número de pessoas inocentes ou para uma ideia.

Suas sobrelhas se franzem um pouco enquanto ela espera que eu continue a explicação.

— Você teria matado Robert Oppenheimer se soubesse que ele iria encabeçar a invenção da bomba atômica? Ou eliminaria uma cientista antes que ela completasse o trabalho de uma vida inteira para criar um vírus mortal em laboratório, projetado apenas para ser usado contra um país inimigo em uma guerra?

— Sim, acho que sim — diz ela. — Mas uma coisa assim é como brincar de Deus com a vida das pessoas. Você está condenando alguém por um crime antes que ele seja cometido.

Eu não respondo, porque é exatamente isso.

— Então, se todos merecem morrer — continua ela —, que importa o que sei sobre a vida particular deles? Que importa o que sei sobre este Arthur Hamburg? — Ela olha para a foto.

— Porque para alguns, os meios não justificam o fim.

— Quer dizer que eu poderia me sentir culpada por alguém que não cometeu um crime passível de sentença de morte?

— Exatamente — digo. — E não é você quem deve decidir isso.

— E o que o faz pensar que eu seria tão mole assim? — pergunta ela, com o olhar cheio de determinação e curiosidade.

— Eu não penso — respondo. — Não sei ao certo. Mas para alguém que não foi criado assim, que não está matando gente desde os 13 anos, seria muito difícil se acostumar com isso.

Sarai olha para a foto mais uma vez, depois de novo para mim.

— Você faz isso há tanto tempo assim? — pergunta ela, com compaixão. — Não consigo imaginar...

— Suportei vários anos de treinamento quando garoto, antes de ser enviado em uma missão com meu mentor. Naquela idade, é fácil ser moldado de qualquer jeito que eles queiram. Meu primeiro assassinato foi limpo. E eu dormi bem naquela noite.

Ela desvia o olhar, fitando o nada, perdida em pensamentos.

Quando penso que vai começar a questionar toda a missão, ela me surpreende:

— Tudo bem, e o que é que *eu* tenho que fazer?

Tiro a fotografia das mãos dela.

— Encomendaram um serviço limpo — começo. — Mas Arthur Hamburg raramente fica sozinho em casa. Ele dá festas extravagantes três ou quatro noites por semana, só para as pessoas mais ricas, e sempre apenas para convidados. A segurança de sua propriedade é de primeira. Hamburg escolheu a dedo cada um dos homens. Não são guardas inexperientes, contratados levemente. Não vai ser como nos filmes, chegar à propriedade sem ser visto e derrubar todos os homens antes que eles deem um só tiro. Nesse caso não funciona assim.

Seu rosto ficou alerta e ansioso nos últimos segundos.

— Então como você vai entrar?

— Vamos entrar como convidados — respondo. — Hamburg tem uma fraqueza, como todos os homens, e você e eu vamos usá-la em nosso favor.

Agora ela parece um pouco nervosa.

— Qual é a fraqueza dele?

— Sexo, é claro — digo, como se ela já devesse saber a resposta.  
E eu sabia que ela sabia.

Ela se encolhe um pouco sob aquela pele macia.

— Você está querendo chegar com isso aonde eu imagino?

— Provavelmente não — digo —, mas vai ser desagradável mesmo assim.

## *Sarai*

Meu estômago dá um nó. Victor guarda a foto do velho dentro do envelope. E não consigo tirar da cabeça imagens nojentas dele deitado nu em cima de mim, as dobras e camadas de seu óbvio problema de excesso de peso me sufocando como geleia demais em um sanduíche. Estremeço. Certamente Victor não espera que eu durma com esse cara, nem pelo bem de uma missão. Não sou uma prostituta, de jeito nenhum, e não vou virar uma. Nem por isso. Posso ter dormido com Javier toda noite durante anos, mesmo sem querer, mas era diferente. Aquele era meu jeito de sobreviver. E Javier, se é que posso dizer isso, era atraente, apesar de seus defeitos imperdoáveis.

Isto *com certeza* é diferente...

Não consigo olhar para Victor agora, não por estar brava com ele, embora devesse estar, mas porque... porra, ainda quero a missão. Deve haver algo mais, algo que diferencia o que as putas fazem do que ele espera que eu faça.

Ele não vai permitir que chegue a esse ponto. É no que resolvo acreditar. Sim, é isso. Tem que ser.

Um pouco de turbulência agita o avião e me tira de meus pensamentos. Estou agarrando os braços do assento quando me viro para olhar Victor de novo.

— Qual é o plano, então? É óbvio que você me trouxe porque, por ser uma garota, me encaixo perfeitamente nele.

Ele assente.

— Sim, ser mulher tem suas vantagens em casos como este. Mas lembre-se das coisas que já falei: você é submissa a mim, mas de vez em quando sua língua lhe causa problemas. Você é uma dondoquinha rica e metida a besta, e, acima de tudo, não tem medo de nada.

Rio sarcasticamente.

— Bem, de acordo com você, essa parte do medo eu já domino.

— Sim — diz ele, mantendo sua expressão séria —, mas talvez mude de ideia quando estiver lá, cercada de ameaças. Você precisa ter certeza de que nada vai perturbar o controle que tem sobre seu medo. Hamburg vai se desinteressar de você assim que perceber isso. Medo, para ele, é fraqueza, e ele gosta de jovens fortes e destemidas. E de homens mais fortes ainda.

Sinto meu rosto fazer uma careta de nojo e leve choque, mas não pergunto o óbvio. Tento apenas absorver tudo aquilo, o que vamos fazer exatamente e como vamos fazer. Porque todas as minhas teorias anteriores acabam de voar pela janela.

Victor disse que o que eu imaginava provavelmente não vai acontecer, mas só estou um pouquinho aliviada pela verdade disso. E vai continuar sendo só um pouquinho, porque ele também disse que vai ser desagradável mesmo assim.

## CAPÍTULO TRINTA E UM

### *Sarai*

Chegamos a Los Angeles pouco depois das seis da tarde. Ficamos no hotel mais extravagante que a cidade tem para oferecer e Victor encarna seu personagem antes mesmo de chegarmos a nosso quarto, no último andar, com vista para toda a cidade. Ele exige, com o queixo erguido e uma expressão dominadora, que fiquemos na melhor suíte, nada menos. E a recepcionista, encantada com os olhos brilhantes dele, cancela a reserva que um hóspede fez para esta noite e dá a Victor as chaves da suíte. Ele é tão bom em fingir ser outra pessoa que quase me faz acreditar que é um canalha rico que não dá a mínima para quem está abaixo dele, ou seja, todos. No entanto, faz isso com tamanha graça e compostura que sua atitude de rico arrogante não induz ninguém a detestá-lo, mas a respeitá-lo instantaneamente.

Estou começando a duvidar mesmo da minha capacidade de interpretar, comparada à dele. Fiz isso por nove anos com Javier. Minha vida toda era um teatro, e gosto de pensar que tenho experiência suficiente, mas Victor me intimida.

Endireito as costas e ando ao lado dele em meu Valentino e minhas sandálias rasteirinhas com a cabeça erguida. Eu sou forte, rica, poderosa e ninguém pode me atingir.

Ao menos espero que seja *isso* que eu esteja transmitindo.

— Começa hoje — avisa Victor, deixando as malas no pé da cama e pendurando uma capa de terno preta com zíper em um gancho na parede. — Se tudo correr conforme o planejado, amanhã à noite acaba. Você vai precisar usar maquiagem e prender o cabelo. Precisa ter a aparência da sua personagem, além de interpretá-la. Ah, e use salto alto. — Abrindo os fechos de sua maleta de armas, ele pega uma e começa a rosquear um silenciador no cano.

— Qual é o plano, então? — pergunto, ignorando a necessidade de reclamar dos sapatos que ele quer que eu use, com os quais nem sei se consigo andar.

— Mais tarde vamos ao restaurante dele — começa Victor, ainda examinando a arma. — Antes que possamos entrar na mansão, vamos precisar de um convite, e é no restaurante que vamos conseguir. Vou fazer meu papel e você vai contracenar comigo como Izabel, não como Sarai. Lembre-se disso sempre que estiver em público, mesmo quando achar que ninguém está olhando. — Ele olha para mim e volta a inspecionar a arma. — Hamburg fica no restaurante toda sexta, infalivelmente. Mas não vamos vê-lo. Ele fica escondido em uma sala particular com outros dois homens: seu assistente e o gerente do restaurante. Mas Hamburg está sempre observando o que acontece no local. E está sempre avaliando os clientes. Podemos não vê-lo, mas é certo que ele nos verá.

— Avaliando?

Victor deixa a arma na cama e fecha a maleta.

— Sim. Estará procurando um casal. Precisamos impressioná-lo. Isso está me deixando cada vez mais preocupada.

— Bem, com certeza vai ter muitos casais em um restaurante em Los Angeles. — Eu quis soar sarcástica, mas ele não se abala.

— Claro que sim — diz ele. — Mas, ao contrário de todos no restaurante, sei exatamente o que ele está procurando.

Ele aponta para minha mala.

— Agora se arrume. Vamos sair em meia hora.

Pego o kit de maquiagem que Ophelia me deu junto com todas as roupas e o levo para o banheiro. Estou um tanto empolgada por usá-lo. Nunca tive um luxo desses enquanto vivia com Javier, a não ser quando ele me levava para as festas e coisas assim. E eu sempre demorava para me maquiar, porque queria que ficasse perfeito. Queria saborear meu único momento sozinha, quando me sentia uma adolescente normal, de pé diante do espelho, me arrumando antes de mais um dia de aula. Eu sempre fingia que estava me arrumando para isso, e fiquei boa em acreditar. Isso até Izel invadir o quarto sem ser convidada e me arrastar pelo braço porque eu estava demorando demais.

Mas desta vez não finjo que vou a algum lugar aonde preferiria ir. Estou concentrada, determinada e, naturalmente, nervosa. Passo a maquiagem em tempo recorde e escovo o cabelo até que ele pareça uma seda lisa e macia caindo pelas minhas costas, depois passo mais tempo do que gostaria tentando prendê-lo. Depois de 15 minutos de esforço, finalmente consigo aquele ar de “perua rica”, prendendo-o na nuca com lindas presilhas prateadas.

Victor está usando o de sempre quando saio do banheiro, mas de alguma forma conseguiu ficar mais sexy ainda. Fico boquiaberta quando o vejo parado ali com o terno Armani, os sapatos pretos de verniz e sua estatura. Olho para meu vestido, e, mesmo devendo ter custado alguns milhares de dólares, sinto que ainda não me deixa à altura de Victor.

Talvez sejam as sandálias, talvez quando calçar o salto alto eu me sinta mais no nível dele.

— Falta confiança — diz ele, e ergo os olhos. — Você está fedendo a insegurança agora. Precisa mudar isso antes de sairmos deste quarto. — Ele se aproxima de mim. Cheira vagamente a colônia, e inalo profundamente seu perfume. — Você *sabe* que é a garota mais linda e mais importante do lugar — diz ele, e por um momento me perco nessas palavras, sem querer aceitá-las apenas como instruções. — Você está sempre competindo com outras

mulheres, provando a todos ao redor que nenhuma se compara, e se alguma apenas tentar, você vai dispensá-la com um aceno. Você sempre abre um sorriso ou ri debochadamente, nunca sorri normalmente como as outras pessoas. Você não agradece, mas considera que devem lhe agradecer pela oportunidade de lhe servir. E nunca levanta a voz, porque não precisa disso para apresentar seu argumento. E lembre-se, você *sempre* cede a mim. Haja o que houver.

Eu o olho com expressão neutra.

— Então eu sou insuportável — digo. — Já estou com vontade de dar um soco em mim mesma.

Victor abre um sorrisinho, o que faz um calafrio percorrer minhas costas.

Ele levanta um dedo.

— Mais uma coisa — diz, enfiando a mão na bolsa.

Ele tira uma pequena caixa de joias de marfim e a entrega a mim. Abro o fecho e olho dentro dela. Há vários anéis impressionantes, encaixados em dobras de veludo de um lado, dois colares, um de ouro e outro de prata, com pingentes de brilhante e pulseiras e brincos combinando.

— Onde conseguiu tudo isso?

Ele esconde a arma dentro da camisa, abrindo os três primeiros botões para revelar uma tira preta em um lado do peito, que, presumo, está presa a algum tipo de suporte para carregar armas.

— É melhor você não saber.

Deixo por isso mesmo e pego quatro anéis, dois para cada mão, e um jogo de pulseira, colar e brincos. Depois pego minha bolsinha branca e Victor me dá o braço antes de sairmos do quarto.

Los Angeles é igualzinha ao que aparece nos filmes: uma enorme infraestrutura explodindo com luzes, prédios altos, carros caros, estradas brancas com palmeiras e mansões multimilionárias. Vamos para o restaurante em um Mercedes Roadster preto conversível, mas com a capota no lugar, pela cidade espaiada. Estava estacionado na

frente do hotel, esperando por nós, quando saímos. Pelo jeito, fazer o que Victor faz tem suas vantagens. Não é só matar gente por dinheiro, mas também ter tudo de que ele precisa à disposição para garantir que possa executar cada missão que recebe.

Chegamos ao restaurante no bairro mais nobre da cidade, sem dúvida, bem depois de escurecer. Um manobrista abre a porta para mim. Faço menção de sorrir e agradecer ao sair, mas me contenho rapidamente e engulo meu erro antes que alguém perceba. Em vez disso, levanto o queixo e não ofereço ao sujeito nem um olhar, muito menos um sorriso ou agradecimento.

Victor dá a volta até meu lado do carro; passo o braço pelo dele de novo e entramos juntos.

O restaurante tem dois andares e um balcão no de cima que tem vista para o piso inferior. O burburinho ao meu redor parece um zumbido constante, mas não está tão cheio a ponto de todas as mesas estarem ocupadas. À parte o vozerio, o lugar é silencioso, com lustres baixos e paredes na penumbra para criar uma atmosfera tranquila. Victor me puxa delicadamente enquanto seguimos o garçom até um nicho circular com assentos de couro preto lustroso nas paredes. Eu me sento primeiro, e depois Victor desliza para meu lado.

O garçom traz dois cardápios encapados em couro, mas, antes que possa colocar o meu diante de mim, estendo a mão, recusando-o com um gesto e uma expressão entediada.

— Não vou comer — digo, como se a comida pudesse de alguma forma arruinar minha jornada espiritual. — Mas vou tomar vinho.

O garçom olha para o cardápio em sua mão e depois para mim, rapidamente, parecendo confuso.

Victor me olha de uma maneira que não consigo interpretar, mas sei que não é boa. Ele abre o cardápio e, depois de estudá-lo por um momento, devolve-o ao garçom e diz:

— La Serena Brunello di Montalcino.

O garçom assente e pega o cardápio, que pelo jeito era, na verdade, a *carta de vinhos*; quase morro de vergonha, e ele se afasta.

— Desculpe — sussurro.

Os olhos de Victor encontram os meus como um aviso. Demoro um segundo, mas entendo o que estou fazendo errado e rapidamente apago o ar constrangido de meu rosto, endireitando as costas e cruzando as pernas debaixo da mesa. Deixo minha bolsa na mesa, à minha direita.

Isso de se manter na personagem é mais difícil do que eu pensava, mas agora que já fiz duas merdas em poucos minutos, estou mais determinada do que nunca a acertar.

Em segundos, me torno completamente Izabel Seyfried.

Pego minha bolsa, tiro dela um espelhinho e um batom cor-de-rosa e começo a passá-lo à mesa. Faço questão de me olhar bastante, virando um pouco a cabeça em vários ângulos e fazendo biquinho.

— Guarde esse batom — diz Victor, como o babaca rico, e não o homem que conheço.

Eu o fuzilo levemente com os olhos e obedeço, mas sem pressa nenhuma.

O garçom volta para nossa mesa com uma garrafa de vinho e, segurando-a com as duas mãos, mostra-a para Victor. Ele a inspeciona e assente para o garçom, que tira a rolha e a deixa na mesa diante de Victor. Ele também a inspeciona, e, embora eu me pergunte silenciosamente por que os dois estão tendo essa trabalhadeira toda, não digo nada e finjo não me importar. O garçom serve um pouquinho de vinho na taça de Victor primeiro e dá um passo para trás. Ele gira o vinho no copo por um momento, depois o aproxima do nariz e cheira antes de tomar um gole. Depois que Victor aprova a bebida, o garçom enche meu copo primeiro, depois o de Victor.

Eu não olho o garçom nos olhos, porque, assim como o manobrista, ele não é digno da minha preciosa atenção.

Victor recusa comida para nós dois e o garçom se afasta.

— Nunca gosto desta cidade quando venho aqui — diz ele, tomando um gole de vinho.

Ajusto os dedos delicadamente no bojo da minha taça e faço o mesmo, pousando-a suavemente na mesa depois.

— Bom, pessoalmente, eu prefiro Nova York, ou a França — comento, sem ter a mínima ideia do que estou dizendo.

— Não perguntei o que você prefere. — Ele não olha para mim.

Victor deixa a taça na mesa.

— Por que me traz com você, então? — pergunto, inclinando a cabeça. — Eu só estava tentando começar uma conversa. — Desvio o olhar, cruzando os braços.

Victor me olha diretamente.

— Izabel, não fique aí sentada de braços cruzados. Parece uma criança teimosa.

Devagar, meus braços caem e deixo as mãos no colo, endireitando as costas.

— Venha cá — diz ele, em um tom de voz mais delicado.

Deslizo os poucos centímetros que nos separam e me sento encostada a ele.

Seus dedos dançam pela minha nuca quando ele puxa minha cabeça para perto de si. Meu coração bate descompassado quando ele roça os lábios na lateral do meu rosto. De repente, sinto sua outra mão entrando pelo meio das minhas coxas e subindo por baixo do vestido. Minha respiração para. Devo abrir as pernas? Devo ficar imóvel e travá-las? Eu sei o que *quero* fazer, mas não sei o que *devo* fazer, e minha mente está a ponto de desistir.

— Tenho uma surpresa para você esta noite — murmura ele no meu ouvido.

Sua mão se aproxima mais do calor no meio das minhas pernas.

Gemo baixinho, tentando não deixar que ele perceba, embora tenha certeza absoluta de que percebeu.

— Que tipo de surpresa? — pergunto, com a cabeça inclinada para trás, apoiada em sua mão.

Nesse momento, outro casal se aproxima da mesa, uma loura alta com pernas de 1 quilômetro à mostra e um homem ainda mais alto segurando-a pela cintura.

Victor se levanta para cumprimentá-los. Eu fico onde estou, ainda na personagem, mas ao mesmo tempo não precisando fingir muito estar decepcionada com a presença deles, porque estava gostando daquele momento com Victor antes de sermos interrompidos; por alguns minutos, esqueci por que estamos aqui.

— Aria — apresenta-se a mulher.

— Prazer — digo, com descontentamento óbvio.

Ela se senta do outro lado da mesa redonda. O homem se senta na ponta do assento, depois dela, como Victor.

— Já faz algum tempo, Victor — diz o homem, com um sotaque que não consigo identificar.

*Como é que eles se conhecem?*

— Faz, sim, meu amigo — diz Victor enquanto acena para o garçom.

O garçom se aproxima na hora e anota o pedido de vinho do homem.

— Izabel — diz Victor —, este é meu velho amigo Fredrik, da Suécia. Ele vai administrar meus escritórios em Estocolmo quando a expansão for concluída, mês que vem.

— Ah, sei — digo, tomando mais um gole de vinho, medindo "Aria" com o olhar por cima da borda da taça.

Os seios dela estão praticamente transbordando do alto do vestido, e eu me sinto deslocada, de repente. Mas não demonstro. Lembro que sou a garota mais linda e mais importante do local. Não faz nenhuma diferença seu busto tamanho GG humilhar o meu,

tamanho M, nem o fato de ela ser linda de morrer e ter os olhos azuis mais magnéticos que já vi em uma mulher.

Ergo o queixo orgulhosamente e desvio o olhar.

— Qual é meu presente, Victor?

Os lábios de Victor se estendem discretamente e ele deixa o copo na mesa.

— Fredrik e Aria, claro — diz ele. — Você se comportou muito bem ultimamente e a negligenciei tanto enquanto estava na Suécia que quero celebrar  *você*  esta noite.

Fredrik sorri para mim do outro lado da mesa, sedutor, com os lábios encostados na borda da taça. Ele é lindo, tem cabelo escuro e ondulado e maçãs do rosto fortes.

— Não podemos comemorar a sós? — pergunto, não dando mais atenção a Fredrik. — Não entendo aonde você quer chegar. Certamente não quer que eu trepe com eles.

O sorriso de Victor é maroto, mas secretamente orgulhoso de quão rápido entendi o plano.

Só espero que ele não vá além desta mesa...

Ele apoia os dois braços na mesa, com os cotovelos dobrados.

— Não, claro que não — diz ele, e isso me surpreende. — Eu jamais a dividiria com alguém, você sabe disso.

Aria sorri para mim, tentando me olhar nos olhos, o que me faz querer olhar menos para ela. A mão esquerda de Fredrik desaparece sob a mesa, e provavelmente está entre as coxas dela, como a de Victor estava entre as minhas segundos atrás.

— Victor nos contou — diz Fredrik, se inclinando um pouco para a frente e baixando a voz — que você gosta de uma plateia. Aria e eu gostaríamos muito de assistir. Se você estiver disposta a permitir.

Não sei ao certo quando o teatro acabou para mim, mas no momento estou lutando para emergir de um oceano de sensações de luxúria e prazer e voltar à realidade. Por alguns longos segundos, não digo absolutamente nada. Só consigo pensar em Victor fazendo o que quer comigo e Fredrik e Aria assistindo a tudo. De repente

sinto um formigamento entre as pernas. Mas fico com vergonha de meus pensamentos e tento expulsá-los da minha mente.

— Izabel? — ouço Victor dizer.

Volto para o presente, sem ter mais certeza absoluta de como devo reagir. Talvez Victor devesse ter me preparado melhor, explicando especificamente detalhes importantes como este. Eu me atrapalho com meus pensamentos, usando minha taça como distração, tocando a haste com a mão direita, o tempo todo tentando emanar a personalidade controlada de Izabel Seyfried, que não estou exatamente sentindo mais.

— Eu gostaria disso — digo. Mas então olho friamente para Aria e acrescento: — Mas ela não. Só Fredrik.

O rosto de Aria murcha e depois se transforma em uma careta amargurada.

A expressão de Victor continua neutra e eu interpreto isso como um sinal secreto de sua aprovação para minha decisão de excluí-la.

Antes que eu perca minha autoconfiança, mantenho o diálogo fluindo:

— Você deveria saber que não era para convidá-la, Victor.

Ele toca meu pulso sobre a mesa.

— Muito bem — diz ele, e depois olha para Fredrik. — Encontremos no meu hotel daqui a duas horas. Sozinho.

Aria faz menção de se levantar e, com um gesto furioso, pede que Fredrik saia do caminho para que possa deixar nossa mesa. Ele fica de pé e dá um passo para o lado, mas, quando estende a mão para ajudá-la, ela a repele e diz, ríspida:

— Saia de perto de mim, porra. — E sai marchando com seu salto 15 para longe.

É estranho como realmente me sinto culpada por “magoá-la”, apesar da natureza da situação.

Fredrik volta a se sentar e o clima à mesa muda quando ele e Victor começam a conversar sobre essa expansão da empresa na Suécia, que não faço nem ideia do que seja. O que me deixa ainda

mais confusa é como a conversa fictícia sobre essa coisa fictícia flui entre os dois. Parece que eles discutiram toda a situação detalhadamente e até tiveram tempo de ensaiar antes de vir para cá. Mas eu estive com Victor o tempo todo, e ele não teve oportunidade de falar muito sobre esse assunto com ninguém além de mim. Fredrik parece saber mais sobre o que está acontecendo do que eu.

E, para ser bem sincera, isso me deixa um pouco irritada.

— Estou pronta para ir embora — digo com voz gélida, como Izabel e também como Sarai.

— Iremos embora quando eu estiver pronto — diz Victor.

— Mas eu quero ir agora — retruco. — Não gosto deste restaurante. É escuro pra caralho. Me sinto em um calabouço. — Pego minha bolsa da mesa e começo a me levantar.

Victor segura meu braço e me puxa de volta.

— Eu *disse* que iremos embora quando eu estiver pronto. E pare de falar, ou pode ficar de joelhos debaixo da mesa, no meio das minhas pernas.

Engulo em seco, com um ar chocado no rosto. Olho para Fredrik com a visão periférica e recupero a compostura na hora.

Largo de novo a bolsa na mesa e cedo completamente a Victor.

E mais uma vez estou tentando emergir do oceano de minha mente suja.

## CAPÍTULO TRINTA E DOIS

### *Sarai*

O garçom volta à nossa mesa para oferecer mais vinho e ver se está tudo bem. Victor indica com um movimento da cabeça que ele encha nossas taças. Enquanto o garçom põe mais vinho na minha, noto a mão de Victor se movendo pela borda da mesa em minha direção, e assim que o garçom afasta a garrafa, minha taça cai, derramando vinho em meu vestido. Aconteceu tão rápido que, se eu não estivesse olhando para Victor, nunca saberia que foi ele que fez aquilo, e não o garçom.

Solto uma exclamação e fico boquiaberta. E enquanto entro totalmente no modo Izabel, o garçom se apressa em enxugar o vinho da mesa enquanto repete pedidos de desculpas.

— Inacreditável — digo, me levantando da mesa com as mãos para cima e a boca aberta, meus olhos cheios de ira. — Seu idiota, olhe o que você fez com meu *vestido*.

— E-eu lamento muito — diz o garçom.

— Quero falar com o proprietário — exige Victor, agora de pé ao lado da mesa também.

Conseguimos causar uma cena, pelo menos.

— Sim, senhor — diz o garçom. — Vou chamar o gerente agora mesmo.

Ele começa a se afastar a passos rápidos, mas Victor diz:

— Não, eu disse o proprietário. Não me faça perder tempo com mais ninguém.

Um tanto apavorado, o garçom se curva e sai apressado pelo restaurante.

Fico na personagem, ignoro a necessidade de perguntar o que está acontecendo. Fredrik ainda está sentado conosco, afinal, e até onde sei... Quem estou tentando enganar? Não sei de nada, na verdade.

— Olhe meu vestido, Victor!

Victor pega o guardanapo de pano diante dele na mesa e começa a enxugar meu vestido.

— Está arruinado — digo entre dentes.

— Eu compro um novo — diz ele. — Melhor dizendo, o dono deste restaurante vai lhe comprar um novo.

Fredrik fica sentado em silêncio, tomando seu vinho.

Em menos de dois minutos o garçom se aproxima de novo, atrás de um homem alto e de ombros largos, cabelo grisalho e uma covinha no queixo. O homem anda de cabeça erguida e com as mãos unidas à sua frente.

— Peço desculpas pelo acidente com o garçom — diz ele. — Seu vinho e o jantar, se ainda quiserem comer, serão por conta da casa.

— Ah, mas isso não basta — diz Victor, ficando na frente do homem. — E me ofende o senhor não se oferecer para pagar o vestido, além do jantar. Que espécie de restaurante é este? Com certeza nunca mais voltarei aqui. O senhor é o dono deste... estabelecimento?

O homem estende a mão para apertar a de Victor, mas ele a recusa.

— Sou Willem Stephens — diz ele, retirando a mão. — Eu administro o restaurante.

— Então você é só o gerente? — acusa Victor.

O garçom olha para o chão para evitar o olhar furioso de Victor.

— Eu pedi o proprietário — acrescenta Victor.

Willem Stephens assente.

— Sim, Marcus me informou seu pedido, mas infelizmente isso não será possível hoje. O sr. Hamburg não está aqui.

Fredrik se levanta da mesa e todos os olhares se dirigem para ele. Ele toma um último gole do vinho.

— Perdão — diz Fredrik para Victor —, mas preciso ir. — Então ele me olha rapidamente. — Encontro vocês no hotel em duas horas.

Não lhe dirijo nenhum olhar ou sorriso furtivo, apenas faço que sim e volto para Victor e o assunto do vestido.

Fredrik e Victor se despedem rapidamente, e então Fredrik nos deixa com o gerente.

— Em nome do sr. Hamburg — diz Willem Stephens —, o vestido será totalmente pago, e o senhor é nosso convidado para jantar.

A mão de Victor bate no tampo da mesa, e de repente um segurança de terno está ao lado de Willem Stephens, surgido do nada. O garçom magrinho aproveita a oportunidade para recuar vários passos e se distanciar de nós.

— Por favor, senhor — diz Willem Stephens, fazendo um gesto para Victor e tentando atenuar a situação. — Não é preciso fazer uma cena. Prefere conversar em um lugar mais reservado?

Victor se aproxima mais dele, emanando autoconfiança e intolerância por todos os poros. Da mesma forma, o segurança se aproxima de Victor. Dois segundos de tensão silenciosa se passam entre eles, mas ninguém se mexe. Sei que Victor poderia facilmente derrubá-lo e que tudo isso faz parte do plano.

— Quero que o vestido seja pago *hoje* — exige Victor. — Três mil e quinhentos dólares. Em dinheiro. E vou *pensar* sobre não processar você ou o *sr. Hamburg* pelo vestido e pelo desgaste emocional da minha namorada.

Acho isso ridículo, mas, por outro lado, já ouvi falar de gente processando por coisas mais idiotas e ganhando.

Willem Stephens assente.

— Muito bem — diz ele. — Vou pegar a quantia. Com licença.

Victor assente seriamente, e então Willem Stephens se afasta, com o garçom e o segurança seguindo-o de perto. Assim que eles passam pelas mesas que assistem a tudo em silêncio, Victor se vira para mim e me manda sentar com ele com um gesto.

— Eu adorava este vestido — digo, com dentes cerrados.

Com o mesmo guardanapo de antes, Victor finge enxugar delicadamente o tecido no meu peito.

— Vai ficar tudo bem assim que sairmos daqui — diz ele. Então me beija na testa. — Acho que você vai gostar de Fredrik. Ele tem autocontrole. — Ele me beija de novo um pouco mais abaixo, entre os olhos. — Vai esperar nós terminarmos antes de se masturbar.

— Como sabe disso?

— Porque o conheço há muito tempo — diz ele.

Nem acredito que estou tendo esta conversa. Ou que tudo nela é teatro. Não entendo nem por que estamos fazendo este teatro, sem ninguém ali para assistir. Mas o que me deixa ainda mais confusa é quão facilmente esqueci que tudo aquilo era mentira. Ou estou me divertindo demais jogando este jogo perigoso com Victor, ou tem alguma coisa muito errada comigo.

Victor passa o polegar por minha sobrancelha e eu me perco completamente em seus olhos.

— O que você vai fazer comigo? — pergunto timidamente. — Você disse que eu me comortei.

Ele beija de leve a sobrancelha que acabou de tocar.

— Tudo o que eu quiser fazer com você — diz ele, com tom calmo e controlador.

Ele passa o dedo na outra sobrancelha e continua pelo meu maxilar.

Fecho os olhos suavemente e inspiro seu perfume, saboreando sua proximidade e tentando me obrigar a não acreditar na verdade, que nada do que ele está me dizendo é real.

Seus lábios roçam os meus.

— Isso é um problema para você, Izabel?

— Não. — Eu estremeço ao dizer a palavra, de olhos ainda fechados.

Mas eles se abrem quando Willem Stephens volta para nossa mesa.

— Pelo inconveniente — diz ele, estendendo um envelope para Victor. — Tem 4 mil dólares aqui.

Victor pega o envelope e o enfia no bolso interno do paletó.

Em seguida, Willem Stephens tira outro envelope mais quadrado do bolso e o oferece a Victor.

— O sr. Hamburg gostaria de oferecer suas desculpas convidando o senhor para sua mansão amanhã à noite — diz ele.

Victor pega o envelope, hesitante, olhando-o ceticamente e sem interesse, de início.

— É uma recepção particular — continua Willem Stephens. — Posso garantir que, se decidir comparecer, o sr. Hamburg fará com que valha a pena financeiramente.

— Eu pareço precisar de qualquer tipo de auxílio financeiro? — pergunta Victor, fingindo se ofender com a ideia.

Willem Stephens balança a cabeça freneticamente.

— De modo algum, senhor — diz ele. — Mas dinheiro nunca é demais. Não concorda?

Victor pensa por um momento e então me estende a mão. Eu a aceito, e nos levantamos da mesa.

— Vou pensar — diz Victor, e saímos do restaurante.

~ ~ ~

— Como você sabia que ia funcionar? — pergunto, empolgada, assim que entramos no Roadster e fechamos as portas. Não consigo mais me segurar. Só espero que não tenha problema sair da personagem agora.

— Eu não sabia — diz ele.

— Mas como...

Ele olha para mim, com uma das mãos apoiada distraidamente no alto do volante.

— Todas as mesas do restaurante são grampeadas — diz ele, olhando novamente para a estrada. — Hamburg fica sentado naquela sala particular, vendo os clientes indo e vindo, escolhendo casais na multidão baseando-se primeiro na aparência. Quando ele vê um casal que lhe interessa, a fase seguinte é escutar a conversa.

Agora estou entendendo tudo.

— Mas por que você não me contou isso antes de a gente ir? Acho que eu teria interpretado melhor se soubesse que o cara estava ouvindo.

— Bem, tecnicamente, eu não sabia se ele estava ouvindo. E não lhe contei certas coisas porque queria ver como você se sairia improvisando sob pressão e com informações limitadas sobre o que estava acontecendo.

— Isso explica a sua conversa com Fredrik — digo, e seu nome na minha língua, como Sarai, começa um assunto totalmente novo. — Se esse for mesmo o nome dele. — Faço uma pausa e digo, com o rosto em brasa: — Ele não vai estar mesmo no nosso hotel, vai?

O olhar lento de Victor é cheio de diversão.

— Não, Sarai, ele não vai estar no hotel esperando por nós.

*Bom, que alívio. Mas a ideia de Victor...*

— E quem era ele, então? Obviamente, ele sabia mais sobre o que estava acontecendo do que eu.

Viramos para outra rua iluminada e passamos por um sinal de trânsito amarelo pouco antes de mudar para vermelho.

— Sim, o nome dele é Fredrik, e sim, ele é sueco mesmo. Trabalha para a minha Ordem, mas não faz o que eu faço. Ele apenas nos ajuda em horas como estas.

— E a mulher, Aria?

— Com certeza é uma desconhecida que Fredrik pegou em algum lugar. — Ele abre um sorriso. — Ele é bom nesse tipo de coisa.

Fico vermelha e desvio o olhar.

— Você está decepcionada? — pergunta Victor.

Volto a olhar para ele, constrangida pela pergunta. E aquele sorrisinho ténue ainda está por trás de seus olhos.

— Hã, não — respondo. — Por que pergunta isso?

Victor volta a olhar para a estrada.

— Por que, você não achou Fredrik atraente?

*Acho que ele está brincando comigo.*

— Bom, sim, eu estaria mentindo se dissesse que não o achei atraente, mas não me sinto atraída *por* ele, se é o que está pensando.

*Eu me sinto atraída por você, Victor, só por você...*

Ele sorri e não diz mais nada a respeito.

Meu rosto fica cada vez mais quente, e toda vez que o vejo sorrir, por ser tão incomum, fico mais vermelha e sinto mil borboletas bêbadas fazendo uma orgia em minha barriga.

— Então, qual é nosso próximo passo? — pergunto.

— Aproveitar a folga até amanhã à noite — diz ele.

E é exatamente o que fazemos.

Victor me leva para comprar um novo vestido com os 4 mil dólares que extorquiou do gerente. Voltamos para o hotel para trocar de roupa. Eu arregalo os olhos quando o vejo vestido. Ele usa um cardigã cinza justo com gola em V sobre uma camisa social branca, bem casual, para fora da calça de jeans escuro. Um par de sapatos pretos com cadarço adorna seus pés. Eu só o vi usar ternos caros e sapatos formais, por isso é um pouco chocante vê-lo usar outro tipo de roupa. Embora ele ainda consiga atingir a sofisticação e a riqueza sem falha.

Eu uso um vestido curto de seda e outro par de sandálias rasteirinhas caras, feliz por tirar aqueles saltos dolorosos.

Acabamos nos encontrando com Fredrik, no fim das contas, embora seja um encontro completamente inocente. Nós três vamos a um coquetel na cobertura de outro hotel de luxo, e, embora eu precise interpretar Izabel Seyfried o tempo todo, tenho a sensação

de que Fredrik sabe que na verdade não sou a perua que estou fingindo ser. Eu o acho interessante, e quanto mais Victor e eu passamos tempo com ele, mais aprecio sua companhia.

Parece quase... normal, como se eu tivesse encontrado uma forma simples de aproveitar as coisas ao meu redor, como todo mundo, e me inserir na sociedade. No fundo, sei que isso não vai durar, mas pelo menos estou experimentando, sem ter que ficar o tempo todo olhando para trás, com medo.

Nós nos separamos de Fredrik pouco depois da meia-noite, quando Victor acha melhor voltarmos para o hotel para descansar. Amanhã, a noite será bem diferente desta, e isso deveria me deixar preocupada. Mas já estou jogando o jogo. Entrei demais nele, me envolvi demais com meu alter ego, que se divertiu em uma noite mais do que Sarai em toda a vida. Estou ansiosa e empolgada para que amanhã chegue, sem o medo ou as dúvidas que acho que Victor, secretamente, gostaria que eu sentisse.

Não, esse mundo sombrio que ele está abrindo para mim aos poucos não está tendo o efeito que ele planejava.

Só me faz desejá-lo cada vez mais.

## CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

*Victor*

— Fredrik me disse que você estava com uma garota — diz Niklas pelo telefone. — Izabel, certo?

— Sim — respondo. — Obviamente era necessário.

Ele sabe. Eu nunca estive tão dividido. Niklas ou Sarai? Preciso muito ser seletivo com tudo o que vou contar a ele daqui por diante. Mas não posso mentir sobre Izabel e Sarai serem a mesma pessoa, porque há maneiras demais de Niklas descobrir a verdade. Talvez ele já tenha a prova de que precisa. Se eu mentir, vai saber que não confio nele a respeito dela, e isso poderia pôr Sarai em mais perigo ainda.

— Deixei Sarai escolher onde morar, e ela escolheu a Califórnia. Esse é o único motivo pelo qual eu a trouxe.

Ouçõ Niklas inspirar, concentrado.

— Mas por que a trouxe para uma missão? Por quê?

— Porque por enquanto ela é conveniente — respondo. — Considerando o prazo curto que me foi dado para fazer este serviço, não havia tempo para preparar mais ninguém.

Sei que essa não é a melhor explicação do mundo. Existem várias mulheres em Los Angeles que trabalham para a Ordem, como Fredrik, e uma delas poderia facilmente ter feito o papel de Sarai, interpretando-o tão infalivelmente quanto Fredrik interpretou o dele. Mas espero que Niklas aceite minha palavra. Ele não faz trabalho de

campo, como eu. Não tem tanta intimidade com o processo de execução de um serviço quanto eu. Já matou pessoas, como eu, mas não no mesmo nível, e não tem minha experiência.

— Ela só vai arrumar um jeito de morrer — diz Niklas.

— Sim, você tem razão. — Eu paro, penso no que vou dizer e então opto por uma abordagem diferente: — Foi por isso que eu a trouxe, se quer saber a verdade.

Percebo imediatamente que suas preocupações mudaram, que finalmente lhe ofereci uma explicação que ele fica feliz em aceitar.

— Não tenho coragem de matá-la — continuo, como se estivesse finalmente admitindo isso para ele. — Farei isso, se for preciso, mas você estava certo, Niklas, em acreditar que fui afetado por ela de alguma maneira. Só que você notou antes de mim, ou melhor, notou antes que eu me permitisse acreditar nisso. A garota precisa sair de cena completamente.

— Posso matá-la para você — diz Niklas com sinceridade, e não por despeito ou ódio, para variar. Ele está sentindo empatia por mim, e meu plano está funcionando. — Apesar da sua natureza, Victor, você é humano. Eu entendo. Posso ajudá-lo. Deixe que eu mate a garota.

Suspiro de leve ao telefone.

— Não. Ela é problema meu, e eu vou resolver. Ela quer ser o que nós somos. — Niklas solta um murmúrio sarcástico ao ouvir isso. — Não há melhor maneira de ela entender que isso é completamente impossível do que lhe dar o que ela quer, jogando-a de cabeça em uma missão. Vou deixar que a missão a mate.

— E se não matar?

— Aí eu mato — digo. — Não importa o que aconteça, Sarai vai morrer na Califórnia amanhã à noite.

— Sinto muito, irmão — diz ele, com genuína compaixão. — Ter outras relações com mulheres além do sexo nunca dá certo, você sabe. Evitamos isso por um motivo, e essa situação na qual você se meteu só serve para provar que esse motivo é válido.

— Tenho consciência disso, Niklas — concordo, e mudo de assunto rapidamente: — Me dê os detalhes da mansão.

Depois de uma breve pausa, na qual sinto sua aceitação das minhas mentiras, Niklas começa:

— Tem dez dormitórios e uma suíte principal, que é o quarto de Arthur Hamburg, localizado no quarto andar. Seis banheiros. Uma sala de hidromassagem no térreo, na ala leste. Um salão de jogos com cinco mesas de sinuca. Uma sala de cinema fica na extremidade norte da mansão. Há uma saída escondida atrás da tela de projeção que leva para o subsolo da casa e dá acesso ao portão dos fundos. Há outra porta escondida no terceiro andar, no lado sul, perto do corredor com o assoalho de mármore preto. Essa não sabemos aonde vai dar, mas a empregada disse que, assim como o cômodo secreto na suíte de Hamburg, tem fechadura eletrônica com combinação. Ela não sabe a combinação. Você não vai ter tempo nem oportunidade de descobrir a combinação dessas portas, então vai ter que fazer à moda antiga.

— E as câmeras de segurança? — pergunto.

— Tem uma em cada cômodo, menos na suíte de Hamburg.

— Achei que não teria — digo. — Não consigo imaginar alguém como ele fazendo a idiotice de gravar as provas necessárias para ser condenado à prisão perpétua. Esse é um ponto a meu favor.

— Sim — concorda Niklas. — Tudo o que você fizer naquele quarto, só quem estiver lá dentro vai saber.

— E a empregada?

Anoto mentalmente todas as informações que ele está me dando.

— A que você procura se chama Manuela. Ela usa crachá, como todos os empregados. Encontre-a perto da sala de hidromassagem exatamente às oito horas. Mas não fale com ela. Ela vai estar trabalhando perto da estante de toalhas onde o envelope foi escondido. Quando você fizer contato visual com ela, apenas faça um aceno com a cabeça como sinal, e ela vai pôr três toalhas sobre aquelas onde o envelope está. Mas isso não pode ser feito antes das

oito, portanto, se Hamburg convidar vocês dois para o quarto dele antes disso, você vai ter que ganhar tempo.

— E nada do que discutimos ontem à noite mudou? — pergunto.

— Não. Tudo deve seguir conforme o planejado. A arma de Hamburg fica no criado-mudo ao lado da cama, mais próximo da janela. Há outra arma em uma maleta destrancada no chão do closet.

Deixo a cena se desenrolar em minha mente por um momento.

— Isso é novo para mim — digo. — E eu pensei que já tivesse visto de tudo.

— Concordo — diz Niklas. — Mas é o que é, e não é diferente de qualquer outro serviço, pela nossa perspectiva.

Ele tem razão quanto a isso. Apesar das circunstâncias peculiares, não tenho problema nenhum em fazer este trabalho. Sarai, por outro lado, eu duvido que terá estômago.

— Faça contato comigo assim que terminar o serviço — diz Niklas. — Eu gostaria de passar as informações para Vonnegut o quanto antes. Espero que isso compense os atrasos e problemas que você encontrou e *criou* durante a missão com Javier e Guzmán. — Sinto a tênue acusação em suas palavras, mas era de se esperar, e deixo por isso mesmo.

— Farei isso — respondo.

Antes de encerrar a chamada, Niklas diz:

— Victor, você sabe que isso precisa ser feito. Pelo seu bem e até pelo dela.

Eu não vou matar Sarai e farei tudo o que puder para evitar que qualquer um na mansão o faça, mas bem no fundo sei que o que meu irmão disse é verdade. Eu *deveria* matá-la, pelo meu bem e pelo dela. Mas não consigo. E não vou.

## *Sarai*

É a noite da missão, e já estou tão cheia de adrenalina que não consigo ficar quieta. Tomo um banho e me visto, depois que Victor escolhe meu vestido, e mais uma vez estou sem sutiã.

— Eu me sinto nua — digo, olhando para o vestido de seda fina, praticamente transparente.

Instintivamente, tento puxar a barra do vestido para cobrir mais pele, decepcionada quando esse esforço não faz o tecido aumentar em um passe de mágica. Se eu me abaixar só um pouco, qualquer um que estiver atrás de mim vai ver tudo. Ainda bem que pelo menos estou usando calcinha.

Victor me olha, aparentemente perdido em pensamentos. Ele parece meio preocupado, triste até.

— Eu não vou desistir — digo a ele, sentindo que é isso que está por trás de sua expressão. — Quero fazer isso. Aconteça o que acontecer comigo, não vai ser culpa sua.

Talvez seja um pouco pretensioso achar que ele se importa e insinuar isso em voz alta, mas realmente acho que sim, ainda que só um pouco, à sua maneira. E não me incomoda mais tanto assim que ele saiba como me sinto. A respeito de tudo o que aconteceu entre nós. Dos meus sentimentos, embora eu mesma ainda não tenha certeza de quais sejam. Dos sentimentos dele, embora os dele sempre tenham sido mais reservados do que os meus.

Vou até ele e seguro as lapelas de seu paletó. Então fico na ponta dos pés e lhe dou um beijinho na boca.

— Eu consigo fazer isso — digo. — Talvez esteja sendo imprudente e nem saiba no que estou me metendo. Não, retiro o que eu disse. Eu *estou* sendo imprudente e sei *exatamente* no que estou me metendo. Sou louca de topar isso, de querer participar disso. Mas você sabe tão bem quanto eu que não sou como todo mundo. E mesmo que eu tivesse essa chance, mesmo que pudesse desistir agora e tentar *ser* como todo mundo, não quero isso. Eu tenho medo de morrer. Não posso dizer que não tenho. E não quero morrer, mas estou preparada para isso.

Por um momento, parece que Victor vai me dizer alguma coisa, talvez para tentar mais uma vez me fazer mudar de ideia, mas em vez disso se afasta e pega as chaves do carro de cima do criado-mudo.

— Precisamos ir — diz ele, e vai até a porta do nosso quarto de hotel.

Estou decepcionada, até um pouco magoada. Queria que ele me dissesse *alguma coisa*, qualquer coisa que confirmasse, em minha mente e em meu coração, que ele não quer mesmo que eu faça isso. Talvez no fundo eu saiba que vou morrer, e essa última e desesperada parte de mim queira saber, antes, que alguém se importa. Que *Victor* se importa. Porque, na verdade, ele é a única pessoa no mundo que eu tenho.

## CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

### *Sarai*

A caminho da mansão, Victor me lembra pela última vez:

— Nunca saia da personagem. Aconteça o que acontecer, ou o quanto as coisas fiquem desconfortáveis para você. Não abandone a personagem.

— Entendi — digo. — Aconteça o que acontecer, não vou abandonar a personagem. Prometo.

Esse olhar que ele me lança, embora indistinto, me diz que ele tem suas dúvidas.

Chegamos à propriedade de Arthur Hamburg às sete e meia e somos recebidos por um portão eletrônico alto, de ferro, e um segurança. Victor passa nossos convites pela janela do carro. O segurança os inspeciona primeiro, depois vai até um painel incrustado na lateral da pequena guarita de pedra e encosta um telefone ao ouvido. Eu o ouço vagamente pela janela aberta, nos descrevendo e descrevendo os convites. Alguns segundos depois, ele desliga e devolve os convites a Victor.

O segurança entra novamente na guarita, e logo depois o portão de ferro se abre, dando-nos acesso à enorme propriedade. Depois de atravessar o calçamento de cascalho por quase um hectare, estacionamos o carro na frente da mansão, perto de uma variedade de veículos igualmente caros.

Saímos do carro, Victor passa o braço no meu e seguimos na direção da casa. Nós nos aproximamos da gigantesca porta dupla principal, passando por duas colunas de mármore nas laterais e por baixo de uma varanda escalonada. Somos recebidos na porta por outro segurança armado, e é então que noto todos os outros seguranças espalhados pela propriedade. Lembro que Victor me falou deles e começo a me sentir um pouco desconfortável. Mas depois que nossos convites são inspecionados de novo e entramos, o desconforto diminui, substituído por assombro. Já estive em muitas mansões, mas esta é de longe a mais impressionante, com pés-direitos de quatro andares no centro da casa, abrindo-se para uma imensa claraboia redonda. Lindas estátuas gregas estão expostas no térreo. Sempre que alguém entra, o som de sapatos estalando de leve no mármore ecoa como se eu estivesse dentro de um museu, e não em uma mansão particular da Califórnia. Ouço o que parece uma pequena cachoeira e então noto que à minha direita, sob um arco de 4,5 metros, há um lindo chafariz de pedra branca bem no meio da sala.

Antes de ser flagrada admirando este lugar de olhos esbugalhados, como uma garota que nunca viu tanta riqueza na vida, mudo minha expressão para parecer distraída, estreitando os olhos de leve, como se parte de mim estivesse entediada. E quando alguém me olha, escolho para quem balanço a cabeça sutilmente em reconhecimento e quem ignoro. Ignoro sobretudo as mulheres, ou as olho rapidamente com ar de desaprovação.

Victor anda comigo pela enorme sala, e somos então recebidos por um homem, embora não seja Arthur Hamburg. Ele é muito mais novo, com cabelo castanho-claro e olhos castanhos.

— Bem-vindos à mansão Hamburg — diz o homem. Ele estende a mão e Victor a aperta. — Eu sou Vince Shaw, o assistente do sr. Hamburg.

— Eu sou Victor Faust e esta é minha mulher, Izabel Seyfried.

Estendo a mão para o homem, com a palma para baixo, e ele a toma nos dedos e se curva para beijá-la.

Eu me pergunto se esse é realmente o sobrenome de Victor. Ele não parece preocupado em usar seu primeiro nome verdadeiro — a menos que “Victor” também não seja seu nome...

Não posso pensar nisso agora.

“Vince” pega uma taça de champanhe de uma bandeja quando um garçom passa. O garçom nos oferece a bandeja em seguida.

— Por favor, tomem uma taça — diz Vince, e Victor pega uma da bandeja e a entrega a mim, antes de se servir. — Peço desculpas — diz Vince —, mas estou curioso para saber como obtiveram o convite.

Victor toma um gole de champanhe e demora para responder, como se fosse importante o suficiente para fazer o homem esperar.

— Izabel e eu estávamos no restaurante do sr. Hamburg noite passada. Houve um incidente.

— Ah, sim, claro — diz Vince, com um sorriso conivente mas respeitoso. Então ele se vira para mim. — Foi mais do que indenizada pelo seu vestido, presumo?

— Sim, fui — digo, tomando um gole de champanhe. — Mas devo dizer que acho que a questão poderia ter sido resolvida de maneira diferente.

— Ah? A que maneira se refere?

— Bem, aquele, por acaso, era meu vestido favorito. Tinha valor sentimental, se quer saber. O garçom deveria ter sido demitido.

— Ah, sim — diz Vince. — Bem, isso com certeza pode ser providenciado. Falarei com o sr. Hamburg sobre isso pessoalmente. Isto é, se não quiser fazer isso quando se encontrarem mais tarde.

— Não — digo, piscando. — Acredito que o senhor me poupará de precisar repetir o que disse.

Olho para Victor, que parece satisfeito com meu desempenho.

— É claro — garante Vince. — Não diga mais nada. Será feito. — Ele sorri, revelando dentes brancos e perfeitos.

Eu me sinto péssima por ser o motivo de aquele pobrezinho ser demitido, mas me consolo dizendo a mim mesma que ele não deveria trabalhar para alguém como Hamburg. Afinal, se fomos mandados aqui para matá-lo, isso só pode significar que ele é, de alguma forma, um canalha.

Nós nos distraímos com Vince por algum tempo, mas eu basicamente só tomo goles de champanhe e ouço os dois conversando. De vez em quando levanto a mão e a dobro com as unhas para cima, examinando-as, entediada. Noto que Victor olha para o relógio uma vez.

— O sr. Hamburg descerá para cumprimentar seus convidados em breve — diz Vince. — Por enquanto, sintam-se à vontade para aproveitar o champanhe e os *hors-d'œuvres*. Ah, aí está ela! — Ele faz um gesto para nós, e nos viramos. — Gostaria de lhes apresentar Lucinda Graham-Spencer. — Ele sorri para Victor. — Certamente a conhecem, não?

Uma mulher estonteante, usando um vestido branco colado ao corpo curvilíneo, se aproxima, acompanhada por um homem de terno.

— Sim, já a ouvi tocar — diz Victor. — Em um concerto em Londres, ano passado. Ela é brilhante.

— *Querrrrido*, como vai? — pergunta a mulher chamada Lucinda Graham-Spencer, abrindo os braços dramaticamente para Vince. Victor e eu damos um passo para o lado e ela esvoaça entre nós para plantar dois quase-beijos nas bochechas de Vince.

Reviro os olhos. E não apenas como a personagem.

— Lucinda — diz Vince, virando-se para Victor —, estes são Victor Faust e — ele me indica com um gesto — Izabel Seyfried. São convidados do sr. Hamburg.

Lucinda se aproxima de Victor da mesma forma que fez com Vince, e eles se beijam no rosto. Então ela se vira para mim. Victor me fuzila com o olhar, discretamente, mas isso não basta como dica, e eu também não sou telepata, cacete.

Por isso, ajo como meu instinto manda.

— Prazer em conhecê-la — digo com educação, mas sem diminuir meu ar de superioridade. Retribuo os beijos no rosto, com as mãos apoiadas delicadamente em seus braços, como as dela estão nos meus.

Os olhos de Victor sorriem para mim agora, aprovando minha decisão, e provavelmente aliviados com ela. Ao que parece, essa mulher tem uma importância muito maior do que jamais vou ter, e embora eu não faça ideia de que tipo de musicista ela seja ou por que é tão importante, sei que deve ser famosa em seu meio, e eu só faria papel de idiota se esnobasse alguém tão respeitado. Aliás, provavelmente seríamos expulsos a pontapés se eu fizesse isso.

Vince deixa Victor e eu a sós e anda com a mulher pela sala para apresentá-la aos outros convidados. Escuto e noto que ele diz a todos a mesma coisa que nos disse, e que todos aqui são apresentados como “convidados do sr. Hamburg”. Começo a me perguntar como Victor planeja ter a atenção exclusiva do sr. Hamburg com tantas outras pessoas aqui, casais inclusive, competindo por ela.

Victor passa a mão livre pela minha cintura e nós andamos lentamente pela sala, fingindo conversar sobre os quadros e as estátuas. Ele aponta discretamente para isto ou aquilo e comenta detalhes das cores ou da emoção que a obra retrata. São todas observações inúteis e desinteressantes, que não merecem realmente nenhum comentário, na minha opinião, mas eu entro no jogo assim mesmo. Logo percebo que ele estava usando esse tempo para atravessar a sala sem parecermos perdidos nem precisando da companhia de alguém para nos fazer sentir mais entrosados.

— Preciso ir ao toalete — diz Victor, deixando sua taça de champanhe em uma mesa na entrada do corredor. — Você vai ficar bem sozinha?

— Claro — digo, com ar aborrecido. — Sou perfeitamente capaz de ficar sozinha.

Ele beija meus lábios e se afasta pelo corredor. Eu o observo até que ele vira a esquina no final. Sei que ele não está procurando o “toalete” e começo a ficar nervosa quando ele demora mais do que alguns minutos e eu continuo parada ali, sozinha. Espero não parecer precisar de ajuda para me enturmar.

Acabo recebendo-a mesmo assim.

— Sou Muriel Costas — diz uma mulher, se aproximando de mim com outra mulher e um jovem. — Nunca vi você por aqui.

— Izabel Seyfried — me apresento, tomando meu champanhe muito lentamente, mostrando à mulher que minha taça merece mais atenção do que ela. — E acho isso natural, já que nunca estive aqui antes.

Ela sorri, aproximando sua taça dos lábios pintados de rosa. Ela tem cabelo longo e preto caindo nos ombros e batendo logo abaixo de seus seios fartos. Seu decote é ressaltado pelo vestido cinza justinho. A mulher ao lado dela lhe lança um olhar, provavelmente se perguntando se a primeira deixará impune minha resposta atravessada. Retribuo o sorrisinho e dirijo a atenção para o jovem, que não deve ser muito mais velho do que eu.

Abro um sorriso ténue e sedutor para ele, só para deixar Muriel irritada, e ele percebe. Mas então seu olhar é desviado com submissão quando ela o encara.

— De onde vem? — pergunta ela.

— De onde vem *o quê?*

Ela e a outra mulher se entreolham com sorrisos leves, obviamente formando a mesma opinião a meu respeito.

— Seu dinheiro — diz Muriel, como se eu devesse conhecer o jargão.

Ela toma um gole de champanhe.

*"Você é rica, embora ninguém precise saber de onde vem o seu dinheiro."*

Meu rosto todo escurece com um sorriso confiante.

— Só uma pessoa que se sente ameaçada faz esse tipo de pergunta — digo, e olho rapidamente para os outros dois para exibir discretamente meu controle da conversa. É aparente, para mim, que eles são vira-latas de Muriel Costas, e, dependendo de que mão oferece os melhores restos de comida, não são imunes a influências.

Victor reaparece no corredor.

O rosto de Muriel se ilumina quando o vê. Ela se apresenta imediatamente, oferecendo a mão para um beijo de praxe que eu sei que não tem nada a ver com praxe e tudo a ver com desafio. Victor aceita o gesto e olha nos olhos escuros dela ao se erguer de sua reverência discreta, que ele mantém um pouco mais do que eu gostaria. Mas Muriel está satisfeita e faz questão de me olhar bem nos olhos para que eu saiba disso.

Eles se apresentam e recomeçam o papo furado de festa. Mas em vez de mostrar um pingo de ciúme, já que sei que nada daria mais satisfação a Muriel, eu me afasto dos quatro com o queixo erguido e ar importante e acho um grupinho de homens só meu para confraternizar. Não sei ao certo se Victor aprova essa ação, mas não olho para trás para descobrir. Se eu fizesse isso, meu ciúme ficaria tão aparente quanto em uma demonstração escandalosa. E não é tão fácil Izabel Seyfried *sentir* ciúme. Ela revida.

Não ofereço a mão a esses três homens, apenas minha conversa encantadora e confiante, que eu jamais ofereceria a uma mulher. Eu não esperava que isso acontecesse, mas é nesse momento, quando assumo totalmente o controle das coisas, que percebo não só que entrei no papel mais do que julgava ser capaz, mas também que estou começando a dar a Izabel Seyfried seus próprios traços. Traços que Victor, tecnicamente, nunca me mandou dar a ela. Eu decido — porque parece o certo — fazê-la desprezar as mulheres um pouco em demasia e adorar os homens um pouco intensamente demais.

Afinal, se vou fazer o papel de outra pessoa, é melhor preencher todas as lacunas de sua personalidade e torná-la totalmente

realística.

Durante minha conversa com esses homens, cujos nomes já esqueci, Victor entra no grupo. Sinto sua mão em meu antebraço, apertando-o com força.

— Você sabe que eu não gosto quando você se afasta de mim — diz ele.

Os homens não dizem nada, mas nos ouvem atentamente, como que intrigados pela exibição de Victor de dominação sobre mim.

Abro um sorrisinho.

— Eu sei que você não gosta — digo —, mas estava ficando... sufocada com sua bisavó ali.

Muriel fixa os olhos nos meus ao ouvir isso, e eu sorrio em resposta. Ela e seus mascotes se afastam na direção oposta, até outro grupinho.

Victor esmaga meu braço, fazendo o champanhe se agitar em minha taça.

O sorriso desdenhoso desaparece do meu rosto em um instante.

Ele se curva para meu ouvido e diz em voz baixa:

— Não suporto a ideia de fazer isso, Izabel, mas se for preciso, eu vou abandonar você. — Sua respiração dança por meu pescoço, deixando a pele arrepiada.

— Não vou mais fazer isso — digo, ofegante, virando o pescoço para que minha boca alcance a dele.

Fecho os olhos para beijá-lo e sinto seus lábios tão perto dos meus que quase posso saboreá-los, mas então ele se afasta. Os homens perto de nós estão assistindo a tudo, discretamente, quando volto a abrir os olhos.

Arthur Hamburg aparece na sala do chafariz com quatro homens de terno, e todas as atenções se voltam para ele.

## CAPÍTULO TRINTA E CINCO

### *Sarai*

O homem parece ainda mais velho do que na foto. E mais gordo. Acredito que tenha 60 e poucos anos, estatura mediana, abaixo de 1,80 metro, e não menos do que 130 quilos, a maior parte na barriga e nas bochechas. Enquanto está na entrada da sala, com seus capangas ao redor, eu não vejo apenas um ancião obeso, vejo um homem mau que vai morrer esta noite. É tudo o que consigo pensar: ele vai morrer. E eu estarei lá para presenciar. De repente minhas entranhas se fecham, meu peito aperta, meu estômago dá um nó e sinto que não consigo respirar. Inspiro pelos lábios entreabertos e solto o ar bem devagar pelas narinas. Calma, Sarai. Fique calma.

Eu não pensei que fosse me afetar desse jeito saber o destino de um homem, praticamente controlar se ele vai viver ou morrer apenas por saber o que ele não sabe. Mas, apesar da ansiedade que sinto quando me dou conta da realidade da situação, não me arrependo de ter vindo. Posso não saber o que Arthur Hamburg fez para merecer a morte, mas confio nas palavras de Victor e sei que ele está longe de ser inocente, ou não estaríamos aqui.

Arthur Hamburg se dirige a seus convidados, agradecendo a todos nós por termos vindo esta noite, e continua falando e falando de coisas supérfluas, com todo mundo assentindo, concordando, sorrindo e opinando. E ele conta piadas das quais ri antes de todos,

mas todos sempre riem também, porque seria grosseria não rir, é claro. Até eu me pego rindo um pouco de uma piada que todos parecem achar engraçada, mas que na verdade eu não acho.

Victor me põe diante de si, apertando minhas costas contra seu peito. Sua boca explora meus ombros nus, suas mãos estão em meus quadris. Mas a afeição é breve, apenas uma exibição, e sua atenção volta para Arthur Hamburg, quem eu noto que, nesse curto espaço de tempo, nos encontrou, e está nos fitando do outro lado da sala. Percebo a deliberação em seu olhar, a mudança repentina de sua expressão. Depois de mais alguns pronunciamentos, ele encerra a conversa e deixa todos se divertirem, como estavam fazendo antes que ele entrasse na sala.

Quando dou por mim, ele está vindo em nossa direção.

## *Victor*

Arthur Hamburg aperta minha mão quando me apresento e apresento Izabel.

— Meu assistente disse que o senhor teve um problema em meu restaurante, noite passada.

Ele sabe muito bem que fomos nós dois. Viu tudo daquela sua sala particular, escutou nossas conversas à mesa pelo minúsculo microfone situado no arranjo de centro.

— Sim — digo, assentindo. — Desculpe dizer, mas acredito que uma mudança no modo como sua gerência contrata os funcionários é necessária.

Hamburg sorri para disfarçar o que está fazendo, na verdade: estudando a mim e Sarai, reparando em nós mais do que já fez no restaurante, imaginando-nos com ele em seu quarto. Ele está se lixando para o incidente no restaurante ou a possibilidade de ser processado. Isso não tem nada a ver com o convite para estarmos aqui.

— O senhor é de Los Angeles? — pergunta ele.

— Não — respondo, puxando Sarai para mais perto, com um braço em volta de sua cintura e a mão apoiada quase em sua virilha. Os olhos de Hamburg descem para minha mão ali. — De Estocolmo.

Ele parece intrigado.

— Não tem sotaque estrangeiro — diz ele.

Respondo em sueco:

— Sou fluente em sete idiomas. — Depois repito em inglês para que ele entenda.

Ele assente, com um sorriso impressionado. Então olha para Sarai.

— E você?

— De Nova York — respondo por ela.

Sarai fica quieta dessa vez.

Hamburg se vira para mim de novo e pergunta:

— Ela é sua...? — Ele vasculha a mente em busca da maneira mais prudente de fazer a pergunta.

— Minha propriedade? — digo por ele, mostrando que é perfeitamente aceitável falar sobre coisas que em outra situação seriam tabus. — Sim, ela é. E na maior parte do tempo, gosta disso.

Ele ergue uma sobrancelha espessa e grisalha.

— Na maior parte do tempo? — pergunta ele inquisidoramente. — E o que ela pensa no resto do tempo?

Ele olha para Sarai, com um sorrisinho nos cantos de seus lábios enrugados.

— No resto do tempo eu tenho vontade própria — diz Sarai como Izabel.

Suspiro e balanço a cabeça, passando os dedos por seu quadril.

— Sim, ela tem, admito — confirmo. — Prefiro mulheres que oferecem resistência.

— Então o senhor já seguiu o outro caminho, suponho? — pergunta Hamburg, e sei que ele está se referindo à submissão total, a possuir uma mulher que fará qualquer coisa que mandarem sem a menor expressão de desconforto ou recusa.

— Uma vez — respondo. — Estou satisfeito com Izabel, apesar de sua boca grande, às vezes.

Hamburg a examina mais de perto agora, e a mim também. Ele gosta de mulheres e de homens, afinal. E também gosta de mulheres que oferecem resistência, como Izabel. A única diferença é que as outras foram trazidas para cá contra a vontade.

De repente, Hamburg ergue o queixo orgulhosamente e diz:

— Gostaria muito de falar com o senhor em particular. Na minha suíte. Se estiver interessado em ofertas lucrativas. *Está* interessado em ofertas lucrativas, não está? — Ele sorri e molha os lábios rapidamente com a língua.

Penso a respeito um momento, mexendo com sua cabeça, demonstrando, só pelo olhar, que estou interessado, mas não desesperado.

— Estou disposto a ouvir a oferta, pelo menos — digo.

Seus olhos se iluminam. Ele se vira para o homem de terno ao seu lado, murmura algo em seu ouvido e volta a falar conosco enquanto o homem pega o elevador panorâmico até o último andar.

— Me acompanhem — diz Hamburg, e nós dois o seguimos até o elevador.

Hamburg nos conta da construção de sua mansão enquanto esperamos que o elevador panorâmico desça vazio. E tagarela sobre todo o dinheiro que gastou na casa, explicando discretamente que pode me pagar, seja qual for meu preço. Sinto Sarai ficando cada vez mais nervosa enquanto subimos até o último andar. Em um momento, ela agarra minha mão, e olho para seus dedos delicados presos nos meus. Aperto sua mão de leve, lembrando que estou aqui e que farei tudo o que puder para mantê-la a salvo. Eu a olho nos olhos, e no momento só o que vejo é Sarai me olhando também, a garota corajosa mas ansiosa e complicada que despertou tanto meu instinto protetor.

Vamos até um enorme corredor que dá para a entrada do quarto dele, intrincada e espalhafatosa como o resto da casa. Dois homens de terno montam guarda na porta. Cada um deles, como os que estão lá embaixo, carrega armas por baixo das roupas. Mas eu não. Desta vez, não. Porque sei que Sarai e eu seremos revistados antes que nos deixem entrar, e encontrar uma arma em qualquer um de nós, duas pessoas ricas mas, à parte isso, comuns que não têm motivo algum para portar armas de fogo, mudaria as conclusões

iniciais de Hamburg sobre nós. Ele poderia se sentir ameaçado e mudar de ideia quanto a nos deixar entrar.

Paramos à porta e abro os braços para que um dos seguranças me reviste.

Sarai faz o mesmo, mas não fica tão quieta desta vez.

— Isso é realmente necessário? — pergunta ela entre dentes enquanto o outro segurança a revista.

— Desculpe, querida — diz Hamburg enquanto abre as portas da suíte —, mas é. Todo cuidado é pouco.

Quando os seguranças não encontram nada, abrem caminho, e, antes de fechar nós três dentro do quarto, Hamburg diz aos homens:

— Podem ir. Vou precisar de um pouco de privacidade por mais ou menos uma hora.

Os dois seguranças concordam, assentindo, e deixam seu posto na porta do quarto.

## CAPÍTULO TRINTA E SEIS

### *Sarai*

Assim que a enorme porta dupla se fecha atrás de nós, sinto meu coração afundando no estômago. Mas espanto a sensação e faço o melhor que posso para conservar minha fachada de Izabel Seyfried.

Enquanto deixo meu olhar percorrer o imenso quarto, fico surpresa com a rapidez com que Arthur Hamburg vai direto ao assunto:

— Direi o que desejo e darei ao senhor a oportunidade de determinar seu preço. — Ele indica a poltrona de couro mais próxima de Victor com um gesto.

Victor se senta, e sou deixada em pé ali, sozinha.

As máscaras caíram, agora que os dois estão a sós na privacidade do quarto. Arthur Hamburg não é mais o homem enjoativamente encantador que fingia ser lá fora, diante de todos. Não, é o canalha perverso e doentio que Victor foi enviado para matar. Ele não me vê mais como uma convidada em sua mansão, que merece uma taça de champanhe e respeito; sou apenas uma peça em seu jogo sexual, que não é mais digna de seu olhar ou de sua conversa. Somente Victor tem direito a tais luxos. É Victor que ele quer. Percebo isso agora. Mas há muito mais nisso do que eu sei. E não demora para que tudo se revele.

— O que o senhor quer? — pergunta Victor, calma e ardilosamente.

Ele se recosta na poltrona e apoia o tornozelo esquerdo no joelho direito.

Arthur Hamburg se senta na poltrona em frente, igual à de Victor, com um sorriso diabólico em seu semblante cruel.

— Gosto de assistir — diz ele. — Mas nada de merdas tipo papai e mamãe. — Ele faz uma pausa e acrescenta: — Você fode a garota, de vez em quando faz com ela o que eu pedir, e depois, se você topar, e por uma quantia extra, eu me ajoelho na sua frente.

Ele sorri e, pela primeira vez desde que entrei aqui, seus olhos passam por mim.

Enquanto tenho um ataque de ansiedade em segredo, Victor pondera por um momento, fingindo considerar a oferta.

Victor olha para mim.

— De jeito nenhum — digo, assim que percebo a deixa. — Ele é nojento, Victor. Não concordo com isso.

Victor fica de pé e me segura casualmente pelo cotovelo.

— Você vai fazer o que eu mandar — diz ele.

Balanço a cabeça de um lado para o outro, olhando para os dois, tentando não sair da personagem, mas achando isso cada vez mais difícil.

*Eu consigo fazer isso, digo a mim mesma quando o palpitar forte do meu coração encobre a voz em minha cabeça. Victor não vai me machucar. De jeito nenhum. Preciso acreditar nisso.*

*Por que ele não mata esse porco agora e pronto? Não entendo...*

Com meu cotovelo ainda preso em sua mão, Victor se vira para Arthur Hamburg e diz:

— Quinze mil. — E o rosto de Hamburg se ilumina. — E vou querer mais 15 para deixar você me chupar.

Sinto meus olhos se arregalando.

— Fechado.

— Não — digo, e tento desvencilhar meu braço, mas então Victor estreita os olhos para mim e eu cedo.

— Se curve sobre a mesa — diz Victor.

*Quê?...*

Ele olha para a pesada mesa quadrada de mármore à minha direita, movendo apenas os olhos.

— Agora, Izabel — exige ele.

*Ai, meu Deus...*

Hesitante, me aproximo da mesa e apoio a barriga e o peito ali. Já consigo sentir o ar do quarto alcançar o tecido da minha calcinha. Engulo em seco.

Victor se aproxima por trás e termina de levantar meu vestido curto, descobrindo minha bunda e dobrando-o nas minhas costas. Uma de suas mãos aperta minhas nádegas.

— Faça a garota chorar — diz Arthur Hamburg, da poltrona atrás de mim. — Tenho coisas que você pode usar se quiser.

— Consigo fazê-la chorar sem elas — diz Victor, puxando minha calcinha para baixo até os tornozelos. Eu suspiro, me sentindo desconfortavelmente exposta. — Mas ainda posso usá-las. Faz tempo que não a machuco de verdade.

Arthur Hamburg produz um som estranho que nunca ouvi antes.

— Ah, sim, eu gostaria muito de ver isso. — Ele bate palmas e acrescenta, com deleite macabro: — Ela é muito apertada? Eu tenho um taco de borracha.

Fico paralisada na mesa; seu comentário tira todo o ar dos meus pulmões.

*Você está de brincadeira, caralho?*

Estou pronta para matá-lo, agora. Ele poderia ser meu primeiro trabalho. Estou pronta!

Minhas mãos começam a tremer sob o peito.

*Se mantenha na personagem, Sarai... haja o que houver.*

Então, de repente, como se não estivéssemos mais no quarto com aquele tarado filho da puta, sinto os dedos de Victor deslizando para dentro de mim e fico instantaneamente molhada. Solto um gemido agudo, e o hálito quente que sai dos meus lábios cobre o

mármore de umidade a centímetros do meu rosto. Vejo o borrão aparecer e desaparecer no ritmo da minha respiração ofegante.

— Abra as pernas — manda Victor.

De início não obedeco, mas quando ele enfia as mãos entre minhas coxas e as separa à força, me expondo completamente, não resisto, só me agarro à borda da mesa com as pontas dos dedos e endireito as costas.

Minha mente luta com o quanto tudo isso é errado. Sei que é errado e nojento porque aquele homem está sentado ali, vendo isso acontecer. Mas a outra parte de mim, a parte que está começando a bloquear totalmente a presença de Arthur Hamburg da minha mente, *quer* que Victor faça o que quiser comigo. Tento fechar os olhos e imaginar somente Victor no quarto, e funciona por um ou dois minutos, até que ouço a voz de Arthur Hamburg de novo.

— Sim, ela é bem rosadinha. Bem apertada — diz ele, e eu cerro os dentes.

Victor começa a ganhar tempo.

— Sabe — diz ele —, você podia me mostrar suas coisas. Vou meter um pouco nela antes, deixá-la mais aberta, e aí...

— Não precisa dizer mais nada — diz Arthur Hamburg, com um sorriso sádico na voz.

Eu o ouço se levantando da poltrona, e então seus sapatos caros estalam no chão quando ele passa. Vejo que sua calça já está aberta e sua camisa, solta sobre a barriga grotesca. Ele já estava se masturbando. Quando se aproxima do que parece um grande closet, ele para e se vira para Victor. Parece estar refletindo intensamente, até que diz:

— Tudo bem se eu deixar minha esposa assistir comigo?

Depois de uma pausa momentânea, Victor responde:

— Mais uma pessoa não estava no acordo. — Ele pensa um pouco. — Mas acho que tudo bem. Ela está lá embaixo?

— Ah, que bom — diz Arthur Hamburg, esfregando as mãos gorduchas. Ele se aproxima mais do closet, abrindo as duas portas

enormes para revelar um espaço interno maior do que de um quarto normal. — Não, eu a guardo aqui.

*Hã? Você a guarda aí?*

Sentindo que isso chamou mais do que apenas a atenção de Victor, olho para cima quando ele se afasta de mim. Não tenho ideia do que ele vai fazer, não sei se devo ficar como estou ou me levantar e deixar o vestido cobrir novamente minha bunda, como eu gostaria. Resolvo esperar mais alguns minutos.

— Não fique chocado quando a vir — diz Arthur Hamburg. Ele parece estar digitando vários números em um teclado prateado na parede interior do closet. — De certa forma, minha Mary é como sua Izabel.

— É mesmo? — diz Victor, entrando no closet com ele.

Outra porta enorme se abre na parede interna do closet, revelando mais um quarto.

— Sim — continua Arthur Hamburg. — Embora seja muito mais submissa do que a sua.

Então ouço um *thump* alto e um *bang* quando os dois desaparecem em algum lugar do quarto secreto. Visto a calcinha às pressas e corro pelo quarto para ver o que está acontecendo, quase tropeçando por causa dos saltos.

— Victor!

— Entre aqui, Izabel, agora! — eu o ouço gritar, e, embora ele tenha me chamado de Izabel, sei, pelo tom de urgência em sua voz, que ele está falando comigo como Sarai.

Depois de passar pelas prateleiras altas do closet e entrar correndo no quarto secreto, fico chocada e confusa com o que vejo, incapaz de formar pensamentos, muito menos palavras. Victor está segurando Arthur Hamburg com a cara contra a parede e uma gravata apertada em volta do pescoço gordo. Seu rosto incha por cima do tecido que o estrangula, sua pele ficando vermelho-escura e roxa. Uma mulher está deitada em uma cama dobrável, perto da

parede, usando uma camisola comprida de algodão branco, transparente, toda manchada de urina e sangue.

— No closet — diz Victor, pressionando o corpo contra o homem que esperneia — tem uma maleta no chão com uma arma dentro. Vá pegar.

Faço que sim rapidamente e volto correndo para o closet para procurar a maleta, encontrando-a em segundos. Tiro dali a arma e corro para o quarto.

Ele libera uma das mãos e eu lhe entrego a arma.

Victor encosta a arma na têmpora de Arthur Hamburg e solta seu corpo. O velho luta para respirar, fazendo sons engasgados e desesperados, tentando recuperar o controle da respiração. Então Victor o revista, procurando armas. Quando se convence de que ele não tem nenhuma, enfia a mão no bolso da calça, tira um par de luvas de borracha e o joga para mim, me mandando calçá-las.

Faço isso rapidamente.

— Bem, as coisas vão acontecer da seguinte forma — diz Victor para Arthur Hamburg. — Infelizmente, você vai viver. Se a escolha fosse minha, eu teria matado você noite passada, no restaurante, ou qualquer outra noite antes disso. Mas você vai viver.

*O. Que. Está. Acontecendo?* Minha mente não consegue assimilar essa reviravolta inesperada.

— Se não veio aqui me matar — diz Arthur Hamburg, com a voz tremendo de medo, mas como se estivesse se divertindo —, então que porra você quer aqui? Dinheiro? Tenho dinheiro aos montes. Dou quanto você quiser.

Victor empurra Arthur Hamburg para o chão e mantém a arma apontada para ele. O suor escorre do rosto e do pescoço do homem, empapando sua camisa social branca. Então Victor enfia a mão no bolso interno do paletó e me entrega um pequeno envelope amarelo.

— Abra — ordena ele.

Enquanto faço isso, Victor volta a olhar para Hamburg.

— A morte vai ser considerada um suicídio — diz Victor, e fico ainda mais confusa. — Ela deixou um bilhete assinado de próprio punho. Você só precisa esperar uma hora depois que sairmos para dar o alarme.

— Que merda você está dizendo?! — exclama Arthur Hamburg rispidamente, apesar da arma apontada para ele.

Não consigo mais decidir para quem olhar, o psicopata no chão ou a pobre mulher deitada no catre.

De repente ela me olha com olhos tristes, frágeis, atormentados, e um calafrio percorre meu corpo.

— Victor, a gente precisa ajudá-la. — Começo a me aproximar dela.

— Não — diz Victor. — Deixe-a ali.

— Mas...

— Tire o conteúdo do envelope — interrompe ele.

Tiro primeiro uma folha de papel dobrada, tentando sentir a textura através das luvas apertadas em minhas mãos.

— Leia — diz ele.

Cuidadosamente, eu a desdobro e olho para a bela caligrafia com floreios em tinta azul. E quando leio a carta em voz alta, começo a sentir náuseas e meu coração dói.

Meu adorado marido,

não posso mais fazer isso com você. Envergonhei minha família, nossos filhos, nós nos envergonhamos, Arthur. Eu não amo mais você. Não amo a mim mesma. Não amo ninguém, porque não consigo. Não sou capaz de sentir emoções verdadeiras há doze anos dos trinta que sou casada com você. Não posso mais viver assim. Tantas vezes eu quis procurar ajuda, talvez tomar remédios. Não sei, mas depois de tanto tempo, depois de anos querendo pedir ajuda, comecei a não me importar.

Lamento tanto que você tenha que me ver assim. Lamento tanto não poder ter pedido ajuda a você. Mas eu não *queria* ajuda. Eu só

queria que acabasse.

E é isso que vou fazer.

Acabar com tudo.

Adeus, Arthur.

Atenciosamente,

Mary

O homem não consegue tirar os olhos da esposa. Seu queixo flácido vibra quando ele tenta conter as lágrimas. Mesmo assim, não sinto um pingão de remorso por ele. Não só porque ainda estou lutando para entender o motivo de isso acontecer, mas porque sei que ele é um psicopata e não merece remorso.

— Por que você está aqui? — pergunta ele, com voz rouca e trêmula.

Victor olha para mim.

— Me dê o cartão SD.

Tiro o minúsculo cartão do fundo do envelope e o coloco na mão livre de Victor. Ele o mostra a Arthur Hamburg, entre o polegar e indicador.

— Todas as informações deste cartão já foram transferidas para meu empregador. Os nomes da sua extensa lista de clientes, os locais das suas operações clandestinas, as provas em vídeo que sua querida esposa gravou, sem você nem desconfiar. Está tudo aí. — Ele joga o cartão SD no peito de Arthur Hamburg. — Se alguém me procurar ou procurar Izabel pela morte da sua esposa e ela não for considerada suicídio, todas essas informações serão passadas ao FBI. Devemos sair daqui ilesos e tão bem-tratados como quando entramos por aquela porta. Entendeu?

Estou tremendo, muito confusa, nervosa e insegura. Insegura sobre tudo.

Arthur Hamburg assente, com o suor ainda pingando de seu queixo e suas sobrancelhas.

A mulher estende a mão, mas depois a deixa cair. Duas seringas estão vazias perto de suas pernas. Ela está muito dopada. Corro os olhos pelo corpo dela, vendo que as juntas dos braços e dos tornozelos estão pontilhadas de marcas de agulha.

Não consigo mais me conter: corro até ela, totalmente determinada a ajudá-la. Mas Victor estende a mão e me agarra pelo braço, me segurando. Ele me olha ferozmente nos olhos, ainda apontando a arma para Arthur Hamburg.

— Ela é o alvo — diz ele, me puxando para mais perto. — Vá até o criado-mudo no quarto, ao lado da cama mais perto da janela. Tem outra arma na gaveta. Traga para cá.

Quero dizer que não, que não farei isso, mas minha resistência é apenas em pensamento. Obedeço porque parte de mim ainda confia em Victor, tanto quanto outra parte quer interromper esta situação, antes que vá longe demais.

— Está bem — digo, e corro de volta para o quarto.

Encontro a arma onde Victor disse que estaria, pego-a nervosamente pelo cabo e a carrego com cuidado de volta para o quarto secreto, como se estivesse morrendo de medo de que exploda em minhas mãos. Talvez seja porque sei o que ele vai fazer com ela. Parece mais pesada, mais mortal, mais ameaçadora do que qualquer arma que já segurei. Não senti isso nem com aquela que usei para matar Javier.

Sinto meu coração batendo nas solas dos pés.

— Agora troque comigo — diz Victor.

Ele está usando luvas pretas, agora.

Vou até ele, com as pernas bambas, e lhe entrego a arma. Pego a outra e tomo cuidado para mantê-la apontada para Arthur Hamburg. Mal consigo segurá-la. Eu me sinto como ao me esconder no carro de Victor, a arma tão pesada em minhas mãos que só quero largá-la e me livrar dela.

Victor olha para mim, seus olhos azul-esverdeados intensos e com alguma compaixão.

— Você confia em mim?

Faço que sim lentamente.

— S-sim. Confio em você.

— Tampe os ouvidos — instrui ele, e eu não hesito.

Sem mais uma palavra, ele vai até a esposa e se curva para a frente, levantando-a da cama para uma posição precariamente sentada. Seu corpo está tão fraco e desconjuntado que ela mal consegue se sustentar sozinha. Seus olhos se abrem e se fecham, de exaustão ou por causa das drogas, enquanto Victor põe a arma na mão dela, dobrando seus dedos no cabo e seu indicador no gatilho. Sinto que vou vomitar, mas a adrenalina não deixa.

Victor fica na frente dela, pressiona a arma sob seu queixo e puxa o gatilho com o dedo dela. Ouço o tiro reverberar pelo quarto de paredes espessas, mas meus olhos se fecham antes que eu veja o sangue.

Arthur Hamburg grita o nome da esposa e depois desaba no chão, seu corpo descomunal tremendo de emoção.

Victor fica ao meu lado em um ângulo que parece tentar evitar que eu veja a imagem sanguinolenta da esposa. É um gesto silencioso que acho inesperado e protetor.

— Você tem uma hora — diz Victor. — É melhor começar a pensar na sua versão da história.

— Vai se foder! Vai se foder! — grita Arthur Hamburg, lançando cuspe pela boca. Ele aponta friamente para nós, mal levantando o rosto do chão. — Vão se foder!

— Isso não ia acontecer mesmo — acrescenta Victor.

Então ele passa o braço por meu ombro e sai do quarto secreto, ainda me protegendo da visão o melhor que pode. Quero me afastar dele tempo suficiente para voltar correndo e chutar aquele canalha nojento na barriga com meus saltos, mas não posso, sabendo que a mulher está morta ali, a poucos metros dele. Não é a visão de seu corpo ensanguentado que torna tão pavoroso olhar para ela — já vi

mortes demais para ser afetada por isso —, mas a sensação terrível de ela ser inocente e precisar de ajuda é que torna isso insuportável.

O que foi que Victor *fez*?

## CAPÍTULO TRINTA E SETE

*Victor*

Seguro Sarai na porta da suíte e a viro para me encarar, com as mãos em seus braços. Eu a sacudo.

— Escute — digo, e ela ergue os olhos. — Você continua na personagem quando sairmos daqui. Aja como antes de tudo isso acontecer. Entendeu? — Eu a sacudo de novo.

Ela assente distraidamente e então respira fundo, engolindo o nó na garganta.

Saímos para o corredor e viro o trinco da porta da suíte antes de fechá-la. Nossa segurança para sair desta mansão e desta propriedade está, agora, toda nas mãos de Hamburg. Se ele decidir que quer nos ver mortos mais do que quer evitar ser preso e perder toda a sua fortuna, os próximos cinco minutos vão ser complicados. Eu tenho uma arma, a pistola da maleta do closet. Nove balas estão no pente. Não tenho certeza de que, com apenas nove balas, consigo derrubar os seguranças antes de eles atirarem. Se estivesse sozinho e não precisasse proteger Sarai, conseguiria.

— Cabeça erguida — murmuro ríspidamente para Sarai, à minha direita.

Ela ergue o queixo e ponho a mão em sua cintura enquanto vamos casualmente para o elevador panorâmico. Os dois seguranças que estavam na porta do quarto de Hamburg não estão por perto, mas há um no final do corredor. Como os outros, usa um fone no

ouvido. Passamos tranquilamente por ele; Sarai usa seu charme, dando um sorrisinho malicioso para ele. Encantado com ela, o homem sorri feito um idiota até que o elevador some abaixo do piso.

— Ah, aí estão vocês — diz Vince Shaw, o assistente de Hamburg, quando saímos do elevador no térreo. — Já vão embora? Deveriam ficar mais um pouco. Lucinda vai tocar para nós esta noite. — Ele mantém as mãos unidas à sua frente.

Sorrio e balanço a cabeça.

— Eu adoraria, mas tenho um voo amanhã cedo.

— Mas eu quero ficar — diz Sarai como Izabel, com a voz um pouco lamuriosa.

— Desta vez, não — digo. — Você sabe que sempre perco os voos de manhã se não durmo pelo menos seis horas na noite anterior.

— Por favor, Victor? — Ela encosta a cabeça no meu braço.

Eu ignoro por completo seus esforços artificiais e aperto a mão de Vince.

— Foi um prazer conhecê-lo — digo.

— Igualmente. Talvez possa aproveitar melhor a festa da próxima vez.

— Talvez.

Puxo Sarai comigo rumo à saída. Pouco antes de chegarmos à enorme porta dupla, ouço a voz de Hamburg ecoar pela mansão, vinda do parapeito do quarto andar, e ficamos imóveis.

— Victor Faust — chama ele por cima da multidão.

Sinto o coração de Sarai pulsando em sua mão quando ela aperta a minha.

Eu me afasto da porta e me aproximo da luz para vê-lo melhor. Ele se arrumou bem em tão pouco tempo; sua camisa está enfiada dentro da calça, e seu cabelo grisalho, antes empapado de suor, foi penteado para trás, provavelmente com os dedos em vez de uma escova.

Há um momento de silêncio tenso, embora dure poucos segundos no máximo. Acho que Sarai parou de respirar.

Hamburg sorri para nós, com as mãos apoiadas no parapeito.

— Espero vê-lo de novo — diz ele.

Faço que sim.

— Até lá — digo.

O porteiro abre um lado da porta dupla para sairmos da mansão. Nenhum de nós dois se sente seguro até atravessarmos o hectare de terreno e sermos liberados no portão, sem que ninguém nos pare ou atire em nós.

Dirijo pela cidade por meia hora antes de voltar para o hotel, para me certificar de que não estamos sendo seguidos. Sarai fica em silêncio o tempo todo, olhando o para-brisa. Ela parece traumatizada. Está duvidando de mim. Está lamentando sua decisão de tomar parte no que aconteceu.

— Sarai...

— O que *foi* aquilo? — grita ela, virando a cabeça de repente para me olhar. — Por que aquela mulher era o alvo? Ela era inofensiva, Victor. Precisava de ajuda! Era inocente! Não podia ser mais óbvio!

— Tem certeza disso? — pergunto, mantendo a expressão calma.

Sarai começa a gritar comigo de novo, mas para e baixa a cabeça.

— Talvez não — diz ela, agora em dúvida. — Mas ele a mantinha naquele quarto. Ela estava drogada. Indefesa. Prisioneira. Não entendo... — Ela olha o para-brisa de novo.

— Era o que parecia, sim — digo. — Mas Mary Hamburg merecia ser punida tanto quanto Arthur.

— Então quem encomendou o assassinato? — pergunta ela, olhando fixamente para mim. — Por que matá-la e não matar aquele cara?

— Mary Hamburg encomendou o próprio assassinato — digo, e os olhos de Sarai se enchem de descrença. — Os dois se envolveram em vários casos de estupro e assassinato, mortes acidentais causadas por asfixia erótica mas assassinatos mesmo assim, tudo acobertado por suas contas bancárias. Cultivaram esse estilo de vida durante a maior parte do casamento. Um ano atrás, Mary Hamburg,

segundo o que ela disse, decidiu que não queria mais levar essa vida. Seus demônios começaram a atormentá-la. Quando falou com Arthur sobre pararem, procurarem ajuda e viverem decentemente, ele se revoltou contra ela. Para encurtar a história, ele a viciou em heroína e a mantinha trancada naquele quarto, para que ela não destruísse tudo o que tinham. Mas ele a amava. Daquele jeito doente, ele a amava. Acho que isso ficou óbvio em sua reação à morte dela.

Sarai balança a cabeça lentamente, tentando processar a verdade.

— Como você sabe tudo isso?

— Eu li o dossiê — digo. — Normalmente não leio, mas neste caso achei necessário.

— Porque eu estava com você — diz ela, e eu faço que sim. — Você sabia que eu faria perguntas.

— Sim.

Ela desvia o olhar.

— Como ele conseguiu manter a esposa fora de cena por tanto tempo? Alguém ia descobrir alguma coisa. Os filhos deles. A carta diz que eles tinham filhos.

— Sim, tinham — digo. — Dois, que moram em algum lugar da Europa e não querem nem saber dos pais. E Hamburg não mantinha Mary totalmente fora de cena. Ele alegava que ela estava à beira da morte. Câncer terminal. De vez em quando, sempre que uma aparição pública era necessária para afastar suspeitas, ele a arrumava, a drogava e colocava a esposa sentada a seu lado em uma cadeira de rodas, por não mais do que alguns minutos. Era o suficiente para que as pessoas vissem que Mary Hamburg parecia mesmo estar morrendo de câncer, por causa de seu peso e dos efeitos da heroína. Ninguém fazia perguntas.

Dispensando o manobrista, paro no estacionamento do nosso hotel e desligo o motor.

Ficamos sentados em silêncio por um momento, banhados pela fraca luz azulada das lâmpadas nas vigas de concreto acima de nós.

— Mas como ela encomendou o próprio assassinato? — Ela passa as mãos pelo cabelo. — Eu não...

— Poucas pessoas podiam entrar no quarto onde ela ficava escondida. Apenas criadas. Imigrantes ilegais. Elas tinham medo de serem deportadas e, provavelmente, também de morrer. Arthur Hamburg sabia que elas não falaria nada. Ao menos era o que ele pensava, porque foi uma das criadas que ajudou Mary Hamburg a encomendar o serviço.

— Ela deveria ter se matado — diz Sarai. — Se fosse eu, não me daria esse trabalho todo.

— Você teria feito o mesmo se não tivesse coragem de se matar. Existem muitas pessoas assim, Sarai. Prontas para morrer, mas com medo de se matar.

Ela não responde.

— Você acha que eles vão vir atrás da gente? — pergunta ela.

Abro a porta do meu lado, saio e dou a volta, abrindo a dela.

— Imediatamente, não. Ele teria feito isso antes que saíssemos de lá, se tivesse a intenção. — Estendo a mão para ela. Seguro seus dedos e ajudo-a a sair do carro.

Depois de fechar a porta, acrescento:

— Hamburg tem muito a perder. Mas isso não quer dizer que não bolará algum plano para se vingar de mim, de alguma forma que ele ache que não será associada a esta missão.

— Ou de mim — diz ela, e me olha desesperada. — Ele pode se vingar de mim.

Aperto duas vezes o alarme do chaveiro e o carro emite um bipe que ecoa pelo estacionamento.

Desta vez, eu não respondo.

Ando com ela até o elevador e nosso quarto, no último andar. Não penso muito em Arthur e Mary Hamburg, ou no que aconteceu esta noite. Penso sobretudo em Sarai e no que ela enfrentou comigo. Ela

não morreu, mas sinto que morreu mais uma parte sua. E isso é cem por cento culpa minha. Eu sabia que não deveria tê-la levado. Tenho plena consciência dos meus atos e de como são indesculpáveis. Aceitei isso assim que Sarai não desistiu, na última chance que lhe dei. Deveria ter sido eu, naquele momento, a impedir que ela tivesse mais alguma coisa a ver com isso.

Eu escolhi outro caminho.

E não me arrependo.

Há mais coisas que Sarai e eu precisamos discutir, e espero que o modo como a toquei na suíte de Hamburg seja uma das primeiras. Eu me preparo para isso, mas, quando entramos no quarto, ela joga os sapatos de salto longe e me deixa atordoado quando diz:

— Quero matá-lo. — Ela se senta no pé da cama e vira a cabeça para me olhar, com uma determinação inabalável no semblante. — Aquele homem precisa morrer, Victor. Precisa pagar pelo que fez. Precisa pagar com a vida. Como ela pagou.

Aí está a prova. Sarai tem sangue de assassina; não há mais como negar. Sei que não fui eu que a deixei assim. Foi a vida, não eu. Mas sei que fui eu que tirei o véu de seus olhos, no fim das contas, e a fiz enxergar isso.

— É só uma questão de tempo até que o assassinato dele também seja encomendado — digo.

Tiro o paletó e a gravata, deixando-os nas costas de uma cadeira.

— A gente devia ter feito isso quando teve a chance — diz ela.

Abro os botões da camisa, olho para Sarai sentada ali, fitando a parede, e me pergunto de que maneira ela está considerando matar Hamburg. É algo sangrento. Vingativo. Tenho certeza disso.

Deixo a camisa na cadeira com o paletó e vou até ela, tirando os sapatos no caminho.

— Se tivéssemos feito isso esta noite — digo, me sentando no pé da cama ao lado dela —, não teríamos saído de lá vivos. Não fazia parte da missão. Cada missão tem que ser planejada com precisão.

Se você se desvia de qualquer parte dela, suas chances de se expor ou de morrer triplicam.

Ficamos sentados em silêncio, ambos olhando para a frente, ambos perdidos em pensamentos. Eu me pergunto se os dela são sobre mim. Não consigo evitar que os meus sejam sobre ela.

## CAPÍTULO TRINTA E OITO

### *Sarai*

Não quero que Victor me deixe nunca. Eu não conseguia suportar essa ideia antes, mas agora... agora as coisas são muito diferentes. Nossas almas se tornaram íntimas, quer ele esteja disposto a admitir isso para si mesmo, quer não. Somos um só, e não quero imaginar ficar sem ele. Nunca.

— Sarai, sinto muito pelo que fiz.

Olho para ele. Sei a que se refere, mas ainda não tenho certeza de como responder.

— Espero que acredite quando digo que não tirei nenhum proveito. Foi só teatro. Espero que entenda.

Acredito nele. Sei que eu não conseguiria olhar uma pessoa normal nos olhos e contar o que aconteceu sem que ela pensasse que perdi o juízo ou que estou sofrendo da Síndrome de Estocolmo. Mas Victor poderia ter se aproveitado de mim muitas vezes. Poderia ter me estuprado. Poderia ter cedido nas poucas vezes que demonstrei minha atração por ele. Mas nunca fez isso e sempre me repeliu. Até algumas noites atrás, quando me enfiei na cama dele. Ele não me repeliu então, mas sei, no fundo, que estava até mais em sintonia com a raiva que eu sentia naquele momento do que eu.

Sem olhá-lo, pergunto em voz baixa:

— Se ele não tivesse aberto o quarto secreto a tempo... você ia me comer?

Noto que ele me olha, mas não retribuo o olhar.

— Não — responde ele em voz baixa, como eu. Ele suspira. — Sarai, eu não podia obrigá-lo a abrir a porta do quarto. Ele poderia ter digitado algum código de pânico e alertado os seguranças, ou...

Olho para ele, finalmente, bem nos olhos.

— Mas você ia *querer*?

Ele fica em silêncio. Vejo o conflito em seu rosto.

— Não ali — diz ele. — Não daquele jeito.

Tiro o vestido pela cabeça e o jogo no chão.

— E agora, pode ser? — pergunto.

Ele não responde, mas já aprendi, a essa altura, que a única maneira de conseguir o que quero dele é não desistir.

Eu me levanto da cama e fico de pé no meio de suas pernas. Suas mãos sobem lentamente pelas minhas coxas e ele passa os dedos pelo elástico da minha calcinha. Seus lábios tocam minha barriga, roçando a pele com a ponta da língua entre minhas costelas, tão suavemente que meu corpo todo fica arrepiado. Eu passo os dedos por seu cabelo enquanto ele desce a calcinha até meus pés.

Então monto no colo dele.

Eu o beijo delicadamente e sussurro mais uma vez:

— *Pode ser, Victor Faust?* Se é que esse é o seu nome. — Eu toco o lado de seu rosto com o queixo.

— Somente com uma condição — murmura ele, febrilmente, em minha boca.

— Que condição?

Ele beija meus lábios devagar.

— Que eu fique no controle desta vez.

Abro a boca perto da dele, provocando-o com um beijo que quero que ele tome de mim, meus dedos segurando suavemente seu queixo. Ele me olha nos olhos por um momento, lendo meus pensamentos. E então seus braços se fecham possessivamente ao redor do meu corpo, me apertando contra o dele. Seu beijo é

faminto, seus dedos fortes afundam na pele das minhas costas e posso sentir a rigidez de seu pau tão distintamente através do tecido da calça que me faz tremer. Meus lábios se abrem e meu corpo todo estremece só de senti-lo ali, querendo-o dentro de mim mais do que acho que jamais quis qualquer coisa na vida.

Ele mergulha a mão pela minha nuca, forçando minha cabeça para trás e expondo meu pescoço à sua frente. Beija minha garganta, sobe em uma linha reta perfeita até encontrar minha boca de novo e prende meu lábio inferior entre os dentes.

Sinto dois de seus dedos me penetrando por baixo.

Eu gemo, com a cabeça ainda forçada para trás em suas mãos, e pressiono delicadamente meu quadril contra seus dedos.

— Quero você dentro de mim — digo, sem fôlego.

Porra, eu não aguento mais.

Com os lábios nos dele, nossas línguas quentes entrelaçadas, mexo no botão de sua calça e puxo o zíper para baixo.

Ele vira o corpo e me joga na cama, ficando por cima, e não interrompe o beijo enquanto tira a calça com uma das mãos. E quando sinto o calor de seu corpo nu, eu o envolvo com as pernas, apertando-o com as coxas, puxando-o em minha direção para sentir seu pau ereto contra minha umidade. Sua boca procura meu pescoço e meu peito até que seus dentes acham meus mamilos, e ele os morde com força o suficiente apenas para me fazer gemer.

— Isso vai contra tudo o que sou, Sarai — diz ele, e então me beija.

— Não, não vai — murmuro, retribuindo os beijos. — É você virando mais você mesmo.

Então ele desliza o pau para dentro de mim, devagar. Eu já mal consigo manter os olhos abertos. Minhas pernas tremem e meu corpo estremece com pequenos espasmos que explodem e se infiltram em minhas entranhas. Gemo alto e levanto os quadris para forçá-lo a meter mais fundo.

Nunca imaginei que sexo pudesse ser assim, que o modo como meu corpo está reagindo ao dele *pudesse ser assim*.

Ele ergue o corpo de cima do meu, ainda de joelhos entre minhas pernas, e agarra minhas coxas com força, me puxando para perto. Ele me fode devagar a princípio, tão devagar que me deixa louca. A cada arremetida, vai mais fundo, até que minhas coxas estão tremendo e não consigo mais mantê-las firmes ao redor de seu corpo. Minha nuca se arqueia no travesseiro e eu gemo, grito e cravo os dedos na carne de seus quadris. Ele começa a me foder mais forte e agarro o travesseiro antes de apertar as mãos na cabeceira, me forçando contra ele, sentindo seu pau crescendo dentro de mim.

Ele desaba em mim de novo e eu sinto sua boca úmida em meus seios. Em minha garganta. Em meus lábios. Seu peito arfa com a respiração ofegante, e sinto seu coração batendo contra o meu. Ele começa a diminuir o ritmo, e, enquanto me fode devagar, com um beijo profundo, quente e faminto, enfia uma das mãos entre minhas pernas e toca meu clitóris de um jeito firme e persistente. Afundo os dedos no cabelo dele, puxando-o com força, gemendo em sua boca, saboreando sua língua.

Tão sintonizados um com o outro, gozamos juntos. Ele sai de mim para gozar fora, mas não para de mover os dedos até que meu corpo trêmulo finalmente relaxe e minhas pernas bambas se dissolvam em geleia envolvendo as dele.

Ele deita a cabeça suada em meus seios e eu passo os dedos por seu cabelo. Ficamos assim boa parte da noite, em silêncio e pensando.

E eu só consigo pensar em como nunca mais quero sair deste quarto.

~ ~ ~

Estou deitada, embrulhada nos lençóis com Victor. As cortinas da janela estão totalmente abertas, e olho através do quarto para o céu azul-escuro, fracamente iluminado pelas luzes da cidade lá embaixo. Victor adormeceu algum tempo depois de fazer amor comigo. Fazer amor? Não sei ao certo se entendo o verdadeiro significado dessa expressão. Não acho que essa coisa entre nós seja amor, ou mesmo desejo. É algo diferente, algo poderoso e inconfundível que nenhum de nós dois conseguiu ignorar. Mas não tem um rosto. Nem um nome. Talvez ele não tenha feito amor comigo, mas tampouco me fodeu.

Foi, definitivamente, outra coisa.

Ouçõ seu coração batendo calmamente sob minha bochecha. Sinto sua respiração suave em meu cabelo. Seu corpo é muito quentinho, quase febril, quando estou aninhada em seus braços. Seu cheiro natural é tènue, mas reconfortante, e me atrai para ele como uma abelha para o néctar.

— Para onde vou agora? — Sussurro meus pensamentos em voz alta e me enrosco mais nele quando não obtenho uma resposta.

— Vamos pensar em algo — diz Victor, e seu braço me aperta delicadamente.

Eu não fazia ideia de que ele estava acordado. Levanto a cabeça de seu peito e me deito em seu braço, para poder olhá-lo no rosto.

— Você não vai embora?

É um tiro no escuro, mas estou esperançosa.

Um segundo de silêncio, e seu peito nu sobe e desce com a respiração profunda e regular.

— Sarai, você sabe que não posso levá-la comigo — diz ele, e meu coração afunda. — Isso não é realista. Minha vida está na Ordem. Sempre esteve. Não seria como acordar um dia e decidir que odeio meu emprego e quero encontrar algo melhor. Se eu resolvesse deixar a Ordem, porque é exatamente isso que eu teria que fazer, o próximo assassinato a ser encomendado seria o meu. E o seu.

Quero chorar, mas não choro.

Volto a deitar a cabeça em seu peito, desanimada demais para encará-lo. Olho para o quarto espaçoso, os dedos apoiados em seu peito.

— Acho que a única coisa que posso fazer é deixar você viver sua vida...

— Mas...

Ele me abraça de novo.

— Deixar você viver sua vida — continua ele —, mas vou visitá-la de vez em quando. Para ver se você está bem, se está a salvo e se tem tudo de que precisa.

Não estou satisfeita com isso, mas também sei que é só o que vou conseguir dele. E é melhor do que nada. Ele está certo, e não posso negar. Quero estar com ele sempre, de qualquer maneira que ele se permitir me ter, mas não posso esperar que ele arrisque nossa vida para que isso aconteça.

Preciso deixá-lo ir...

— Isto é, se você *quiser* que eu a visite — diz ele.

Detecto uma mudança no clima para algo mais leve. Acho isso estranho, vindo dele. Eu me levanto, me apoiando em um braço para olhá-lo.

Ele está sorrindo. Não apenas com os olhos, mas com os lábios também. Eu o acho tão lindo! Tão perigosamente lindo!

Entro no clima e bato de brincadeira no quadril dele com a mão livre, rindo baixinho.

— É claro que eu quero — digo.

Então ele segura meu pulso e me tira cuidadosamente de cima de seu peito. Passa a ponta dos dedos em um lado do meu rosto e depois no outro, o tempo todo me olhando nos olhos, mas vendo além deles. Eu me pergunto o que ele procura em suas profundezas. Seja o que for, espero que nunca encontre, para que possamos continuar assim para sempre.

Ele coloca as mãos no meu rosto e puxa meus lábios para os dele.

— O que você fez comigo? — pergunta ele.

— Eu ia perguntar a mesma coisa.

Mordisco seu lábio inferior. Ele pressiona o pau em mim de leve.

— Parece que criamos um probleminha — diz ele, empurrando com mais força.

Eu faço o mesmo. Gemo baixinho, sentindo calafrios e calor se espalhando por minha pele.

Ele me beija, mas então afasta um pouco a boca da minha, me provocando. Eu levanto o corpo, apertando os seios contra seu peito, querendo saborear sua boca, mas ele cede apenas um pouquinho. Ele pressiona o quadril de novo, mantendo o pau contra mim, apertando minha bunda com suas mãos firmes. Ele está muito duro. Eu o quero. Minha boca fica entreaberta e meu hálito escapa dos lábios.

— Quer que eu coma você? — murmura ele. — É isso que você quer?

Gemo alto com suas palavras ao meu ouvido. Não consigo responder. Não consigo pensar direito.

— Você quer, Sarai? — insiste ele, o calor de seu hálito dançando em meus lábios abertos.

Eu forço meu quadril contra o dele, tentando me posicionar sob seu pau de modo que ele entre sem que precisemos usar as mãos.

— Sim — gemo. — Me fode como você ia foder a Izabel.

— Tem certeza?

— Sim...

Não consigo respirar.

— Repete... Izabel.

Meus olhos se abrem pesadamente e eu o encaro. Respiro, arfante, pela boca. Victor toca os lábios nos meus.

Antes que eu possa responder, ele se senta na cama, me mantendo no colo. A ponta de sua língua percorre minha clavícula. Meus seios estão esmagados nas mãos dele.

— Diga, Izabel — exige ele, passando a língua em um mamilo meu. — Diga que quer que eu foda você.

— Eu quero que você me coma.

Ele prende o cabelo da minha nuca em sua mão e se levanta da cama, com minhas pernas em volta de seu quadril escultural.

Ele me carrega até a mesa perto da janela e me força a ficar curvada sobre ela, de barriga para baixo. Meus braços se estendem à frente, derrubando seu celular e sua arma no chão. Minhas mãos agarram a borda arredondada da mesa. Seus dedos afundam em meus quadris quando ele puxa meu corpo para trás, para perto de si. Ele aperta minha bunda. Com força. Eu inspiro rapidamente quando sinto suas mãos entre minhas pernas, me abrindo para ele. O calor do seu corpo rijo me engole quando ele se deita nas minhas costas, passando a ponta da língua por minha nuca. Sinto seu pau bem ali, esperando por mim, e tento me forçar para trás, na direção dele, mas sua mão segura minha nuca, pressionando minha bochecha contra o tampo da mesa.

— Por favor, Victor — digo ofegante, todo o meu corpo se abrindo para ele.

Grito e gemo alto quando ele me penetra, meus dentes se fechando em seu dedo indicador, enquanto sua mão aperta suavemente o lado do meu rosto.

Não, eu nunca imaginei que sexo pudesse ser assim...

## CAPÍTULO TRINTA E NOVE

### *Sarai*

Dormimos demais na manhã seguinte e somos acordados pela arrumadeira batendo na porta do quarto. Acho que ele não estava mentindo, na mansão de Hamburg, quando disse que sempre perde voos de manhã se não dorme o suficiente na noite anterior. Ou talvez tenha sido só culpa minha. Acho que baguncei totalmente sua rotina.

Victor se levanta, e não posso deixar de admirar sua forma nua, antes que ele se vista rapidamente. Ele abre a porta para avisar à arrumadeira que vamos sair tarde e que ela não volte por pelo menos uma hora. Eu não quero ir a lugar nenhum. Depois da noite passada, só quero...

— Se prepare para sair — diz ele, voltando para dentro do quarto. — Vou levar você para ficar com uma mulher que conheço em San Diego. Você vai ficar segura lá até eu organizar o resto, instalar você em um lugar só seu. Mas agora preciso ligar para Niklas, para contar da noite passada. E tenho certeza de que em breve viajarei para a Alemanha para me encontrar com meu empregador.

Eu só quero falar sobre a noite passada, ou repetir a noite passada agora mesmo.

— Isso não me parece bom — digo ao sair da cama. Tive uma sensação ruim quando ele falou de se encontrar com seu empregador.

Ele calça os sapatos e deixa as bolsas ao pé da cama.

— É, geralmente não é bom mesmo — diz ele, remexendo na bolsa. — Estas últimas duas missões levantaram muitas questões sobre mim e minha capacidade de executá-las conforme as ordens. Vou ter que me encontrar cara a cara com ele para dar uma explicação mais detalhada do que aconteceu e por que foi do jeito que foi.

— O que vai dizer sobre mim? Você acha que ele sabe que ainda estou viva?

Ele pega um punhado de balas e começa a carregar sua 9mm.

— Vou pensar nisso no caminho.

Isso também me dá uma sensação ruim.

— Tudo bem, e quem é essa mulher em San Diego? — Olho para ele agora, desconfiada. — Não é alguém que você...?

— Não — diz ele, escondendo a arma na parte de trás da calça. — Ela não tem nada a ver com a Ordem e não sabe nada sobre o que eu faço. É só uma amiga. Conheci essa mulher e o marido dela em uma missão, há cinco anos. É uma longa história, mas não, não é nada assim.

— E o marido dela?

Ele me olha mais uma vez.

— Não está mais lá — diz Victor.

— Por que não? Ele morreu? Eles são velhos?

Não consigo deixar de fazer todas essas perguntas; quero saber todo o possível sobre o lugar para onde ele vai me levar.

Victor faz uma pausa e então diz:

— Sim, ele morreu. Ele era meu alvo.

— Ah...

Não me sinto tão confiante quanto a ir para lá, agora.

— Você vai ficar bem — diz Victor, notando a preocupação em meu rosto. — Ela não sabe que fui eu.

Ele se aproxima de mim e põe as mãos em meus ombros.

— Vou descer para a recepção, pagar pelo quarto e ligar para Niklas. — Ele se curva e me beija na testa. — Sem pressa. Volto daqui a uns minutos e saímos.

Faço que sim, olhando-o nos olhos.

— Tudo bem.

Victor sai do quarto. Pego um vestido mais informal desta vez, uma calcinha limpa e vou para o chuveiro.

## *Victor*

Niklas está furioso comigo. Consigo ouvir isso em sua voz, embora esteja se esforçando para não ser óbvio, o que já é pouco característico dele.

— Você disse que faria contato comigo assim que a missão acabasse — diz Niklas pelo telefone. — Se ela foi cumprida ontem à noite, como planejado, então por que só está me ligando agora, meio dia depois?

Solto o ar pelo nariz.

— Aceite isso pelo que é, Niklas — digo, ficando tão irritado com ele quanto ele está comigo. — Você precisa parar de se preocupar tanto comigo.

— Eu sou seu contato — dispara ele.

— Sim, mas esse seu lado que se tornou tão dolorosamente meticuloso sobre como eu escolho fazer as coisas é meu irmão. Talvez você devesse se reaproximar do seu lado contato, assim ambos poderemos voltar a ter um relacionamento mais simples, estritamente profissional.

— Entendi — diz ele. — Você não precisa mais de um irmão, agora que tem aquela garota. Obviamente, ela ainda está viva.

Eu deveria ter previsto isso, mas não previ.

— Você não foi substituído, muito menos por uma mulher — digo.

Talvez Sarai não tenha substituído meu irmão, mas ela se tornou algo muito maior para mim, e eu não consigo explicar. Nem para mim mesmo, e certamente não para Niklas.

— Tenho novas ordens — anuncia Niklas, abandonando o assunto desagradável. — São de última hora, mas acho que é melhor executá-las antes de ir para a Alemanha encontrar Vonnegut. Não lhe dê mais motivos para duvidar de suas habilidades.

— É uma missão?

— Vai ser — diz ele. — A pessoa está aí em Los Angeles e quer se encontrar com você.

— Isso não é padrão — digo. — Primeiro Javier Ruiz, agora esse aí quer se encontrar cara a cara?

Prefiro lidar apenas com Vonnegut e nunca me encontrar pessoalmente com os clientes, mas, infelizmente, às vezes é preciso correr riscos maiores.

— Ela é uma mulher muito meticulosa — diz Niklas.

— Quais as ordens?

— Encontre-a na frente do número 639 da South Spring Street. Ela estará de blusa branca, com um broche prateado em forma de borboleta no seio esquerdo. Estará lá à uma e meia da tarde.

— Isso é daqui a menos de uma hora — digo, olhando para o relógio na parede do saguão.

Baixo a voz para um sussurro quando um hóspede do hotel passa.

— Você tem tempo mais do que suficiente para chegar lá do hotel — diz ele. — E, por favor, desta vez entre em contato comigo assim que a reunião acabar.

Suspiro silenciosamente.

— Pode deixar — digo, e desligo o telefone.

Depois de pagar mais uma diária do quarto, já que pelo visto ficaremos aqui mais do que uma hora, subo pelo elevador para informar Sarai de nossa pequena mudança de planos. Depois saio, deixando-a no quarto para ir me encontrar com a cliente. Dirijo até o local, chegando alguns minutos antes, e estaciono em um terreno baldio a alguns metros de onde vou encontrá-la.

Fico dentro do carro e espero.

E, na verdade, só consigo pensar em Sarai.

## *Sarai*

Nunca estive em San Diego. Tecnicamente, esta é minha primeira vez na Califórnia. Eu me pergunto como será essa mulher, o que ela sabe, como ela e Victor ficaram amigos. Tenho muitas perguntas, como sempre, e não vou permitir que Victor me deixe sem as respostas no caminho até lá.

Passo a mão no espelho do banheiro, abrindo uma faixa na umidade que embaça o vidro. E sorrio para meu reflexo. Pela primeira vez desde que conheci Victor, estou começando a me sentir contente, aliviada pela perspectiva de futuro. Porque antes eu só conseguia ver trevas, um vazio sem começo nem fim, apenas incertezas. Mas agora tenho algo pelo que esperar. Tenho um propósito. E não vou desperdiçar um só segundo.

Enxugo o cabelo, espremendo-o com uma toalha, e depois a prendo precariamente na nuca. Depois de me enxugar e me vestir, vou para o quarto, e estou para ligar a TV quando alguém bate na porta. Olho para o relógio ao lado da cama.

*Ainda não passou uma hora.*

Deixo o controle remoto na cama e vou até a porta para atender, mas quando ponho a mão na maçaneta, a voz do outro lado me imobiliza:

— Sou eu, Niklas. Victor mandou vir buscar você.

Meus dedos soltam a maçaneta muito lentamente. Dou um passo para longe da porta.

Ele bate de leve mais uma vez.

— Você está aí? Sarai? Anda, me deixa entrar. Sei que você me despreza, e, sinceramente, eu preferia estar tomando cerveja em algum barzinho, mas Victor precisava da minha ajuda.

Ele está mentindo. Victor me avisaria se tivesse mandado Niklas para cá. Teria me contado antes de sair ou teria ligado.

Olho para o telefone perto da cama. Talvez ele tenha ligado enquanto eu estava tomando banho.

Dou mais um passo para longe da porta, meus instintos me puxando para trás como uma dúzia de mãos estendidas. Mais uma série de batidas, depois silêncio. Fico no meio do quarto, perfeitamente imóvel, perfeitamente em silêncio. O único som que ouço é um zumbido fraco vindo de uma lâmpada. Ando rapidamente pelo quarto, encosto o rosto na porta e tento espiar pelo olho mágico. A parte do corredor que consigo ver está vazia. Ele foi embora. Mas, se foi mesmo, por que ainda tenho tanto medo de que ele esteja lá fora, escondido, esperando que eu saia para olhar? Aperto o rosto de lado no olho mágico, tentando ver melhor à direita e à esquerda. Então ouço vozes e vejo uma sombra se movendo na parede. Meu coração acelera e eu prendo a respiração até que dois homens passem. Solto o ar devagar e profundamente.

Mas o alívio dura pouco, pois vejo Niklas de novo.

Dou um salto para trás, me afastando rapidamente da porta, e vasculho a bolsa de Victor, procurando a arma de Arthur Hamburg. Victor a deixou para mim. Só por precaução. Mas sinto que ele a deixou como precaução contra Arthur Hamburg. Não contra seu irmão.

Não há nenhum esconderijo neste lugar. Absolutamente nenhum espaço onde Niklas não possa me encontrar em menos de um minuto.

Inspiro rapidamente ao ouvir o barulho de um cartão sendo passado na fechadura eletrônica e destrancando-a. Ele deve ter pego a chave-mestra da arrumadeira. Em meio segundo, e tarde demais para que eu perceba e conserte meu erro, vejo que a

corrente da porta ainda está destrancada. Corro até lá, no fundo sabendo que não chegarei a tempo de prender a corrente no lugar antes que Niklas esteja dentro do quarto. E quando a porta se abre, caio contra a parede atrás dela, segurando a arma com as duas mãos contra o peito, o coração bombeando sangue tão rápido pelas veias que o canto do olho treme e sinto a jugular latejando.

A porta se fecha e se tranca automaticamente, e Niklas e eu ficamos frente a frente, cada um apontando sua arma para o outro.

— Ah, aí está você — diz ele, com aquele olhar fulminante que mostra o quanto me odeia.

Mantenho o dedo no gatilho e, embora esteja tremendo, consigo manter a arma firme e apontada para a cabeça dele.

— Eu *vou* matar você — aviso.

— Sim, eu sei — diz ele, emanando muito mais autoconfiança do que eu. — Afinal, foi você que atirou em Javier Ruiz. — Ele suspira dramaticamente e balança a cabeça. — Sarai, quero que você saiba que isto não me dá prazer, matar mulheres inocentes. Eu nunca quis matar ou machucar você, aliás, mas o que você fez com meu irmão... bem, não posso admitir isso.

Mantenho a arma apontada para ele e o dedo firme no gatilho e começo a me afastar da porta. Ele se move comigo.

— Que lhe importa o que Victor faz com a vida pessoal dele?

Ele inclina a cabeça.

— Victor não *tem* vida pessoal. Nenhum de nós pode ter. É como água e óleo. Você já deve saber, a essa altura.

— Ele vai me levar para algum lugar hoje — digo rapidamente, perdendo qualquer autoconfiança que eu tinha, que já não era muita. — Vai se livrar de mim. Já me falou que não posso ficar com ele. Por que você não pode deixar as coisas assim? Ele vai fazer o que você quer.

— Não é o que eu quero, Sarai. — Conseguimos ir para bem longe da porta, e estamos no meio do quarto agora. — Eu só estou

tentando protegê-lo. Ele é meu *irmão, caralho!* — Sua fúria repentina me faz tremer. Noto que seu dedo no gatilho se agita.

— Niklas, por favor, me deixe ir embora. Você tem razão e eu sei. Já sei há algum tempo que só estou dificultando as coisas para Victor.

— Ele vai *morrer* por sua causa! — grita Niklas, forçando as palavras por entre os dentes, a arma na minha direção. — Mesmo se ele a deixar hoje, mesmo se ele nunca mais vir você, *porra*, mesmo se ele *matar* você, o que já aconteceu é suficiente para a Ordem mandar *matá-lo!* Você não entende? — Seu rosto está vermelho de raiva; sua expressão, distorcida pela dor. — Eles vão matá-lo! Se for para a Alemanha, ele está morto, Sarai. Ele lhe contou isso? Aposto que não contou.

Não quero acreditar nisso. Balanço a cabeça e quase perco a concentração, apertando a arma com mais força.

— Você não tem como saber isso — digo, mas no fundo acredito nele. — Se é verdade, então por que ele vai?

Um sorriso irônico curva o canto da boca de Niklas. Ele cerra os dentes por trás dos lábios fechados.

— Porque Victor é teimoso — diz ele. — E confia um pouco demais em Vonnegut. Victor sempre foi o Número Um dele, sempre foi o melhor. Ele é melhor no que faz do que todos os comandados de Vonnegut que vieram antes, e *ainda* é o melhor. Mas ser o melhor não o torna imune ao Código. Ele já fez tanta merda desde que se envolveu com você que não haverá justificativa.

— Então me deixe falar com ele...

— Você já fez o *suficiente!* — ruge ele.

## CAPÍTULO QUARENTA

*Victor*

A cliente está atrasada. Cinco minutos, mas até um minuto, para alguém que Niklas descreveu como “meticulosa”, não me cheira bem. Mais dois minutos e vou embora.

Observo pessoas andando na rua e as analiso, das roupas que usam até a posição da cabeça quando falam com quem está andando ao seu lado. São realmente apenas turistas ou residentes? Ou são iscas? Espiões? Cuidado nunca é demais. Isto pode ser uma cilada, como qualquer outra missão, mas as missões como esta causam um nó de incerteza na boca do meu estômago...

Espere...

Relembro a conversa telefônica com Niklas, mais cedo:

— *Encontre-a na frente do número 639 da South Spring Street. Ela estará de blusa branca com um broche prateado em forma de borboleta no lado esquerdo do peito. Estará lá à uma e meia da tarde.*

— *Isso é daqui a menos de uma hora — digo.*

— *Você tem tempo mais do que suficiente para chegar lá do hotel.*

Eu tinha tempo mais do que suficiente para chegar aqui do hotel...

Seguro o volante com as duas mãos, a mente correndo a 100 quilômetros por segundo. Como Niklas podia saber disso? Ele não fazia ideia de onde, em Los Angeles, Sarai e eu estávamos hospedados. Não teria como saber se eu conseguiria chegar a este endereço nesse período de tempo.

A menos que ele já soubesse exatamente onde a gente estava.

## *Sarai*

— Niklas... se você me matar, vai transformar seu irmão em um inimigo. — Minha garganta está seca como uma lixa; meus pulmões, pesados. — Se tudo o que você está dizendo é verdade, se o destino de Victor já está selado, então de que adiantaria me matar? — Levanto a voz, motivada pelo desespero e pelo medo. — Não vai resolver *nada!*

Ele não quer me matar. Não sei se é por causa do que eu falei, sobre transformar Victor em um inimigo, ou se está apenas em conflito, mas, seja o que for, é a única coisa que está me mantendo viva no momento.

— Olhe o que você *fez!* — Ele balança a arma no ar, na minha direção, apertando tanto o cabo que os nós dos dedos estão brancos.

Ele avança. Eu ando para trás.

— Niklas... *por favor* — imploro. Não quero atirar nele. Sei que o mais provável é que ele me mate, mas não quero atirar nele.

A raiva lampeja em seus olhos em um instante e ele ergue o queixo em desafio, com os dentes cerrados, os olhos apertados e as narinas abertas.

Sim, ele *quer* me matar, no fim das contas.

A porta se abre e escuto um tiro quando Niklas vira a cabeça para ver Victor invadindo o quarto. E então outro tiro com silenciador atravessa o quarto, mas Niklas, já correndo também na direção de Victor, consegue evitar ser atingido, e ouço a bala cortando o ar a palmas de mim e penetrando a parede.

A arma escapa da minha mão e caio de joelhos. Levo alguns segundos até perceber que fui atingida, e quando percebo, sinto a dor queimando meu estômago. Sangue quente empapa o tecido do meu vestido. Eu caio de lado, com as mãos pressionando o ferimento com firmeza.

A mesa em minha frente balança na base de madeira quando Victor e Niklas caem em cima dela. Minha pequena caixinha de joias cai no chão, se abrindo e espalhando o conteúdo. Victor, por cima de Niklas, cobre o irmão de socos, golpe após golpe, até que a mesa não suporta mais o peso dos dois e desaba de lado, jogando ambos no chão. O abajur alto que ficava atrás da poltrona bate na mesa, arrancando o fio da tomada e partindo a lâmpada em mil pedaços.

Niklas está em cima de Victor agora, batendo sem parar no rosto dele, mas Victor o segura pela garganta e o levanta, jogando-o com força no chão, de costas. Então se levanta e dá um chute no rosto de Niklas, antes de abrir caminho pelo quarto para pegar sua arma.

Em segundos, ele está por cima do corpo vencido do irmão, com o cano da arma apontado para seu rosto.

— Victor, não faça isso! — consigo gritar em meio à dor.

Ele pisca para voltar a enxergar, depois de ficar momentaneamente perdido em uma fúria cega, e olha para mim.

— Por favor, não o mate — peço novamente, em voz baixa e desesperada.

— Ele tentou matar  *você*  — diz Victor, olhando para mim com uma expressão confusa, como se não conseguisse acreditar no que estou dizendo. —  *Atirou*  em você.

Com a mão direita, aperto o ferimento com força, o sangue escapando pelos dedos. Estou começando a ficar zozona.

— Victor, ele é seu irmão. Só está aqui porque estava tentando proteger você.

Seus olhos correm entre mim e Niklas, nós dois deitados, ensanguentados e indefesos no chão, em lados opostos do quarto. Seu rosto está cheio de conflito, dor e coisas que nem posso

entender, porque nunca tive um irmão ou uma irmã, não sei como é ser amado dessa forma. Talvez Victor também nunca tenha sabido, até agora.

Tento levantar a cabeça, mas estou tão fraca que meu rosto continua no carpete puído.

— Niklas é tudo o que você tem, o *único* da sua família que restou — digo. — Eu faria qualquer coisa para ter alguém que gostasse de mim tanto quanto ele gosta de você. *Qualquer coisa*.

O quarto fica muito silencioso. Posso ver os olhos de Victor ficando cheios de... não tenho certeza. Nem sei se ele está mesmo olhando para mim. Acho que consigo ouvir Niklas falando, mas o som é abafado e distante em meus ouvidos. Vejo o teto agora. Só o teto. Observo milhares de buracos minúsculos se abrindo e vejo cada um deles se aproximar de mim. Aquele calor. O que é esse calor que sinto ao meu redor, como um cobertor?

— *Sarai?* — ouço uma voz chamar, mas de quem é, não sei dizer.

Só vejo escuridão. Tento abrir os olhos, mas estão pesados demais.

Ouçó a voz de novo, e uma pontada de dor atravessa meu corpo quando sinto que estou sendo carregada. Tento gritar, mas acho que ninguém consegue ouvir minha voz.

Eu tento gritar...

## CAPÍTULO QUARENTA E UM

### *Sarai*

Parece que estou sonhando há dias. A série constante de imagens e vozes ao meu redor sempre soa calmante, mas persistente. As imagens, são elas que me dizem que isto não é real, porque todos que vejo já estão mortos. Javier. Izel. Lydia. Samantha. Minha mãe. Todos passam por mim em uma espécie de transe silencioso e contemplativo, como se eu nem estivesse aqui. Quase consigo tocar o cabelo da minha mãe quando ela passa.

Devo estar sonhando.

Mas os sonhos estão se esvaindo lentamente, e as vozes estranhas e pouco familiares que ouço começam a ficar mais distintas. Eu me sinto presa dentro da minha mente, e ela esqueceu como controlar meu corpo. Porque não consigo mexer nada. Nem os olhos, os lábios ou as mãos. Não consigo nem saber se estou respirando sozinha. Mas, sobretudo, penso nas vozes, em como estão ficando mais claras. Eu me descubro me concentrando o máximo que posso para entender as palavras, mas nunca vou além do som.

Até que ouço a voz de Victor a distância.

— Não vou ficar muito tempo aqui, hoje — eu o ouço dizer a alguém.

Tento acordar, mas acho que o esforço tem o efeito contrário, porque em um instante sou engolida pela escuridão e todas as vozes

desaparecem.

Mais tempo se passa. Mais sonhos. Mais vozes.

E então, do nada, como se um interruptor fosse acionado em meu cérebro, minhas pálpebras se abrem e vejo que estou deitada em uma cama de hospital.

Victor está sentado ao meu lado em uma cadeira.

— Você acordou — diz ele, e sorri para mim.

— Quanto tempo fiquei *sem* acordar? — Ainda estou tentando organizar meus pensamentos.

— Três dias — diz ele. — Mas você vai ficar bem. Mantiveram você sedada a maior parte do tempo.

Tento erguer as costas do travesseiro, mas a dor na barriga é forte demais. Faço uma careta e ergo as mãos para o lugar que está doendo, mas Victor as segura e me faz relaxar.

— Você ainda não pode se mexer — diz ele, ficando de pé.

Ele pega o travesseiro extra de uma poltrona próxima e o posiciona atrás da minha cabeça. Então aperta um botão na lateral da cama para levantá-la e me pôr sentada. Um tubo de soro serpenteia das costas da minha mão, preso à pele com esparadrapo. Coça demais.

— A bala não atingiu nenhum órgão — diz Victor, ao se sentar novamente na cadeira. — Você teve sorte.

O rosto de Niklas aparece em minha mente.

— Ou seu irmão é ruim de pontaria.

Olho para meus braços apoiados na cama, dos lados do corpo. Quero saber o que aconteceu com Niklas e sinto que deveria torcer para que ele esteja morto, mas não consigo.

— Ele está...?

— Não — diz Victor. — Metade de mim queria matá-lo, mas a outra metade não conseguiu. Só me pergunto que metade teria ganhado se você não estivesse viva naquele momento.

Mexo a mão alguns centímetros na cama em busca da dele. Ele entrelaça os dedos nos meus.

— Fico feliz que você não tenha feito isso — digo, forçando um sorriso fraco. — Eu não conseguiria suportar ser o motivo de você matar seu irmão. E-eu nunca deveria ter me colocado entre vocês. Não sabia o que eu estava fazendo, Victor, me desculpe.

Ele aperta minha mão.

— Você fez algo que ninguém mais conseguiria — diz ele, e espero ansiosamente que ele me conte o que poderia ser. — Você me fez lembrar que eu *tenho* um irmão, Sarai. Ele e eu praticamente nos sentamos à mesa, lado a lado, como estranhos, nos últimos 24 anos. E vejo agora que, apesar de seus defeitos, ele nunca me traiu, nem uma só vez.

Victor faz uma pausa e desvia o olhar.

Então me olha de novo.

— De certa forma, ele me traiu quando foi lá para matar você — continua ele. — E me traiu quando me enganou para chegar até você. Sim, isso é uma traição. Mas é um tipo muito diferente de traição.

— Eu sei — digo. — Olhe para mim. — Ele olha. — Você agiu certo. Independentemente do que ele fez comigo, você agiu certo, e não quero que nunca pense diferente.

Ele não fala, mas conheço essa expressão, é o conflito que está sempre ali. Eu me pergunto se um dia ele vai se livrar disso.

Então diz:

— Mas você fez outra coisa que ninguém jamais conseguiu. — Sua expressão se abrande e meu coração derrete aos poucos. — Você me fez sentir emoções de verdade. Você me destravou.

Estendo a mão e toco seus lábios, segurando seu queixo.

Mas o assunto muda rápido demais.

— Niklas nunca mais vai machucá-la — diz ele. — Ele me deu a palavra dele. Além disso, ele sabe que, se tentar uma próxima vez, não vou hesitar em matá-lo. — Então, de repente, ele acrescenta: — Para mim, você é tão importante quanto ele.

Fico atordoada.

Victor se levanta e vai até a janela, cruzando os braços e olhando para o dia luminoso. Percebo que há muitas coisas que ele quer dizer, tantas pontas soltas que gostaria de amarrar comigo. Mas as coisas mudaram desde que Niklas atirou em mim. Sinto isso. E não vou mais brigar com ele, porque sei que precisa ser do jeito que é, precisa terminar do jeito que vai terminar.

— Não espero ver você de novo, Victor, e entendo. — Engulo em seco. Não quero dizer essas palavras. — É melhor assim, eu sei.

— Sim, infelizmente, é — diz ele com voz distante, de costas para mim. — Não posso manter você a salvo com a vida que levo. Eu queria, mas no fim não consegui. Sabia que não conseguiria, mas eu...

Espero em silêncio.

— ... mas eu errei — diz ele, embora eu sinta que ele quisesse dizer outra coisa. — Sinto muito, mas não há outro jeito.

Meu coração está *se partindo*...

— Prometa uma coisa — digo, e ele vira a cabeça para me olhar. — Não vá para a Alemanha. Não vá ver aquele homem, seu empregador ou sei lá que diabos ele é. Niklas me contou o que vai acontecer se você for. *Por favor*, não vá...

Eu o ouço suspirar baixinho, e ele olha de novo pela janela.

— Não posso prometer isso — diz ele, e meu coração se esmigalha. — Mas posso prometer que não vou ficar parado e deixar que alguém me mate.

Isso não me faz sentir nem um pouco melhor, mas sei que é tudo o que ele vai me dar.

Victor sai de perto da janela e tira um pacote de uma maleta que está na mesa próxima. Ele vem até meu lado e o coloca em minha mão. É uma caixa preta comprida embrulhada em um papel esfarrapado, que foi coberto com fita adesiva em algum momento. Tiro a caixa do embrulho e abro a tampa. Dentro há um maço de notas de dinheiro, com um envelope que foi dobrado para caber, e mais alguns pedaços de papel.

— O que é tudo isto?

— Sua verdadeira certidão de nascimento, cartão da Previdência, carteirinha de vacinação, com algumas vacinas faltando que você precisa tomar logo. — Ele aponta para o envelope dobrado, que estou abrindo para ver o que contém.

Olho primeiro minha certidão de nascimento. Sarai Naomi Cohen. Nascida em 18 de julho de 1990, em Tucson, Arizona. Repito meu nome completo mentalmente três vezes, só para que me pareça real, como parecia antigamente.

Não parece.

— Como conseguiu isto? — Olho para Victor.

— Tenho meus meios — diz ele, com um sorriso no olhar. — Também abri uma conta bancária no seu nome. Os detalhes estão nos outros documentos da caixa.

— Obrigada, Victor — digo, deixando minha certidão de nascimento no colo. — Por tudo.

Digo isso com sinceridade. Eu já teria morrido muitas vezes se não fosse por ele. Mas dizer essas coisas para ele, essas despedidas, está destruindo cada pedacinho que restava do meu coração.

— Quando você vai embora? — pergunto.

Na verdade, não quero saber a resposta.

Coloco os documentos no envelope e os fecho na caixa.

— Daqui a alguns minutos — diz ele, e engulo as lágrimas. Quero ser forte, porque sei que isso também é difícil para ele. — Mas falta mais uma coisa, antes que eu vá.

Ele vai até a porta e a abre. Entra a sra. Gregory. Fico tão chocada que a única parte do meu corpo que se move são as lágrimas escorrendo por meu rosto. Minha mão vai à boca. Meus olhos vêm e vão entre os dois, que estão sorrindo; Victor menos, mas sorrindo também.

A sra. Gregory, parecendo bem mais velha do que eu lembrava, vem até a cama de braços abertos e me envolve em um abraço. Ela cheira a perfume Sand & Sable. O perfume de sempre.

— Ah, Sarai, senti tanto a sua falta. — Ela me aperta de leve, sabendo fazer isso sem me machucar. Sua voz está carregada de emoção, mas ela está vibrando de alegria.

— Também senti sua falta — digo, retribuindo o abraço. — Achei que nunca mais fosse ver a senhora.

Ela se afasta e se senta ao meu lado na cama, passando seus dedos longos e enrugados por meu cabelo.

Mas então meu sorriso desaparece e meu coração finalmente morre de vez quando olho para onde Victor estava e vejo que ele se foi. Por um longo momento, as coisas que a sra. Gregory me diz soam abafadas, empurradas para algum lugar no fundo de minha mente. Quero pular as barreiras desta cama e correr atrás dele. Engulo em seco, contendo minhas emoções dolorosas no fundo da alma, e me controlo o melhor que posso, em consideração à sra. Gregory.

Eu me viro para ela e curto nosso reencontro.

## CAPÍTULO QUARENTA E DOIS

*Sarai*

Isso foi há seis meses.

Hoje, a vida está bem diferente. A conta bancária que Victor abriu para mim tinha um saldo de 2 milhões de dólares. Apenas quando entrei no avião com a sra. Gregory, quatro dias depois que Victor partiu, encontrei forças para olhar os outros documentos dentro da caixa. Um tinha informações sobre a conta bancária, e no verso, escrito com a letra de Victor:

Seu pagamento pelo serviço.

Atenciosamente,  
Victor

Ele me deu sua parte do dinheiro que Guzmán pagou para mandar matar Javier. Acho que é justo, já que tecnicamente fui eu que o matei.

Mas a vida com certeza está diferente. Estou morando novamente no Arizona, com a sra. Gregory. Em Lake Havasu City. E tenho dinheiro suficiente para não precisar trabalhar, mas, para manter a mente ocupada e tentar me conformar com esta vida de normalidade, trabalho à noite em uma loja de conveniência. A sra. Gregory não gosta disso. Fica com medo. Diz que é perigoso trabalhar em lugares assim, abertos a noite toda.

E não é que ela estava certa?

Fui assaltada na segunda semana ali, mas, enquanto o cara estava do outro lado do balcão me apontando aquela arma, eu só conseguia observar seus olhos. Quando ele baixou o olhar para o dinheiro que pus diante dele, empurrei a arma para o lado, consegui arrancá-la de sua mão e lhe dei uma coronhada no rosto. Foi idiotice, na verdade. Mas foi um instinto. Não me sinto muito intimidada por bandidinhos drogados que assaltam garotas em lojas de conveniência.

Isso é brincadeira de criança.

Mas com certeza também não sou algum tipo de valentona reformada, moldada pelas minhas experiências extraordinárias. Pergunte para a aranha que subiu em mim uma noite dessas enquanto eu estava lendo na cama. A sra. Gregory quase teve um ataque cardíaco com os gritos.

Fui para a escola para conseguir um diploma do supletivo e passei no teste dois meses atrás. Não foi muito difícil, embora eu tenha sofrido com a matemática. Agora estou cursando Ciências da Computação em uma faculdade pública, embora não saiba por quê. Não tenho nenhum interesse nisso na "vida real", mas... bem, normalidade. Esse é meu pretexto para tudo hoje em dia, para sair com meus novos amigos, para fingir que me interesso pelos objetivos deles na vida. Eu me sinto uma pessoa detestável por ter que fingir essas coisas, mas não posso me obrigar a gostar de algo só porque eu deveria.

Mas nem tudo é tão insuportável. Eu adoro a sra. Gregory e passo a maior parte do tempo com ela. Ela tem uma artrite tão grave que seus dedos estão deformados e ela não consegue mais tocar muito piano, mas ainda me ensina e eu ainda toco, às vezes por horas, até ter cãibra nos dedos e dor nas costas. Finalmente aprendi a *Sonata ao Luar*. E cada vez que a toco penso em Victor e na noite em que ele se sentou comigo ao piano.

A saúde da sra. Gregory está piorando. Eu cuido dela, mas sei que não vai viver para sempre, e que um dia vou ficar sozinha de novo. Gosto de pensar que talvez Victor ainda esteja por aí, me vigiando, e às vezes engano minha mente, fazendo-a acreditar que ele está. Mas a verdade é que nem sei se ele continua vivo. Tento não pensar nisso, mas acabo pensando *sempre*, exceto quando estou perdida entre as notas do piano.

Sinto falta dele. Sinto muita falta dele. Há quem acredite que, quando duas pessoas se separam, com o tempo elas se curam. Começam a se interessar por outras pessoas. Tocam a vida. Mas comigo não aconteceu nada disso. Sinto um vazio mais profundo agora do que aquele que senti quando estava na fortaleza. Este é mais doloroso, mais insuportável. Sinto falta de tudo em Victor. E estaria mentindo se dissesse que não penso nele sexualmente todo santo dia. Porque eu penso. Acho que estou viciada nele.

Tem sido muito difícil, para mim, me acostumar com praticamente tudo, mas, de maneira geral, seis meses não é tanto tempo. Não em comparação com os nove anos que passei na fortaleza. Portanto, tenho esperança de que daqui a mais seis meses estarei melhor. Serei "normal". Meus amigos, embora eu não possa contar a eles sobre minha vida — e acho que é por isso que é tão difícil ficar íntima deles —, são legais. Dahlia é um ano mais velha do que eu. Beleza média. Inteligência média. Carro médio. Emprego médio. Somos parecidas nessa coisa mediana, mas não poderíamos ser mais diferentes em todo o resto. Dahlia não se sobressalta com qualquer barulho que se pareça remotamente com um tiro. Eu sim. Dahlia não fica olhando por cima do ombro aonde quer que vá. Eu sim. Dahlia quer se casar e ter uma família. Eu não. Dahlia nunca matou ninguém. Eu mataria de novo.

Mas sou grata, por mais que sonhe em estar em outro lugar. Em ser outra *pessoa*. Sou grata porque consegui fugir. Sou grata porque estou em casa. Embora "grata" seja bem diferente de "satisfeita", e,

apesar de finalmente ter uma vida normal que muita gente adoraria ter, estou o mais longe possível de estar satisfeita.

Victor Faust fez muito mais do que me ajudar a fugir de uma vida de maus-tratos e submissão. Ele me mudou. Mudou a paisagem dos meus sonhos, os sonhos que eu tinha todo dia de levar uma vida normal e livre, por minha conta. Ele mudou as cores da paleta, de básicas para um arco-íris — por mais que as cores desse arco-íris sejam escuras —, e não há um dia em que eu não pense nele ou na vida que poderíamos ter. Embora perigosa e, no fim das contas, curta, é a vida que eu queria. Porque teria sido uma vida mais adequada a mim e, bem, teria sido uma vida com Victor.

A verdade é que não estou pronta para esquecê-lo...

— Aí está você — diz a sra. Gregory da porta do meu quarto. — Você vem comer?

Pisco e volto à realidade.

— Ah, sim. Já vou. Só preciso lavar as mãos rapidinho.

— Certo — diz ela; seu sorriso se ilumina.

Sou realmente a filha que ela nunca teve. E acho que posso dizer que ela é a mãe que eu nunca tive.

A sra. Gregory, ou Dina, sempre faz cachorros-quentes com *chili* nas noites de sexta. Nós nos sentamos à mesa da cozinha, assistindo à TV de alta definição na parede. Está passando o noticiário. Sempre passa nesse horário.

— Então, você e Dahlia já decidiram onde vão passar as férias de verão?

Empurro a comida para dentro com um gole de refrigerante. Estou para responder quando algo no noticiário chama minha atenção. Uma repórter está na frente de uma mansão muito familiar, falando com um homem muito familiar.

Distraidamente, deixo meu garfo no prato.

— Eu adoraria poder ir com vocês — continua Dina. — Mas já estou muito velha para essas coisas.

Estou concentrada demais na TV para lhe dar atenção:

— Sim, senhora — diz Arthur Hamburg ao microfone. — Todo ano faço o melhor que posso para contribuir. Neste verão, estou planejando um evento para angariar 1 milhão para minha nova entidade beneficente, o Projeto Prevenção, em homenagem à minha esposa.

A repórter assente e parece sentir um pouco de remorso, reposicionando o microfone diante dele.

— E seria prevenção do vício ou do suicídio?

— Prevenção do vício — diz Arthur Hamburg. — No fundo, sinto que minha Mary não se suicidou. O que a matou foi o vício. Quero fazer o meu papel para ajudar outros que estão viciados em drogas, e também ajudar a prevenir o uso de drogas antes que comece. É uma doença muito terrível neste país.

*Assim como mentir, violentar e matar, seu desgraçado.*

— Sim, é, sr. Hamburg — diz a repórter. — Por falar em doença, sei que o senhor também doou dinheiro à pesquisa do câncer por causa...

— Doe! — interrompe Arthur Hamburg. — Ainda me sinto muito culpado por ter mentido para todos sobre a doença da minha esposa e duvido que um dia vá achar que me desculpei o suficiente. Mas, como já falei, eu só a estava protegendo. As pessoas podem aceitar o câncer, mas não aceitam tão bem o uso de drogas, e fiz o que fiz para proteger minha esposa. Mas, sim, acho que é justo que eu também doe para a pesquisa do câncer.

*Você é um merda.*

Cerro os dentes.

— Sarai? — pergunta Dina do outro lado da mesa. — Já se decidiu? Flórida ou Nova York?

O resto das palavras de Arthur Hamburg desaparece no fundo da minha mente. Penso na pergunta de Dina por muito tempo, olhando-a sem vê-la.

Por fim olho para ela, pego meu garfo e respondo:

— Não, na verdade acho que vamos fazer uma viagem a Los Angeles, neste verão. — Corto um pedaço de salsicha do pãozinho no meu prato, mergulho-o no *chili* e dou uma mordida.

— Los Angeles? — diz Dina inquisidoramente, também dando uma mordida no seu. — Vai dar um pulinho em Hollywood, hein?

— Sim — digo, com ar distante. — Vai ser ótimo.

*Tenho assuntos pendentes lá.*

Sorrio para mim mesma, pensando nisso, e tomo mais um gole de refrigerante.